

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E
URBANISMO



Dissertação

**A AGROINDÚSTRIA NO BAIRRO DO PORTO:
PELOTAS – RS (1911-1922)**

JEFERSON DUTRA SALABERRY

**Pelotas
2012**

JEFERSON DUTRA SALABERRY

**A AGROINDÚSTRIA NO BAIRRO DO PORTO:
PELOTAS – RS (1911-1922)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora:
Dra. Ester Judite Bendjouya Gutierrez

**Pelotas
2012**

Catálogo na Publicação:
Maria Fernanda Monte Borges
Bibliotecária - CRB-10/1011

S159a Salaberry, Jeferson Dutra
A agroindústria no Bairro do Porto : Pelotas – RS (1911-1922) /
Jeferson Dutra Salaberry ; orientador Ester Judite Bendjouya
Gutierrez. – Pelotas, 2012.
231 f.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa
de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas,
2012.

1. Memória 2. Porto, Bairro do 3. Pelotas/RS 4. Industrialização 5.
Patrimônio agroindustrial 6. Arquitetura, História da I. Gutierrez, Ester
Judite Bendjouya (orient.) II. Título.

CDD 720
724.9

Banca examinadora:

Profa. Dra. Ester Judite Bendjouya Gutierrez – UFPEL / PROGRAU
(Orientadora)

Profa. Dra. Rosa Maria Garcia Rolim de Moura – UFPEL / PROGRAU

Profa. Dra. Maria Leticia Mazzucchi Ferreira – UFPEL / PPGMP

Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos – UFPEL / PPGMP

AGRADECIMENTOS

...a Profa. Ester Judite Bendjouya Gutierrez pela orientação sincera e grande ajuda
na revisão dos textos...

...a minha família, mãe, pai, irmãos, avós, filha e mulher...

...pela fundamental ajuda com as fontes primárias, especialmente ao Guilherme
Almeida Pinto, também Aparecida Rostand...

...aos funcionários da Biblioteca pública de Pelotas...

...aos colegas de grupo de pesquisa, Guilherme Daltoé, Michele Bastos, Helem
Cabral, Alana, Daniele...

...aos colegas de trabalho, Keli, Francine, Ana, Roberto, Andréa, Silvana, Daniele,
Pedro, Jaime...

...aos colegas de mestrado...

...aos integrantes da banca, Profa. Dra. Rosa Maria Garcia Rolim de Moura, Profa.
Dra. Maria Leticia Mazzucchi Ferreira e Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos, pela
prontidão e disponibilidade...

...meus agradecimentos.

“Falta de sentido histórico é o defeito hereditário de todos” (...) é a falta de perspectiva.

Nietzsche

RESUMO

A pesquisa foca a agroindústria no bairro do Porto da cidade de Pelotas-RS, localizado nas margens do Canal São Gonçalo. A investigação disserta sobre as questões históricas a respeito da industrialização. Conta a história do lugar e descreve as diferentes manufaturas e indústrias e a arquitetura dos diversos prédios fabris. O estudo começa um ano antes das comemorações do centenário da cidade de Pelotas em 1911, com a obra **Notícia Descritiva das Fábricas de Pelotas** de Alberto Coelho da Cunha. Termina com as comemorações do centenário da independência do Brasil, em 1922. A metodologia da pesquisa é histórica, baseada na documentação escrita e iconográfica e na comparação entre as fábricas.

Palavras-chave: Memória. Bairro do Porto de Pelotas-RS. Industrialização. Patrimônio agroindustrial. História da arquitetura.

ABSTRACT

This research focuses on agro-industry at the Porto neighborhood, located by the São Gonçalo Channel, in Pelotas-RS, Brazil. It discourses on historical issues about industrialization, tells the place's history and describes the different manufactures and industries and the architecture of their buildings. The study begins a year before the celebrations of Pelotas' centenary, in 1911, with the publication of ***Notícia Descritiva das Fábricas de Pelotas***, by Alberto Coelho da Cunha. It finishes in 1922, when the centenary of Brazil's independence was celebrated. The methodology used in the research was historical, based on written and iconographic documentation and comparison of the plants.

Key-words: Memory. Porto neighborhood in Pelotas-RS, Brazil. Industrialization. Agro-industrial Heritage. History of architecture.

LISTA DE ABREVIATURAS

CA – Centro de Artes;

CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas;

COMPHIC – Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural;

FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo;

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

ICH – Instituto de Ciências Humanas;

ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios;

IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado;

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;

IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano;

PPGMP – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural;

PROGRAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo;

SECULT – Secretaria de Cultura de Pelotas;

SICG – Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão;

SPH – Superintendência de Portos e Hidrovias;

TICCIH – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage;

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas;

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura;

ZPPCs – Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural de Pelotas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	(a) Brasil; (b) Rio Grande do Sul; (c) Município. Pelotas. RS. Fonte: Mapa elaborado pelo autor tendo como base o google maps, 2012.	28
Figura 2	(a) Área de estudo (Agroindústria no Bairro do Porto); (d) Sede do Município. Pelotas. RS. Fonte: Mapa elaborado pelo autor tendo como base o google maps, 2012.	28
Figura 3	(a) Moinho Pelotense; (b) Fiação e Tecidos Pelotense. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2011.	30
Figura 4	Cervejaria Sul Rio-Grandense. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2003.	30
Figura 5	(a) Engenho Santa Ignácia. (b) Cotada. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2011.	31
Figura 6	(a) Companhia de Energia Elétrica; (b) Cervejaria Ritter. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2011.	31
Figura 7	Estação Férrea. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2011.	31
Figura 8	Industrialização. Pelotas. RS. Fonte: Mapa elaborado pelo autor tendo como base o aerofotogramétrico, 2012.	33
Figura 9	Recorte espacial. Pelotas. RS. Fonte: Mapa elaborado pelo autor tendo como base o aerofotogramétrico, 2012.	34
Figura 10	Transportes, pluvial, ferroviário e rodoviário. Pelotas. RS. Fonte: Mapa elaborado pelo autor tendo como base o aerofotogramétrico, 2012.	35
Figura 11	Mapa da área de estudo com destaque para as agroindústrias Remanescentes. Pelotas. RS. Fonte: Mapa elaborado pelo autor tendo como base o aerofotogramétrico, 2012.	43
Figura 12	Mapa dos Bairros ou Zonas. Pelotas. RS. Fonte: Mapa elaborado pelo autor tendo como base o aerofotogramétrico, 2012.	44
Figura 13	Engenho São Gonçalo, vista da Estrada do Engenho. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	45
Figura 14	Engenho São Gonçalo, vista do canal São Gonçalo. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2011.	46
Figura 15	Casa bombas Leste. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2012.	46
Figura 16	Frigorífico Casarim, acesso principal. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2012.	46
Figura 17	Frigorífico Casarim, vista do canal São Gonçalo. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2012.	46

Figura 18	Frigorífico Anglo, blocos modernizados. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	47
Figura 19	Frigorífico Anglo, grandes alterações na estrutura do edifício. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2012.	48
Figura 20	Frigorífico Anglo, edifícios inteiros sobraram somente a estrutura. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	48
Figura 21	Frigorífico Anglo, edificações demolidas. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2003.	49
Figura 22	Antiga Termelétrica do Porto, atual Secretária de Obras. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2010.	49
Figura 23	Moinho Pelotense. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2010.	50
Figura 24	Fiação e Tecidos Pelotense, fachada pela Rua Xavier Ferreira. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2010.	51
Figura 25	Fiação e Tecidos Pelotense, ruas internas e fachada Rua Uruguai. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2010.	51
Figura 26	Fiação e Tecidos Pelotense, acesso principal. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2012.	51
Figura 27	Fiação e Tecidos Pelotense, fachada Rua Alm. Tamandaré. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2010.	51
Figura 28	Estação do Ramal Ferroviário Porto. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2010.	52
Figura 29	Oficinas da SPH. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2010.	52
Figura 30	Armazéns da SPH. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	52
Figura 31	Armazéns da SPH. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	53
Figura 32	Garagens de máquinas da SPH. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2010.	53
Figura 33	Fábrica Cotada. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2012.	53
Figura 34	Antiga Cervejaria Sul Rio-Grandense, frontaria da Rua José do Patrocínio e Rua Benjamin Constant. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	54
Figura 35	Antiga Cervejaria Sul Rio-Grandense, frontaria da Rua Benjamin Constant. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2003.	54
Figura 36	Antiga Cervejaria Sul Rio-Grandense, frontaria da Rua Conde de Porto Alegre. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2003.	55
Figura 37	Fábrica de cadeira de rodas. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	55
Figura 38	Antiga Cosulã, atual Instituto de Ciências Humanas (ICH-UFPEL). Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	56
Figura 39	Antiga Cosulã, atual Instituto de Artes e Design (IAD-UFPEL), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAURB-UFPEL) Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	56

Figura 40	Moinho Santista, restando somente as fachadas, Rua Benjamin Constant e Rua Alberto Rosa. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	56
Figura 41	Moinho Santista, esquina Rua Alberto Rosa com Rua Alm. Tamandaré, parte da edificação utilizada pelo curso de Teatro-UFPEL. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	57
Figura 42	Conjunto edifícios da fábrica Sorol, Rua Conde de Porto Alegre, 307. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	57
Figura 43	Conjunto edifícios da antiga fábrica Olvebra, Rua Santa Cruz nº 500. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	57
Figura 44	Conjunto edifícios do IRGA, Rua João Manoel nº 301. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2011.	58
Figura 45	IRGA, com plataforma de embarque/desembarque junto ao Ramal Ferroviário Porto. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2011.	58
Figura 46	Localização da Caieira Carpena; Ruína de Caieira; Residência Família Carpena. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	59
Figura 47	Fábrica Leal Santos. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2011.	59
Figura 48	Ceval Agroindústria. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2011.	60
Figura 49	Indústria Linheira. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	60
Figura 50	Engenho de Arroz Fetter. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	61
Figura 51	Engenho Santa Ignácia. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	61
Figura 52	Curtume Yurgel. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	62
Figura 53	Estação Pelotas da estrada de ferro, localizada na Praça Rio Branco. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2012.	62
Figura 54	Estação Pelotas da estrada de ferro, armazéns. Pelotas. RS. Fonte: Foto do autor, 2012.	62
Figura 55	Estação Pelotas da estrada de ferro, fachada posterior. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2011.	63
Figura 56	Estação Pelotas da estrada de ferro, armazéns. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	63
Figura 57	Estação Pelotas da estrada de ferro, instalações diversas. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	63
Figura 58	Companhia Estadual de Energia Elétrica. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	63
Figura 59	Cervejaria Ritter. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	64
Figura 60	Fábrica Rheingantz. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	64

Figura 61	Fábrica de Chapéus Pelotense. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	65
Figura 62	Cooperativa Arrozeira Extremo Sul. Pelotas. RS. Fonte: Fotos do autor, 2012.	65
Figura 63	"Navios no porto de Pelotas, Pelotas, RS, 18--". Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL, 2012.	68
Figura 64	Estação da estrada de ferro, vista do Arroio Santa Barbara. Pelotas. RS. Fonte: VIVA O CHARQUE, 2012.	69
Figura 65	Linhas de bondes à tração animal em 1893. Pelotas. RS. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas. Editoração: Legenda elaborada pelo autor, 2012.	71
Figura 66	Mapa da cidade em 1922. Pelotas. RS. Fonte: COSTA, 1922. Editoração: SALABERRY, 2012.	72
Figura 67	Bondes puxados a burro. Pelotas. RS. Fonte: MAGALHÃES, 1989c.	73
Figura 68	Bonde elétrico. Pelotas. RS. Fonte: MAGALHÃES, 1989c.	73
Figura 69	"Ponte de Pedra" para veículos, na atual Rua Mal. Floriano. Pelotas. RS. Fonte: VIVA o charque, s.d.	73
Figura 70	Ponte Metálica sobre o Arroio Santa Barbara, na atual Rua Lobo da Costa. Pelotas. RS. Fonte: LLOYD; FELDWICK; DELANEY; EULALIO; WRIGHT, 1913.	74
Figura 71	Ponte Metálica sobre o Arroio Santa Barbara, na atual Rua Dom Pedro II. Pelotas. RS. Fonte: VIVA o charque, s.d.	74
Figura 72	Ponte Metálica sobre o Arroio Santa Barbara, do Ramal Ferroviário. Pelotas. RS. Fonte: VIVA o charque, s.d.	75
Figura 73	Ponte Metálica sobre o Canal São Gonçalo, da estrada de ferro para Rio Grande. Pelotas. RS. Fonte: VIVA o charque, s.d.	76
Figura 74	Movimentação de cargas no porto de Pelotas. RS. Fonte: Acervo do Núcleo de Estudos em Arquitetura Brasileira, s.d.	76
Figura 75	Cartão postal que ilustra o porto no período de estudo. Pelotas. RS. Fonte: VIVA o charque, s.d.	77
Figura 76	"Aspecto do movimentado porto da cidade, no rio São Gonçalo". Pelotas. RS. Fonte: COSTA, 1922.	77
Figura 77	"Porto, Caes e a Pça Domingos Rodrigues" - ao fundo no postal a chaminé da Fiação de Pelotense. Pelotas. RS. Fonte: VIVA o charque, s.d.	78
Figura 78	Interpretação da tabela 1, relativo a localização das fábricas na área de estudo. Editoração: Gráfico elaborado pelo autor, 2012.	100
Figura 79	Interpretação da tabela 2, com os trabalhadores, capital, faturamento e produção fabris. Editoração: Gráfico elaborado pelo autor, 2012.	101
Figura 80	Interpretação das tabelas 3 e 4, relativas aos dados totais e médios das várias tipologias de fábricas. Editoração: Gráfico elaborado pelo autor, 2012.	101
Figura 81	Interpretação das tabelas 5, relativas a importância de cada tipologia de fábrica dentro da área de estudo. Editoração: Gráfico elaborado pelo autor, 2012.	102

Figura 82	"Engenho de Beneficiar Arroz São Gonçalo" e "charqueada São Gonçalo", no Passo dos Negros. Pelotas. RS. Fonte: GOOGLE EARTH, 2012. Editoração: SALABERRY, 2012.	107
Figura 83	Charqueada São Gonçalo em 1915, "praia de matança". Pelotas. RS. Fonte: LEITE, 2011.	108
Figura 84	Propaganda do "Engenho de Beneficiar Arroz São Gonçalo" e da "charqueada São Gonçalo". Pelotas. RS. Fonte: PIMENTEL, 1949.	108
Figura 85	Charqueada Barão de Santa Tecla, Passo dos Negros. Pelotas. RS. Fonte: GUTIERREZ, 2010.	109
Figura 86	Charqueada e Fábrica de Línguas São Mathias. Pelotas. RS. Fonte: GUTIERREZ, 2010.	109
Figura 87	Charqueada de Brutus de Almeida, em 1916, arrendada de Alfredo Braga. Fonte: PELOTAS MEMÓRIA, 1992a.	112
Figura 88	Brutus Irmãos, empreendimento constituído a partir de 1917 como comércio. Fonte: FERREIRA & C, 1917.	112
Figura 89	Charqueada Santo Onofre, antiga estância Santa Barbara. Pelotas. RS. Fonte: SALABERRY, 2011.	112
Figura 90	"Vapor 'Santo Antônio' descarregando alguns milhares de barricas de cimento no cães do 'Frigorífico Rio Grande'. Pelotas. RS. Fonte: PARADEDA, 1919.	114
Figura 91	"Frigorífico de Pelotas". Pelotas. RS. Fonte: COSTA, 1922.	115
Figura 92	Gravura retratando a Praça das Carretas, Ponte de Pedra e Cervejaria Ritter. Pelotas. RS. Fonte: MATTOS, 2000.	118
Figura 93	"Seção de fabricação" e "seção de máquinas". Pelotas. RS. Fonte: COSTA, 1922.	119
Figura 94	Publicidade nos Almanach de Pelotas. Fonte: FERREIRA & CIA, 1913, 1915, 1916.	120
Figura 95	Rótulos das cervejas Americana, Graúna e Sport, produzidas pela Cervejaria Ritter. Fonte: BUENO, 2009.	121
Figura 96	"Arroio Santa Barbara e Cervejaria Ritter" em 1922. Pelotas. RS. Fonte: MAGALHÃES N., 1991b.	121
Figura 97	Cervejaria Sul Rio-Grandense, acesso pela Benjamin Constant. Pelotas. RS. Fonte: VIVA o charque, s.d.	123
Figura 98	Construção dos escritórios. Pelotas. RS. Fonte: FERREIRA & CIA, 1915.	123
Figura 99	Cervejaria Sul Rio-Grandense, acesso pela Rua Benjamin Constant. Pelotas. RS. Fonte: DOMEQ' & CIA, 1916.	123
Figura 100	Publicidade nos Almanach de Pelotas. Fonte: FERREIRA & CIA, 1913, 1915, 1916.	124
Figura 101	Rótulos da Cerveja Perú e Typo Porco da Cervejaria Sul Rio-Grandense. Fonte: BUENO, 2009.	124
Figura 102	Cervejaria Sul Rio-Grandense e seu fundador Leopoldo Haertel. Pelotas. RS. Fonte: COSTA, 1922.	125
Figura 103	"A secção de torrefacção e moagem do café". Pelotas. RS. Fonte: DOMEQ' & CIA, 1916.	128

Figura 104	"O escriptorio geral do estabelecimento". Pelotas. RS. Fonte: DOMEQ' & CIA, 1916.	128
Figura 105	Anuncio publicitário da Padaria Xavier Duarte. Pelotas. RS. Fonte: PARADEDA, 1919.	129
Figura 106	"O depósito de madeiras para construção". Pelotas. RS. Fonte: DOMEQ' & CIA, 1916.	129
Figura 107	Publicidade da "Fábrica Aliança". Pelotas. RS. Fonte: CARVALHO, 2011.	133
Figura 108	Publicidade do estabelecimento Leite, Nunes & Irmão, "Fábrica Aliança". Pelotas. RS. Fonte: LOPES NETO, 1911.	134
Figura 109	(II) Seção de preparo de doces; (III) Seção de funilaria; (IV) Seção de conservas de carne; (V) Seção de perfumaria e sabonetes; (VI) Depósito de produtos enlatados da "Fábrica Aliança". Pelotas. RS. Fonte: COSTA, 1922.	134
Figura 110	"Rotulo da fábrica de biscoitos e conservas" e "Anúncio industrial. Fábrica de Biscoitos e Conservas Leal Santos & Companhia". Fonte: PESAVENTO, 1985.	136
Figura 111	"Sabor e requinte" anúncios da Fábrica de Biscoitos e Conservas Leal Santos. Fonte: BUENO, 2009.	136
Figura 112	"Ponte do Ramal, Fábrica Leal Santos". Pelotas. RS. Fonte: MAGALHÃES N., 1989c.	136
Figura 113	Cartão Postal "Moinho Pelotense". Pelotas. RS. Fonte: PINTO, Guilherme. (acervo pessoal)	139
Figura 114	Residência de Paulino Leite, situada a rua Mal. Deodoro, mesma rua do Moinho Pelotense. Pelotas. RS. Fonte: MAGALHÃES N., 1989c.	139
Figura 115	"Ponte do moinho – Rua Gomes Carneiro com Mal. Deodoro". Pelotas. RS. Fonte: MAGALHÃES N, 1989c.	139
Figura 116	Publicidade do "Engenho de arroz Santa Ignácia de Menotti Gentilini". Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	142
Figura 117	"Seção interna do engenho" e "Depósito de arroz em bruto para descascar do engenho Santa Ignácia" Pelotas. RS. Fonte: COSTA, 1922.	142
Figura 118	Publicidade do Engenho São Gonçalo. Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	143
Figura 119	"Coronel Pedro Luiz da Rocha Osório". Fonte: CARRICONDE, 1922.	143
Figura 120	Publicidade da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense. Fonte: LOPES NETO, 1911.	148
Figura 121	Publicidade da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense. Pelotas. RS. Fonte: FERREIRA & CIA, 1913.	149
Figura 122	Companhia Fiação e Tecidos Pelotense. Pelotas. RS Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.	149
Figura 123	Fiação e Tecidos Pelotense com máquinas e operários trabalhando. Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.	149
Figura 124	Publicidade da Fábrica de Chapéus Pelotense. Fonte: FERREIRA & CIA, 1913.	150

Figura 125	Publicidade da Fábrica de Vernizes e Curtume de Manoel Lopes Rodrigues. Fonte: CARRICONDE, 1922.	157
Figura 126	Publicidade do Curtume Zitzke & Seus. Fonte: CARRICONDE, 1922.	158
Figura 127	Publicidade do Curtume e Fábrica de Couros Envernizados Julio Hadler. Fonte: CARRICONDE, 1922.	162
Figura 128	Publicidade Fábrica de Fumos Santa Barbara. Fonte: LOPES NETO, 1911.	166
Figura 129	Jacob Klaes. Fonte: LOPES NETO, 1911.	166
Figura 130	Plotino Rodrigues da Silva. Fonte: LOPES NETO, 1911.	166
Figura 131	Publicidade da Fábrica de Fumos Santa Barbara. Fonte: FERREIRA & CIA, 1915.	166
Figura 132	Garibaldi e Menotti Gentilini, Proprietários da Manufatura de Fumos Gentilini. Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.	168
Figura 133	Fábrica de Fumos São Manoel, Pça. Constituição Nº 1, antiga Manufatura de Fumos Gentilini. Fonte: FERREIRA & CIA, 1916.	168
Figura 134	Publicidade da Fábrica de Fumos São Manoel. Fonte: FERREIRA & C, 1915.	168
Figura 135	Publicidade da Manufatura de Fumos Gentilini. Fonte: CARRICONDE, 1922.	169
Figura 136	Seção de máquinas e manufatura de fumos, da Fábrica Gentilini. Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.	170
Figura 137	Publicidade da Fábrica de Fumos São Raphael Fonte: LOPES NETO, 1912.	171
Figura 138	Publicidade da Fábrica de Fumos São Raphael Fonte: FERREIRA & CIA, 1916.	171
Figura 139	Charqueada São Gonçalo. Pelotas. RS. Fonte: Foto do Autor, 2012.	177
Figura 140	Localização das fábricas identificadas dentro da área de estudo, a partir da obra de Alberto Coelho da Cunha. Pelotas. RS. Editoração: Mapa elaborado pelo autor, 2012.	178
Figura 141	Charqueada São Gonçalo em 1915, praia de matança. Pelotas. RS. Fonte: LEITE, 2011.	179
Figura 142	"Frigorífico de Pelotas", ainda em obras. Pelotas. RS. Fonte: COSTA, 1922.	180
Figura 143	"Vista do Frigorífico Pelotense". Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	180
Figura 144	"Vista do Frigorífico Pelotense". Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	181
Figura 145	"Ponte de Pedra e Cervejaria Ritter". Pelotas. RS. Fonte: MUSEU DA BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE. (acervo)	183
Figura 146	"Edifício da fábrica, instalado a Rua Mal. Floriano e Marques de Caxias, a margem do Santa Barbara". Pelotas. RS. Fonte: COSTA, 1922.	183

Figura 147	"Vista do grande edifício da Companhia Cervejaria Ritter". Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	184
Figura 148	Litografia da Cervejaria Sul Rio-Grandense, elaborada em 1919. Pelotas. RS. Fonte: PINTO, Guilherme. (acervo pessoal)	185
Figura 149	"O alteroso e confortável edifício da Cervejaria Sul Rio Grandense do Sr. Leopoldo Haertel". Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	186
Figura 150	Cervejaria Sul Rio-Grandense, acesso pela Rua Conde de Porto Alegre. Pelotas. RS. Fonte: DOMEQ' & CIA, 1916.	187
Figura 151	Cervejaria Sul Rio-Grandense, pátio interno. Pelotas. RS. Fonte: DOMEQ' & CIA, 1916.	188
Figura 152	Cervejaria Sul Rio-Grandense, casa de máquinas com paredes revestidas com escaiola. Pelotas. RS. Fonte: DOMEQ' & CIA, 1916.	188
Figura 153	Padaria Xavier Duarte "Vista exterior do estabelecimento fabril, situado à Rua 7 de Abril, esquina Paysandu". Pelotas. RS. Fonte: DOMEQ' & CIA, 1916.	189
Figura 154	"A secção de padaria da casa". Pelotas. RS. Fonte: DOMEQ' & CIA, 1916.	190
Figura 155	Autoclaves da seção de frutas em calda e Seção de Funilaria da "Fábrica Aliança". Pelotas. RS. Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.	191
Figura 156	Seção de sabão comum e Seção de sabonetes da "Fábrica Aliança". Pelotas. RS. Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.	191
Figura 157	Arroio Santa Barbara e ao fundo fachada posterior da "Fábrica Aliança". Pelotas. RS. Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.	192
Figura 158	Fachada principal da "Fábrica Aliança". Pelotas. RS. Fonte: COSTA, 1922.	192
Figura 159	Vista interna da "Fábrica Leal Santos". Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	193
Figura 160	Fachada principal da "Fábrica Leal Santos". Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	194
Figura 161	"Moinho Pelotense, 1922". Pelotas. RS. Fonte: PESAVENTO, 1985.	195
Figura 162	Engenho de arroz Santa Ignácia de Menotti Gentilini. Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	197
Figura 163	Os diretores: Ambrosio Perret, Antônio Planella e Alvaro Rosa, Seção Fiação e Seção Teares da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense. Pelotas. RS. Fonte: COSTA, 1922.	198
Figura 164	Fachada Principal da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense. Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	198
Figura 165	Fachada Principal da Fábrica de Chapéus Pelotense em 1911. Pelotas. RS. Fonte: MUSEU DA BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE. (acervo)	199
Figura 166	Edifício da Fábrica de Chapéus Pelotense. Pelotas. RS. Fonte: MAGALHÃES N., 1996.	200
Figura 167	Fachada Fábrica de Vernizes e Curtume de Manoel Lopes Rodrigues. Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	201
Figura 168	Edificação do antigo Curtume Moraes e atual Curtume Zitzke & Seus. Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	202

Figura 169	"Vista geral da fábrica de couros do Sr. Julio Hadler". Pelotas. RS. Fonte: CARRICONDE, 1922.	203
Figura 170	Seção de empacotamento e um dos depósitos da Fábrica Gentilini. Pelotas. RS. Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.	204
Figura 171	Gravura do conjunto da "Manufactura de Fumos a Vapor" de Garibaldi Gentilini. Pelotas. RS. Fonte: PARADEDA, 1919.	205
Figura 172	Frontaria da Fábrica de Fumos São Raphael. Pelotas. RS. Fonte: PARADEDA, 1922.	206

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Estrutura segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), das indústrias de transformação dos produtos agropecuários, especificamente alimentos e bebidas. Fonte: RECEITA FEDERAL, 1994. Disponível em: < http://www.receita.fazenda.gov.br > Acesso em: 17 Jan. 2012.	86
Tabela 2	Estrutura segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), das indústrias de transformação de outros produtos agropecuários, exceto alimentos e bebidas. Fonte: RECEITA FEDERAL, 1994. Disponível em: < http://www.receita.fazenda.gov.br > Acesso em: 17 Jan. 2012.	87
Tabela 3	Estrutura segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), especificamente das indústrias de transformação minerais, metálicos e outros. Fonte: RECEITA FEDERAL, 1994. Disponível em: < http://www.receita.fazenda.gov.br > Acesso em: 17 Jan. 2012.	88
Tabela 4	Número de estabelecimentos fabris dentro e fora da área de estudo. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	93
Tabela 5	Caracterização das Fábricas de Produtos Alimentícios e Bebidas (Categoria 1), Sendo (a) os dados na área de estudo, (b) fora da área de estudo e (c) dados totais por classe de indústria. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	94
Tabela 6	Caracterização das Fábricas de Produtos de Couro, Fumo, Têxteis, Madeira e Sabões e Velas, Colas adesivas (Categoria 2), Sendo (a) os dados na área de estudo, (b) fora da área de estudo e (c) dados totais por tipo de indústria. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	96
Tabela 7	Caracterização de Outras Indústrias de Transformação (Categoria 3, Sendo (a) os dados na área de estudo, (b) fora da área de estudo e (c) dados totais por tipo de indústria. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	98
Tabela 8	Caracterização da produção fabril em Pelotas em 1911, Sendo (a) os dados na área de estudo, (b) fora da área de estudo e (c) em destaque os dados totais por agrupamento de indústria. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	99
Tabela 9	Produção fabril total na cidade de Pelotas em 1911, em destaque os dados relativos a área de estudo. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	99
Tabela 10	Identificação dos estabelecimentos de Abate e Preparação de Produtos de Carne (CNAE - 15.1), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	103

Tabela 11	Caracterização dos estabelecimentos de Abate e Preparação de Produtos de Carne (CNAE - 15.1), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	104
Tabela 12	Prováveis dados totais referentes as Charqueadas. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	105
Tabela 13	Dados médios referentes as Charqueadas. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	105
Tabela 14	Prováveis dados totais referentes ao Abate e Preparação de Produtos de Carne (CNAE - 15.1). Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	105
Tabela 15	Dados médios referentes a Abate e Preparação de Produtos de Carne (CNAE - 15.1). Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	105
Tabela 16	Identificação da importância dos estabelecimentos de Abate e Preparação de Produtos de Carne (CNAE - 15.1), na área de estudo. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	106
Tabela 17	Identificação dos estabelecimentos de Fabricação de Bebidas (CNAE - 15.9), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	116
Tabela 18	Caracterização dos estabelecimentos de Fabricação de Bebidas (CNAE - 15.9), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	117
Tabela 19	Identificação da importância dos estabelecimentos de Fabricação de Bebidas (CNAE - 15.9), na área de estudo. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	117
Tabela 20	Identificação dos estabelecimentos de Fabricação de Produtos de Padaria, Confeitaria, Biscoitos e Bolachas (CNAE - 15.8), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	126
Tabela 21	Caracterização dos estabelecimentos de Fabricação de Produtos de Padaria, Confeitaria, Biscoitos e Bolachas (CNAE - 15.8), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	127
Tabela 22	Identificação da importância dos estabelecimentos de Fabricação de Produtos de Padaria (CNAE - 15.8), na área de estudo. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	128
Tabela 23	Identificação dos estabelecimentos de Processamento, Preservação e Produção de Conservas de Frutas, Legumes e Outros Vegetais (CNAE - 15.2), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	131
Tabela 24	Caracterização dos estabelecimentos de Processamento, Preservação e Produção de Conservas de Frutas, Legumes e Outros Vegetais (CNAE - 15.2), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	131
Tabela 25	Identificação da importância dos estabelecimentos de Produção de Conservas (CNAE - 15.2), na área de estudo. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	131
Tabela 26	Identificação dos estabelecimentos de Moagem, Fabricação de Produtos Amiláceos - Moagem de Trigo e Fabricação de Derivados (CNAE - 15.5), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	137

Tabela 27	Caracterização dos estabelecimentos de Moagem, Fabricação de Produtos Amiláceos - Moagem de Trigo e Fabricação de Derivados (CNAE - 15.5), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	137
Tabela 28	Identificação dos estabelecimentos de Moagem, Fabricação de Produtos Amiláceos - Beneficiamento de Arroz (CNAE - 15.5), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	140
Tabela 29	Caracterização dos estabelecimentos de Moagem, Fabricação de Produtos Amiláceos - Beneficiamento de Arroz (CNAE - 15.5), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	141
Tabela 30	Identificação dos estabelecimentos de Torrefação e Moagem de Café (CNAE - 15.7), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	144
Tabela 31	Identificação da importância dos estabelecimentos de Moagem de Café (CNAE - 15.7), na área de estudo. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	144
Tabela 32	Caracterização dos estabelecimentos de Torrefação e Moagem de Café (CNAE - 15.7), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	144
Tabela 33	Identificação dos estabelecimentos de Fabricação de Produtos Têxteis (CNAE - 17), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	146
Tabela 34	Caracterização dos estabelecimentos de Fabricação de Produtos Têxteis (CNAE -17), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	147
Tabela 35	Identificação da importância dos estabelecimentos de Fabricação de Produtos Têxteis (CNAE - 17), na área de estudo. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	147
Tabela 36	Identificação dos estabelecimentos de Fabricação de Sabões e Velas (CNAE - 24.7), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	151
Tabela 37	Caracterização dos estabelecimentos de Fabricação de Sabões e Velas (CNAE - 24.7), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	152
Tabela 38	Identificação da importância dos estabelecimentos de Fabricação de Sabões e Velas (CNAE - 24.7), na área de estudo. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	152
Tabela 39	Identificação dos estabelecimentos de Curtimento e Outras Preparações de Couro (CNAE - 19.1), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	155
Tabela 40	Identificação da importância dos estabelecimentos de Curtimento de Couro (CNAE - 19.1), na área de estudo. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	155
Tabela 41	Caracterização dos estabelecimentos de Curtimento e Outras Preparações de Couro (CNAE - 19.1), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	156
Tabela 42	Identificação dos estabelecimentos de Fabricação de Produtos do Fumo (CNAE - 16), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	163

Tabela 43	Caracterização dos estabelecimentos de Fabricação de Produtos do Fumo (CNAE - 16), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	164
Tabela 44	Identificação da importância dos estabelecimentos de Fabricação Prod. do Fumo (CNAE - 16), na área de estudo. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	164
Tabela 45	Identificação dos estabelecimentos de Fabricação de Produtos de Madeira (CNAE - 20), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	172
Tabela 46	Caracterização dos estabelecimentos de Fabricação de Produtos de Madeira (CNAE - 20), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	173
Tabela 47	Identificação da importância dos estabelecimentos de Produtos de Madeira (CNAE - 20), na área de estudo. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	173
Tabela 48	Identificação dos estabelecimentos de Fabricação de Adesivos (CNAE - 24.9), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	175
Tabela 49	Caracterização dos estabelecimentos de Fabricação de Adesivos (CNAE - 24.9), Pelotas, 1911. Fonte: CUNHA, 1911, s.p.	176

SUMÁRIO

	LISTA DE ABREVIATURAS	VII
	LISTA DE FIGURAS	VIII
	LISTA DE TABELAS	XIX
	INTRODUÇÃO	26
1	ARQUEOLOGIA, REMANESCENTES, MANUFATURAS E INDÚSTRIAS	36
1 1	ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL	36
1 2	REMANESCENTES INDUSTRIAIS NA ÁREA DE ESTUDO	42
1 3	FÁBRICAS E TRANSPORTES	66
1 4	INDUSTRIALIZAÇÃO	79
2	HISTÓRIA DAS FÁBRICAS E ARQUITETURA (1911 – 1922)	100
2 1	HISTÓRIA DAS AGROINDÚSTRIAS DE ALIMENTOS NO BAIRRO DO PORTO	100
2 2	HISTÓRIA DAS DEMAIS AGROINDÚSTRIAS NO BAIRRO DO PORTO	146
2 3	ARQUITETURAS DAS FÁBRICAS (1911 – 1922)	177
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	207
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS	213
	APENDICE	218

INTRODUÇÃO

Em Pelotas, no Rio Grande do Sul, parte da antiga estrutura das manufaturas do charque foi aproveitada para a instalação de uma zona fabril, onde a agroindústria se sobressaiu. Construída com maior intensidade no início do século XX, começou a ser abandonada um pouco mais de meio século após. O estudo das edificações fabris se justifica por se constituírem parte importante da história. Esta narração poderá ajudar no reconhecimento deste legado. (Fig. 1 e 2)

Economia e produção agroindustrial

A criação de gado, introduzida pelos jesuítas, confunde-se com a própria história do estado do Rio Grande do Sul. No início da ocupação, o gado xucro e missioneiro existente era caçado para a comercialização do couro. No começo do século XVIII, com a descoberta das minas no centro da colônia, os animais passaram a ser capturados para abastecer a região da mineração e, ao final do século XVIII, este rebanho veio a formar o plantel das primeiras estâncias. Para a historiadora Sandra Pesavento, o gado deixou de ser visto apenas como fonte de couro ou para ser enviado vivo para o centro do país, passou ser explorado na produção do charque. Este produto, que representava uma grande acumulação de capital, constituía uma rentabilidade oscilante, também registrava um menor valor que os exportáveis de outras regiões do país, como o café e o açúcar. (PESAVENTO, 1980b)

No período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, as condições de extrema competitividade por mercados e os reduzidos lucros implicaram na necessidade de renovação tecnológica. A charqueada é exemplo significativo da necessidade de transformação; operava como uma manufatura, produzindo gênero

de baixa qualidade e mau aspecto, com precária tecnologia, para um mercado altamente competitivo.

A eclosão da guerra proporcionou um período de euforia para a pecuária e a agricultura. A necessidade de abastecimento dos países beligerantes, no que diz respeito à população civil e às tropas, elevou extraordinariamente os preços dos gêneros de consumo, entre os quais os alimentos industrializados, carne frigorificada, conservas etc.

Foi uma época de boas perspectivas de mercado, criadas pela guerra, e de um grande impulso ao aproveitamento industrial para os produtos da região. Esse desenvolvimento serviu para mascarar as dificuldades, o setor agropecuário, que vinha de uma lenta decadência desde as últimas décadas do século XIX, se conservou durante o século XX.

No pós-guerra, a recessão econômica, a rearticulação da economia europeia e o recuo da demanda mundial fizeram com que a produção rio-grandense sofresse. Com o retraimento do consumo europeu, o Rio Grande do Sul viveu momentos de crise. (PESAVENTO, 1980b)

Porto

Na margem norte do Canal São Gonçalo, onde o porto de Pelotas foi construído, transformou-se em um bairro fabril.

Com a opção pelo transporte rodoviário em detrimento do portuário e ferroviário, como os demais portos brasileiros, o de Pelotas foi sendo desativado e os prédios das fábricas abandonados.

Ferrovia

O processo de industrialização está intimamente ligado ao desenvolvimento do transporte ferroviário, a industrialização em larga escala impulsionou as ferrovias, da mesma forma que a implantação do transporte ferroviário definiu a implantação das indústrias e a transformação e o crescimento das cidades.

A pesquisadora, arquiteta e urbanista Beatriz Kühl escreveu que as ferrovias, meio de transporte da era da industrialização, também contribuíram para a integração do território, geraram mudanças nas cidades e incidiram na configuração da malha viária e no sistema de transporte urbano. (KÜHL, 2010)

O processo de implantação e de expansão ferroviária no Brasil é solidário ao processo gradual de substituição da mão de obra escrava pela mão de obra livre e ao impulso da imigração de europeus. Esse processo de desenvolvimento da rede ferroviária coincide com redução das atividades meramente agropastoris e a transformação gradativa dos meios de produção, no sentido da industrialização dos produtos agropecuários, vindo a formar a agroindústria no Rio Grande do Sul.

Ao final de 1884, com a implantação do transporte via estrada de ferro, ligando a Campanha com o porto de Rio Grande através de Pelotas, a atividade fabril começou a se alterar, já que passou a poder receber em maior escala a matéria-prima do interior do estado, e a distribuir com maior velocidade e economia a produção manufatureira.

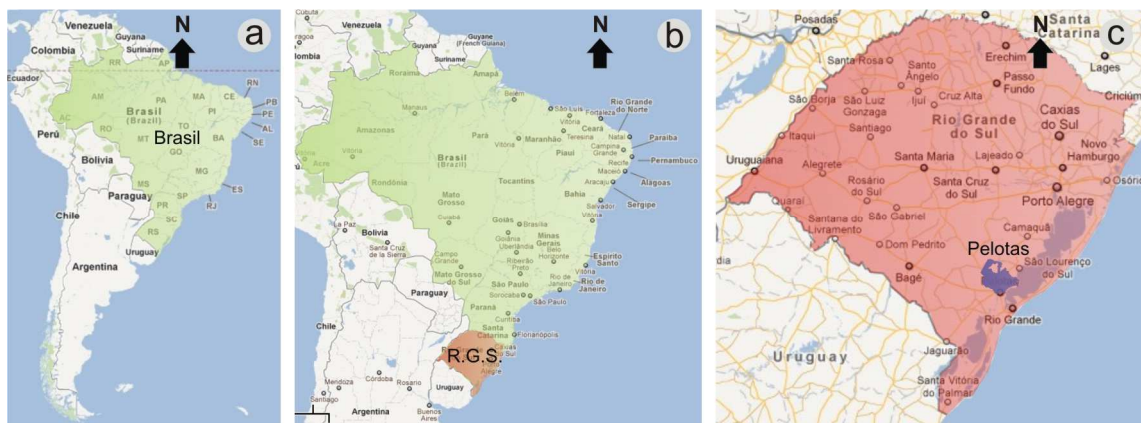


Figura 1: (a) Brasil; (b) Rio Grande do Sul; (c) Município de Pelotas. RS. **Fonte:** Mapa elaborado pelo autor tendo como base o Google Maps, 2012.

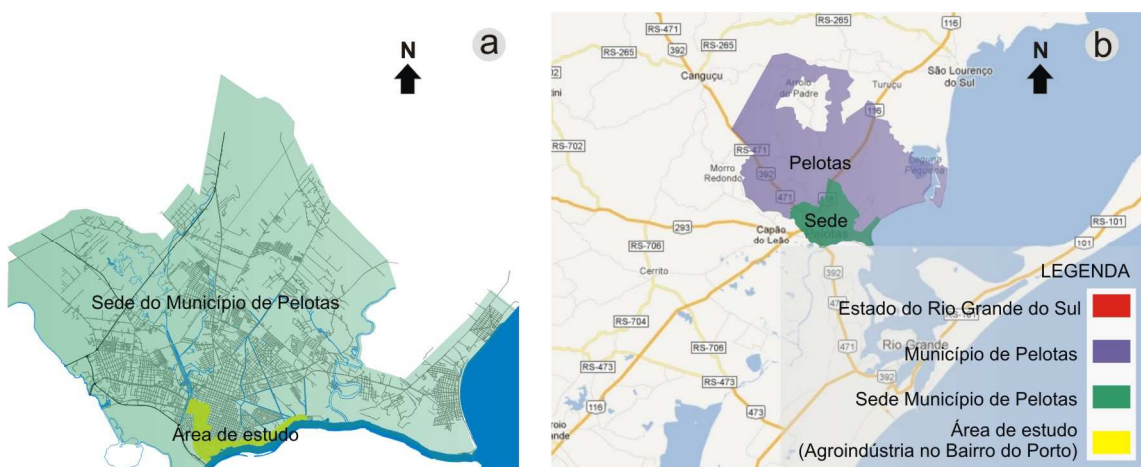


Figura 2: (a) Área de estudo (Agroindústria no Bairro do Porto); (b) Sede do Município. Pelotas. RS. **Fonte:** Mapa elaborado pelo autor tendo como base o Google Maps, 2012.

Justificativa

O tema patrimônio industrial e o interesse pela sua preservação constituem questões relativamente recentes. Ganhou reconhecimento e atenção pública a partir dos anos 1960, quando importantes testemunhos da arquitetura industrial foram demolidos. (KÜHL, 2008)

O interesse pela preservação do patrimônio industrial deve dirigir-se ao conjunto de bens que se articulam ao processo de industrialização como um todo. Ao abordar os “monumentos da industrialização”, devem ser estudadas as edificações ligadas aos processos produtivos, aos meios de transporte e comunicação.

Os “monumentos da industrialização” incluem um número diverso de edificações que compõem um conjunto industrial (fábrica, oficinas, residências, escola, enfermaria, etc.) e muito comumente faz parte deste conjunto uma estrutura de transporte e unidade de produção de energia. (KÜHL, 2008)

Este trabalho não teve esta pretensão. Deu um pequeno passo. Começou a narrar às histórias dessas fábricas. Trabalho fundamental para um posterior estudo de atribuição e reconhecimento dos valores deste complexo e base para futuras intervenções, planos de conservação e de gestão integrada ao planejamento urbano.

Esta dissertação tem a justificativa de estar relacionada à emergência da preservação do patrimônio agroindustrial, que vem sendo progressivamente abandonado e, na atualidade, sendo reaproveitado, muitas vezes com intervenções aquém de seus valores.

A escolha da arquitetura agroindustrial do bairro do Porto, em Pelotas, como objeto de estudo se justifica porque: em primeiro, o assunto, patrimônio industrial no bairro do Porto, foi objeto de trabalho anterior do autor, especificamente o trabalho final de graduação, com o título Revitalização da Antiga Cervejaria Sul-Rio-Grandense, recorte temático e recorte espacial da presente pesquisa; em segundo, por apresentar, no seu espaço urbano, um conjunto arquitetônico representativo das diversas linguagens e sistemas construtivos da arquitetura fabril produzidos no início da primeira metade do século XX, recorte temporal do trabalho.

Poucos imóveis industriais foram inventariados, e também, apesar da proteção, vem sofrendo abandono, alterações e demolições sem qualquer pudor.

As fábricas inventariadas são: (a) Moinho Pelotense, situado a Rua Alm. Tamandaré, nº 2; (b) Fiação e Tecidos Pelotense, situada à Rua Alm. Tamandaré, nº 50 (Fig. 3); Cervejaria Sul Rio-Grandense, situada a Rua Benjamin Constant, nº 1071 (Fig. 4); (b) Fábrica Cotada, situada a Rua Benjamin Constant, nº 989; (a) Engenho Santa Ignácia, situado a Rua Dom Pedro II, nº 1063 (Fig. 5); (a) Companhia de Energia Elétrica, situada a Praça Vinte de Setembro, nº 121; (b) Cervejaria Ritter, situada a Rua Marechal Floriano, nº 202, esquina Rua Santos Dumont nº 149 (Fig. 6). (SECULT, 2012)

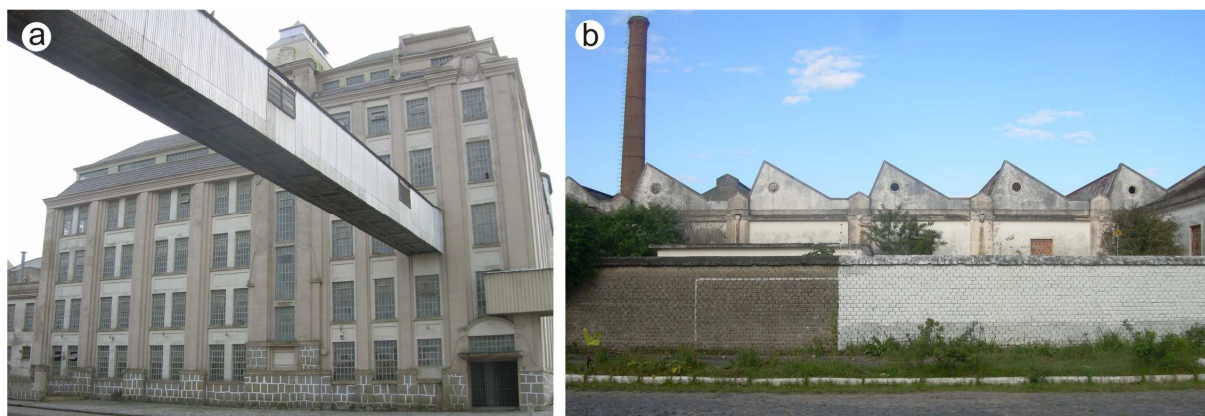


Figura 3: (a) Moinho Pelotense; (b) Fiação e Tecidos Pelotense. Pelotas. RS.
Fonte: Fotos do autor, 2011.



Figura 4: Cervejaria Sul Rio-Grandense. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2003.

Com relação ao instrumento tombamento, só existe uma edificação protegida na área de estudo, a Estação Férrea (Fig. 7) e também a Ponte de Pedra sobre o “braço morto” do Arroio Santa Bárbara, estas instalações foram tombadas pela Câmara de Vereadores na década de 90, por que, encontravam-se abandonados e em elevado grau de deterioração, situação que não se alterou após mais de uma década de “proteção”.



Figura 5: (a) Engenho Santa Ignácia. (b) Cotada. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2011.



Figura 6: (a) Companhia de Energia Elétrica; (b) Cervejaria Ritter. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2011.



Figura 7: Estação Férrea. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2011.

Delimitações, metodologia e estrutura

Foram delimitados como recorte temporal os anos compreendidos entre 1911 e 1922. Estas datas foram escolhidas por neste período existir rica documentação. A presente pesquisa tem como base documental principal o manuscrito denominado **Notícia Descritiva das Fábricas de Pelotas em 1911**, de Alberto Coelho da Cunha. O trabalho se apoia igualmente nos textos publicados sobre as fábricas nos

Almanach de Pelotas entre os anos de 1913 e 1922, e também nos diversos livros publicados por ocasião da comemoração do centenário da Independência do Brasil e do aniversário de Pelotas, em 1912.

A delimitação da pesquisa é tratar as edificações agroindustriais na área denominada bairro do Porto em Pelotas. (Fig. 8)

A área do estudo teve como limites o encontro do arroio Santa Bárbara, junto a estação ferroviária, com o Canal São Gonçalo até alcançar o porto e o antigo Passo dos Negros, onde foi erguido o engenho Pedro Osório. (Fig. 9)

A pesquisa valeu-se do método comparativo da história. Buscou as semelhanças e as diferenças que apresentaram as diferentes categorias de agroindústrias em um mesmo meio social. Por isto, adquiriu cunho monográfico. (BLOCH apud CARDOSO, 1983)

A dissertação possui dois capítulos: o capítulo um é caracterizado por ser uma revisão bibliográfica, abordando de forma generalista o tema da pesquisa. Também neste capítulo é elaborado um levantamento expedito dos remanescentes, de forma a destacar a importância do tema de estudo.

O capítulo um ainda apresenta os antecedentes e o contexto histórico em que foi produzida a arquitetura das fábricas. Aborda de forma introdutória a ocupação do território rio-grandense, as primitivas estâncias, o núcleo charqueador, a urbanização da cidade de Pelotas e principalmente o processo de ocupação fabril das adjacências do Canal São Gonçalo e Santa Bárbara.

De uma forma generalista, falou dos distintos processos de produção fabril identificados. Relacionou a industrialização com os meios de transporte portuário e ferroviário. (Fig. 10)

No capítulo dois, trata-se do foco principal da presente dissertação. É feita a tabulação dos dados levantados na **Notícia Descritiva** de Alberto Coelho da Cunha, abordados de forma a identificar um zoneamento fabril.

O segundo capítulo versa principalmente da reconstrução histórica das edificações fabris, organizadas segundo uma classificação de categoria funcional, apresenta a pesquisa empírica, os levantamentos realizados, os dados históricos associados às agroindústrias.

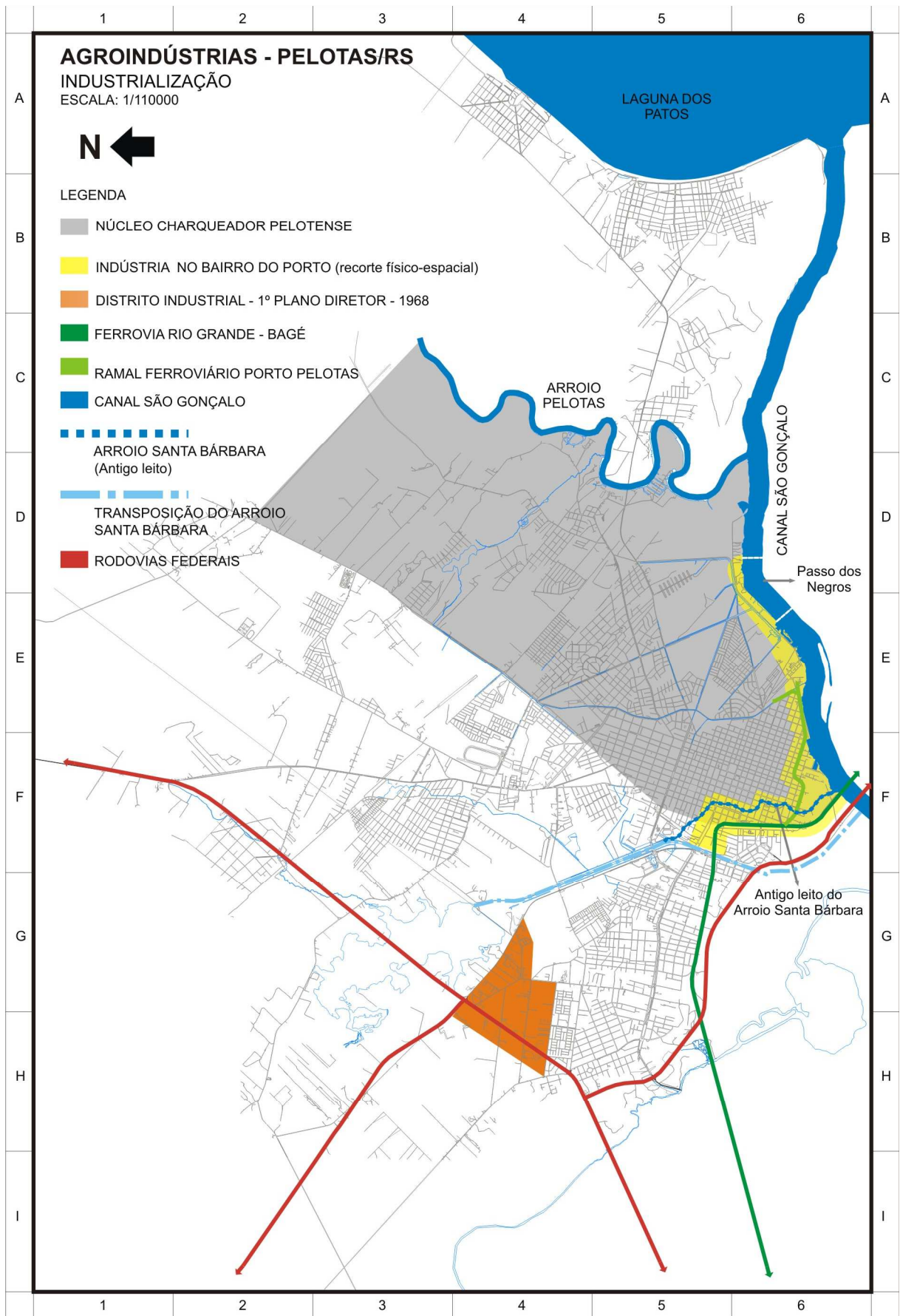


Figura 8: Industrialização. Pelotas. RS. **Fonte:** Mapa elaborado pelo autor tendo como base o aerofotogramétrico, 2012.

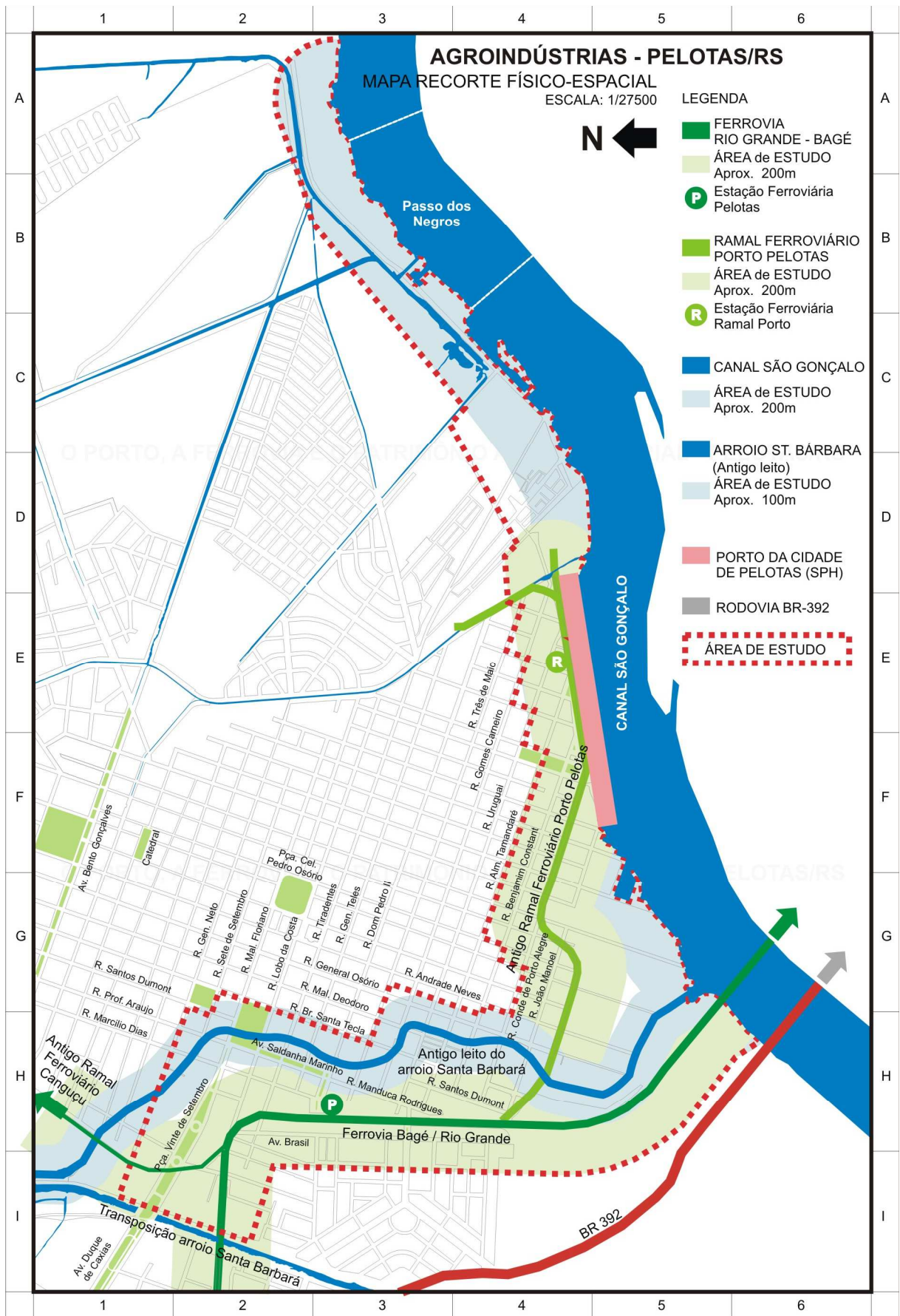


Figura 9: Recorte físico-espacial. Pelotas. RS. **Fonte:** Mapa elaborado pelo autor tendo como base o aerofotogramétrico, 2012.

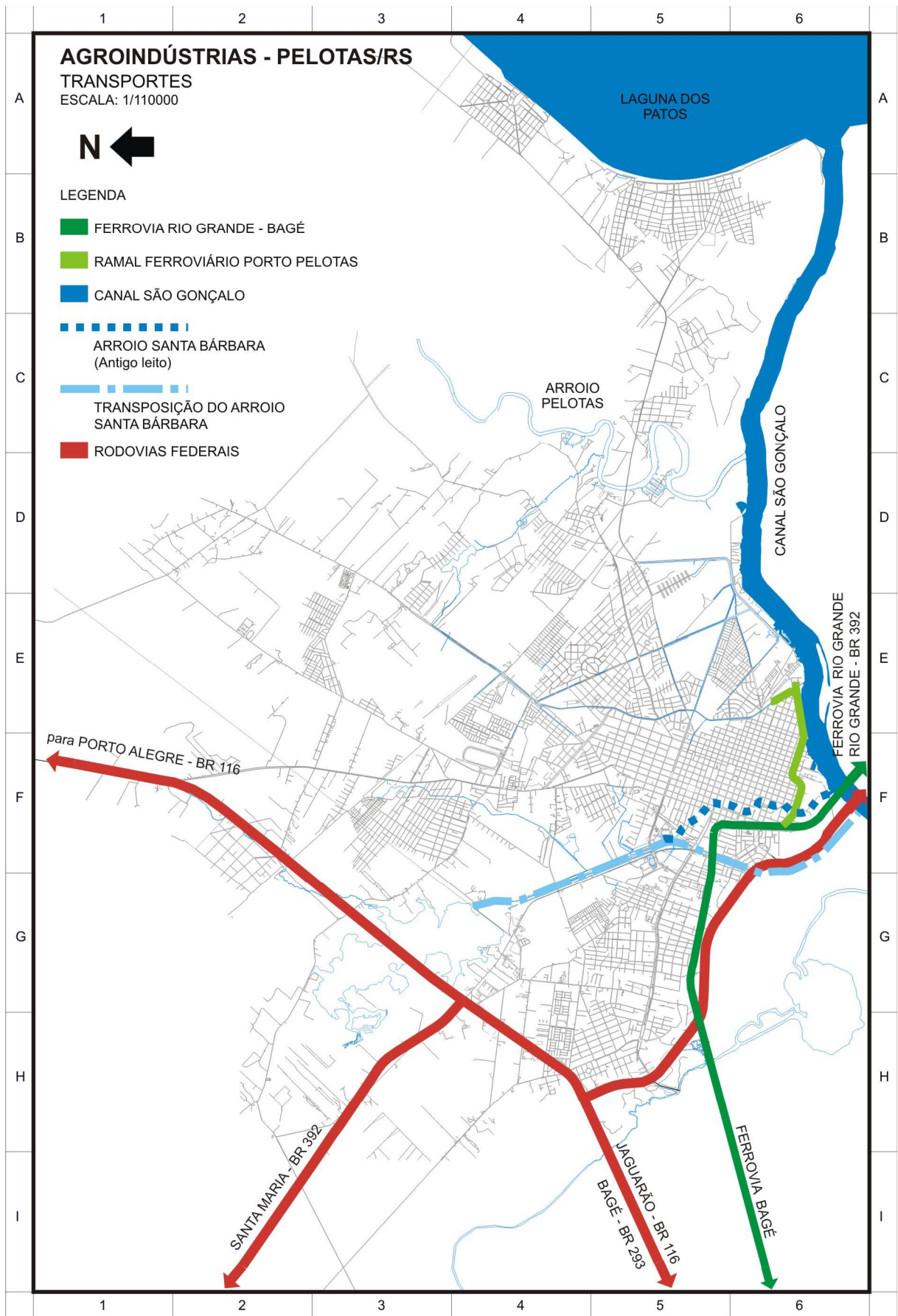


Figura 10: Transportes fluvial, ferroviário e rodoviário. Pelotas. RS. **Fonte:** Mapa elaborado pelo autor tendo como base o aerofotogramétrico, 2012.

1 ARQUEOLOGIA, REMANESCENTES, MANUFATURAS E INDÚSTRIAS

1.1 ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL

A preservação do patrimônio industrial é recente, nasceu nas áreas mais industrializadas da Europa, e deve ser entendida dentro do contexto de ampliação daquilo que é considerado bem cultural. A Grã-Bretanha é pioneira no estudo sistemático dos edifícios resultantes do processo de industrialização, que se consolidou por volta de 1960. A partir de 1970, outros países vêm fazendo o registro, a investigação, o inventário e a proteção dos sítios industriais.

O tema ganhou importância e atenção de um público mais amplo a partir de 1960, quando importantes testemunhos arquitetônicos do processo de industrialização foram demolidos. Entre esses, a pesquisadora Beatriz Mugayar Kühl destaca a demolição da estação ferroviária Euston e do mercado público em ferro Coal Exchange, ambos destruídos em Londres em 1962. (KÜHL, 2008)

Naquele período, na Grã-Bretanha, foram elaboradas as primeiras tentativas de definição do significado e da terminologia adequados à arquitetura do processo de industrialização. Um exemplo pode ser constatado na definição elaborada, em 1962, por um membro da inspetoria dos monumentos antigos do Ministério de Obras: “Um monumento industrial é qualquer edifício ou outra estrutura, em especial do período da Revolução Industrial, que sozinho ou associado a equipamentos, ilustra o início e desenvolvimento de processos industriais e técnicos, incluindo os meios de comunicação.” (KÜHL, 2008)

Essa primeira definição foi contestada por vários autores, que alegavam a existência de atividades industriais anteriores à Revolução Industrial e a dificuldade de precisar o tipo de organização e a escala de produção em que a atividade deixa de ser artesanal e passa a ser industrial. Outro argumento foi o de que os limites

cronológicos não poderiam ser rígidos, pois a industrialização aconteceu em diferentes épocas nos diversos países.

Beatriz Kühl cita, ainda, outros dois conceitos elaborados no período. No primeiro, Kenneth Hudson definiu: “Arqueologia industrial é a descoberta, registro e estudo dos resíduos físicos de indústrias e meios de comunicação do passado”. (KÜHL, 2008)

O segundo conceito é o de Angus Buchanan:

[...] arqueologia industrial é um campo de estudo relacionado com a pesquisa, levantamento, registro e, em alguns casos, com a preservação de monumentos industriais. Almeja, além do mais, alcançar a significância desses monumentos no contexto da história social e da técnica. (KÜHL, 2008, p. 42)

Portanto, para Buchanan, um monumento industrial pode ser qualquer artefato que se tornou obsoleto, desde uma pedreira neolítica até um computador que há pouco passou a ser considerado como ultrapassado. Porém, ele destaca que, na prática, é útil restringir a atenção aos monumentos dos últimos duzentos anos, porque períodos anteriores são tratados por métodos mais convencionais da arqueologia e da história, e também porque há grande quantidade de material do período da Revolução Industrial.

São várias as disciplinas que têm voltado seu instrumental teórico e metodológico para a compreensão do processo de industrialização. Filósofos, economistas, sociólogos, historiadores, arquitetos, entre outros, têm se ocupado de analisar o sistema fabril, dentro do processo desencadeado pela chamada Revolução Industrial.

Gonzáles-Varas (2008) destacou que, ao tratar das construções industriais, é mais adequado denominar este estudo de “arqueologia industrial”, pois a arqueologia trata da *cultura* de forma bastante ampla, considerando não só a cultura artística. Dessa forma, a utilização destes estudos, que podem contribuir para diversos campos do conhecimento, é potencializada.

A palavra *arqueologia* deve ser entendida em um sentido amplo, ela refere-se a “fases passadas da cultura humana”, “ciência ou estudo do passado”, e não apenas à forma mais restrita e de utilização limitada e exclusiva dos arqueólogos. (KÜHL, 2008)

No princípio, muitos ataques foram dirigidos ao campo de conhecimento da arqueologia industrial, negando-lhe o caráter arqueológico, em função da pouca

profundidade temporal por ele abarcada e também da metodologia empregada nas pesquisas que, na maioria das vezes, não faz uso de escavações.

Porém, vale ressaltar que, segundo Gonzáles-Varas (2008), a arqueologia não se limita ao estudo das civilizações mais antigas, mas compreende a investigação das diferentes culturas através daquilo que é material. Portanto, o patrimônio arqueológico engloba todos os testemunhos produzidos pelo homem, desde sua origem até a atualidade. De forma ampla, a arqueologia se classifica em pré-histórica e histórica, sendo que a histórica se subdivide em clássica, moderna e industrial. A última se dedica ao estudo dos vestígios materiais da época posterior à Revolução Industrial.

Para Kühl (2008), a arqueologia industrial não possui referenciais que lhe sejam específicos, ou seja, formulações teórico-metodológicas que digam respeito apenas ao legado da indústria. Não se caracteriza como disciplina autônoma. É um vasto tema de estudo, que exige a multidisciplinaridade e a articulação de variados campos do saber.

Apesar de Kühl diferenciar a arqueologia industrial como um processo de estudo e identificação do patrimônio industrial e de a arquitetura industrial referir-se àqueles bens já reconhecidos como patrimônio, esses termos se referem a uma mesma tipologia funcional em arquitetura e, da mesma forma, devem ser preservados (KÜHL, 2008). No presente trabalho, arquitetura industrial, arquitetura agroindustrial e arqueologia industrial serão tratadas como sinônimos.

Com relação ao campo de estudo, a arqueologia industrial conta com um objetivo ou campo de aplicação que lhe é próprio e autônomo, vinculado à história das técnicas, máquinas e procedimentos produtivos; à história dos edifícios que foram construídos para abrigar as máquinas e homens; e também o conjunto das transformações urbanas e territoriais que o desenvolvimento industrial proporcionou. (KÜHL, 2008)

Para Gonzáles-Varas (2008), além dos objetivos principais, pode ser incorporado ao estudo o estabelecimento de instrumentos e programas de conservação do patrimônio arqueológico-industrial, com os métodos próprios da conservação dos bens culturais. É possível estudar a caracterização formal dos edifícios, suas tipologias e também as linguagens arquitetônicas desse patrimônio.

Nas pesquisas sobre o patrimônio industrial, são comuns as questões relativas à simplificação das formas; às suas dimensões inabituais; à existência ou

não de transposições das linguagens arquitetônicas provenientes da arquitetura oficial; se estes prédios são exemplares pela utilização de novas técnicas e materiais ou de pré-fabricação; se nos elementos arquitetônicos existe a possibilidade de transposição da construção, entre outras, configurando, portanto, um campo de estudo amplo e variado.

Para Silva (2010), além da importância do estudo das instalações fabris para a preservação dessa arquitetura, o tema do patrimônio industrial é fundamental por sua relação com o *trabalho*, pois, através de seu estudo, é possível estabelecer relações entre o tipo de industrialização de um período histórico e o modo de vida da classe trabalhadora correspondente.

O estudo da arqueologia industrial permite conhecer as formas de produção, e se constitui como um método de reconhecimento do patrimônio técnico de uma sociedade ou comunidade e suas formas de transmissão. Assim, remonta à história da tecnologia, de modo que incorpore não apenas o equipamento em si, mas também a proximidade diante do elemento humano, o operário.

Segundo Silva (2010), a relação entre trabalhador e instrumento está cada vez mais diluída. Hoje, em função da automação das fábricas, é difícil afirmar que o homem controla seu trabalho. A relação entre trabalho e trabalhador, mediada pela máquina, está se transformando cada vez mais rapidamente, de forma que, em um curto intervalo de tempo, torna-se obsoleto um determinado meio de produção, no qual as máquinas são substituídas em pouco tempo.

[...] o dinamismo da produção capitalista sempre foi frenético e sempre promoveu mudanças nos instrumentos de trabalho (precisão, tamanho, peso, material, segurança etc.) que afetaram a disposição da força de trabalho em contato com eles [...] daí decorre uma modificação no espaço físico da fábrica [...] nesse sentido acompanhar as mudanças no maquinário, no ambiente físico construído é acompanhar a história da técnica que a insere dentro de uma determinada cultura material. (SILVA, 2010, p. 3)

Assim, a cultura material é frequentemente desprezada pelos próprios agentes que contribuem ou contribuíram para sua produção. O conhecimento das formas de produção do passado não se justifica somente por razões de preservacionismo, mas também porque estes conhecimentos podem ser úteis para resolver problemas do presente.

Segundo Kühl (2008), é notável que, desde as primeiras conceituações, na sua origem, a discussão sobre o patrimônio industrial tenha estado vinculada à arquitetura ferroviária (Estação Euston) e a construções pré-fabricadas (Coal

Exchange). Portanto, o campo da arqueologia industrial trabalha de forma a associar atividades produtivas, meios de transporte, produção de energia e produtos resultantes do processo de industrialização.

O processo de industrialização esteve intimamente ligado ao desenvolvimento do transporte ferroviário: a industrialização em larga escala impulsionou as ferrovias, da mesma forma que a implantação do transporte ferroviário definiu a implantação das indústrias e a transformação e o crescimento das cidades.

O interesse pela preservação do patrimônio industrial deve voltar-se ao conjunto de bens que se articulam ao processo de industrialização como um todo. Desse modo, ao abordar os “monumentos da industrialização” devem ser estudadas as edificações ligadas aos processos produtivos, aos meios de transporte e comunicação e à produção de energia; procurando conhecer e tutelar cada um deles.

Kühl (2010) recomenda fazer estudos por tipo de atividade produtiva, por questão de método. A autora enfatiza que os conjuntos industriais tinham em comum o fato de ser estruturados a partir de uma atividade produtiva, enquanto outras construções pré-fabricadas abrangeram tipos bem díspares: mercados públicos, pavilhões de exposição, caixas d'água e viadutos. Contudo, apesar de ser um universo vasto, todos são monumentos históricos decorrentes do processo de industrialização, portanto, patrimônio industrial.

A importância de preservar exemplares da industrialização baseia-se no fato de essas edificações serem caracterizadas por um funcionalismo, que antecede em muito as expressões do modernismo. Assim, o patrimônio industrial apresenta variedade e qualidade formal derivadas de preocupações essencialmente funcionais e utilitárias.

A origem da arqueologia industrial, como foi apontado anteriormente, foi a Inglaterra, por ser lá o berço da Revolução Industrial. O marco inicial foi a Exposição Universal de Londres, em 1851, quando algumas das máquinas da primeira Revolução Industrial foram expostas ao público, dada sua importância para a história da tecnologia. (GONZÁLEZ-VARAS, 2008)

A partir da década de 60 do século XX, foram diversas as instituições que empreenderam iniciativas para conservar monumentos industriais *in situ*. Na Europa, principalmente na Inglaterra, numerosas têm sido as operações de revalorização e reutilização do patrimônio industrial. Alguns desses espaços vêm

sendo transformados em museus, instituições de pesquisa e ensino, centros tecnológicos, e muitos retornaram a ser utilizados como parques industriais.

Atualmente, o tema alcançou uma dimensão internacional e diversos países, em todos os continentes, começam a discutir a preservação de instalações industriais antigas que deixaram de ser utilizadas como tal. A ampliação do reconhecimento desta tipologia de patrimônio aconteceu, principalmente, devido à criação do The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), em 1978. Essa instituição internacional, vinculada à Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), coordenou os esforços para a proteção e restauração do patrimônio industrial e organizou seminários e congressos de ampla difusão.

A partir da Assembleia Geral do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), realizada durante o Congresso Mundial de Conservação do Patrimônio Monumental, no México, em 1999, o TICCIH e o ICOMOS vêm trabalhando em conjunto, objetivando a preservação do patrimônio industrial. Da mesma forma, a UNESCO criou grupos específicos, com a participação de membros do TICCIH, para a definição de critérios e elaboração de estudos para a inclusão do legado da industrialização na lista do Patrimônio Mundial (JOKILEHTO, 1999).

Um maior impulso com relação à preservação deste patrimônio foi a elaboração e aprovação da carta de Nizhny Tagil, durante o congresso internacional realizado em 2003 pelo TICCIH, na Rússia, que trouxe grandes contribuições para evidenciar a importância da herança da industrialização. A carta esclarece os critérios e definições sobre o tema, amplamente discutido e estabelecido nas últimas décadas:

O patrimônio industrial deve ser considerado como uma parte integrante do patrimônio cultural em geral. Contudo, a sua proteção legal deve ter em consideração a sua natureza específica. Ela deve ser capaz de proteger as fábricas e as suas máquinas, os seus elementos subterrâneos e as suas estruturas no solo, os complexos e os conjuntos de edifícios, assim como as paisagens industriais. As áreas de resíduos industriais, assim como as ruínas, devem ser protegidas, tanto pelo seu potencial arqueológico como pelo seu valor ecológico. (TICCIH, 2003, p.3)

Com relação à preservação dos monumentos da industrialização no Brasil, muito raramente o patrimônio industrial é reconhecido.

1.2. REMANESCENTES INDUSTRIAIS NA ÁREA DE ESTUDO

O bairro do Porto apresenta grande importância memorial, sendo portador de valores culturais que devem ser reconhecidos e socializados.

Ao percorrer a área estudada, podemos perceber uma grande quantidade de edificações fabris, que outrora foram lugares de elevada importância econômica e social, subutilizadas ou abandonadas.

A seguir, é apresentada a área delimitada para este estudo, com a localização dos estabelecimentos industriais significativos da área. (Fig. 11)

A descrição tem por objetivo identificar a situação em que se encontra o patrimônio industrial na atualidade. Foi verificada a **preservação** das características originais das fábricas e também apurado se existe processo de **conservação** ou **manutenção** preventiva.

Através de registro fotográfico, foi percorrida a área de estudo, em um roteiro que começa pelo local denominado Passo dos Negros, percorre os bairros da Balsa e do Porto, o antigo bairro Estaleiro ou Caieira, as imediações da estação férrea e, por último, as imediações da antiga Praça da Constituição ou Praça das Carretas. (Fig. 12)

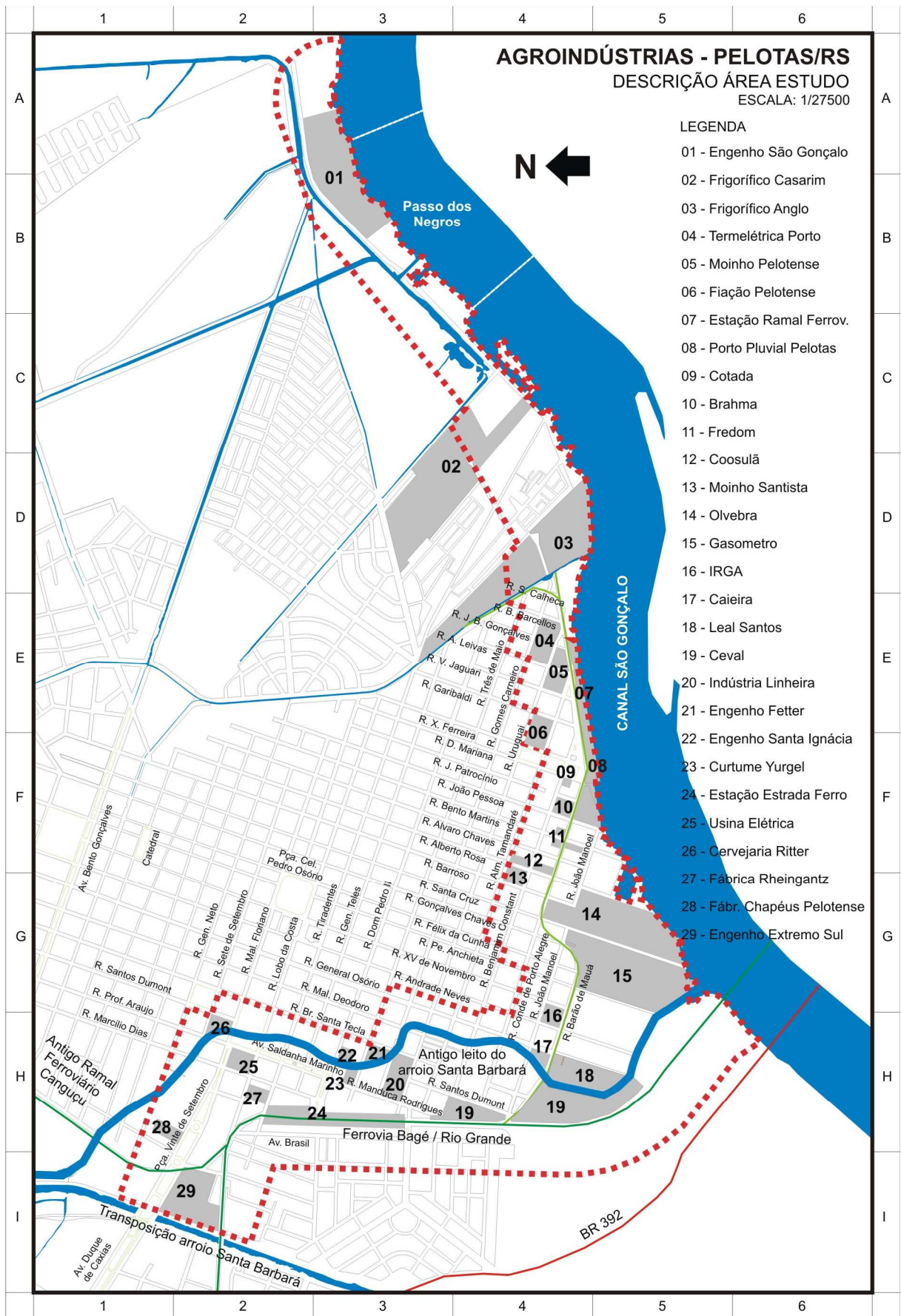


Figura 11: Mapa da área de estudo com destaque para as indústrias remanescentes. Pelotas. RS.
Fonte: Mapa elaborado pelo autor tendo como base o aerofotogramétrico, 2012.

Fonte: Mapa elaborado pelo autor tendo como base o aerofotogramétrico, 2012.

O Passo dos Negros é o local onde se estabeleceu o primeiro arraial, antes de ser criada a freguesia que, posteriormente, passou a denominar-se cidade de Pelotas. Ao percorrer o local, fica evidente não só o abandono das antigas instalações industriais, como da própria área, que, atualmente, apresenta acelerado processo de favelização.

Nas margens do Canal São Gonçalo, os antigos cursos d'água, que no início foram usados para drenagem e despejo das fábricas, estão irreconhecíveis, deixaram de existir para tornar-se esgoto a céu aberto. Assim, esses canais, que deveriam drenar as águas das chuvas, conduzem diretamente o esgoto doméstico proveniente da cidade e dos bairros adjacentes até a Casa de Bombas Leste (Fig. 15), local em que o esgoto é encaminhado até o Canal São Gonçalo.

No Passo dos Negros existem duas charqueadas antigas e o **Engenho e Charqueada São Gonçalo** ou Engenho de Arroz Pedro Osório (Fig. 11, número 1 no mapa) (Fig. 13 e 14), como é conhecido pelos moradores do local.

O prédio sofreu significativas demolições no seu interior e em prédios anexos, sendo um pavilhão utilizado como garagem de máquinas e tratores e o restante abandonado. Segundo notícias divulgadas na imprensa local, existe projeto para transformar o antigo engenho em um grande centro tecnológico e estaleiro.



Figura 13: Engenho São Gonçalo, vista da Estrada do Engenho. Pelotas. RS.

Fonte: Foto do autor, 2012.

Seguindo a estrada do engenho, do Passo dos Negros em direção ao bairro da Balsa (Fig. 12), avistamos a fachada posterior do antigo **Frigorífico Casarin**. (Fig. 11, número 2 no mapa) (Fig. 16 e 17), com acesso pelo interior do bairro, localizado na Rua João Thomaz Munhoz, nº 260.



Figura 14: Engenho São Gonçalo, vista do Canal São Gonçalo. Pelotas. RS.

Fonte: Foto do autor, 2011.

Essa edificação foi construída, aproximadamente, entre a década de 60 e 70 do século XX. Antes de tornar-se frigorífico Casarin, a fábrica tinha como razão social Cooperativa Regional Sudeste de Carnes LTDA. Neste mesmo lote, tinha existido o antigo Matadouro Modelo, construído na década de 20 do século XX.



Figura 15: Casa de Bombas Leste. Pelotas. RS. **Fonte:** Foto do autor, 2012.



Figura 16: Frigorífico Casarin, acesso principal. Pelotas. RS. **Fonte:** Foto do autor, 2012.

Esse estabelecimento encontra-se desativado há mais de dez anos. Em razão da falta de utilização, é possível identificar várias edificações do conjunto em processo de ruína.



Figura 17: Frigorífico Casarin, vista do Canal São Gonçalo. Pelotas. RS. **Fonte:** Foto do autor, 2011.

Seguindo o bairro denominado de Balsa, encontramos o **Frigorífico Anglo** (Fig. 11, número **3** no mapa) (Fig. 18 a 21), localizado à Rua Gomes Carneiro, nº 1, com frente também para o Canal São Gonçalo. Esse foi o primeiro estabelecimento do gênero de abate e refrigeração de carne do estado do Rio Grande do Sul. O prédio, que ficou fechado durante a década de 90, hoje é propriedade da Universidade Federal de Pelotas e utilizado como espaço administrativo e educacional.

Assim, a edificação, que antes vinha sofrendo com abandono em função do fim das atividades produtivas da empresa, hoje está sofrendo grandes intervenções, sem o acompanhamento apropriado, para contemplar a Universidade com modernas instalações. (Fig. 18)



Figura 18: Frigorífico Anglo, blocos modernizados. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2012.

Pela falta de reconhecimento do valor arquitetônico dessa edificação, ela sofreu grandes demolições e alterações. Algumas construções em alvenaria foram completamente demolidas (Fig. 19 e 21), de outras, em concreto armado, somente foi reaproveitada a estrutura (Fig. 20). As intervenções, que vêm acontecendo sem registro e sem acompanhamento nessas edificações, se limitam ao valor econômico do terreno e da área construída, não considerando seus valores culturais.

Ao verificar as imagens de antes e depois das intervenções, fica evidente a falta de respeito com o patrimônio público, pois as demolições não se justificam sob nenhum aspecto, nem mesmo sob o ponto de vista econômico.



Figura 19: Frigorífico Anglo, grandes alterações na estrutura do edifício. Pelotas. RS.

Fonte: Foto do autor, 2012.

É importante destacar que essas edificações estavam em razoável estado de conservação. Dentre as intervenções cometidas na “reforma”, foram demolidos revestimentos de “cimento penteado”, um acabamento que, independentemente de ser reconhecido como de valor cultural, não necessita de manutenção alguma, para substituir por outro que necessita de manutenção constante.



Figura 20: Frigorífico Anglo, dos edifícios inteiros sobraram somente as estruturas. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2012.



Figura 21: Frigorífico Anglo, edificações demolidas. Pelotas. RS.

Fonte: Foto do autor, 2003.

Ao atravessar o Arroio Pepino, hoje um fétido e canalizado curso d'água, passamos a percorrer a área urbana conhecida como bairro do Porto, cujo limite sul é o Canal São Gonçalo e o limite leste o Arroio Pepino, onde fica localizada a Antiga Termelétrica do Porto, que se encontra em ruínas e abriga, parcialmente, a **Secretaria de Obras** do Município de Pelotas, na Rua Uruguai, nº10. (Fig. 11, número 4 no mapa) (Fig. 22).



Figura 22: Antiga Termelétrica do Porto, atual Secretaria de Obras. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2010.

Seguindo a direção oeste, bem próximo à antiga termelétrica, encontramos, à Rua Alm. Tamandaré, nº2 e nº10, o monumental **Moinho Pelotense**, (Fig. 11, número 5 no mapa) (Fig. 23), que ocupa quarteirão formado entre as ruas Antero Leivas, Viscondessa de Jaguari e Gomes Carneiro. Atualmente, a edificação é utilizada como armazém para estocagem de grãos. Recentemente, a empresa Jaime Power & Cia., proprietária do prédio, ampliou o moinho, com a construção de novos silos em quarteirão ao lado. O prédio encontra-se em bom estado de preservação e conservação.



Figura 23: Moinho Pelotense. Pelotas. RS.
Fonte: Foto do autor, 2010.

A próxima indústria identificada é o prédio da **Fiação e Tecidos Pelotense**, localizado junto à Praça Domingos Rodrigues, com endereço pela Rua Almirante Tamandaré, nº50 e nº52, ocupando quarteirão inteiro entre as ruas Alm. Tamandaré, Uruguai, Xavier Ferreira e Garibaldi. O prédio sofreu pequenas alterações, devido à mudança de utilização, e no geral apresenta bom estado de conservação e preservação. (Fig. 11, número 6 no mapa) (Fig. 24 a 27).



Figura 24: Fiação e Tecidos Pelotense, fachada pela Rua Xavier Ferreira. Pelotas. RS.

Fonte: Foto do autor, 2010.



Figura 25: Fiação e Tecidos Pelotense, ruas internas e fachada Rua Uruguai. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2010.



Figura 26: Fiação e Tecidos Pelotense, acesso principal.
Fonte: GUTIERREZ, 2007.



Figura 27: Fiação e Tecidos Pelotense, fachada Rua Alm. Tamandaré. Pelotas. RS. **Fonte:** Foto do autor, 2010.

Seguindo para oeste, nas margens do São Gonçalo encontra-se a **Estação do Ramal Ferroviário** ou **Estação Fluvial**, localizada junto ao alinhamento dos armazéns do porto, em frente ao Moinho Pelotense. A edificação é utilizada atualmente como depósito da Superintendência de Portos e Hidrovias (SPH). O prédio encontra-se em regular estado de manutenção e foi descaracterizado, de difícil reconhecimento enquanto estação da estrada de ferro. (Fig. 11, número 7 no mapa) (Fig. 28).



Figura 28: Estação do Ramal Ferroviário Porto. Pelotas. RS.
Fonte: Fotos do autor, 2010.

Mais ao sul, no mesmo alinhamento, encontram-se as instalações que dão nome ao bairro: **Porto Fluvial de Pelotas**. Fisicamente, é uma barreira entre o bairro do Porto e o Canal São Gonçalo. O Porto é constituído de um grande número de edificações, entre as quais três grandes armazéns, escritórios administrativos, oficinas e garagens, entre outras, que são utilizadas atualmente pela Superintendência de Portos e Hidrovias (SPH). Os prédios encontram-se alguns em bom e outros em regular estado conservação. As características formais originais das edificações foram preservadas. (Fig. 11, número 8 no mapa) (Fig. 29 a 32).

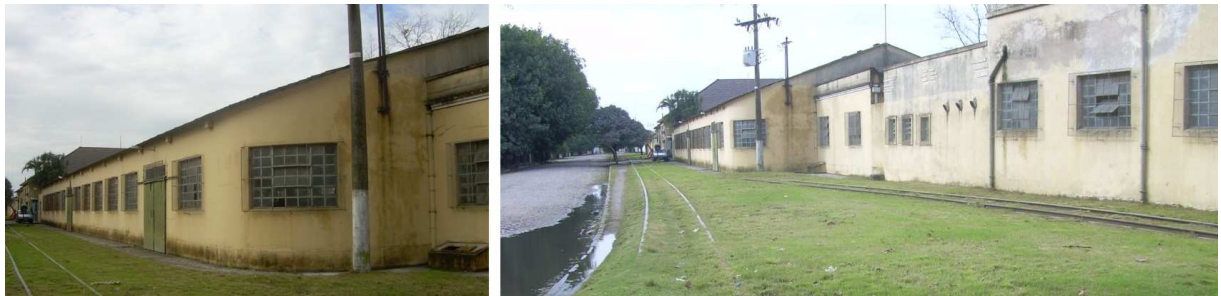


Figura 29: Oficinas da SPH. Pelotas. RS.
Fonte: Fotos do autor, 2010.



Figura 30: Armazéns da SPH. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2012.



Figura 31: Armazéns da SPH. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2012.



Figura 32: Garagens de máquinas da SPH. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2010.

A Fábrica de Massas **Cotada** (Fig. 11, número 9 no mapa) (Fig. 33) está localizada à Rua Benjamin Constant, nº 989, com frente também para a Praça Domingos Rodrigues. O prédio encontrava-se em regular estado de conservação e com suas características arquitetônicas preservadas. Atualmente, está sofrendo intervenções de adaptação, para utilização como salas de aula e laboratórios pela UFPel. (Fig. 11, número 9 no mapa) (Fig. 33).



Figura 33: Fábrica Cotada. Pelotas. RS. **Fonte:** Foto do autor, 2010.

A antiga Cervejaria Sul Rio-Grandense, conhecida pelos moradores da cidade como prédio da **Brahma** (Fig. 11, número **10** no mapa) (Fig. 34 a 36), é um conjunto de edificações localizado à Rua Benjamin Constant, antigo nº51, atual nº1071. Ela ocupa todo o quarteirão delimitado pelas ruas Benjamin Constant, Conde de Porto Alegre, José do Patrocínio e João Pessoa. O prédio, que encontra-se em ruína, foi adquirido recentemente pela UFPEL, e atualmente está sendo elaborado projeto de intervenção, com o objetivo de transformá-lo em instalações contemporâneas, para utilização como complexo administrativo e laboratórios da UFPel.



Figura 34: Antiga Cervejaria Sul Rio-Grandense, frontaria da Rua José do Patrocínio e Rua Benjamin Constant. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2012.



Figura 35: Antiga Cervejaria Sul Rio-Grandense, frontaria da Rua Benjamin Constant. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2003.

Localizada à Rua Conde de Porto Alegre esquina com a Rua Bento Martins, está instalada a fábrica de cadeira de rodas **Freedom** (Fig. 11, número **11** no mapa) (Fig. 37), que ocupa três conjuntos de prédios com distintas linguagens arquitetônicas. Todas as edificações estão em razoável estado de preservação, com suas características originais e bom estado de manutenção.



Figura 36: Antiga Cervejaria Sul Rio-Grandense, frontaria da Rua Conde de Porto Alegre. Pelotas. RS. **Fonte:** Foto do autor, 2003.



Figura 37: Fábrica de cadeira de rodas Freedom. Pelotas. RS.
Fonte: Fotos do autor, 2012.

Os prédios da antiga cooperativa **Cosulã** (Fig. 11, número **12** no mapa) (Fig. 38 e 39) abrigam hoje parte das instalações do Instituto de Ciências Humanas (ICH), também a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAURB) e o Centro de Artes (CA). Essas edificações foram adquiridas e reformadas pela UFPel, no final da década de 90. A reforma transformou os antigos armazéns, que completamente remodelados, tendo seus interiores compartimentados e modificadas as fachadas, de forma a dotá-las de uma estética contemporânea.

A FAURB está localizada à Rua Benjamin Constant, nº1359. O ICH está localizado à Rua Alberto Rosa, nº154. O CA está localizado à mesma rua, sob o nº62. Os prédios estão em bom estado de manutenção, mas, com relação às características fabris, todas as edificações foram muito alteradas.



Figura 38: Antiga Cosulã, atual Instituto de Ciências Humanas (ICH-UFPEL).
Fonte: Fotos do autor, 2012.



Figura 39: Antiga Cosulã, atual Centro de Artes (CA-UFPEL), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAURB-UFPEL). Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2012.

A construção identificada com o número **13** (Fig. 11), localizada à Rua Alberto Rosa, ocupando toda a face do quarteirão entre as ruas Benjamin Constant e Alm. Tamandaré, abrigou o **Moinho Santista** (Fig. 40 e 41). Essa construção também foi adquirida pela UFPEL, com o objetivo de nela instalar salas de aulas e uma biblioteca central. O prédio, nas últimas décadas, vinha sendo ocupado para as mais diversas atividades (ginásio de esportes, estacionamento, construtora, e depósitos). A edificação, até então, estava em bom estado de preservação, apesar do péssimo estado de manutenção.

Com a aquisição do prédio pela universidade, praticamente todo o interior do conjunto foi demolido, restando apenas o pavilhão ocupado pelo curso de teatro e as fachadas externas. A demolição foi preventiva, com o objetivo de que futuramente possam ser construídas novas instalações, sem qualquer “empecilho” preservacionista.



Figura 40: Moinho Santista, restando somente as fachadas, Rua Benjamin Constant e Rua Alberto Rosa. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2012.



Figura 41: Moinho Santista, esquina Rua Alberto Rosa com Rua Alm. Tamandaré, parte da edificação utilizada pelo Curso de Teatro-UFPEL. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2012.

O prédio da antiga **Olvebra**, antes **Sorol** (Fig. 11, número **14** no mapa) (Fig. 42 e 43), abriga hoje instalações de produção de concreto, depósito de clínquer e porto de embarque da matéria-prima do cimento, da empresa Cimpor/Cimbagé. O antigo conjunto fabril está localizado à Rua Santa Cruz, nº 500. (Fig. 42)

O conjunto de edifícios que pertenciam à antiga fábrica de óleos vegetais Sorol, com acesso pela Rua Conde de Porto Alegre, nº 307, no quarteirão formado também pelas ruas Santa Cruz, Alm. Barroso e alinhamento da João Manoel, está todo em ruínas. (Fig. 43)



Figura 42: Conjunto de edifícios da antiga fábrica Olvebra, Rua Santa Cruz, nº 500. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2012.



Figura 43: Conjunto edifícios da fábrica Sorol, Rua Conde de Porto Alegre, nº 307. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2012.

O conjunto de edifícios, com acesso pela Rua Santa Cruz, localizados no quarteirão formado pelas ruas Santa Cruz, alinhamento da João Manoel, Alberto

Rosa e Canal São Gonçalo, composto por edificações construídas pela empresa Olvebra no final da década de 60 e 70, está sendo utilizado e em bom estado de conservação.

Com relação ao antigo **Gasômetro** (Fig. 11, número **15** no mapa), nada foi preservado. No terreno das antigas instalações existe uma grande quantidade de habitações precárias.

Localizado à Rua João Manoel, nº 301, ocupando todo o quarteirão entre as ruas Pe. Anchieta, XV de Novembro, Barão de Mauá e João Manoel, funciona o **IRGA**, Instituto Rio Grandense do Arroz (Fig. 11, número **16** no mapa) (Fig. 44 e 45).



Figura 44: Conjunto de edifícios do IRGA, Rua João Manoel, nº301. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2011.

Os depósitos do IRGA foram construídos no alinhamento do Ramal Ferroviário. O prédio se caracteriza por apresentar plataforma de embarque, que servia (portões de acesso, pavimento elevado, e cobertura de proteção) para o carregamento e descarregamento de arroz nos vagões do trem. Atualmente, o edifício está parcialmente arrendado como engenho e depósito de arroz. Encontra-se em bom estado de preservação de sua arquitetura e de manutenção.

Parte desta edificação foi construída na década de 30 (Fig. 44) e os depósitos na década de 70 do século XX (Fig. 45), o que mostra a íntima relação entre os estabelecimentos agroindustriais e o ramal ferroviário.



Figura 45: IRGA, com plataforma de embarque/desembarque junto ao Ramal Ferroviário Porto. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2011.

Segundo moradores locais, até o final da década de 80, através da estrada de ferro várias indústrias recebiam a matéria-prima para os respectivos processos industriais.

O prédio da antiga **Caieira Carpena** (Fig. 11, número **17** no mapa) (Fig. 46) não existe mais, restou a ruína de um dos fornos de queima da cal e a residência da família Carpena. O prédio se localizava à Rua Barão de Mauá (Ramal Estrada de Ferro), e a residência tinha acesso pela Rua João Manoel, nº431.

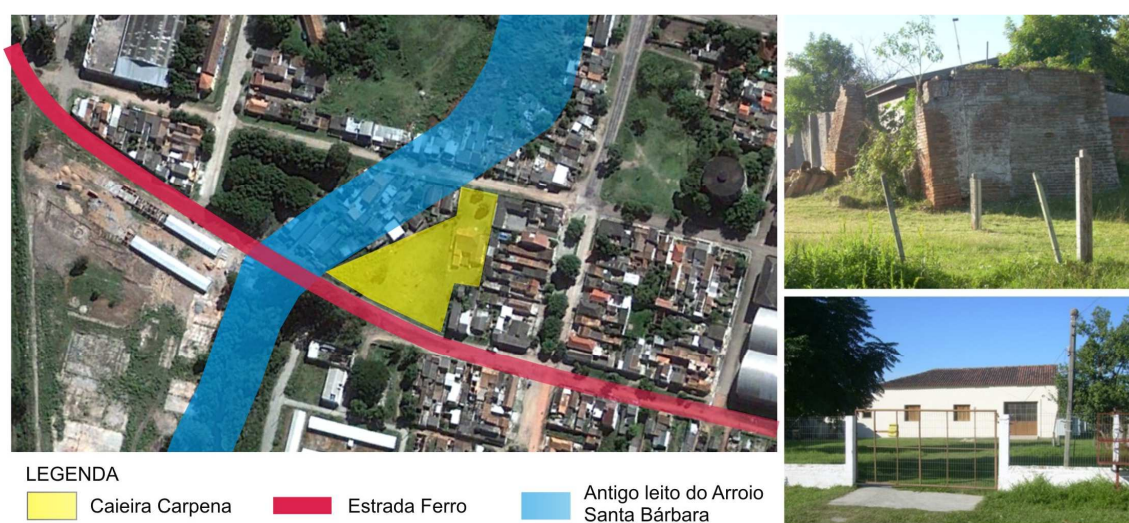


Figura 46: Localização da Caieira Carpena; ruína de Caieira; residência Família Carpena. Pelotas. RS. **Fonte:** Google Earth, Fotos do autor, 2012.

O local permitia que a manufatura auferisse a matéria-prima através da estrada de ferro, ou a transportasse através de embarcações via Arroio Santa Bárbara. Este tipo de produção não é agroindustrial, mas compartilha, da mesma forma, a íntima relação de produção com os meios de transporte ferroviário e pluvial.

No prédio da **Leal Santos** (Fig. 11, número **18** no mapa) (Fig. 47), existe apenas parte de uma ruína. A fábrica passou à propriedade da Ceval, sendo que toda a instalação desta fábrica foi abandonada.



Figura 47: Fábrica Leal Santos. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2011.

Nos últimos anos, a Prefeitura demoliu o que restava das antigas edificações da Leal Santos, para a construção de casas populares e de um centro comunitário no terreno (Farroupilha).

A construção identificada no mapa sob o número **19** (Fig. 11) é a antiga fábrica **Ceval** – antes **Naoli**, antes ainda fábrica **Aliança** – localizava-se à Rua Barão de Mauá nº 9, no terreno situado entre o Ramal Ferroviário Porto, o Canal São Gonçalo, a Estrada de Ferro Rio Grande-Bagé e o Arroio Santa Bárbara. Da mesma forma que a antiga fábrica de conservas Leal Santos, o conjunto de edifícios foi demolido para liberar o terreno para a construção do loteamento Farroupilha.

A indústria Ceval ocupou um segundo quarteirão, onde antes existia o centro de lazer dos funcionários da Naoli. Na década de 70, as construções mais antigas foram demolidas para a construção dos novos pavilhões industriais da Ceval, dos quais restou somente uma única edificação. Hoje, é uma montagem de tratores, a Green Horse. (Fig. 48)



Figura 48: Ceval Agroindústria. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2011.

A edificação da **Indústria Linheira** (Fig. 11, número **20** no mapa) (Fig. 49) localiza-se à Rua Uruguai, nº 2070. Ocupa todo o quarteirão formado pelo alinhamento da Rua Prof. Araújo, Rua Santos Dumont, Rua Gomes Carneiro e Rua Uruguai. Inicialmente, era uma fábrica de óleo de linhaça, posteriormente funcionou como fábrica de papel. O prédio encontra-se em ruína de longa data.



Figura 49: Indústria Linheira. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2012.

O prédio do antigo **Engenho de Arroz Fetter** (Fig. 11, número **21** no mapa) (Fig. 50) se localiza na Rua Barão de Santa Tecla, nº193. Encontra-se parte funcionando como ginásio de esporte, e o restante da edificação em ruína.



Figura 50: Engenho de Arroz Fetter. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2012.

A edificação em que esteve instalado o **Engenho Santa Ignácia** e a **Manufatura de Fumos Gentilini** (Fig. 11, número **22** no mapa) (Fig. 51) está localizada à Rua Dom Pedro II, nº 1063-1071. Desse antigo engenho só restou a fachada preservada, o restante da edificação encontra-se em ruína. Na década de 90, uma parte do prédio foi utilizada como oficina mecânica, outra parte como salão para festas.



Figura 51: Engenho Santa Ignácia. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2012.

O **Curtume Yurgel** (Fig. 11, número **23** no mapa) (Fig. 52) está localizado à Rua Manduca Rodrigues, nº 152, esquina com a Rua Três de Maio. A edificação apresenta regular estado de manutenção e péssimo estado de preservação das características arquitetônicas. Esses prédios, onde funcionava o antigo curtume a vapor São Joaquim, foram completamente descaracterizados.



Figura 52: Curtume Yurgel. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2012.

A **Estação Pelotas da estrada de ferro** é constituída de um grande número de edificações, entre eles, a estação de embarque de passageiros, os grandes armazéns, escritórios administrativos, oficinas e residências dos ferroviários.

As edificações são utilizadas atualmente de diversas formas. A Estação está sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Pelotas, que a mantém abandonada; os armazéns são mantidos por diversos particulares de forma semelhante à estação, isto é, de maneira precária, sem qualquer manutenção. Os prédios encontram-se todos em péssimo estado conservação e, com relação às características construtivas e elementos de arquitetura, se apresentam sem grandes descaracterizações. (Fig. 11, número **24** no mapa) (Fig. 53 a 57).



Figura 53: Estação Pelotas da estrada de ferro, localizada na Praça Rio Branco. Pelotas. RS.

Fonte: Foto do autor, 2012.



Figura 54: Estação Pelotas da estrada de ferro, armazéns. Pelotas. RS.

Fonte: Foto do autor, 2012.



Figura 55: Estação Pelotas da estrada de ferro, fachada posterior. Pelotas. RS.
Fonte: Fotos do autor, 2011.



Figura 56: Estação Pelotas da estrada de ferro, armazéns. Pelotas. RS.
Fonte: Fotos do autor, 2012.

A Companhia Estadual de Energia Elétrica, **CEEE**, que primeiramente foi uma usina termoeletrica (Fig. 11, número **25** no mapa) (Fig. 58), está localizada à Praça Vinte de Setembro, nº 121.



Figura 57: Estação Pelotas da estrada de ferro, instalações diversas. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2012.



Figura 58: Companhia Estadual de Energia Elétrica. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2012.

Essa usina foi instalada em 1915, juntamente com as garagens dos bondes elétricos, sobre o terreno da própria Praça Constituição (Praça das Carretas). Ocupa o quarteirão limitado pelas ruas Marcílio Dias e Lobo da Costa e a Praça Cipriano Barcellos. A edificação apresenta bom estado de conservação e regular estado de preservação.

A antiga **Cervejaria Ritter** (Fig. 11, número **26** no mapa) (Fig. 59) localiza-se à Rua Marechal Floriano, nº 202, esquina Rua Santos Dumont, nº 149. A edificação fabril foi subdividida em três propriedades distintas, parte do conjunto eclético foi substituída por um prédio residencial de quatro pavimentos.

A edificação fabril localizada na esquina foi demolida internamente e reconstruída. O restante do imóvel atualmente encontra-se com a fachada, pintada de vermelho, muito alterada, pois no pavimento térreo foram abertos grandes vãos, sem respeitar o alinhamento; internamente, encontra-se completamente descaracterizada.



Figura 59: Cervejaria Ritter. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2012.

A antiga fábrica de roupas de lã **Rheingantz** (Fig. 11, número **27** no mapa) (Fig. 60) localiza-se à Rua Lobo da Costa, nº 1877. Ultimamente, essa edificação estava sendo utilizada pela fábrica de embalagens Canguru SA.



Figura 60: Fábrica Rheingantz. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2012.

A **Fábrica de Chapéus Pelotense** (Fig. 11, número **28** no mapa) (Fig. 61) localiza-se à Praça Vinte de Setembro nº 590. A edificação, que hoje abriga uma revenda de tratores denominada Cimma, se encontra com seus interiores

preservados, e a fachada foi completamente modernizada. O edifício está em bom estado de manutenção.



Figura 61: Fábrica de Chapéus Pelotense. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2012.

A Cooperativa Arrozeira **Extremo Sul** (Fig. 11, número **27** no mapa) (Fig. 62), localizada à Praça Vinte de Setembro, nº 425, foi implantada junto à estrada de ferro. A edificação teve as fachadas modernizadas, enquanto os espaços internos e fabril se encontram em bom estado de preservação de suas características originais. Encontra-se em bom estado de manutenção.



Figura 62: Cooperativa Arrozeira Extremo Sul. Pelotas. RS.

Fonte: Fotos do autor, 2012.

1.3 FÁBRICAS E TRANSPORTES

O primeiro período da produção fabril no Rio Grande do Sul, nesta dissertação de mestrado, é o período que compreende o final do século XVIII, mais especificamente 1777, data em que foi assinado o Tratado de Santo Ildefonso, até a abolição da escravidão, em 1888.

A produção charqueadora teve desenvolvimento a partir de 1780. A produção manufatureira deste primeiro período se caracteriza principalmente por ter como matéria-prima o gado, proveniente da atividade primária pecuária.

Neste texto, a atividade charqueadora e o processamento dos seus subprodutos foi denominada como uma atividade “fabril” e “manufatureira”. A charqueada, os curtumes e as fábricas de sabão, estabelecimentos escravistas do período anterior a 1888, só podem ser considerados como “indústrias” se este conceito se aplicar puramente a toda e qualquer empresa que realiza a transformação da matéria-prima em produto acabado.

Segundo Pesavento:

Tanto estabelecimentos escravistas quanto atividades individuais de artesãos, não podem contudo ser considerados “indústrias”. Este conceito se aplica a forma de produção capitalista, que pressupõe, para o seu surgimento, determinados pré-requisitos: uma acumulação prévia de capital-dinheiro que possa se transformar em capital-industrial, a presença de uma massa de trabalhadores livres que possam vir assalariar-se, a existência de um mercado consumidor para os produtos manufaturados [...] (PESAVENTO, 1985, p.23)

Apesar de terem sido verificados nos escritos dos viajantes que estiveram no local durante o século XIX, vários são os autores a tratar os estabelecimentos charqueadores com a denominação de “indústrias”.

Também é importante destacar a elevada produção destes estabelecimentos, o grande número de trabalhadores escravizados e também alguma divisão do trabalho nesta atividade, argumentos que servem para relativizar a denominação desta atividade produtiva como uma atividade meramente artesanal. Existiram fábricas que já poderiam ser caracterizadas como indústrias, inclusive por utilizarem mão de obra assalariada.

De forma semelhante, durante o século XX, continuaram a existir as primitivas “manufaturas”, que pelas precárias condições de trabalho jamais poderiam ser caracterizadas como indústrias.

Neste trabalho, a produção industrial foi considerada aquela posterior à abolição, que contava com divisão maior do trabalho e o emprego de assalariados. Além disto, a “moderna” forma da industrialização implica na crescente mecanização das atividades produtivas.

No primeiro período, a produção manufatureira, em especial, foi de produtos oriundos da pecuária. No segundo, a produção fabril e até mesmo industrial, como o caso dos frigoríficos, foi, igualmente, baseada na pecuária, mas também na transformação dos produtos agrícolas.

Os meios de transporte, ao mesmo tempo em que foram fatores de desenvolvimento do processo de industrialização, também foram entraves. Rio Grande, o único porto marítimo do estado por muitas décadas, foi uma barreira ao desenvolvimento, devido aos perigos ocasionados pela obstrução da barra e o insuficiente calado que permitia às embarcações, problema solucionado somente em 1920. Até aquele momento, o porto de Montevideu é que se tornara o escoadouro das riquezas rio-grandenses e também o ponto de entrada, do estrangeiro, de numerosa mercadoria e de contrabando.

Mesmo depois da desobstrução da barra, tanto o porto quanto as estradas de ferro do Uruguai apresentavam menor tarifa e melhor serviço que os meios de transporte do Rio Grande do Sul.

A produção fabril da região sofria duplamente, primeiramente devido à concorrência dos produtos do contrabando, e em segundo, devido à diminuição dos lucros dos seus portos, com produtos sendo exportados por Montevideu.

Pelotas teve maiores dificuldades com relação ao seu porto, devido à falta de modernização das instalações e também pela cobrança de altas taxas para utilização do porto – maiores até mesmo que as do porto de Rio Grande.

Os problemas no porto de Pelotas resultaram que parte das mercadorias a serem exportadas era enviada para a cidade vizinha, Rio Grande, via transporte terrestre. No período de 1910 a 1929 a tonelagem exportada pelo porto de Pelotas cresceu apenas 11,2%, enquanto que a exportação via porto de Porto Alegre, 159%, e de Rio Grande, 293%, porcentagens similares às de crescimento destes portos quanto à importação. (Fig. 63) (LONER, 2001)



Figura 63: "Navios no porto de Pelotas, Pelotas, RS, 18--". **Fonte:** BIBLIOTECA NACIONAL, s.d.

Enquanto os transportes por água tiveram grande responsabilidade sobre o desenvolvimento das regiões litorâneas, em torno das lagoas e ao longo dos cursos d'água navegáveis, as estradas de ferro foram as grandes responsáveis pela integração e desenvolvimento econômico das diferentes regiões do interior, que se desenvolveram ao final do século XIX e primeira metade do século XX.

No Rio Grande do Sul, o transporte terrestre de passageiros, de cargas e de mercadorias produzidas no interior só começou a ser regular a partir da implantação das estradas de ferro. (MARQUES, 1990)

Antes do transporte ferroviário, as distâncias terrestres só podiam ser vencidas à custa de força animal. As cargas eram transportadas em veículos com capacidade e velocidade reduzida ou no lombo de animais. Tudo dependia de força muscular, o que limitava consideravelmente o peso, o volume e a velocidade do transporte de cargas.

As distâncias maiores exigiam reabastecimento, geralmente nos pontos de cruzamento, essas paragens ao longo dos caminhos deram origem a muitos núcleos urbanos do interior, como Viamão, Santo Antônio da Patrulha, Encruzilhada do Sul, Caçapava, Canguçu, Bagé, Rosário do Sul, Alegrete e Cruz Alta. O progresso destas comunidades foi relativamente lento, e só avançaram significativamente com a chegada da estrada de ferro. (MARQUES, 1990)

Uma das primeiras consequências da construção das estradas de ferro foi a expansão das manufaturas para o interior do Rio Grande do Sul, principalmente com a implantação de charqueadas.

Foram criados vários estabelecimentos salgadores em cidades da região da campanha, como Bagé, Pedro Osório e diversas outras cidades e distritos por onde

passava a linha férrea. Foi graças ao transporte ferroviário que estas fábricas atingiram grande desenvolvimento durante o início do século XX.

O desenvolvimento da atividade saladeiril no interior do estado contribuiu com a decadência das charqueadas na cidade de Pelotas. A partir daí, Pelotas passou a não contar mais com grande disponibilidade de matéria-prima. Devido às longas distâncias, as charqueadas de Pelotas tinham dificuldade em aproveitar o gado da campanha, da fronteira oeste, das Missões e de Cima da Serra. (MARQUES, 1990)

Os estabelecimentos charqueadores no interior, além da facilidade da obtenção de matéria-prima, tinham a facilidade de transportar a produção diretamente para Rio Grande para embarcar em navios de grande calado rumo aos grandes centros. O transporte da produção representava economia, em comparação ao valor de transporte da matéria-prima (gado) via estrada de ferro, do interior do estado para ser abatido em Pelotas.

A estrada de ferro Rio Grande-Bagé, passando pela estação Pelotas (Fig. 64), construída em 1884, representou um fator de desenvolvimento para a cidade. A produção de manufaturados poderia ser enviada mais facilmente para a região da campanha e para Rio Grande, permitindo que o município se consolidasse como pólo regional. (MARQUES, 1990)



Figura 64: Estação da estrada de ferro, vista do Arroio Santa Bárbara. Pelotas. RS.

Fonte: VIVA o charque, s.d.

Para desenvolvimento do bairro do Porto, foi fundamental a instalação do ramal ferroviário. Com o objetivo de permitir que a várzea do São Gonçalo se

tornasse uma área industrial, o ramal foi construído em 1906, pela Intendência Municipal no governo republicano de José Barbosa Gonçalves, e doado à concessionária para que operasse e desse manutenção, de forma que ele estivesse perfeitamente integrado à malha ferroviária estadual. (PIMENTEL, 1940) (Fig. 65)

Mudanças significativas aconteceram nas duas primeiras décadas do século XX, entre as quais a implantação da energia elétrica, dos bondes elétricos e da estrada de ferro ramal Porto (1906) e demais serviços urbanos, água, esgoto etc. Os transportes ajudaram a fixação de agroindústrias no bairro do Porto.

Através do porto, as fábricas e depois as indústrias transportavam, enviavam e recebiam mercadorias. Num primeiro momento, quando da existência das charqueadas no local, estas manufaturas embarcavam seus produtos diretamente de pequenos ancoradouros existentes nas salgas.

Em 1834, a Câmara de Vereadores reservou uma faixa de terra destinada a logradouro público e utilizada, mais especificamente, para o embarque e desembarque de pessoas e produtos da vila de São Francisco de Paula. (OSÓRIO, 1997)

Este local foi por muito tempo apenas um grande espaço aberto. Depois, foi alterado paulatinamente, recebendo pavimentação, trapiche, cais e ancoradouros. A linha de bondes puxados a burro ligando o porto ao centro foi estabelecida.

O serviço de bondes foi instalado em 1873 e permitia que facilmente os operários tivessem acesso às fábricas. Segundo Crivellaro (1997), existia nos horários das 5 às 7 horas, da manhã e final da tarde, linhas com preços especiais para o transporte dos operários que se dirigiam à área fabril. (Fig. 66)

Os bondes também eram utilizados para o transporte de mercadorias para distribuição no centro da cidade. Segundo Poetsch (2002), a Cervejaria Sul Rio-Grandense utilizava este transporte para a distribuição de seus produtos.

Os bondes a tração animal permaneceram até por volta de 1915, quando o sistema passou a ser paulatinamente substituído pelos bondes movidos a eletricidade (Fig. 67 e 68). Segundo Nelson Nobre Magalhães (1989a), em 1920 o sistema de bondes elétricos funcionava com cinco carros. Crivellaro (1997) afirma que em 1922 o tráfego de bondes elétricos estava em pleno funcionamento, possuindo doze carros-motores e seis reboques.

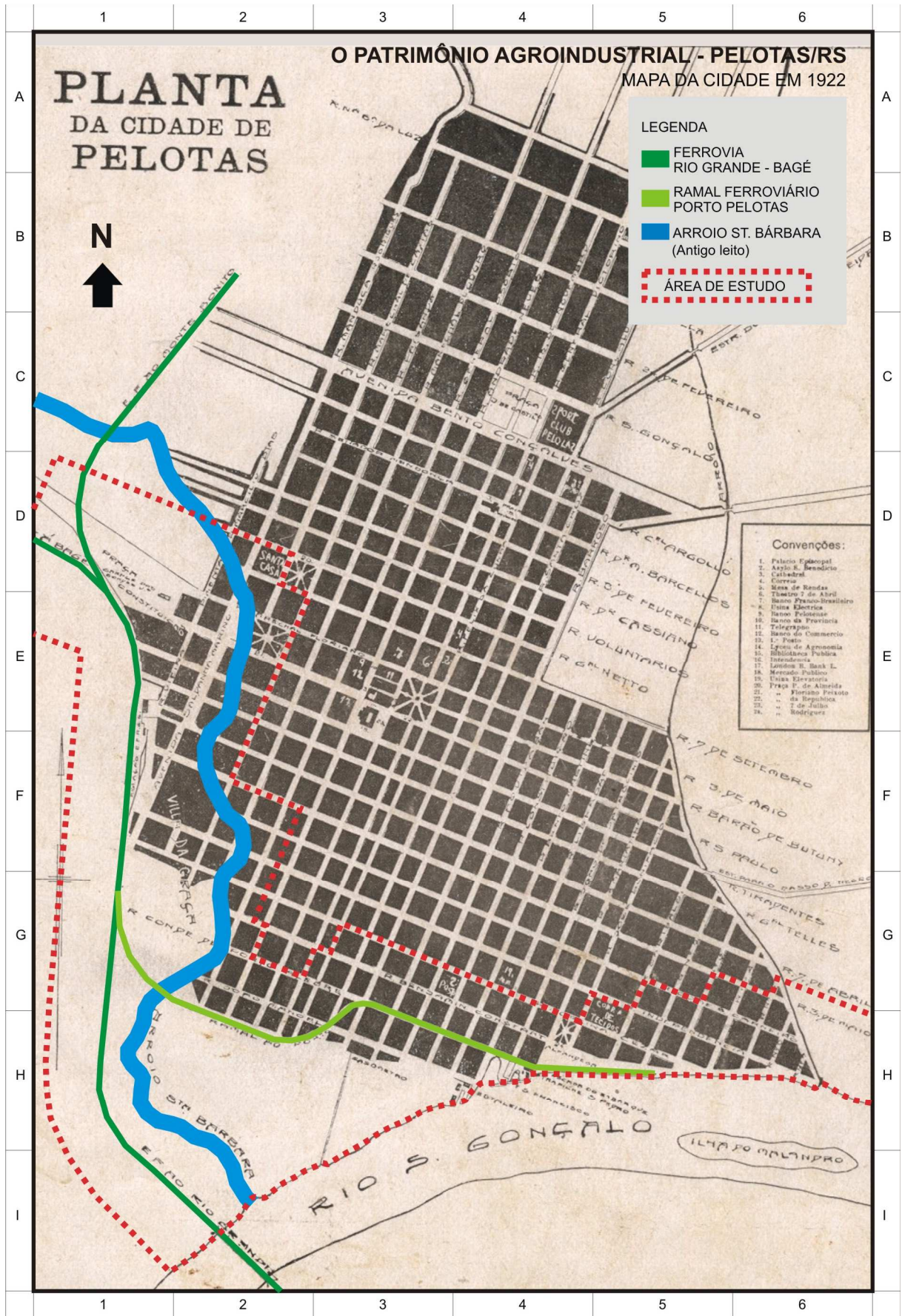


Figura 65: Mapa da cidade em 1922. Pelotas. RS.
Fonte: COSTA, 1922.

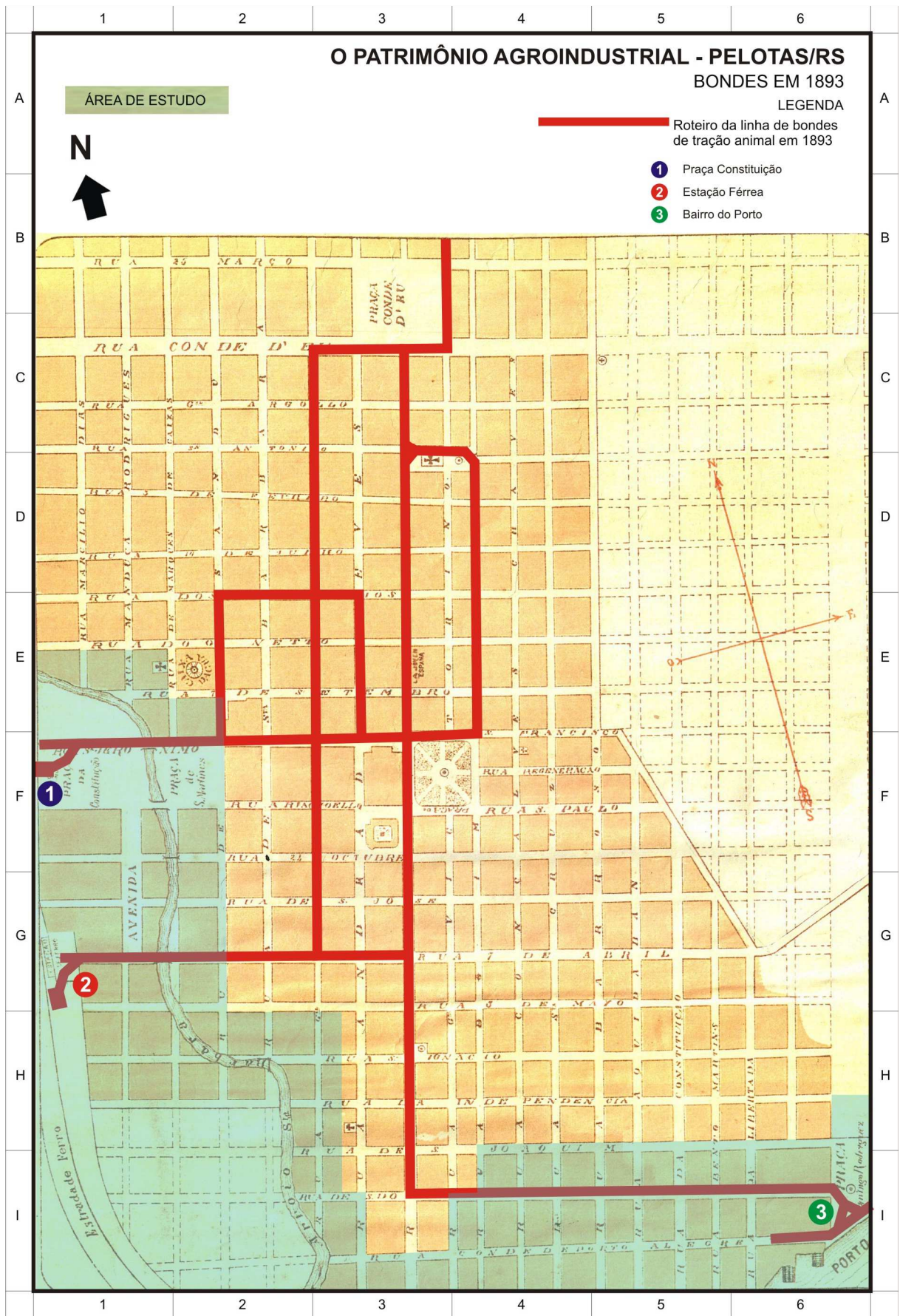


Figura 66: Linhas de bondes à tração animal em 1893. Pelotas. RS.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas, s.d.



Figura 67: Bonde puxado a burro em 1910. Pelotas. RS. **Fonte:** MAGALHÃES N., 1989b.

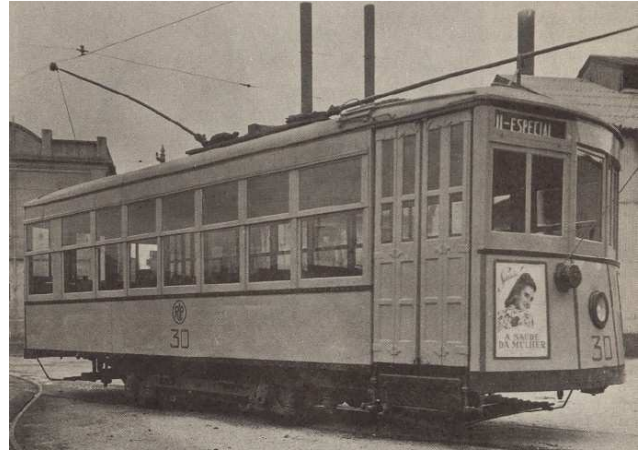


Figura 68: Bonde elétrico. Pelotas. RS. **Fonte:** MAGALHÃES N., 1989b.

Entre os melhoramentos que ajudavam as fábricas, estavam as pontes urbanas sobre o Arroio Santa Bárbara.

Na atual Rua Marechal Floriano, a primeira ponte a ser construída sobre o arroio foi chamada "Ponte de Pedra" ou "Ponte do Ritter". (Fig. 69) Começou a ser erguida em 1850. Em seguida, as obras foram paralisadas. Recomeçaram em 1965 e finalizaram em 1967. A obra foi do construtor português José Vieira Pimenta. (PETER, 2004)



Figura 69: "Ponte de Pedra" para veículos, na atual Rua Mal. Floriano. Pelotas. RS. **Fonte:** VIVA o charque, s.d.

Com relação à ponte que existiu na antiga Rua Riachuelo, atual Lobo da Costa, desde 1858 até 1908, foram construídas e reconstruídas várias vezes pontes

de madeira sobre o arroio. Em 1908, a ponte de madeira foi substituída por uma ponte metálica. (PETER, 2004) (Fig. 70)



Figura 70: Ponte Metálica sobre o Arroio Santa Bárbara, na atual Rua Lobo da Costa. Pelotas. RS. **Fonte:** LLOYD; FELDWICK; DELANEY; EULALIO; WRIGHT, 1913.

Sobre a antiga Rua Sete de Abril, atual Dom Pedro II, foi construída, em 1882, pela Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas, uma ponte metálica. Em 1888, a Câmara Municipal mandou alargar esta ponte pelo alinhamento da rua, e em 1908, ela foi substituída por outra, também de ferro. (PETER, 2004) (Fig.71)



Figura 71: Ponte Metálica sobre o Arroio Santa Bárbara, na atual Rua Dom Pedro II. Pelotas. RS. **Fonte:** VIVA o charque, s.d.

Por ocasião da construção do ramal ferroviário para o porto de Pelotas em 1906, foi construída mais uma ponte metálica, denominada "Ponte do Ramal" (Fig. 72). Esta ponte ficava junto a três importantes manufaturas: a Caieira Carpena, a Fábrica Aliança e a Fábrica Leal Santos.



Figura 72: Ponte Metálica sobre o Arroio Santa Bárbara, do Ramal Ferroviário. Pelotas. RS. **Fonte:** VIVA o charque, s.d.

As pontes sobre o Arroio Santa Bárbara, conforme consta no mapa publicado por Alfredo Costa (1922) (Fig. 65) eram as que seguem: para veículos a Ponte do Ritter, na atual Rua Mal. Floriano, a ponte na atual Rua Lobo da Costa e a ponte na atual Rua Dom Pedro II; para pedestres, junto ao antigo Moinho Pelotense, na atual Rua Uruguai, e por último, para a passagem do trem, no ramal ferroviário.

Segundo Peter (2004), para a passagem de pedestres, existia uma ponte metálica nas proximidades da Rua Professor Araújo. Segundo mapa de 1893 (Fig. 66), consta ponte para passagem de pedestres na atual Rua Tiradentes. Sobre o Canal São Gonçalo, para a passagem da estrada de ferro com destino ao porto de Rio Grande, foi construída a única ponte movediça para a passagem de embarcações, em 1884. (Fig. 73)

A Figura 74 ilustra a movimentação de cargas no porto. Em primeiro plano estão as barricas de sal, para o núcleo charqueador pelotense. Na mesma figura podemos identificar os trilhos da estrada de ferro, em paralelo aos trilhos do bonde. Pela ausência dos cabos elétricos podemos identificar que a fotografia foi tirada entre 1906 (data de construção do ramal ferroviário) e o ano de 1922 (data da completa implantação dos bondes elétricos na cidade de Pelotas).

Foram integrados os transportes intermunicipais e urbanos, mais especificamente, a partir de 1985; os sistemas de transporte aquaviário, ferroviário e de transporte urbano. A partir de 1906, a área portuária ganharia um grande

impulso, com a construção do ramal ferroviário Porto. A articulação entre as diferentes modalidades de transporte favoreceu ainda mais a fixação de fábricas na área compreendida entre a estação ferroviária e o porto. (Fig. 75)



Figura 73: Ponte Metálica sobre o Canal São Gonçalo, da estrada de ferro para Rio Grande. Pelotas. RS. **Fonte:** VIVA o charque, s.d.

Na figura 76, fotografia registrada do alto da cervejaria Sul Rio-Grandense e publicada no Álbum Rio Grande do Sul, de Alfredo Costa, podemos identificar os postes contornando a Praça do Porto, indicando o funcionamento dos bondes elétricos.



Figura 74: Movimentação de cargas no porto de Pelotas. RS.
Fonte: Acervo do NÚCLEO DE ESTUDOS EM ARQUITETURA BRASILEIRA, s.d.



Figura 75: Porto de Pelotas. Provavelmente, 1922. Pelotas. RS.

Fonte: VIVA o charque, s.d.

Na figura 77 verifica-se, ao fundo da imagem, a forte presença da chaminé da Companhia de Fiação de Tecidos Pelotense. Este cartão postal expôs um significativo conjunto de edificações destinadas a abrigar fábricas, comércios, armazenagem e atividades portuárias.



Figura 76: "Aspecto do movimentado porto da cidade, no Rio São Gonçalo". Pelotas. RS.

Fonte: COSTA, 1922.



Figura 77: "Porto, Caes e a Pça. Domingos Rodrigues" – ao fundo no postal a chaminé da Fiação de Tecidos Pelotense. Pelotas. RS. **Fonte:** VIVA o charque, s.d.

1.4 INDUSTRIALIZAÇÃO

Pesavento (1985) colocou que a industrialização somente se desenvolveu de forma mais ampla a partir do fim da República Velha, em especial, com a produção dos bens duráveis.

Singer (1977) caracterizou a industrialização na virada do século XIX para o XX como um momento de mudança, de substituição das importações, sobretudo dos bens não duráveis, isto é, da produção de alimentos e bebidas, assim como também de tecidos, papéis etc.

Segundo Pesavento (1985), a industrialização teve origem principalmente devido à acumulação de capital proveniente da atividade comercial. O que variou foi a forma pela qual este "capital-dinheiro" acumulado no comércio transformou-se em capital industrial.

Para a autora, isso aconteceu de três formas: (1) através da constituição de início de comércio; (2) através do "burguês imigrante" e (3) através do capital bancário.

Na origem da industrialização podemos identificar algumas atividades artesanais que, para colocar seus produtos no mercado consumidor, passaram a desenvolver a atividade comercial paralelamente à produtiva. Dessa forma, proporcionou-se a adição de "capital-dinheiro" na unidade de produção, permitindo sua ampliação.

Em algumas situações o capital comercial se associou a uma empresa já constituída como pequena manufatura, e assim encontrou condições para expandir-se em termos de capital, força motriz, força de trabalho, linha de produção etc.

É fundamental destacar o capital bancário na formação de algumas indústrias. Dentre as instituições financeiras e importantes estavam o Banco Nacional do Comércio, o Banco da Província e o Banco Pelotense. (PESAVENTO, 1980a)

O Banco Pelotense teve participação ativa na criação da Fiação e Tecidos Pelotense, em 1909. Foi essencial sua participação para a constituição do Frigorífico Rio Grande. Fundado na cidade de Pelotas em 1906, teve filial em muitas cidades do estado e em outras cidades do Brasil. Diversos industriais estiveram presentes na formação dos bancos particulares. Tanto o capital bancário financiou a instalação de empresas quanto comerciantes e industriais encontraram nos bancos formas de aplicação e diversificação de seu capital. (PESAVENTO, 1985)

A imigração e a colonização tiveram papel significativo na industrialização. Por um lado, permitiram a introdução de operários estrangeiros que chegavam qualificados da sua terra de origem. Por outro lado, alguns destes imigrantes tinham "capital-dinheiro" para constituir seus próprios estabelecimentos fabris.

A participação do imigrante foi significativa tanto para a cidade de Porto Alegre como para Pelotas, principalmente a partir da última década do século XIX e na primeira metade do século XX.

Segundo Singer (1977), a industrialização no Rio Grande do Sul contou com duas zonas de desenvolvimento: a primeira no eixo Rio Grande e Pelotas, a segunda teve como pólo Porto Alegre – duas zonas diferenciadas do ponto de vista econômico e social, e que praticamente não mantinham relações econômicas entre si. Ambas zonas fabris, Rio Grande-Pelotas e Porto Alegre, comercializavam diretamente com os mercados consumidores de seus respectivos produtos.

Segundo Loner (2001), é possível caracterizar a supremacia do pólo Rio Grande-Pelotas, no fim do Império, com relação a Porto Alegre.

A indústria em Porto Alegre, segundo o economista Paul Singer (1977), era caracterizada, ao final do século XIX, como de menor porte, apesar de possuir um número maior de fábricas e uma maior diversidade de ramos de produção. A capital inicialmente consolidou sua posição com relação ao seu mercado regional, diferentemente das cidades de Rio Grande e de Pelotas, que tinham principalmente sua produção voltada para atender a demanda do mercado nacional, portanto, sofrendo com a competição dos demais pólos produtores do país.

A industrialização em Pelotas apresentava algumas diferenças com relação a Rio Grande e também a Porto Alegre. Pelotas estava constituída como uma estrutura mista de industrialização, pois era importante a exportação do seu produto principal, o charque, mas também havia uma grande quantidade de pequenas e médias manufaturas de caráter artesanal, que produziam para o mercado local e regional.

A cidade conciliava indústrias de grande porte de produtos derivados da agropecuária para exportação para diversas capitais do litoral brasileiro, como foi visto em especial o charque, e em menor importância as de outros produtos provenientes da agropecuária, como couro, sabões, sabonetes e velas, conservas de frutas e legumes, tecidos etc.

A cidade se caracterizava por ter uma significativa indústria manufatureira de produtos igualmente derivados da agropecuária, mas que tinham por objetivo principal, além de atender a demanda do município, das diversas cidades nas imediações de Pelotas, assim como as mais afastadas da região da Campanha e do Uruguai.

Dentre os produtos que visavam atender o mercado regional, podemos destacar os seguintes: produtos de couro; de montaria; calçados e malas; cigarros e fumos; cervejas e outras bebidas; farinhas; massas; arroz.

É significativo que fábricas comumente identificadas como indústrias, coexistissem no mesmo período histórico com outros estabelecimentos comumente denominados de manufaturas, ambos produzindo o mesmo tipo de produto.

Para ilustrar esta situação, temos o caso dos frigoríficos: a partir de 1920, coexistiram com manufaturas que utilizavam precária tecnologia, como charqueadas e das fábricas de línguas.

Para a implantação de um frigorífico eram exigidos grandes investimentos, aplicados no sistema produtivo através de novas tecnologias. Estas novas formas de produzir representavam um melhor aproveitamento da matéria-prima, uma maior qualidade e padronização do produto final. Necessitavam de menor mão de obra ou com a mesma mão de obra das charqueadas conseguiam uma produção maior e mais diversificada.

Algumas manufaturas, modernizaram paulatinamente seus processos produtivos, como a charqueada São Gonçalo, de propriedade do Cel. Pedro Osório. Este estabelecimento foi adquirido em 1888, produzindo inicialmente com tecnologia semelhante à das demais salgas. Por ocasião do levantamento de Cunha (1911), sem se transformar em uma indústria frigorífica, a propriedade possuía um maior faturamento com uma menor quantidade de mão de obra em relação às demais do gênero. Para obter estes resultados, fez pequenas alterações. A charqueada São Gonçalo teve longa duração, conforme pode ser observado nos anúncios publicitários do final da década de quarenta. (Fig. 86)

Pode-ser afirmar que com a implantação dos frigoríficos na segunda década do século XX, a atividade saladeiril – até mesmo os estabelecimentos localizados no interior do estado, junto aos rebanhos e à linha férrea – passou a ter maiores dificuldades.

A decadência das charqueadas e ao mesmo tempo a criação dos frigoríficos representaram a evolução nos meios de produção. Mesmo que não tivessem se desenvolvido as charqueadas no interior, esta atividade iria ser substituída pela frigorificação.

Segundo Marques (1990), em 1936 existiam 40 charqueadas em todo o estado, das quais muitas funcionavam com instalações precárias. A partir desse ano, o Ministério da Agricultura passou a exigir melhoramentos no saneamento dos estabelecimentos. Segundo Pesavento (1980a), as alterações exigidas podiam ser consideradas como exigências mínimas. Tinham o prazo de dois anos para o cumprimento, que depois foi adiado por mais um ano.

A falta de recursos para dar cumprimento às simples necessidades sanitárias pode ser explicada pela debilidade de acumulação de capital destas empresas.

A decadência das manufaturas foi um processo lento e não linear. As antigas fábricas diminuíram suas atividades até chegar ao fechamento.

A crise foi superada durante a Primeira Guerra Mundial, já que o conflito mundial permitiu que as charqueadas, os frigoríficos e outras manufaturas trabalhassem a pleno vapor, exportando sua produção para o exterior. Com o final da Guerra, o consumo no mercado europeu se retraiu, e nova crise desencadeou-se. (PESAVENTO, 1980b)

O frigorífico Rio Grande foi implantado em um momento de boas perspectivas de comercialização. Segundo Pesavento (1980b), inspirado pelo modelo de desenvolvimento da produção de carne frigorificada no Uruguai e na Argentina, os governantes e líderes das classes pecuaristas do Rio Grande do Sul almejavam a instalação de um frigorífico nacional, financiado pelo poder público, o qual teria por objetivo a recuperação econômica da pecuária.

O local preferencial para instalação deste projeto seria a cidade de Rio Grande. Entretanto, antes que se concretizasse o projeto, o grupo norte-americano Swift se instalou na cidade de Rio Grande. Em razão disto, foi escolhida a cidade de Pelotas, que da mesma forma poderia receber o gado e, com um pouco mais de dificuldade, poderia exportar a produção. (LONER, 2001)

Devido à recuperação dos meios de produção dos países beligerantes europeus, o frigorífico Rio Grande sofreu duramente com a retração do consumo.

O objetivo de estatizar as ferrovias fez com que o governo do estado do Rio Grande do Sul retirasse dinheiro aplicado nos bancos, especialmente no Banco

Pelotense, levando a instituição a limitar o capital de giro do frigorífico Rio Grande, do qual era o maior acionista e financiador. A descapitalização do banco levou à restrição do crédito e à descapitalização da região Sul. (LONER, 2001)

A descapitalização do Banco Pelotense, evidenciou a fragilidade econômica da região. Da mesma forma, atingiu o setor agropecuário e refletiu no setor manufatureiro e industrial.

O surgimento dos frigoríficos ao final da década de 10, quase todos localizados na região sul do estado e pertencentes a grupos estrangeiros, não solucionou os problemas. Pelo contrário, os frigoríficos mantiveram a pecuária em permanente crise (com a baixa dos preços). (PESAVENTO, 1980b)

Ao comparar o desenvolvimento econômico entre a metade sul e a metade norte do estado, Singer (1977) afirmou que foi o ano de 1920 o momento em que Porto Alegre sobrepujou a região sul. Nas duas primeiras décadas da República, o crescimento industrial de Pelotas foi inferior ao de Porto Alegre. Com a integração ferroviária do estado à região e ao país, os produtos da capital passaram a competir com os produzidos na cidade de Pelotas.

Segundo Loner (2001), a integração da rede ferroviária do estado com a rede ferroviária federal, em 1910, especialmente depois da encampação pelo governo do estado, em 1920, oportunizou condições para um melhor aproveitamento das potencialidades econômicas da região de Porto Alegre em relação ao pólo Pelotas.

A década de 20 constituiu-se num período de crise da produção e industrialização dos produtos provenientes da pecuária. Nesse início do século XX, se redefiniu a economia da região, a partir de então baseada na industrialização dos produtos agrícolas principalmente com o desenvolvimento da cultura do arroz e de produção de conservas.

A partir de 1907, a cultura do arroz irrigado, na região de Pelotas, exigia grandes propriedades, apresentando-se associada à criação de gado, dessa forma contribuindo para a permanência do mesmo modelo econômico. Da mesma maneira, ao lado das lavouras de arroz, estava a criação de ovelhas, para aproveitamento da carne e da lã para exportação.

A produção de frutas e legumes para as agroindústrias de conservas se disseminou após 1880 na região colonial de Pelotas, e aproveitando a estrutura comercial de exportação existente, desenvolveu-se durante o século XX. Essa

retomada foi denominada por Singer (1977) como *“uma espécie de renascimento agrícola”*.

O parque industrial/manufatureiro de Pelotas produzia gêneros derivados da agropecuária com o objetivo de exportação, especialmente para o mercado nacional. Foi implantado na cidade pela facilidade de aquisição de matéria-prima. Segundo Araújo:

O surgimento e o desenvolvimento de indústrias alimentares voltadas para o mercado nacional estiveram associados às vantagens comparativas oferecidas pelo Estado na produção agropecuária, em relação a outras regiões do País, derivadas de fatores como condições ecológicas favoráveis à produção de certas culturas, qualidade das pastagens, pioneirismo na introdução de culturas agrícolas e uso de novas técnicas de produção, além de outros fatores de natureza histórica e cultural. Esses fatores contribuíram, em muitos casos, para superar as desvantagens do maior distanciamento dos principais mercados e para firmar o Rio Grande do Sul como Estado fornecedor de alimentos industrializados para o mercado nacional, condição que, apesar de declinante, em parte ainda se mantém até os dias de hoje. (ARAÚJO, 2002, p.21)

Bem como as demais indústrias, a alimentar exige infraestrutura (vias adequadas de acesso e de transporte, meios de comunicação, fornecimento confiável de energia), Por isto, muitas delas foram implantadas junto às vias navegáveis e/ou estradas de ferro.

Conforme Araújo (2002), a distribuição físico-espacial da indústria alimentar gaúcha indica uma forte orientação para as fontes de matérias-primas agropecuárias. Isso ocorre nas atividades que envolvem elevadas perdas de peso no processo produtivo, como nos casos dos frigoríficos e das atividades de beneficiamento de arroz. Assim, fica justificado que aqui tenham se instalado estas agroindústrias, por ser a região fonte da matéria-prima.

Segundo Araújo (2002), outras atividades, como cervejarias, bebidas não alcoólicas, massas e biscoitos, moagem de trigo, moagem de café, tendem a se mostrar mais orientadas para os mercados, situando-se próximas dos centros consumidores. No caso das cervejarias e bebidas não alcoólicas, ocorre grande ganho de peso no processo produtivo, a partir da agregação do insumo de maior volume, a água, o que justificaria a sua existência próximo aos mercados consumidores.

As fábricas de Pelotas a partir da base documental

Foi verificada inicialmente uma grande dificuldade em classificar as diferentes fábricas descritas na **Notícia Descritiva**. Os estabelecimentos não estavam agrupados.

O manuscrito de Alberto Coelho da Cunha foi elaborado em folhas de almaço, em uma ordem sequencial classificada por ramo de atividade, sendo assim, as charqueadas, por exemplo, deveriam estar agrupadas em uma determinada parte do trabalho. Este manuscrito, por não ter sido encadernado, numerado ou ter qualquer sumário, foi, em algum momento de sua história, colocado fora da ordem original.

Para suplantar a falta de ordenação em que se encontra hoje a descrição de Alberto Coelho da Cunha, as fábricas que estavam localizadas em diferentes partes do manuscrito foram agrupados em classes de estabelecimentos. Para esta organização, como foi escrito anteriormente, foi utilizada a **Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE**. Desenvolvida pela Receita Federal, é utilizada pelo IBGE e diversas instituições públicas e privadas. Além de servir para indicar o sistema de tributação das empresas, é útil para quando é necessário um detalhamento das atividades industriais. No presente trabalho a CNAE serviu de referência para agrupar sob a forma de que categorias de fábricas fiquem localizadas em uma mesma tabela, permitindo a comparação e a espacialização dos dados. (RECEITA FEDERAL, 1994)

As fábricas identificadas através da **Notícia Descritiva** de Alberto Coelho da Cunha foram agrupadas dentro de três grandes categorias do CNAE. Na categoria um foram agrupadas as diversas classes de fábricas de produtos alimentares e bebidas encontradas em Pelotas. (Tab. 1)

Na categoria dois foram agrupadas as manufaturas que transformavam a matéria-prima proveniente de diversas atividades agropastoris, exceto as fábricas de alimentos e bebidas. Nesta categoria se enquadram as fábricas das seguintes classes: produtos do fumo, têxteis, couros, madeira, sabão. (Tab. 2) Ambas as categorias são agroindustriais.

Na categoria três foram agrupadas as classes de fábricas que não podem ser enquadradas como atividades agroindustriais. Nesta última classificação são apresentadas as atividades produtivas que tratam matérias-primas originadas de

diversas fontes, incluindo as seguintes classes: produtos do papel, gráficas, minerais não metálicos, metais, veículos e equipamentos de transporte etc. (Tab. 3)

As classes apresentadas nestas tabelas 1, 2 e 3 não representam a totalidade da CNAE, apenas identificam as classes de fábricas que existiam na cidade de Pelotas em 1911.

A partir dessa classificação foi possível comparar os dados entre as classes de indústrias.

Dentro da primeira categoria temos uma única classe, a qual se divide em oito subclasses, conforme a CNAE. As classes e subclasses desta categoria e encontradas na cidade estão identificadas na tabela 1.

Tabela 1: Estrutura segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), das indústrias de transformação dos produtos alimentícios e bebidas.

Indústrias de Transformação (CNAE), Fabricação de Produtos Alimentícios e Bebidas (Categoria 1)		
Classe	Subclasse	Denominação
15		Fabricação de Produtos Alimentícios e Bebidas
	15.1	Abate e Preparação de Produtos de Carne e de Pescado
	15.2	Processamento, Preservação e Produção de Conservas de Frutas, Legumes e Outros Vegetais
	15.3	Produção de Óleos e Gorduras Vegetais e Animais
	15.5	Moagem, Fabricação de Produtos Amiláceos
		Beneficiamento de Arroz
		Moagem de Trigo e Fabricação de Derivados
	15.6	Fabricação, Refino e Moagem de Açúcar
	15.7	Torrefação e Moagem de Café
	15.8	Fabricação de Outros Produtos Alimentícios
		Fabricação de Produtos de Padaria, Confeitaria, Biscoitos e Bolachas
		Fabricação de Massas Alimentícias
	15.9	Fabricação de Bebidas

Fonte: RECEITA FEDERAL, 1994.

Entre as fábricas de produtos alimentares, algumas das subclasses não tinham representantes na área de estudo, como a produção de óleos vegetais e animais, refinação de açúcar e fabricação de massas. Estas estavam situadas em outras áreas da cidade.

Foi citado um estabelecimento, que manufaturava o óleo de mocotó, localizado na costa do Arroio Pelotas. E uma fábrica de moagem de Açúcar dava suporte a confeitaria Abelha, situada na área central da cidade.

As fábricas de massas alimentícias têm como matéria-prima a farinha de trigo. Abasteciam a própria cidade. A produção de massas alimentícias estava distribuída na área central da cidade e compreendiam, além da manufatura, um pequeno comércio no varejo.

As fábricas que beneficiavam a matéria-prima de origem agropecuária, exceto alimentos, que se encontravam no centro urbano eram as de artigos para viagem (malas), as de calçados e as de móveis. Igualmente, como as anteriores, tinham a necessidade de comercializar seus produtos no varejo.

Tabela 2: Estrutura segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) das indústrias de transformação de outros produtos agropecuários, exceto alimentos e bebidas.

Indústrias de Transformação (CNAE), Fabricação de Produtos do Fumo, Têxteis, Couros, Madeira, Sabão (Categoria 2)		
Classe	Subclasse	Denominação
16		Fabricação de Produtos do Fumo
17		Fabricação de Produtos Têxteis
19		Preparação de Couros e Fabricação de Artefatos de Couro, Artigos de Viagem e Calçados
	19.1	Curtimento e Outras Preparações de Couro
	19.2	Fabricação de Artigos para Viagem e Outros Artefatos
	19.3	Fabricação de Calçados
20		Fabricação de Produtos de Madeira
	20.6	Fabricação de Móveis
		Diversos Produtos de Madeira
24		Fabricação de Produtos Químicos
	24.7	Fabricação de Sabões e Velas
	24.7	Fabricação de Adesivos

Fonte: RECEITA FEDERAL, 1994.

Dos estabelecimentos que fabricavam artigos para viagem foram encontradas na cidade somente três manufaturas de malas. Para produção utilizava o couro, a madeira e o tecido. A maior apresentava 20 operários, cinco contos de capital e apenas 22 contos de faturamento anual.

A fabricação de calçados era realizada a partir da transformação do couro em matéria-prima principal, para a produção de botas, tamancos, sapatos, sapatilhas etc. A maior, a Fábrica Aguiar, apresentava 105 operários, 120 contos de capital e 350 contos de faturamento anual. Segundo Cunha (1911), existiam quatro fábricas de sapato. Estas manufaturas estavam associadas ao comércio localizado no mesmo prédio ou lindeiro a este.

Na cidade existiam dois modelos de fábricas de móveis, a primeira de móveis tradicionais em madeira e a segunda de vime.

Entre as fábricas que beneficiavam os diversos produtos em que a matéria-prima não era proveniente da agropecuária, foram encontradas na área de estudo uma caieira, uma manufatura de peças de metal, uma fábrica de carrocerias e um estaleiro.

Tabela 3: Estrutura segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), especificamente das indústrias de transformação minerais, metálicos e outros.

Indústrias de Transformação (CNAE), Fabricação de Produtos do Papel, Gráfico, Minerais não metálicos, de Metal, Veículos e outros equipamentos de transporte (Categoria 3).		
Classe	Subclasse	Denominação
21		Fabricação de Celulose, Papel e Produtos de Papel
22		Edição, Impressão e Reprodução de Gravações
24		Fabricação de Produtos Químicos
	24.5	Fabricação de Produtos Farmacêuticos
26		Fabricação de Produtos de Minerais Não-Metálicos
	26.1	Fabricação de Vidro e de Produtos do Vidro
	26.3	Fabricação de Artefatos de Concreto, Cimento, Fibrocimento, Gesso e Estuque
	26.4	Fabricação de Produtos Cerâmicos - Olarias
	26.4	Fabricação de Produtos Cerâmicos - Louças
	26.9	Fabricação de Cal
	26.9	Aparelhamento de Pedras
28		Fabricação de Produtos de Metal
34		Fabricação e Montagem de Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias
35		Fabricação de Outros Equipamentos de Transporte
	35.1	Construção e Reparação de Embarcações

Fonte: RECEITA FEDERAL, 1994.

Diversas foram as classes e subclasses de fábricas – entre elas, de produtos de papel, gráficos, farmacêuticos, olarias, fogos de artifício, espelhos, ladrilhos hidráulicos, veículos de transporte – verificadas na área central da cidade de Pelotas, mas nenhuma no bairro do Porto.

Para a fabricação de produtos de papel, existiam dois estabelecimentos. Sendo que uma delas tinha três e a outra quatro operários.

As fábricas de produção de caixas de cartão trabalhavam com maquinário manual. Em 1911, a mais antiga tinha 35 anos, vendia em Pelotas e para cidades da região. Esta atividade também era desenvolvida por outros que além de fabricarem seus produtos, produziam as embalagens em cartão.

Alberto Coelho da Cunha identificou um estabelecimento de fabricação de produtos gráficos. A Gráfica Chapon utilizava motor a vapor, possuía 34 operários e um significativo faturamento. Atendia clientela na cidade de Pelotas e diversas cidades do Rio Grande do Sul.

Única entre os produtos farmacêuticos, a Fábrica Oliveira produzia gases esterilizadas. Antônio Leivas Leite, desenvolvia diversos deles, desde 1905. Em razoável escala, produzia e comercializava através da Fábrica Aliança, estabelecimento que tinha como atividade principal a fabricação de conservas de frutas.

Havia duas fábricas de fogos de artifício. Cada uma ocupava entre três a quatro trabalhadores, sem auxílio de máquinas. A produção objetivava o abastecimento do município com seus produtos.

A manufatura de espelhos ficava na área central. Tratava-se de uma empresa com mão de obra composta de dois trabalhadores. Consistia em aplicar a camada metálica e o polimento de vidros, por sua vez adquiridos no estrangeiro. Tinha como sócio Menotti Gentilini, também proprietário da Manufatura de Fumos Gentilini e do Engenho Santa Ignácia.

Foram apontadas duas fábricas de ladrilhos hidráulicos, com aproximadamente 20 anos de funcionamento. A primeira de propriedade de dois irmãos construtores, José e Antônio Alfino.

Segundo Cunha (1911) a Fábrica Stanisci, fundada em 1891 por Domingos Stanisci, foi a primeira a introduzir o uso do "ladrilho hidráulico" na cidade.

a quem se deve a introdução do gosto pelos revestimentos desse material dos passeios externos e pátios de prédios. Em todas as construções modernas o seu emprego tem suplantado o uso tradicional dos lagedos, a quem também vai paulatinamente substituindo por ocasião da reforma dos passeios avariados, na frente das antigas casas da cidade. (CUNHA, 1911, s.p.)

A produção das fábricas atendia a demanda da cidade e também de outras praças do estado. A produção anual da fábrica de Stanisci era de 2.000 a 12.000 m², considerando que a produção média desta fábrica era de 7.000 m² de mosaicos. Esta metragem fornecia material para a pavimentação de passeio, suficiente para 600 residências, o que explica o centro da cidade ter seus passeios frequentemente cobertos de ladrilhos.

Foram verificadas duas subclasses de fábricas de produtos cerâmicos, as olarias para fabricação de tijolos e os estabelecimentos de produção de artefatos domésticos.

É questionável, na descrição de Alberto Coelho da Cunha, a identificação de apenas duas olarias, em uma cidade em pleno desenvolvimento.

As olarias identificadas ficavam no subúrbio da cidade, uma na estrada Domingos de Almeida, local onde antes foi uma charqueada; outra na estrada Piratini, não distando mais do que um quilômetro do Arroio Santa Bárbara.

Surge a hipótese de que estes estabelecimentos seriam em maior número e estivessem estabelecidos em áreas consideradas rurais, considerando que estas não foram levantadas por Alberto Coelho da Cunha em 1911.

A hipótese pode ser parcialmente comprovada por dois informativos no **Diário Popular**, sendo o primeiro em 13 de janeiro de 1911, anunciando uma olaria a vapor:

O Sr. Eduardo Travessia ativo e inteligente industrial estabelecido no capão do leão neste município, acaba de adquirir para a montagem dessa olaria a vapor naquele sítio, um poderoso locomóvel, de R Wolf. Essa máquina se recomenda pela grande economia de combustível e é especial modelo da fábrica para a casa viúva F.Bhrens Dorf & Cia, agente nesta praça. A olaria aludida em breve concorrerá no mercado, apresentando como artigo principal tijolos para as construções. (DIÁRIO POPULAR, 13 Jan. 1911, p.4)

Outra notícia com o título *Desastre na via férrea*:

Mais um desastre, que pode ser de lamentáveis consequências, deu-se ontem, na viação Férrea. Quando daqui seguia para Piratini, a tarde, o trem de passageiros, ao chegar a olaria no fragata, no desvio ali existente, achavam-se recebendo tijolos diversos vagões. Estando aberta a agulha, nela penetrou o comboio, apesar das tentativas feitas pelo maquinista para deter sua marcha. (DIÁRIO POPULAR, 11 Jan. 1911, p.2)

Com relação à produção de utensílios de barro foram identificadas três fábricas. Este tipo de manufatura difere da olaria pelo produto fabricado.

Para a produção de cal, foi encontrado um estabelecimento de queima de cal localizado junto ao ramal da via férrea e ao Arroio Santa Bárbara.

Para a produção da cal emprega pedra calcária que recebe dos municípios do Arroio Grande, por via fluvial, e do de Bagé pela estrada de ferro. A lenha lhe vem dos matos da serra dos Tapes. (CUNHA, 1911, s.p.)

Foram identificados duas marmorarias. A produção destas fábricas estava provavelmente concentrada no corte e polimento de mármore para a produção de elementos construtivos, a fabricação de soleiras, peitoris, lápides etc.

Ambas recebiam mármore proveniente da Itália e produziam por encomenda para abastecer a demanda na cidade de Pelotas e outros municípios da região.

Sobre a fabricação de produtos de metal, Cunha (1911) detectou a presença de quatro estabelecimentos.

Com relação à fabricação de produtos de metal, podemos verificar que estes estabelecimentos estavam diretamente vinculados à produção agroindustrial. Dos quatro estabelecimentos identificados três eram funilarias.

Estas indústrias de fabricação de latas não correspondem à produção de latas na cidade de Pelotas. As indústrias de conservas, como a Fábrica Aliança e Fábrica Amazônia têm fabricação de latas.

Entre as indústrias de transformação, a Ferraria Mecânica é a única empresa da classe situada na área de estudo, teria baixa capacidade de apoio, indicando que a indústria local era dependente de outros centros produtores de ferramentas, equipamentos e máquinas.

Havia cinco fábricas de montagem de veículos diversos, carruagens, carroças etc. Podemos verificar que se trata de uma classe fabril que abastece a cidade de Pelotas e talvez localidades mais próximas.

O estabelecimento de menor porte é a Fábrica de Carruagens, inaugurada em 1906 por Severino Ferreira.

A fábrica de maior porte é a Fábrica de Carros e Garage Etchegaray, estabelecimento fundado por Carlos Ruele em 1845. Foi pioneira na montagem de carrocerias de veículos automotores. Tinha implantado um serviço de transporte entre Pelotas e São Lourenço. Estava constituída por 30 trabalhadores, capital de 30 contos de réis e faturamento de 60 contos de réis.

Em relação à indústria de construção e reparação de embarcações, existia o Estaleiro Lima, situado em sítio poligonal formado pelas atuais ruas Conde de Porto Alegre, José Bonifácio, João Pessoa e o Canal São Gonçalo. Sobre este estabelecimento, sabe-se que foi fundado às margens do Arroio Pelotas no ano de 1861, em 1866 foi transferido para as margens do São Gonçalo, bem próximo ao local onde se instalou em 1890 a cervejaria de Leopoldo Haertel.

Todas as obras de ferreiro necessárias ao estabelecimento são executadas na ferraria e fundição que lhe fica junto, de Ulisses Lima. Por morte de João Francisco Lima, o estabelecimento passou a propriedade de seu filho Jose Francisco de Lima. (CUNHA, 1911, s.p.)

O estabelecimento possuía 39 operários em 1901. Possuía anexo onde era trabalhado os componentes metálicos das embarcações.

Na cidade de Pelotas foi identificado por Alberto Coelho da Cunha (1911) um total de 147 estabelecimentos fabris.

Dos 147 estabelecimentos, 56 tinham como atividade principal a produção de alimentos e bebidas. Dentre estes, podemos destacar o beneficiamento de produtos de carne, de conservas de frutas e legumes, de arroz, de trigo, de açúcar, de óleos, de massas, de moagem de café, de produtos de padaria e de bebidas.

Sessenta e quatro estabelecimentos tinham como atividade principal o tratamento da matéria-prima de origem agropecuária para uma produção diversificada de produtos. Entre estes estavam as manufaturas de fumos, curtumes e outras fábricas que transformavam o couro em calçados, malas e artigos de montaria. Foram importantes os têxteis, os produtos de madeira e as fábricas que beneficiavam a graxa proveniente das charqueadas para transformar em adesivos, sabões e velas.

Por último, foram apuradas vinte e sete fábricas de diversificada produção dentro da indústria de transformação, como as de tijolos, de ladrilhos hidráulicos, de peças em mármore, de queima de cal, de confecção de espelhos, de produtos de metal, de carroças, de fogos de artifício, de produtos farmacêuticos, de caixas de papelão, de barcos, e de tipografia.

Dentre as fábricas descritas por Cunha (1911), parcela significativa estava localizada nas proximidades do porto no Canal São Gonçalo, do Arroio Santa Bárbara e da estrada de ferro, mas a grande maioria dos estabelecimentos estava fora da área de estudo, nos demais lugares do espaço urbano. (Tab. 4)

Tabela 4: Número de estabelecimentos fabris dentro e fora da área de estudo.

Categorias de Fábricas	Número de Fábricas na Área de Estudo	Número de Fábricas Fora da Área de Estudo
Produtos Alimentícios e Bebidas. (CNAE - 15)	16	40
Produção de Couro, Fumo, Têxteis, Madeira, Sabão e Velas.	26	38
Diversas Indústrias Transformação. (CNAE - 24, 26, 28, 34, 35)	4	23
Total	46	101

Fonte: CUNHA, 1911 e RECEITA FEDERAL, 1994, s.p.

Importância das fábricas de produtos de origem agropecuária

Ao reunir as informações referentes às fábricas de alimento e bebidas, foi possível constatar que, em 1911, a produção de carne, principalmente do charque, representava mais da metade da mão de obra e o maior faturamento anual em comparação com os demais estabelecimentos de produção de alimentos. (Tab. 5)

Apesar do alto faturamento, a manufatura da carne se mostrava pouco capitalizada, representando pouco mais de 30% do capital da categoria de fábricas de alimentos.

A fabricação de bebidas possuía o maior capital entre as fábricas de alimentos e bebidas, dois destes estabelecimentos, a Cervejaria Ritter e a Sul Rio-Grandense, possuíam um capital maior que todas as manufaturas de produtos de carne.

As Cervejarias Ritter e Sul Rio-Grandense estavam localizadas na área de estudo, com relação ao faturamento encontravam-se em segunda colocação, com faturamento bem abaixo comparado com os produtos de carne.

De forma surpreendente, a fabricação de produtos de padaria representou uma significativa importância tanto com relação ao capital, quanto ao faturamento e principalmente o número de trabalhadores, com valores superiores aos da indústria de conservas. (Tab. 5)

A fabricação de conservas vale a quarta posição com relação ao capital e ao faturamento, e tem a terceira maior quantidade de operários ao comparar com as demais subclasses da primeira categoria.

Portanto, em ordem crescente de importância na categoria fabricação de produtos alimentícios, temos a fabricação de conservas, de produtos de padaria, de bebidas e de produtos de carne, principalmente o charque. As demais subclasses da primeira categoria representaram uma pequena ou média participação com relação ao capital, ao faturamento e aos operários. (Tab. 5)

Tabela 5: Caracterização das **Fábricas de Produtos Alimentícios e Bebidas (Categoria 1)**, Sendo (a) os dados na área de estudo, (b) fora da área de estudo e (c) dados totais por classe de indústria.

Fábricas de Produtos Alimentícios e Bebidas (Categoria 1)								
CNAE	Fábricas (classes e subclasses)		Trab.		Capital		Faturamento	
			Un.	%	Valor	%	Valor	%
15.1	Abate e Preparação de Produtos de Carne	a	395*		350.000\$*		4.784.000\$*	
		b	303*		716.000\$*		3.606.000\$*	
		c	698*	53,6	1.066.000	33,4	8.390.000\$*	57,0
15.2	Processamento, Preservação e Produção de Conservas	a	132		300.000\$		800.000\$	
		b	48		23.000\$		42.200\$*	
		c	180	13,9	323.000\$	10,2	842.200\$*	5,7
15.3	Produção de Óleos e Gorduras Vegetais e Animais	a	-		-		-	
		b	5		12.200\$**		6.000\$	
		c	5	0,4	12.200\$**	0,4	6.000\$	0,1
15.5	Beneficiamento de Arroz	a	10		60.000\$		400.000\$	
		b	-		-		-	
		c	10	0,8	60.000\$	1,9	400.000\$	2,7
15.5	Moagem de Trigo e Fabricação de Derivados	a	32		78.300\$**		338.400\$**	
		b	-		-		-	
		c	32	2,4	78.300\$**	2,4	338.400\$**	2,3
15.6	Fabricação, Refino e Moagem de Açúcar	a	-		-		-	
		b	3		5.000\$		6.000\$	
		c	3	0,2	5.000\$	0,1	6.000\$	0,1
15.7	Torrefação e Moagem de Café	a	2		1.500\$		10.000\$*	
		b	23		58.000\$		121.800\$*	
		c	25	1,9	59.500\$	1,9	131.800\$*	0,9
15.8	Fabricação de Produtos de Padaria, Confeitaria, Biscoitos e Bolachas	a	52*		150.500\$		843.000\$	
		b	173*		234.000\$		750.200\$	
		c	225*	17,3	384.500\$	12,1	1.593.200\$	10,8
15.8	Fabricação de Massas Alimentícias	a						
		b	20*		9.000\$		34.000\$	
		c	20*	1,5	9.000\$	0,3	34.000\$	0,2
15.9	Fabricação de Bebidas	a	80		1.100.000\$		2.730.000\$	
		b	23		87.900\$		240.000\$	
		c	103	8,0	1.187.900\$	37,3	2.970.000\$	20,2
Fonte: CUNHA, 1911, s.p.		Total	1301	100	3.185.400\$	100	14.711.400\$	100

As charqueadas, assim como as padarias, têm uma pequena divisão do trabalho, com baixa mecanização, consistindo a maioria dos seus processos em atividades manuais. A fabricação de produtos de carne tornar-se-ia uma atividade industrial somente com a implantação dos frigoríficos.

A fabricação de bebidas pode ser classificada como uma atividade industrial, devido a uma relativa divisão do trabalho. Trata-se de um processo produtivo bastante mecanizado, com grande capital investido no espaço fabril e boa produtividade.

Com relação à fabricação de conservas, tratava-se de um processo intermediário, apresentando crescente mecanização, divisão do trabalho e aumento de produtividade.

Também é importante considerar o tamanho dos referidos estabelecimentos, tanto com relação às fábricas de bebidas quanto as fábricas de conservas, pois para estas duas subclasses existiam as bem pequenas ao mesmo tempo em que também existiam as grandes.

Ao verificar as informações relativas às fábricas que transformavam os produtos agropecuários, exceto as de produtos alimentícios, podemos identificar que elas representavam muito, comparando com os da primeira categoria (alimentação e bebidas). Faziam parte desta categoria as manufaturas de fumo, de produção de sabão e velas, de calçados, curtumes, produtos têxteis, entre outras. (Tab. 6)

Ao analisar os dados referentes a faturamento, capital e número de operários das fábricas desta categoria, podemos verificar que os mais significativos eram os da produção de têxteis. O período é importante para esta classe de indústria, pois a Fiação de Tecidos Pelotense estava em pleno processo de expansão de suas atividades produtivas.

Esta classe fabril, em comparação com os demais estabelecimentos de processamento de matéria-prima agropecuária, é o que poderia se chamar de indústria, representada principalmente pela Fiação e Tecidos e também pela Fábrica de Chapéus Pelotense. Justifica-se serem denominadas desta forma pela alta mecanização nos processos produtivos, pela divisão do trabalho, alta produtividade e elevado número de operários.

Assim, o mais significativo entre as classes desta categoria fabril é a fabricação de produtos têxteis. Em seguida, com relação ao capital investido e ao

faturamento anual, aparece a fabricação de sabões e velas, apesar do menor número de operários que as fábricas de calçados e os curtumes.

Os curtumes representam o terceiro maior faturamento, capital investido e número de operários. Na quarta colocação, juntamente com as fábricas de calçados, estão as manufaturas de fumos, sendo que estas tinham um maior faturamento anual e maior número de estabelecimentos.

Tabela 6: Caracterização das **Fábricas de Produtos de Couro, Fumo, Têxteis, Madeira e Sabões e Velas, Colas adesivas (Categoria 2)**, Sendo (a) os dados na área de estudo, (b) fora da área de estudo e (c) dados totais por tipo de indústria.

Fábricas de Outros Produtos Agroindustriais (Categoria 2)								
CNAE	Fábricas (classes e subclasses)		Trab.		Capital		Faturamento	
			Un.	%	Valor	%	Valor	%
16	Fabricação de Produtos do Fumo	a	52		220.500\$*		682.000\$	
		b	30		65.500\$		359.400\$*	
		c	82	5,1	286.000\$*	5,0	1.041.400\$*	10,2
17	Fabricação de Produtos Têxteis	a	512		2.100.000\$		2.500.000\$	
		b	74		236.000\$		265.000\$*	
		c	586	36,4	2.336.000\$	41,2	2.765.000\$*	27,2
19.1	Curtimento e Outras Preparações de Couro	a	140		838.800\$		1.198.400\$*	
		b	58		153.000\$		500.000\$	
		c	198	12,3	991.800\$	17,5	1.698.400\$	16,6
19.2	Fabricação de Artigos para Viagem e Outros Artefatos	a	-		-		-	
		b	36		11.200\$		39.000\$	
		c	36	2,2	11.200\$	0,2	39.000\$	0,4
19.3	Fabricação de Calçados	a	-		-		-	
		b	253		324.000\$*		930.000\$*	
		c	253	15,7	324.000\$*	5,7	930.000\$*	9,1
20	Fabricação de Produtos de Madeira	a	71		170.600\$		340.000\$	
		b	83		99.000\$*		222.000\$*	
		c	154	9,6	269.600\$*	4,7	562.000\$*	5,5
20.6	Fabricação de Móveis	a	-		-		-	
		b	108		326.000\$		516.000\$*	
		c	108	6,7	326.000\$	5,8	516.000\$*	5,1
24.7	Fabricação de Sabões e Velas	a	14		54.500\$		286.000\$*	
		b	167		1.045.000\$		2.248.000\$*	
		c	181	11,2	1.099.500\$	19,4	2.534.000\$*	24,8
24.9	Fabricação de Adesivos	a	3		5.000\$		30.000\$	
		b	10		25.000\$		80.000\$	
		c	13	0,8	30.000\$	0,5	110.000\$	1,1
	Total		1611	100	5.674.100\$	100	10.195.800\$	100

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Fábricas de sabão e velas, curtumes, manufaturas de fumos e de calçados, todos apresentam um processo produtivo caracterizado por atividade com baixa mecanização. A maior parte dos procedimentos manuais e com baixa divisão do trabalho, realizados, por pequenos e médios estabelecimentos. Tratando-se essencialmente de uma atividade manufatureira.

Existiam treze classes de fábricas de transformação de diversas matérias-primas, exceto as provenientes da agricultura e pecuária. (Tab. 7)

Destacam as fábricas de veículos de transporte, isto é, carroças, carretas e outros movidos a força animal. Estas representavam o maior faturamento e a maior quantidade de operários em comparação com as demais classes da sua categoria.

Também representaram valores significativos os dados relativos ao número de operários e ao faturamento de um estabelecimento de fabricação e reparo de embarcações.

A terceira manufatura a ter maiores valores relativos a mão de obra, faturamento e capital foi a de produtos gráficos.

Ao analisar os dados da tabela 7, podemos verificar que trata-se de uma categoria com pequeno número de operários, apenas 241, distribuídos em 23 fábricas.

Ao apreciar as tabelas 8 e 9, podemos verificar que as agroindústrias representam 92,4% da mão de obra, 96,5% do capital e 97,8% do faturamento da produção industrial. Portanto a indústria em Pelotas se caracterizava como agroindustrial.

A Tabela 8 demonstrou que as fábricas de alimentos localizadas na área de estudo correspondiam a: 54% da mão de obra, 67% do capital e 74% do faturamento total desta categoria agroindustrial. Isto quer dizer que as fábricas de alimentos estavam localizadas preferencialmente no bairro do Porto.

A análise dos dados permite comprovar que os estabelecimentos de fabricação de alimentos instalados nas demais áreas estavam voltados para o abastecimento interno da própria cidade. Os estabelecimentos do bairro do Porto eram fábricas de porte muito maior, podendo-se supor que tinham por objetivo o abastecimento de um mercado muito além do próprio consumo da cidade.

Podemos verificar que as fábricas da segunda categoria (demais fábricas agroindustriais) localizadas na área de estudo detêm 49% da mão de obra e do faturamento e 60% do capital. Dessa forma, não se pode afirmar que esta categoria

tenha um zoneamento, estas fábricas estão distribuídas mais uniformemente pelo território da cidade. (Tab. 8)

Estas fábricas agroindustriais (têxteis, sabões e velas, couros, fumos, etc.) são muito significativas, pois são a categoria com maior quantidade de estabelecimentos, de operários e com maior capital investido.

Tabela 7: Caracterização de **Outras Indústrias de Transformação (Categoria 3)**, sendo (a) os dados na área de estudo, (b) fora da área de estudo e (c) dados totais por tipo de indústria.

Indústrias de Transformação diversas (Terceira Categoria)								
CNAE	Fábricas (classes e subclasses)		Trab.		Capital		Faturamento	
			Un.	%	Valor	%	Valor	%
21	Produtos de Papel	b	9		16.500\$		20.100\$**	
		c	9	3,7	16.500\$	5,0	20.100\$**	3,7
22	Estabelecimento Gráfico	b	36		100.000\$		80.500\$**	
		c	36	14,9	100.000\$	30,8	80.500\$**	14,9
24.5	Produtos Farmacêuticos	b	2		1.000\$		2.400\$	
		c	2	0,8	1.000\$	0,3	2.400\$	0,4
24.9	Fabricação de Fogos de Artifício	b	7		2.000\$		12.000\$	
		c	7	2,9	2.000\$	0,6	12.000\$	2,2
26.1	Fabricação de Vidro e de Produtos do Vidro	b	2		15.000\$		36.000\$	
		c	2	0,8	15.000\$	4,6	36.000\$	6,7
26.3	Fabricação de Artefatos de Cimento	b	8		45.000\$		17.900\$**	
		c	8	3,3	45.000\$	13,8	17.900\$**	3,3
26.4	Fabricação de Produtos Cerâmicos – Olarias	b	11		4.000\$		29.500\$	
		c	11	4,6	4.000\$	1,2	29.500\$	5,5
26.4	Fabricação de Louça de Barro	b	13		5.300\$		29.000\$**	
		c	13	5,4	5.300\$	1,7	29.000\$**	5,4
26.9	Fabricação de Cal	a	4		4.500\$		16.000\$	
		c	4	1,7	4.500\$	1,4	16.000\$	3,0
26.9	Aparelhamento de Pedras	b	15		15.000\$		51.000\$	
		c	15	6,2	15.000\$	4,6	51.000\$	9,5
28	Fabricação de Produtos de Metal	a	5		5.500\$		12.000\$	
		b	9		10.000\$		24.000\$	
		c	14	5,8	15.500\$	4,8	36.000\$	6,7
34	Fabricação Veículos Reboques e Carrocerias	a	9		8.000\$*		18.000\$	
		b	72		58.000\$		103.000\$	
		c	81	33,6	66.000\$*	20,3	121.000\$	22,4
35.1	Construção e Reparação de Embarcações	a	39		35.300\$**		87.200\$**	
		c	39	16,3	35.300\$**	10,9	87.200\$**	16,3
	Total		241	100%	325.100\$	100%	538.600\$	100%

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 8: Caracterização da produção fabril em Pelotas em 1911, sendo (a) os dados na área de estudo, (b) fora da área de estudo e (c) em destaque os **dados totais por agrupamento de classes e subclasses de indústria**.

Produção Fabril de Pelotas em 1911							
Fábricas (Categorias)		Trab.		Capital		Faturamento	
		Un.	%	Valor	%	Valor	%
Produtos Alimentícios e Bebidas. (Categoria 1)	a	703	54	2.040.300\$	74	9.905.400\$*	67
	b	598	46	716.000\$	26	4.806.000\$*	33
	c	1301	41,3	2.756.300\$	34,7	14.711.400\$	57,8
Produção de Couro, Fumo, Têxteis, Madeira, Sabão e Velas. (Categoria 2)	a	792	49	3.389.400\$	60	5.036.400\$	49
	b	819	51	2.284.700\$	40	5.159.400\$	51
	c	1611	51,1	5.674.100\$	61,8	10.195.800\$	40,0
Diversas Outras Indústrias de Transformação. (Categoria 3)	a	57	24	53.300	16	133.200	24
	b	184	76	271.800	84	405.400	76
	c	241	7,6	325.100\$	3,5	538.600\$	2,2
Total		3.153	100%	9.184.600\$	100%	25.445.800	100%

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Os estabelecimentos classificados dentro da categoria 3 (não agroindustriais) são caracterizados por estarem fora da área de estudo, pois apenas 16% do capital e 24% dos trabalhadores e faturamento pertencem aos situados no bairro do Porto.

Com relação à atividade fabril na cidade de Pelotas, considerando as três categorias de fábricas, podemos verificar na Tabela 9 que as fábricas localizadas na área de estudo detêm 49% dos trabalhadores, 59% do faturamento e 60% do capital, indicando que esta área urbana, o encontro entre porto e a estação férrea, se caracterizou por ser a zona fabril da cidade de Pelotas no período de estudo.

Tabela 9: Produção fabril total na cidade de Pelotas em 1911, em destaque os dados relativos à área de estudo.

Produção Fabril de Pelotas em 1911							
Fábricas		Trab.		Capital		Faturamento	
		Un.	%	Valor	%	Valor	%
Produção industrial	Bairro Porto	1551	49,2	5.483.000\$	59,7	15.064.000\$	59,2
	Demais Áreas	1602	50,8	3.701.100\$	40,3	10.381.800\$	40,8
Total		3.153	100%	9.184.600\$	100%	25.445.800	100%

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Portanto, a industrialização na cidade de Pelotas caracterizou-se por ser agroindustrial, com participação tanto da produção de alimentos como dos demais produtos agroindustriais, bem como têxteis, couros, fumos, sabões etc. As fábricas agroindustriais estavam localizadas principalmente no bairro do Porto.

2 HISTÓRIA DAS FÁBRICAS E ARQUITETURA (1911 – 1922)

2.1 HISTÓRIA DAS AGROINDÚSTRIAS DE ALIMENTOS NO BAIRRO DO PORTO

Conjuntamente com os dados históricos, foram quantificadas as informações referentes ao número de operários, capital e faturamento, apresentados em forma de tabelas. Elas tiveram cinco arranjos diferentes.

O primeiro arranjo (Fig. 78) é relativo à identificação e à localização das fábricas. Apresenta os estabelecimentos de um determinado setor fabril, sua razão social, seu endereço, a sequência em que aparece na **Notícia Descritiva**. A penúltima coluna indica se a fábrica está ou não dentro da área de estudo. A última coluna adverte se a edificação fabril descrita em 1911 foi localizada ou não, ou quando foi demolida.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	Fábrica Muller	20 de Setembro, 12	103	Sim	Não
2	Fábrica de Cola	Gonçalves Chaves, 1252	04	Não	

Fonte: CUNHA, 1911.

Nome do estabelecimento

Sequência em que aparece a fábrica na Notícia Descritiva de Cunha (1911)

Indicação se a fábrica está dentro da área de estudo

Item que indica se foi localizada a edificação fabril

Figura 78: Informações sobre tabela 1, relativa à localização das fábricas.

Editoração: Gráfico elaborado pelo autor, 2012.

Para o tratamento das informações relativas ao número de trabalhadores, mestres e operários; o capital de cada uma das fábricas; o faturamento anual da empresa; a comercialização da produção e a produtividade da fábrica; foi construído um segundo arranjo, apresentado a seguir (Fig. 79):

Os Trabalhadores, o Capital, Faturamento e a Produção das Fábricas

Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	Fábrica Muller	1	2	5.000\$	30.000\$	30.000
2	Fábrica de Cola	1	9	25.000\$	80.000\$	80.000
Obs:						
Fonte: CUNHA, 1911.						

Produção anual do estabelecimento fabril

Nome do estabelecimento

Número de trabalhadores

Capital social da fábrica (réis)

Faturamento anual da fábrica (réis)

Figura 79: Informações sobre a tabela 2, relativas a trabalhadores, capital, faturamento e produção fabris. **Editoração:** Gráfico elaborado pelo autor, 2012.

Com o objetivo de apresentar os dados globais em relação à mão de obra, ao montante de capital e ao faturamento de cada uma das várias categorias de manufaturas, foi construído um terceiro arranjo, que informa os Dados Totais. Também foram apresentados os dados médios, quarto arranjo. Estes dados médios servem como parâmetros de comparação entre diferentes categorias de fábricas. (Fig. 80)

Dados Totais Fábricas Adesivos	
Fábricas	2
Trabalhadores	13
Capital	30.000\$
Faturamento	110.000\$

Fonte: CUNHA, 2011.

Tabela indica o número **total** de trabalhadores, de capital e faturamento de um tipo específico de fábrica

Dados Médios Fábricas Adesivos Fábrica Típica	
Trabalhadores	6 a 7
Capital	15.000\$
Faturamento	55.000\$

Fonte: CUNHA, 2011.

Tabela indica o número **médio** de trabalhadores, de capital e faturamento de uma fábrica típica de um ramo fabril

Figura 80: Interpretação das tabelas 3 e 4, relativas aos dados totais e médios das várias tipologias de fábricas. **Editoração:** Gráfico elaborado pelo autor, 2012.

Foi elaborada uma última tabela para cada classe e subclasse de fábrica, constituída de duas linhas, das quais a primeira apresenta o somatório de capital, faturamento e trabalhadores das fábricas agrupados por ramo de atividade, especificamente dos estabelecimentos dentro da área de estudo.

Na segunda linha foram apresentados os mesmos tipos de dados, mas relativos às fábricas localizadas fora da área de estudo. Esta última tabela foi utilizada para a determinação da importância dos estabelecimentos na área de estudo. (Fig. 81)

Estabelecimentos Fabricação de Adesivos na Área de Estudo						
Localização	Trabalhadores		Capital		Faturamento	
	Número	%	Valor	%	Valor	%
Área de estudo	3	23%	5.000\$	17%	30.000\$	27%
Demais áreas	10	77%	25.000\$	83%	80.000\$	73%

Fonte: CUNHA, 1911.

Linhas de interpretação:

- Linha dos dados na área de estudo
- Linha dos dados nas demais áreas da cidade
- Número de trabalhadores na área de estudo
- Capital social (Reis) das fábricas na área de estudo
- Faturamento (Reis) anual das fábricas na área de estudo

Figura 81: Interpretação das tabelas cinco, relativas a importância de cada tipologia de fábrica dentro da área de estudo. **Editoração:** Gráfico elaborado pelo autor, 2012.

Para o preenchimento destas tabelas, foi verificado que os dados em relação à produção das fábricas eram mais escassos. Ainda assim, pela possibilidade de serem úteis para outros trabalhos, quando estas informações estavam disponíveis na **Notícia Descritiva**, elas foram apresentadas.

Ao preencher com os diversos dados as tabelas, verificou-se que faltava, sobre algumas fábricas, eventualmente, alguma informação. Para que fosse possível a comparação entre as diversas categorias de estabelecimentos, foram atribuídos valores médios.

Fábricas de abate e preparação de produtos de carne

Alberto Coelho da Cunha, na obra **Notícia descritiva de fábricas de Pelotas** (1911), relata que, naquele ano, existiam nove charqueadas em funcionamento, sendo que cinco se localizavam na área do presente estudo, nas margens do São Gonçalo. (Tab. 10)

Das charqueadas localizadas fora da área de estudo, Cunha (1911) cita os estabelecimentos em funcionamento na margem direita do Arroio Pelotas: Charqueada Villas-Boas, adquirida em 1905 por Leopoldo Villas; Charqueada São Francisco, contraída em 1898, por Adolpho Cyriaco Nunes de Souza e Emilio Nunes; e Charqueada São João, adquirida em 1900, por João Tamborindeguy e Atilano Costa. Na margem direita do Arroio Moreira (Passo do Fragata), a Charqueada Santo Antônio adquirida em 1908 por Antonio Rodrigues Ribas.

Das charqueadas verificadas na área de estudo, isto é, voltadas para o Canal São Gonçalo, podemos destacar Charqueada São Gonçalo, Charqueada do Passo dos Negros, Charqueada do Barão de Santa Tecla, Charqueadinha, Charqueada

Alfredo Augusto Braga, e Charqueada de José Vieira Vianna, Junto ao Arroio Santa Bárbara.

Tabela 10: Identificação dos estabelecimentos de **Abate e Preparação de Produtos de Carne (CNAE - 15.1)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	Charqueada Villas-Boas	Margem direita Arroio Pelotas	33	Não	-
2	Charqueada S ^{to} . Onofre	Margem do S. Gonçalo	34	Sim	Sim
3	Charqueada Brutus	Margem esquerda do S. Gonçalo	35	Sim	Sim
4	Charqueada do Passo dos Negros		36	Sim	Sim
5	Charqueada S. Gonçalo		37	Sim	Sim
6	Charqueada São Francisco	Margem direita Arroio Pelotas	38	Não	-
7	Charqueada Santo Antônio	Margem direita Arroio Moreira	39	Não	-
8	Charqueadinha	Margem esquerda do S. Gonçalo	40	Sim	Dem.
9	Charqueada São João	Margem direita Arroio Pelotas	41	Não	-
10	Matadouro Rocha, Nobre e Comp ^{ia} .	Matadouro Público	42	Não	-
11	Salameria Pelotense		79	Não	-
12	Salameria Fucks	XV de Novembro, 1029	80	Não	-
13	Fábrica de Conservação de Línguas	Costa Arroio Pelotas	111	Não	-
14	Fábrica S. Mathias	Passo dos Negros	114	Sim	Sim

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Dos estabelecimentos charqueadores na área de estudo que não estavam funcionando podemos destacar os seguintes: Charqueada de José Gonçalves da Silveira Calheca, Charqueada de Heliodoro D'Azevedo Souza (José Tomas da Silva) e Charqueada de Domingos Rodrigues.

Em sua obra, Alberto Coelho da Cunha (1911) descreveu os diversos estabelecimentos de abate e preparação de produtos de carne, com 14 manufaturas

esta classe. Dentro do grupo, podemos identificar quatro diferentes subclasses de estabelecimentos: charqueadas, matadouro, salamerias e manufaturas de línguas.

Desses, nove eram charqueadas e os demais se dividiam entre duas salamerias, duas fábricas de conservas de línguas e um matadouro. Entre as charqueadas, três estavam localizadas na margem direita do Arroio Pelotas e uma na do Arroio Moreira. Portanto, cinco salgas situavam-se dentro do recorte estudado, assim como uma das fábricas de conserva de línguas.

Ao analisar os dados referentes ao capital investido, ao faturamento anual e ao número de trabalhadores, podemos verificar a preponderância significativa das charqueadas sobre a soma dos demais estabelecimentos de abate e preparação de produtos de carne. (Tab. 11, 12 e 13)

Tabela 11: Caracterização dos estabelecimentos de **Abate e Preparação de Produtos de Carne (CNAE - 15.1)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	Charqueada Villas-Boas	-	71*	96.200\$*	832.200\$*	-
2	Charqueada S ^{to} . Onofre	7	60	80.000\$	600.000\$	800.000
3	Charqueada Brutus	3	120	50.000\$	1.476.000\$*	-
4	Charqueada do Passo dos Negros	4	50	30.000\$	648.000\$*	-
5	Charqueada S. Gonçalo	5	100	150.000\$	1.830.000\$	-
6	Charqueada São Francisco	3	80	200.000\$	1.000.000\$	-
7	Charqueada Santo Antônio	3	45	30.000\$	380.000\$	-
8	Charqueadinha	2	40	30.000\$	200.000\$	-
9	Charqueada São João	2	40	200.000\$	504.000\$*	-
10	Matadouro Rocha, Nobre e Comp ^{ia} .	4	12	80.000\$	800.000\$	13.200 (reses)
11	Salameria Pelotense	2	8	5.000\$	20.000\$	-
12	Salameria Fucks	-	14*	5.000\$	30.000\$	-
13	Fábrica de Conservação se Línguas	1	18	100.000\$	40.000\$	-
14	Fábrica S. Mathias	1	3	10.000\$	30.000\$	30.000
Obs.: Produção indicada em quilos por ano.						

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 12: Prováveis dados totais referentes às **Charqueadas**. Pelotas, 1911.

Dados Totais Charqueadas	
Estabelecimentos	9
Trabalhadores	635*
Capital	866.200\$*
Faturamento	7.470.200\$*

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 13: Dados médios referentes às **Charqueadas**. Pelotas, 1911.

Dados Médios Charqueadas Fábrica Típica	
Trabalhadores	71*
Capital	96.200\$*
Faturamento	830.000\$*

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

É importante esclarecer que não existia, na cidade de Pelotas, nenhuma empresa de abate que utilizasse o sistema de refrigeração. Nota-se que o único matadouro identificado – o Matadouro Rocha, Nobre e Companhia – realizava o abate para comercialização de "carne verde" no comércio local. O processo de refrigeração só existiria com a instalação do Frigorífico Rio Grande, em 1921.

Para um melhor entendimento dos dados referentes à indústria da carne, foram estudadas, separadamente, as charqueadas das demais manufaturas de produtos de carne.

As manufaturas de conservação de línguas bovinas produziam para exportar para outras regiões da República ou para a Europa. As duas salamerias eram empreendimentos de pequeno porte que comercializavam seus produtos na própria cidade.

Tabela 14: Prováveis dados totais referentes ao **Abate e Preparação de Produtos de Carne (CNAE - 15.1)**. Pelotas, 1911.

Dados Totais Produtos de Carne	
Estabelecimentos	14
Trabalhadores	698*
Capital	1.066.000\$*
Faturamento	8.390.000\$*

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 15: Dados médios referentes a **Abate e Preparação de Produtos de Carne (CNAE - 15.1)**. Pelotas, 1911.

Dados Médios Produtos de Carne Fábrica Típica	
Trabalhadores	50*
Capital	76.100\$*
Faturamento	599.300\$*

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Com relação à localização dos estabelecimentos, verificamos que as salamerias estavam localizadas na área central da cidade. O matadouro estava situado entre a Tablada, antiga área destinada à comercialização das tropas de

gado, e o centro urbano. Das fábricas de línguas uma estava localizada junto à costa do Arroio Pelotas, outra no Passo dos Negros.

A subclasse “abate e produtos de carne”, no período de 1911 até 1921, caracterizava-se como uma atividade manufatureira, não identificada propriamente como industrial, uma vez que era constituída por estabelecimentos bastante artesanais.

Se, por um lado, as manufaturas das orlas dos arroios tinham maior capital investido e menor faturamento, por outro, elas empregavam menos trabalhadores. Este quadro pode oferecer indícios de que o declínio dos saladeiros começou junto ao Arroio Pelotas e de que houve resistência daqueles localizados nas margens do Canal São Gonçalo.

Ao analisar a Tabela 16, verifica-se que as charqueadas estavam, em sua maioria, localizadas nas margens do Canal São Gonçalo.

A seguir é apresentada, de maneira sucinta, a história e a caracterização dos estabelecimentos de abate e preparação de produtos de carne localizados na área de estudo.

Tabela 16: Identificação da importância dos estabelecimentos de **Abate e Preparação de Produtos de Carne (CNAE - 15.1)**, na área de estudo.

Estabelecimentos de Abate e Produtos de Carne na Área de Estudo						
Localização	Trabalhadores		Capital		Faturamento	
	Número	%	Valor	%	Valor	%
Área de estudo	395*	56%	350.000\$*	33%	4.784.000\$*	57%
Demais áreas	303*	44%	716.000\$*	67%	3.606.000\$*	43%

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Charqueada São Gonçalo

Charqueada São Gonçalo e Engenho Pedro Osório são cognomes para o mesmo conjunto de prédios. As atividades estavam na mesma propriedade, mas funcionavam em edificações distintas. Este conjunto está localizado com acesso pela Rua do Engenho nº 1600 (Fig. 82), e com a outra frente para o canal, no local denominado de Passo dos Negros.

O local que conhecemos hoje como *Engenho Pedro Osório* foi denominado por Alberto Coelho da Cunha como *Charqueada São Gonçalo*. Segundo Gutierrez

(1993), este lote teve como proprietário, em 1781, J. Teixeira Guimarães, que o passou a Manuel Batista Teixeira, o qual implantou a charqueada e deixou para seu filho, de mesmo nome. Segundo Lopes Neto, este último repassou a propriedade a Paulino Teixeira da Costa Leite, e este à Companhia Pastoril Industrial Sul do Brasil, pertencente a Cel. Pedro Osório. (LOPES NETO, Nº 3, 30 Dez. 1911)

A Charqueada São Gonçalo, seus prédios e terrenos pertenciam à própria firma de Pedro Osório e Companhia, constituída por Pedro Luiz da Rocha Osório e Alberto Roberto Rosa desde o ano de 1888.

Funciona com um motor a vapor de força de oito cavalos, duas caldeiras e cinco digeridores. Tem capital de 150 contos de reis. Abate gado vacum do estado para preparo do charque e extração de gorduras, com destino aos mercados de consumo de toda a república, sendo todos os outros produtos do gado remetidos para a Europa. A produção anual desta fabrica é do valor de 1.830.000\$000. Da emprego a um gerente, um guarda livros, um auxiliar e dois adjuntos. Durante os dias de matança da serviço a cem operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

Não se sabe ao certo quando foi construído o prédio que abrigava o estabelecimento e ainda permanece, a única imagem encontrada relativa ao período de estudo é a Figura 83, denominada de praia de matança em 1915. Podemos confirmar facilmente, pelo desenho das tesouras e forma das coberturas, que trata-se do edifício onde funcionou a charqueada "industrial" em 1915.



Figura 82: "Engenho de Beneficiar Arroz São Gonçalo" e "Charqueada São Gonçalo", Pelotas. RS.
Fonte: GOOGLE EARTH, 2012. **Editoração:** Legenda elaborada pelo autor, 2012.

O engenho de arroz foi construído em 1920 no mesmo lote em que estava implantado o estabelecimento charqueador. Sobre o Engenho São Gonçalo, será tratado no subtítulo que aborda sobre os engenhos de arroz na área estudada.

Este estabelecimento estava em operação até 1949, data que pode ser verificada pela publicidade na Figura 84.



Figura 83: Charqueada São Gonçalo em 1915, "praia de matança". Pelotas. RS.
Fonte: LEITE, 2011.

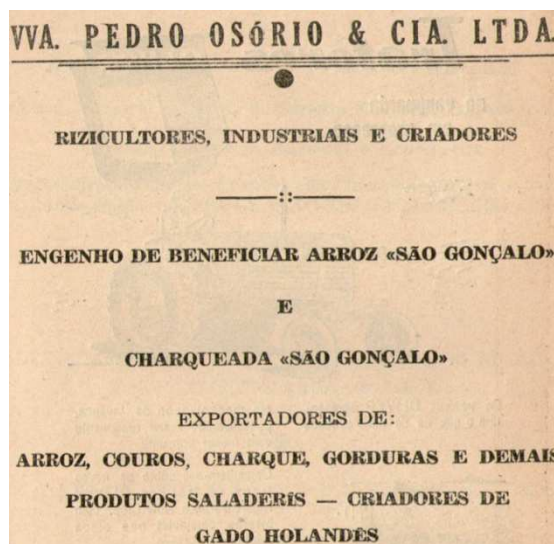


Figura 84: Propaganda do "Engenho de Beneficiar Arroz São Gonçalo" e da "Charqueada São Gonçalo", no Passo dos Negros. **Fonte:** PIMENTEL, 1949.

Charqueada do Passo dos Negros

Este estabelecimento, também situado no Passo dos Negros, como o próprio nome que a identifica, provavelmente trata-se da charqueada que inicialmente foi de João Alves de Bittencourt. Passou para o Barão de Cerro Alegre, João da Silva Tavares (1792-1872), e para seu filho, Barão de Santa Tecla, Joaquim da Silva Tavares (1830-1900). (GUTIERREZ, 2010) (Fig. 85)

Segundo Alberto Coelho da Cunha (1911):

Este estabelecimento é desde 1905 de propriedade de Marciano Gonçalves Terra. Funciona com a capital de 30 contos de reis. Possui caldeira digiridor a vapor. Abate gado de proveniência estadual para o preparo do charque para o mercado do Rio de Janeiro, para onde também seguem as gorduras. Os couros e miudezas das rezes, são vendidos na praça e dela remetido para Europa. Possui guarda-livro, caixeiro, capataz e rondador. Em tempo de matança, dá emprego a cinquenta operários. (CUNHA, 1911, s.p.)



Figura 85: Sede da Charqueada Barão de Santa Tecla, Passo dos Negros. Pelotas. RS.
Fonte: GUTIERREZ, 2010.

Charqueada e Fábrica São Mathias

Segundo Simões Lopes Neto (Nº 3, 30 Dez. 1911), esta charqueada estava em funcionamento no ano de 1911; já Alberto Coelho da Cunha (1911) não classifica este estabelecimento enquanto *charqueada*, mas sim como *fábrica de línguas*. (Fig. 86)



Figura 86: Sede da Charqueada e Fábrica de Línguas São Mathias. Pelotas. RS.
Fonte: GUTIERREZ, 2010.

Segundo Gutierrez, este estabelecimento teve origem a partir da instalação da charqueada de José Inácio Xavier, o qual, provavelmente, ao associar-se com

Julio Hermenegildo de Faria, tenha constituído a primeira fábrica de línguas de boi do lugar. (GUTIERREZ, 1993)

A fábrica S. Mathias, fundada em 1874 por Julio Hermenegildo de Faria, ocupa no Passo dos Negros, casa térrea e galpão de sua propriedade. Trabalha com o capital de 10 contos de reis no preparo de línguas salgadas e secas, que são expedidas para o norte do Brasil, especialmente para o Rio de Janeiro. A sua produção habitual tem sido de 30 mil línguas anualmente no valor de 30 contos de reis. Emprega um gerente e três Peões. (CUNHA, 1911, s.p.)

Charqueadinha

Este estabelecimento, pela descrição de Alberto Coelho da Cunha (1911), ficava localizado entre a charqueada de Calheca (hoje escola Ferreira Vianna) e a charqueada de Alfredo Augusto Braga.

Não foram encontradas referências iconográficas com relação a este estabelecimento, tampouco vestígios materiais de sua existência.

Este estabelecimento adquirido por Nobre, Cassalha & Companhia, acha-se arrendado a firma João Afonso e Companhia. Fica a margem esquerda do São Gonçalo, entre a charqueada Braga e o Posto Zootechnico [pavilhão da febre, junto ao Asseio Público]. São seus arrendatários João Affonso de Oliveira e Marciano Gonçalves Terra. Funciona com o capital de 30 contos de reis, sob aquela firma, desde o ano de 1910. Possui um capataz, um guarda livros, e da serviço, em tempo de safra, a quarenta operários. A sua produção média e do valor de 200 contos de reis por ano. (CUNHA, 1911, s.p.)

Ao analisar a **Notícia sobre a fundação das xarqueadas**, de Simões Lopes (1911), consta que: *"[...] o estabelecimento foi demolido, pertencendo a Intendência Municipal. O estabelecimento foi de Manoel José Rodrigues Valladares, que passou ao filho de igual nome; aos herdeiros deste."* (LOPES NETO, Nº 3, 30 Dez. 1911, p. 45)

Com relação à Charqueadinha, existe uma aparente incompatibilidade entre as informações das fontes primárias, pois segundo Alberto Coelho da Cunha, o estabelecimento estava funcionando, e segundo Simões Lopes, a manufatura havia sido demolida para a instalação do Posto Zootécnico. Ambas as informações podem ser justificadas por ter sido o levantamento de Cunha realizado durante o ano de 1911, e as informações relativas as charqueadas terem serem colhidas logo no início do mesmo ano; enquanto a revista mensal publicada por Simões Lopes foi publicada somente no dia 30 do mês de dezembro, com a indicação de estar publicando informações recentemente atualizadas.

Portanto, tanto a charqueada de Calheca quanto a Charqueadinha passaram para a propriedade do poder público municipal durante o ano de 1911, com o objetivo de serem instalados os serviços do Asseio Público e o Posto Zootécnico.

Os serviços de Asseio Público eram realizados pelo empresário Leivas Leite, que detinha a concessão para tal, ficando sob sua responsabilidade até o ano de 1903, nas construções que a partir de 1904 passaram a funcionar com espaço de produção da fábrica Aliança, na foz do Arroio Santa Bárbara. (CUNHA, 1911, s.p.)

Não se sabe nada sobre as edificações onde ficou instalado o serviço público, no período entre 1904 até 1911, quando foram desapropriadas a Charqueadinha e a antiga charqueada de Calheca.

Charqueada Alfredo Augusto Braga

Trata-se do estabelecimento arrendado pelos sócios Cassio Brutus de Almeida e seu filho, respectivamente filho e neto de Domingos José de Almeida.

Com relação à charqueada, que funcionou junto ao São Gonçalo, não foi localizada nenhuma ilustração ou fotografia especificamente das construções, provavelmente a fotografia "charqueada de Brutus de Almeida em 1916" (Fig. 87), tenha sido registrada do local onde posteriormente foi instalado o frigorífico Anglo. Conforme Cunha descreve, em 1911 o referido charqueador estava estabelecido como locador da charqueada de Alfredo Augusto Braga, portanto, supõe-se que até meados de 1916 tenha permanecido na referida propriedade.

Segundo Alberto Coelho da Cunha:

Colocada a margem esquerda do canal São Gonçalo este estabelecimento que é de propriedade de Alfredo Augusto Braga, acha-se arrendado a firma Brutus Irmãos, constituída por Junius Brutus Cassio de Almeida Filho e Cassio Brutus de Almeida, que nele trabalha desde 1 de janeiro de 1909. Gira com o capital com 50 contos. Abate gado vacum do estado para o preparo de charque e extração de gordura, couros etc. São seus mercados de consumo; para charque e gorduras os estados do norte; para couros, chifres, canelas, garras, cinza etc. algumas praças da Europa. A sua produção varia em quantidade e valor conforme a maior ou menor abundância de gado em condições de ser abatido e o valor de ocasião dos produtos. Tem como pessoal efetivo capataz caixeiro e rondador, dando em tempo de safra, em dias de matança regular serviço a 120 operários. Possui motor a vapor, caldeira e digiridores. (CUNHA, 1911, s.p.)

O estabelecimento foi criado por Manoel Francisco Moreira, que passou a Felisberto José Gonçalves Braga, deste ao visconde da Graça e deste ao genro, Alfredo A. Braga. (LOPES NETO, Nº 3, 30 Dez. 1911)

Este estabelecimento foi desapropriado pelo intendente Cypriano Corrêa Barcellos. Posteriormente, foi instalado ali o Frigorífico Rio Grande, repassado do poder público para a firma inglesa denominada Anglo.

A firma Brutus e Irmãos, no ano de 1917, anunciava no **Almanach de Pelotas** a comercialização de carrapaticida e de veneno contra a sarna (Fig. 88). Desde então, não foi encontrada mais nenhuma notícia sobre a produção de charque pelos descendentes de Domingos de Almeida.



Figura 87: Charqueada de Brutus de Almeida, em 1916, arrendada de Alfredo Braga. Pelotas. RS. **Fonte:** MAGALHÃES N., 1992a.



Figura 88: Brutus Irmãos, empreendimento constituído a partir de 1917 como comércio. **Fonte:** FERREIRA & CIA, 1917

Charqueada Santo Onofre

Este estabelecimento, segundo Alberto Coelho da Cunha (1911), consta como localizado na margem do São Gonçalo; segundo Simões Lopes Neto (1911, n.3), no Arroio Santa Bárbara. Pode-se observar que se trata da mesma charqueada também denominada Santa Bárbara, originada a partir da primitiva Estância Santa Bárbara, localizado na foz do arroio com o Canal São Gonçalo. (Fig. 89)



Figura 89: Charqueada Santo Onofre, antiga Estância Santa Bárbara. Pelotas. RS. **Fonte:** Fotos do autor, 2011.

Esta charqueada foi inicialmente de José Vieira Vianna, a seguir passou à firma Viúva Vianna & Filhos, depois foi de Manoel Marques das Neves Lobo. Na

sequência pertenceu ao Visconde da Graça e finalmente aos herdeiros deste. (LOPES NETO, 1911) No local onde existe a Villa da Graça (atual bairro Simões Lopes).

Na área pertencente à charqueada Santa Bárbara, se estabeleceram diversas indústrias, como Leal Santos, Indústria Linheira, o primitivo Moinho Pelotense, Ceval e outras.

Companhia Frigorífica Rio Grande

O Frigorífico Rio Grande tem esta denominação pois deveria ter sido instalado na cidade de Rio Grande. Ele não foi instalado na dita cidade por ali já tê-lo feito, em 1917, uma companhia norte-americana, o frigorífico Swift.

Desta forma, um fator determinante para a instalação do Frigorífico Rio Grande em Pelotas foi a ajuda do governador do estado, Borges de Medeiros. Segundo Paradedda (1919), "prestou apoio decidido e eficaz a organização da companhia, que ficou legalmente constituída em 17 de setembro de 1917". Igualmente, contou com a Intendência Municipal, através de isenção de impostos e doação do terreno (PIMENTEL, 1940, p. 102).

A Companhia Frigorífica Rio Grande também era denominada de "Frigorífico Nacional" e segundo Alfredo Costa (1922) e Carriconde (1922) era chamado de "Frigorífico Pelotense". Este frigorífico era uma reivindicação dos pecuaristas no Rio Grande do Sul. Queriam um frigorífico com capital público.

Em 1915, foi criada lei que isentava de pagamento de impostos as máquinas e equipamentos necessários à instalação de frigoríficos. No mesmo ano, foram elaborados os estatutos e projetos do Frigorífico Nacional. Em 1917 foi feita a incorporação, objetivando a construção do estabelecimento fabril. Fizeram parte a União de Criadores do Rio Grande do Sul, a Associação Comercial de Pelotas e seu principal acionista: o Banco Pelotense. (JANKE, 1999)

Sobre o terreno Fortunato Pimentel (1940) disse:

O Governo do Município faz a "Companhia Frigorífica Rio Grande" a concessão a título gratuito e pelo prazo de 30 anos, contados da data da constituição da dita companhia, do próprio municipal constante do terreno situado nos suburbios desta cidade, á margem esquerda do rio São Gonçalo, onde foi a xarqueada do Sr. tenente-coronel Alfredo Augusto Braga, com área de duzentos e trinta mil novecentos e desenove metros quadrados em terrenos da "Xarqueadinha", pertencentes ao município e adquiridos da "Companhia de Generos Congelados" com sede no Rio de Janeiro; a oeste com o arroio Pepino. (PIMENTEL, 1940, p.102)

A construção ficou a cargo de Scott e Hume, de Buenos Aires, especialistas nessa classe de obra, tendo sido eles os construtores de vários frigoríficos na Argentina. (PARADEDA, 1921) (Fig. 90)

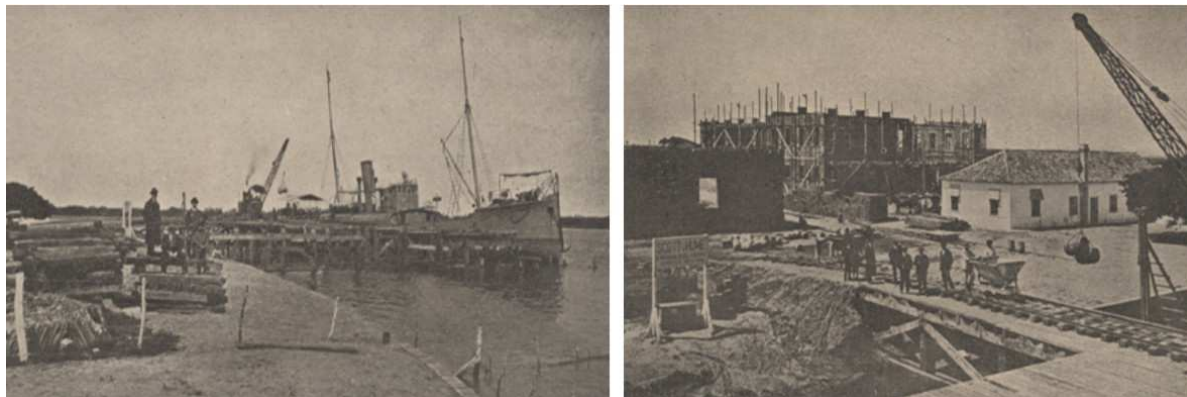


Figura 90: "Vapor 'Santo Antônio' descarregando alguns milhares de barricas de cimento no caés do 'Frigorífico Rio Grande'". Pelotas. RS. **Fonte:** PARADEDA, 1919.

A dimensão do investimento e a repercussão do mesmo na economia local podem ser avaliadas pelo dinheiro empregado no empreendimento: enquanto o capital da Charqueada São Gonçalo era, em 1911, 150.000\$000 (Tabela 11), o investimento no Frigorífico Rio Grande, em 1919, foi da ordem de R\$ 4.000:000\$000.

Em 1919 o empreendimento estava com as obras atrasadas, devido aos desdobramentos do conflito mundial e a uma forte crise nos transportes. Contudo, nota-se grande cota de entusiasmo nas palavras de Paradedda (1919), que, ao descrever o empreendimento, fornece indícios do contraste entre o frigorífico em construção e os outros estabelecimentos de beneficiamento de carnes da época, anteriormente comentados:

O estabelecimento terá ramal férreo, trapiche, oficinas, indispensáveis para os efeitos da construção do frigorífico propriamente dito e para o andamento das atividades produtivas.

O frigorífico em construção terá a capacidade de beneficiar 500 reses diárias e disporá também de câmaras frigoríficas frutas, legumes, laticínios, etc. (PARADEDA, 1919, p.292)

Em 1921 o Frigorífico Rio Grande (Fig. 91) foi inaugurado e posto em funcionamento. Paradedda (1921) descreveu detalhadamente todo o processo de matança, do qual merece destaque o aproveitamento de subprodutos e a presença de câmaras frigoríficas. Dentre todos os avanços, a implementação do sistema de refrigeração revolucionou a produção do setor. A título de curiosidade, a descrição do equipamento de refrigeração por Paradedda (1921):

O sistema de refrigeração por amoníaco é conhecido como “expansão direta” sendo o amoníaco líquido regulado por meio de válvula se expansão. O gás é bombeado por meio de compressores. Comprimido nos condensadores de amoníaco. A capacidade das câmaras é cerca de 3000 toneladas de produtos e a temperatura de refrigeração a menos de 0° Fahrenheit.(...) Há duas máquinas compressoras, sistema Sulzer Hnos, suíças, com força de 360 cavalos cada, uma com uma capacidade total de 400 toneladas de refrigeração. (PARADEDA, 1921, p.292)

Outro avanço tecnológico bastante significativo foi a implementação de geradores de energia elétrica:

A força elétrica do estabelecimento é oferecida por dois geradores ligados a máquinas principais por meio de correias. A potência de geradores é de cada um. Há três caldeiras norte-americanas de 220 metros quadrados de superfície de confecção cada uma. (PARADEDA, 1921, p.292)

Com a descrição de Paradedda a seguir, podemos verificar o complexo industrial do Frigorífico Rio Grande, apesar do sistema de produção efetivamente mais rentável, por tratar-se de uma produção com menor uso de mão de obra e também com melhor aproveitamento da matéria-prima, não teve bom desempenho:

A matança iniciou no dia 25 de maio passado e terminando no dia 10 de julho, tendo se abatido 2949 animais, dos quais 1034 foram empregados em charque e o restante, congelado e exportado para a Inglaterra. As carnes foram conduzidas ao porto de Rio Grande pela chata da companhia. Esta chata está instalada e isolada na mesma forma das câmaras frigoríficas, do estabelecimento com encanamento de amoníaco pelo sistema de “expansão direta”. Tem a capacidade de quase 300 toneladas de carne e tem maquinaria própria.(PARADEDA, 1921, p.293)

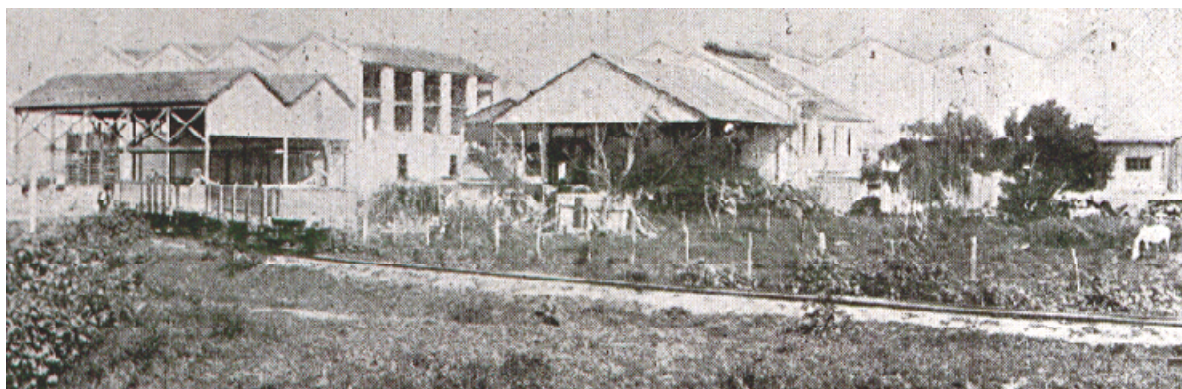


Figura 91: "Frigorífico de Pelotas". Pelotas. RS.
Fonte: COSTA, 1922.

Assim, a produtividade do frigorífico em 1921, em comparação com o a produção do Matadouro Rocha, Nobre e Companhia em 1911, e com as charqueadas, da mesma forma, foi insignificante para justificar uma produção industrial. O abate de 2.949 animais no período de dois meses, sendo que o

estabelecimento foi planejado para industrializar 4.000 bois por semana, representa uma produtividade insuficiente.

Dessa forma, segundo Janke (1999), a Companhia Frigorífica Rio Grande foi vendida para a Companhia Lancashire General Investment Trust Limited, de propriedade do grupo Vestey Brothers. O estabelecimento passou a se denominar Sociedade Anônima The Rio Grande Meat Company e, em 1924, transformou-se em Anglo S. A.

Fábricas de bebidas

Estes estabelecimentos produziam bebidas alcoólicas e outras diversas não alcoólicas, isto é, cervejas, licores, conhaques, bebidas gasosas (refrigerantes). Alguns também produziam gelo. A matéria-prima está relacionada ao tipo de bebida fabricado. (Tab. 17)

Tabela 17: Identificação dos estabelecimentos de **Fabricação de Bebidas (CNAE - 15.9)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	Cervejaria Ritter	Pça. Floriano Peixoto, 102 e 104	129	Sim	Sim
2	Cervejaria Sul Rio-Grandense	Benjamim Constant, 51	130	Sim	Sim
3	Fábrica Sousa, Dias e Comp ^{ia} .	XV de Novembro, 461	131	Não	-
4	Destilação Cristiá	Marques de Caxias, 320	132	Não	-
5	Fábrica Mario Sacco	Marques de Caxias, 561	133	Não	-

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Entre os cinco estabelecimentos identificados, dois estavam localizados na área de estudo: a Cervejaria Ritter e a Cervejaria Sul Rio-Grandense. Ao analisar os dados referentes a trabalhadores, capital e faturamento destes estabelecimentos, podemos verificar que os situados na área de estudo representam os maiores valores, sendo que a Ritter tem o maior faturamento e a Sul Rio-Grandense, o maior capital e número de operários. (Tab. 18)

Com relação à produção de bebidas, a área de estudo, apesar de ter menor número, apresenta grande vantagem com relação à importância dos estabelecimentos da sua classe. (Tab. 19)

Tabela 18: Caracterização dos estabelecimentos de **Fabricação de Bebidas (CNAE - 15.9)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	Cervejaria Ritter	10	23	500.000\$	2.250.000\$	4.500.000
2	Cervejaria Sul Riograndense	3	44	600.000\$	480.000\$	1.500.000
3	Fábrica Sousa, Dias e Comp ^{ia} .	1	3	4.900\$	24.000\$	
4	Destilação Cristiá	2	13	80.000\$	200.000\$	
5	Fábrica Mario Sacco	1	3	3.000\$	16.000\$	

Obs.: produção em garrafas por ano.

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 19: Identificação da importância dos estabelecimentos de **Fabricação de Bebidas (CNAE - 15.9)**, na área de estudo.

Estabelecimentos de Produção de Bebidas na Área de Estudo						
Localização	Trabalhadores		Capital		Faturamento	
	Número	%	Valor	%	Valor	%
Área de estudo	80	78%	1.100.000\$	93%	2.730.000\$	92%
Demais áreas	23	22%	87.900\$	7%	240.000\$	8%

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Cervejaria Ritter

A cervejaria Ritter nasceu por interesse de Carlos Ritter, irmão do primeiro fabricante de cerveja do Rio Grande do Sul. Inicialmente, quando recém-chegados da Alemanha, estes imigrantes se estabeleceram no região de imigração alemã próxima a Porto Alegre. Pelotas, por ser no século XIX o maior pólo da industrialização no Rio Grande do Sul, rapidamente atraiu Carlos Ritter.

A cervejaria instalada em Pelotas em 1870 foi a segunda fábrica de cervejas implantada na província do Rio Grande do Sul. (BUENO, 2009)

Alberto Coelho da Cunha (1911) afirma que a Cervejaria Ritter era o único estabelecimento no Brasil que se dedicava ao preparo do malte nacional, produzindo, além de cerveja, outras bebidas:

Também existe na fabrica uma seção para o preparo de bebidas refrigerantes, sem álcool, apenas gasosas, como limonada, espumantina, syphon e águas minerais.

São empregados cevada e lúpulo para o fabrico da cerveja, açúcar e gás carbônico para o de xaropes e águas gasosas. O maior consumo da produção da fabrica é feito dentro do estado, encontrando o excedente em avultada proporção, fácil colocação em todos os outros estados da republica, inclusive o de Mato Grosso. (CUNHA, 1911, s.p.)

Segundo Ferreira & Cia (1913), a firma estava estabelecida sob a razão social C. Ritter & Irmão, constituída por Carlos e Frederico Jacob Ritter.

Na época de sua fundação a fábrica foi instalada em um casebre situado no interior de um terreno alugado, na Rua 24 de Outubro, atual Tiradentes, sobre a margem esquerda do Santa Bárbara. Após alguns anos, com o desenvolvimento da modesta fábrica e a necessidade de ampliação, ela foi transferida para terreno próprio, definitivo, com prédio construído para fim específico (Fig. 92). Em 1911, Cunha (1911) registrou as dimensões do empreendimento:

O estabelecimento ali erguido ocupa a área superficial de 3.054,00 m², sendo aproveitado todo o terreno, o mais possível, de forma a não haver hoje mais como estender a edificação. [...]

[...] Hoje funciona esta fábrica em prédio de propriedade da firma social, situado a Praça Floriano Peixoto sob os números 102 e 104, ocupando vasta área edificada, com aproveitamento do subsolo onde foram cavados porões. O edifício compreende pavimento térreo e sobrado, contendo doze aberturas para o exterior. (CUNHA, 1911, s.p.)

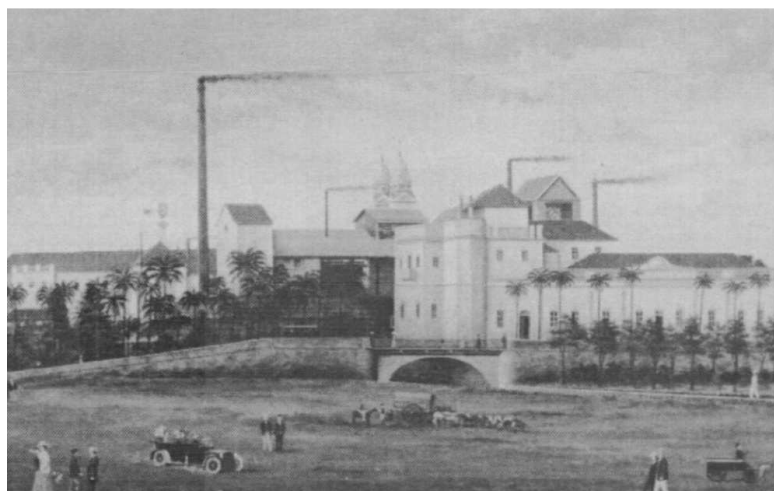


Figura 92: Gravura retratando a Praça das Carretas, Ponte de Pedra e Cervejaria Ritter. Pelotas. RS. **Fonte:** MATTOS, 2000.

A fábrica apresentava uma produção de cerveja bem expressiva, de 4.500.000 garrafas por ano, com valor calculado de 2.250:000\$000. A exportação da cerveja de Pelotas para os outros estados, segundo os despachos, foi, em 1911, de 235.392 quilos, no valor oficial de 145.235\$200 (CUNHA, 1911)

Com relação ao quadro de funcionários, a fábrica contava com 80 operários, além de um diretor técnico, um subdiretor, três maquinistas, três foguistas, dois guarda-livros, um auxiliar de escritório, um capataz de serviço e um ajudante.

Um forte indício de prosperidade desta empresa é a instalação de luz elétrica em todo o estabelecimento, em 1905. Com relação à eletricidade, Cunha (1911) descreveu o sistema com as seguintes palavras:

[...] dispõe de acumuladores, representados por 60 baterias, do equivalente de 216 horas ampere e de capacidade de sustentar 200 lampadas, inclusive de 2000 velas cada uma, bem como um motor elétrico de quatro HP, durante 24 horas. (CUNHA, 1911, s.p.)

A empresa também possuía infraestrutura, tanto no referente ao moderno maquinário (máquinas para arrolhar garrafas, bomba motor para conduzir a cerveja, tanques para pasteurização, máquina para armar e pregar caixas, “aperfeiçoadíssimos” filtros), como no que diz respeito a construções de apoio, das quais se destacam laboratórios e oficinas (Fig. 93):

[...] bem aparelhada serralha a vapor e de oficinas de reparos e mecânica, montada a capricho, com os mais modernos aparelhos, inclusive um torno, que é uma obra prima de utilidade e de arte.

[para preparo do malte] dispõe de instalações apropriadas, e anualmente para consumo próprio, prepara 12.000 sacos de cevada de 50 kilos cada um, quantidade máxima que pode obter embora seu cultivo seja fácil, compesador e bem remunerado.

Dispõe ainda a fabrica de um excelente e perfeito laboratório químico, atendido por um diretor, que é engenheiro cervejeiro, formado e diplomado por uma academia alemã. Nesse departamento se fazem os exames da matéria prima, de líquidos, de bactérias, etc. e os aparelhos usados são os mais modernos e reconhecidos de maior precisão. (CUNHA, 1911, s.p.)

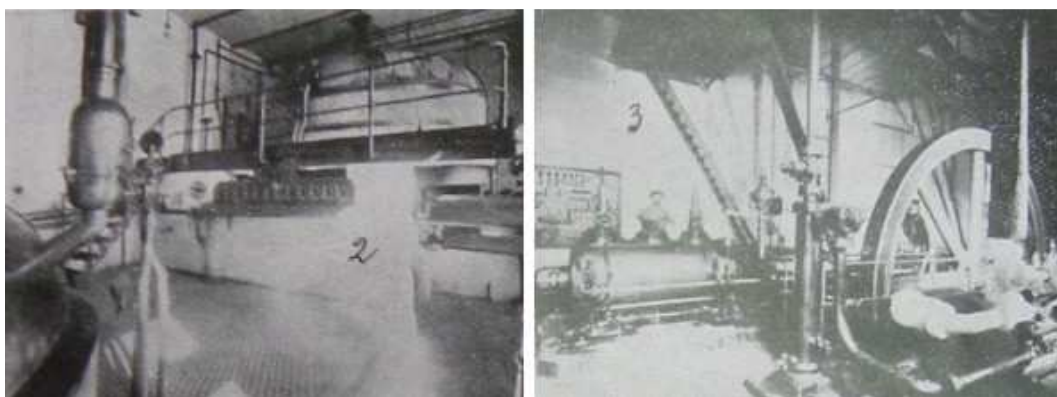


Figura 93: Cervejaria Ritter “Seção de fabricação” e “seção de máquinas”. Pelotas. RS. **Fonte:** COSTA, 1922.

A cervejaria Ritter foi a única fábrica a submeter o produto a análise e ser aprovado em todos os laboratórios do Brasil e apresentar certificado de pureza emitido pelo laboratório norte-americano de Manchester. Presente nas principais exposições nacionais e internacionais. Recebeu medalhas de ouro, de prata e um grande prêmio – distinções conferidas em Porto Alegre (1881), em Berlim (1886), em Paris (1889), em Porto Alegre (1901), em St. Louis (1904), no Rio de Janeiro (1908) e em Pelotas (1910).

A Cervejaria Ritter utilizava no rótulo das suas cervejas a imagem das medalhas de prata, ouro e o grande prêmio que recebeu por ocasião das grandes exposições.

Ao analisar os rótulos das cervejas Graúna e Sport, identificamos sete medalhas recebidas pela cervejaria: Porto Alegre (1881), Berlim (1886), Paris (1889), Porto Alegre (1901), St. Louis (1904), Rio de Janeiro (1908) e Pelotas (1910). (Fig. 94 e 95)

Com relação à edificação na qual começou a Cervejaria Ritter, na atual Rua Tiradentes, não foi encontrada iconografia alguma, mas com relação ao prédio localizado junto à Ponte de Pedra na Praça das Carretas existe significativa iconografia. (Fig. 92 e 96)



Figura 94: Publicidade nos **Almanach de Pelotas**.

Fonte: FERREIRA & CIA, 1913, 1915, 1916.



Figura 95: Rótulos das cervejas Americana, Graúna e Sport, produzidas pela Cervejaria Ritter.

Fonte: BUENO, 2009.

Segundo Costa (1922), a fábrica Carlos Ritter & Irmão transformou-se em uma sociedade anônima em 1915, passando a denominar-se Companhia Cervejaria Ritter. O capital social foi dividido em ações. Carlos Ritter continuava o maior acionista e diretor-presidente.

Entre 1915 e 1922 teve um grande desenvolvimento e o capital e o faturamento aumentaram. O número de trabalhadores passou de 30 operários para 100.

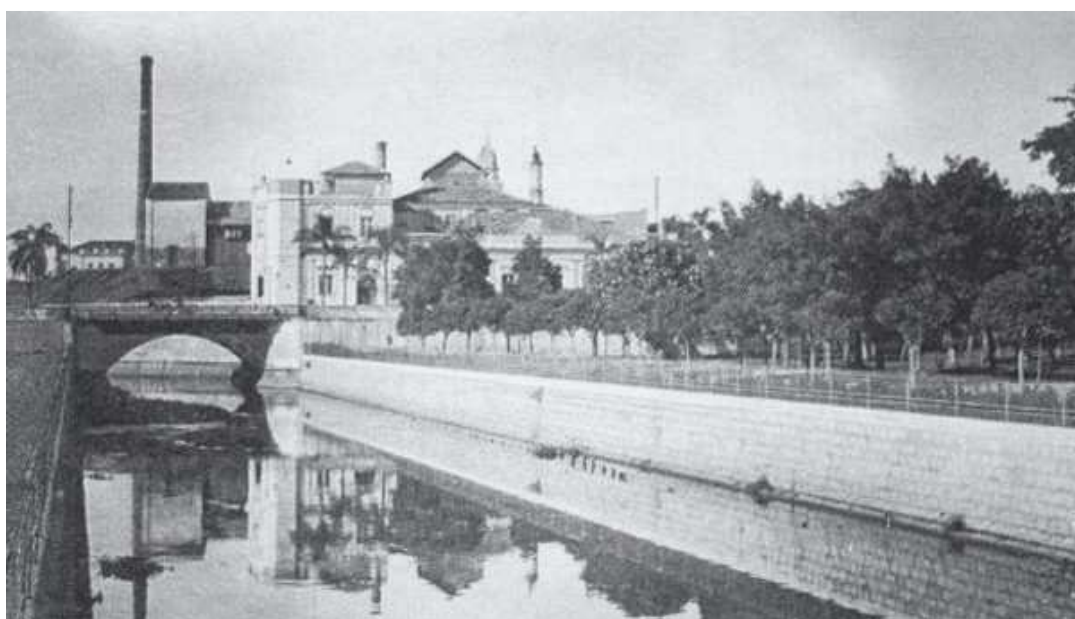


Figura 96: “Arroio Santa Bárbara e Cervejaria Ritter”. Pelotas. RS.

Fonte: MAGALHÃES N., 1991b.

Cervejaria Sul Rio-Grandense

A cervejaria foi estabelecida no bairro do porto, muito próxima do antigo atracadouro. Primitivamente foi a charqueada de Domingos Rodrigues. Os quarteirões estavam loteados e parcialmente ocupados.

Segundo Alberto Coelho da Cunha:

Foi fundada em 24 de setembro de 1890, funcionando a princípio a rua Conde de Porto Alegre, em local situado aos fundos do atual estabelecimento, e nele hoje compreendido. Ocupava então pequeno prédio tomado de aluguel.

Em mais que modestas proporções começou tendo de capital 400\$000, no fim de 20 anos de labor assíduo, elevado a 600 contos. Trabalha com um motor do fabricante klon da força de 100 cavalos, possui uma máquina para fabrico de gelo, um filtro para cerveja e um engarrafador, segundo dados fornecidos em 1911.

Na confecção da cerveja empregava cevada e lúpulo de proveniência estrangeira. Tem abertos mercados de consumo a proporção que vai tornando conhecidas as suas marcas por diversos pontos do Brasil meridional, com produtos nos estados do norte. Até dois anos passados o suprimento limitava-se as praças deste estado.

A produção da fabrica ultimamente regulava ser 100.000 kilos de gelo e 1.500.000 garrafas de cerveja. Também prepara gasosa, syphon, e águas minerais.

No seu pessoal figura um guarda livros e um ajudante de escritório, um maquinista, três ajudantes de máquinas, um mestre e quarenta operários. A produção da fábrica tem sido no valor anual de 480 contos de reis. Atualmente ela está introduzindo importantes reformas e melhoramentos, reclamados pelo seu constante desenvolvimento. (CUNHA, 1911, s.p.)

Ao analisar a figura 97, não foram encontradas referências com relação à datação, possivelmente seja a mais antiga. A fotografia mostra a residência do proprietário no primeiro plano e, ao fundo, e em modestas proporções, o estabelecimento fabril.

Em Monte Domecq & Cia, de 1916, a figura 124 mostra o portão de acesso aos veículos e aos pedestres ao escritório e à residência do proprietário, que ficava na edificação central. Posteriormente, com a ampliação da fábrica e dos novos escritórios (Fig. 98 e 99), o acesso a fábrica seria modificado, passando da Rua Conde de Porto Alegre para a Rua Benjamin Constant.

Segundo Alberto Coelho da Cunha (1911):

A firma acha-se estabelecida a rua Benjamin Constant, 51, em um edifício de sobrado, com oito aberturas de frente para a fabrica, construído pelo seu proprietário Leopoldo Haertel, dono da cervejaria. (CUNHA, 1911, s.p.)

Segundo Monte Domecq' & Cia (1916):

A rua Benjamin Constant, n.º 56 e que faz frente a mais três ruas. Fabrica ótima cerveja produzindo 15.000 garrafas diárias, total que pode ser elevado a 25.000.

Fabrica fundada em 1889 pelo atual proprietário, sendo uma das melhores do estado. As marcas principais de cerveja são: Perú, Comercial e São Luiz, fazendo exportação para vários pontos. Também fabrica e águas gasosas para o consumo de Pelotas. (MONTE DOMEQ & CIA, 1919, p.91)



Figura 97: Cervejaria Sul Rio-Grandense, acesso pela Benjamin Constant. Pelotas. RS. **Fonte:** VIVA o charque, s.d.

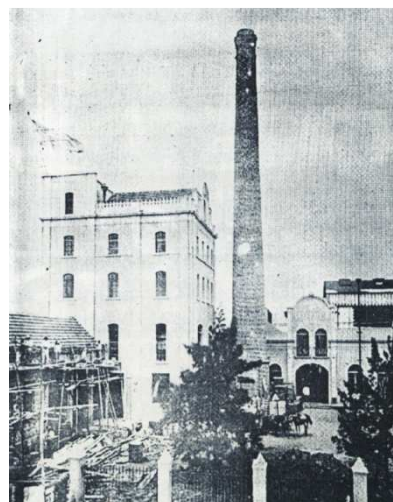


Figura 98: Construção dos escritórios. Pelotas. RS. **Fonte:** FERREIRA & CIA, 1915.

Ao comparar as fontes primárias, existem diferentes datas para a fundação da fábrica. Segundo Alberto Coelho da Cunha (1911), que depois foi compilado por Ferreira & Cia. (1913), a data de fundação foi 1990; segundo Monte Domecq (1916), 1889.

É característica desta fábrica a indicação do proprietário e também o endereço, ambos sempre presente nos rótulos das suas cervejas, bolachas de chope e nas diversas propagandas. (Fig. 100 e 101)



Figura 99: Cervejaria Sul Rio-Grandense, acesso pela Rua Benjamin Constant. Pelotas. RS. **Fonte:** DOMEQ' & CIA, 1916.

Com relação ao endereço da firma, nos rótulos consta Rua Conde de Porto Alegre Nº 44, endereço inicial da fábrica. Neste quarteirão constavam, segundo mapa de 1882, quatro pequenas edificações, todas voltadas para mesma rua.

A residência situada à Rua Conde de Porto Alegre Nº 44, provavelmente em uma das edificações no centro do quarteirão, foi onde Haertel começou seu

estabelecimento. Em diversas etapas, ele foi ampliando sua fábrica e adquirindo os imóveis e terrenos do quarteirão inteiro em que a fábrica ocupou.

Em publicidade publicada no Almanach de Pelotas, em 1913, a fábrica deixou de ser identificada pelo endereço Conde de Porto Alegre “antigo” Nº 44, que foi substituído pelo “moderno” Nº 56.

O estabelecimento ocupou todo o quarteirão compreendido entre as atuais ruas Benjamin Constant, Conde de Porto Alegre, José do Patrocínio e João Pessoa.

Alguns equívocos com relação à localização podem ser constatados em Monte Domecq (1919) e também em Fernando Osório (1922), que descrevem esta fábrica como localizada à Rua Benjamin Constant Nº 56 – informação impossível, pois este lado da rua só poderia ter numeração ímpar. (Fig. 102)



Figura 100: Publicidade da Cervejaria Sul Rio-Grandense nos **Almanach de Pelotas**.
Fonte: FERREIRA & CIA, 1913, 1914, 1915.



Figura 101: Rótulos das cervejas Typo Porco e Perú, da Cervejaria Sul Rio-Grandense.
Fonte: BUENO, 2009.

Ao analisar os dados referentes à produção, podemos constatar a importância desta cervejaria, que, em 1911, produzia diariamente 15.000 garrafas de cerveja e

tinha 40 operários. Verifica-se que as cervejarias de Pelotas tinham maior importância que as de Porto Alegre: a Cervejaria Sassen, uma das mais importantes da capital, segundo os dados de 1907, produzia 10.000 garrafas de cerveja diariamente e possuía 26 operários. A Cervejaria H. Ritter & filhos, também da capital, segundo os dados de 1906, tinha a mesma produção da Cervejaria Sul Rio-Grandense.

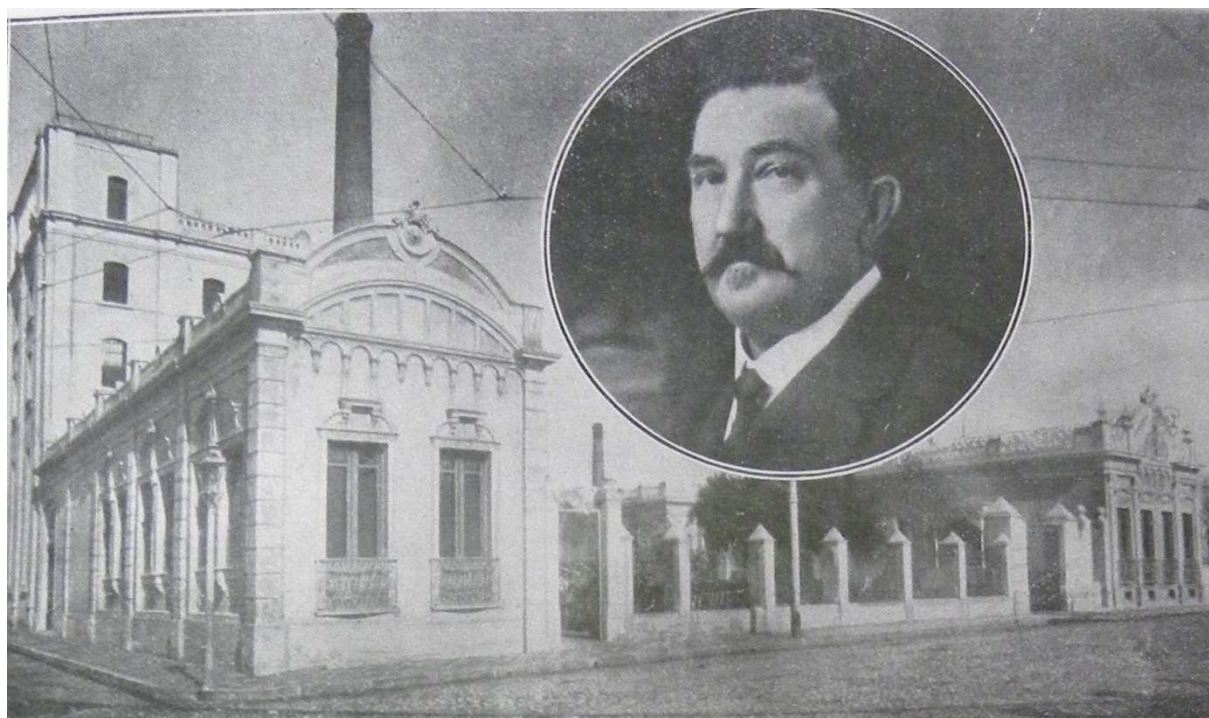


Figura 102: Cervejaria Sul Rio-Grandense e seu fundador Leopoldo Haertel. Pelotas. RS.
Fonte: COSTA, 1922.

Fábricas de Produtos de Padaria

Estes estabelecimentos produziam pão, biscoitos, bolachas e outros produtos, utilizando como matéria-prima a farinha de trigo. O objetivo inicial era o abastecimento da cidade e imediações.

Ao analisar a localização dos estabelecimentos podemos verificar que esta tipologia de manufatura estava distribuída regularmente pela área urbana da cidade, indicando que eles atendiam a demanda das suas imediações.

Existiam, em 1911, 18 estabelecimentos de fabricação de produtos de padaria, dentre os quais apenas dois estavam localizados na área de estudo: Padaria Xavier Duarte e Padaria Luso-Brasileira. (Tab. 20)

Com relação ao número de trabalhadores, ao capital investido e ao faturamento anual, é notável que alguns estabelecimentos apresentem valores muito superiores aos demais, o que permite supor que estes produziam para um consumo que ia além da área imediata na qual estavam localizados. (Tab. 21)

Tabela 20: Identificação dos estabelecimentos de **Fabricação de Produtos de Padaria, Confeitaria, Biscoitos e Bolachas (CNAE - 15.8)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	Fábrica de Biscoito Pelotense	Voluntários	53	Não	-
2	Padaria 96	Praça da República, 96	54	Não	-
3	Padaria Xavier Duarte	Sete de Abril, 701	55	Sim	Não
4	Estrela do Sul	Tiradentes, 607	56	Não	-
5	Padaria Victoria	Sete de Abril, 255	57	Não	-
6	Padaria Brasileira		58	-	-
7	Padaria Americana	Marechal Floriano, 155 e 157	59	Não	-
8	Padaria e Moagem de Café Louzada	General Osório, 901	60	Não	-
9	Nova Padaria Pereira	Andrade Neves, 857	61	Não	-
10	Padaria Margarida	Sete de Setembro, 404 e 406	63	Não	-
11	Padaria Central	Praça do Mercado, 59	64	Não	-
12	Padaria Monteiro	XV de Novembro, 520	65	Não	-
13	Padaria Cardoso	XV de Novembro, 726	66	Não	-
14	Padaria Luso Brasileira	Manduca Rodrigues, 768	67	Sim	Não
15	A Industrial	Paysandu, 502	68	Não	-
16	Padaria Fluminense	General Osório, 940	69	Não	-
17	Padaria do Comércio	General Osório, 927	70	Não	-
18	Padaria Portuguesa	Senador Mendonça, 202	71	Não	-

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

O principal estabelecimento com relação à importância econômica localizado na área de estudo era a Padaria Xavier Duarte. Em comparação com a Padaria 96,

também um grande estabelecimento, a primeira supera de forma significativa em número de operários e tem um capital investido 50% superior. Porém, o que realmente surpreende é o faturamento, superior ao de todos os 18 estabelecimentos desta subclasse fabril na cidade de Pelotas. (Tab. 21)

Tabela 21: Caracterização dos estabelecimentos de **Fabricação de Produtos de Padaria, Confeitaria, Biscoitos e Bolachas (CNAE - 15.8)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	Fábrica de Biscoito Pelotense	1	5	4.000\$	6.000\$	4.000
2	Padaria 96	5	30	100.000\$	300.000\$	
3	Padaria Xavier Duarte	6	45	150.000\$	840.000\$	
4	Estrela do Sul		10	4.000\$	7.200\$	
5	Padaria Victoria	1	7	8.000\$	60.000\$	
6	Padaria Brasileira	1	16	20.000\$	70.000\$	
7	Padaria Americana	4	18	50.000\$	110.000\$	
8	Padaria e Moagem de Café Louzada	2	6	5.000\$	36.000\$	
9	Nova Padaria Pereira	1	7	3.000\$	12.000\$	
10	Padaria Margarida	1	5	3.000\$	11.000\$	
11	Padaria Central	1	5	3.000\$	20.000\$	
12	Padaria Monteiro	2	6	4.000\$	24.000\$	
13	Padaria Cardoso		4	2.000\$	12.000\$	
14	Padaria Luso Brasileira		1*	500\$	3.000\$	
15	A Industrial	3	11	15.000\$	18.000\$	
16	Padaria Fluminense		3*	1.200\$	10.000\$	
17	Padaria do Comércio	2	11	8.000\$	36.000\$	
18	Padaria Portuguesa	1	4	4.000\$	18.000\$	
Obs.: Produção indicada em quilos por ano.						

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Dentre os estabelecimentos na área de estudo, ao comparar os dados de operários, capital e faturamento com os dados médios desta subclasse, podemos verificar que a Padaria Xavier Duarte supera em muito os valores. A Padaria Luso-Brasileira fica muito abaixo. Tratava-se de um estabelecimento de arrebalde

vinculado a comercialização com os moradores da imediação. Já a Xavier Duarte era estabelecimento fabril de grande porte, que comercializava seus produtos para diversas localidades do estado. (CUNHA, 1911) (Tab. 22)

Tabela 22: Identificação da importância dos estabelecimentos de **Fabricação de Produtos de Padaria (CNAE - 15.8)**, na área de estudo.

Estabelecimentos de Panificação na Área de Estudo						
Localização	Trabalhadores		Capital		Faturamento	
	Número	%	Valor	%	Valor	%
Área de estudo	52*	23%	150.500\$	39%	843.000\$	53%
Demais áreas	173*	77%	234.000\$	61%	750.200\$	47%

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Padaria Xavier Duarte

Segundo registros de Alberto Coelho da Cunha, a Padaria Xavier Duarte era, em 1910, *"dos estabelecimentos de panificação, existe em Pelotas, o maior, mais antigo e de maior movimento."* (Cunha, 1911, s.p.).

Fundada por Custódio da Silva Branco em 1857, na Rua Gonçalves Chaves 155, a padaria permaneceu neste endereço por 43 anos. Quando, em 1903, houve necessidade de ampliar o empreendimento. A empresa construiu uma nova fábrica, em um terreno maior e em área mais "desafogada". Assim, a Padaria Xavier Duarte foi transferida para Rua Sete de Abril, nº 701 – que corresponderia, hoje, à esquina entre as ruas Dom Pedro II e Barão de Santa Tecla. (CUNHA, 1911) (Fig. 103 e 104)



Figura 103: "A secção de torrefacção e moagem do café". Pelotas. RS.

Fonte: DOMECCQ' & CIA, 1916.



Figura 104: "O escriptorio geral do estabelecimento". Pelotas. RS.

Fonte: DOMECCQ' & CIA, 1916.

Os registros apontam a existência de muitos proprietários, ao longo dos anos, desde sua fundação, em 1857, até o momento do registro, em 1910:

Por ocasião da sua fundação esteve sob a firma Branco e Planella, em segunda Custodio da Silva Branco Comp^{ia}, depois João Leão Satlamini Comp^{ia}, após Brochado Comp^{ia}, por fim de 23 de fevereiro de 1903 até o momento atual a de Xavier Duarte.(CUNHA, 1911, s.p.)

A produção era diversificada: (Fig. 105)

Em 1900 já era em vasta seu trabalho, compreendia com o fabrico de pão, e de bolachas, bolachinhas e biscoitos, para esta produção desmanchando numa média diária de mais de 2.160 quilos de farinha de trigo, ou seja, 800 mil quilos, indo às vezes até um milhão de quilos.

Fabricava pão de água, proveince e sovado, passado estas duas classes pelos cilindros. As bolachas eram quatro tipos com as bolachinhas e biscoitos, formavam um total de 26 qualidades e formas diferentes.

[...]empregava, além de um guarda livros e cinco empregados do escritório, quarenta e cinco operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

Com relação ao maquinário, possuía um motor a vapor de força de 10 cavalos, alimentado à lenha, necessário para acionar três cilindros e uma serra mecânica.

Entre as máquinas, contava com um motor Adolf de força de 22 cavalos, quatro máquinas para amassar, uma para cortar, três prensas de fabrico de massas de sopa, dois torradores, quatro moinhos para café, um aparelho para a escolha de grãos, todos a vapor. Também possuía dínamos e instalações próprias para a sua instalação a luz elétrica.

Anexas à padaria, funcionavam fábricas de massas, de beneficiar café e tanoaria. Neste local as barricas do exterior, vindas com farinha eram armadas e preparadas para o transporte dos produtos da fábrica. Em 1900, a empresa empregava 25 homens. (CUNHA, 1911) (Fig. 106)



Figura 105: Anúncio.
Fonte: PARADEDA, 1919.



Figura 106: "O depósito de madeiras para construção". Pelotas. RS.
Fonte: DOMECCQ' & CIA, 1916.

Há registro, ainda, da ampliação dos negócios: Cunha relata a entrada da empresa no ramo do comércio de materiais de construção, com depósito de telhas das olarias dos Clímaco e de Santo Amor.

Padaria Luso-Brasileira

Esta padaria, conforme pode ser verificado na tabela 21, se trata de um dos menores estabelecimentos desta subclasse de fábrica. Foi fundada em novembro de 1911, com pequeno capital.

A manufatura foi instalada por Alexandre Solano em um prédio de duas aberturas para a via pública, alugado de Solano Serafim.

De maquinismo conta um cilindro para amassar. O valor de sua produção, que é de três contos anuais, é extraído de matéria prima cestone de farinhas de trigo e milho, açúcar, banha, sal, soda etc. o seu consumo é todo local. (CUNHA, 1911, s.p.)

Sobre a edificação da padaria Luso-Brasileira, apenas se sabe que estava localizada à Rua Manduca Rodrigues Nº 768, nas proximidades da estação da estrada de ferro.

Fábricas de produção de conservas

A atividade de fabricação de conservas de frutas e legumes foi de muita importância para Pelotas durante praticamente todo o século XX. Segundo Pesavento (1985), na República Velha, com relação a grandes empresas, a cidade de Pelotas se destacava pela indústria da alimentação, mais especificamente pelos produtos de carne e pela fabricação de conservas.

Em 1911, existiam cinco fábricas de preparação de frutas e legumes. Entre estes, dois ficavam situados na área de estudo. Estas tinham significativo número de operários, ao alto faturamento e ao capital investido. Já as três fábricas localizadas na área central se caracterizam por serem de pequeno porte. (Tab. 23)

Conforme podemos verificar na Tabela 24, a maior das fábricas de produção de conservas era a Fábrica Aliança, localizada junto às margens do Arroio Santa Bárbara.

Sua produção era diversificada: além das compotas de frutas e legumes, produzia sabões, velas, medicamentos e outros produtos.

As demais fábricas de conservas eram pequenas manufaturas. Por estarem localizadas na área central da cidade, podemos dizer que estavam associadas ao comércio local. (Tab. 24)

Tabela 23: Identificação dos estabelecimentos de **Processamento, Preservação e Produção de Conservas de Frutas, Legumes e Outros Vegetais (CNAE - 15.2)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	Fábrica de Caramelos e Compotas Marca “Águia”	Mal. Floriano, 61	105	Não	-
2	Fábrica de Conservas	Gen. Victorino, 309	106	Não	-
3	Fábrica Schramm	Gen. Osório, 715	107	Não	-
4	Fábrica Aliança	Mal. Deodoro, 1 e 2	108	Sim	Dem.
5	Fábrica Amazônia	Paysandu, 1,2 e 4	109	Sim	Dem.

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 24: Caracterização dos estabelecimentos de **Processamento, Preservação e Produção de Conservas de Frutas, Legumes e Outros Vegetais (CNAE - 15.2)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	Fábrica de Caramelos e Compotas Marca “Águia”	2	12	10.000\$	20.000\$	-
2	Fábrica de Conservas	1	15	5.000\$	7.500\$	12.000
3	Fábrica Schramm	1	17	8.000\$	14.700\$*	18.000
4	Fábrica Aliança	2	130	300.000\$	800.000\$	-
5	Fábrica Amazônia	-	-	-	-	-

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 25: Identificação da importância dos estabelecimentos de **Produção de Conservas (CNAE - 15.2)**, na área de estudo.

Estabelecimentos de Produção de Conservas na Área de Estudo						
Localização	Trabalhadores		Capital		Faturamento	
	Número	%	Valor	%	Valor	%
Área de estudo	132	73%	300.000\$	93%	800.000\$	95%
Demais áreas	48	27%	23.000\$	7%	42.200\$*	5%

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Em 1911, a Fábrica Amazônia tinha sido comprada pela Leal Santos e estava em processo de instalação e adaptação das máquinas, equipamentos e de reformas dos prédios. A partir de 1912 a Leal Santos, com sede localizada na cidade de Rio Grande, se consolidaria como um grande estabelecimento de produção de conservas.

Fábrica Aliança

Segundo Cunha (1911), quando a empresa do Asseio Público foi encampada pela prefeitura, em 1903, o empresário, farmacêutico e químico Antonio Leivas Leite aproveitou as edificações para instalação de seu novo empreendimento: a Fábrica Aliança.

Provavelmente, as primeiras instalações da Fábrica Aliança sejam as apresentadas na Figura 107, em que podemos verificar espaço compartimentado, possivelmente de utilização como estábulos para os animais que puxavam as carroças com os cabungos do serviço de Asseio Público.

O sócio gerente da empresa encampada, encontrando-se livre da responsabilidade e das preocupações assoberbantes de quem está a mercê do público, e por contrato, amarrado ao poder municipal, aliviado desses compromissos, viu-se desocupado e por isso apto a encarregar as suas aptidões para outras operações, mais consertaneas com seu preparo acadêmico. (CUNHA, 1911, s.p.)

Deste modo, a empresa começou como uma firma individual, de pequenas proporções, que produzia elixires e tônicos, indicados para enfermidades do fígado e do estômago. O empreendimento entrou em crise um ano depois de inaugurado, forçando o empresário a buscar novas alternativas. A crise deu origem à sociedade Leite, Nunes & Irmão, formada entre o empresário e os irmãos Adolpho Cyriaco Nunes de Souza e Emilio Nunes. (CUNHA, 1911)

A injeção de capital proporcionada pela sociedade fez crescer o empreendimento inicial. E ocupou prédios e terrenos adjacentes:

Depois de 1º de setembro de 1906, data de seu contrato, realizou consideráveis obras nos edifícios e no terreno, para aumento de suas acomodações, adquiriu maior número de máquinas e aparelhos, pô-la em pé de grande desenvolvimento, acrescentando-lhe em muito a capacidade produtiva. (CUNHA, 1911, s.p.)

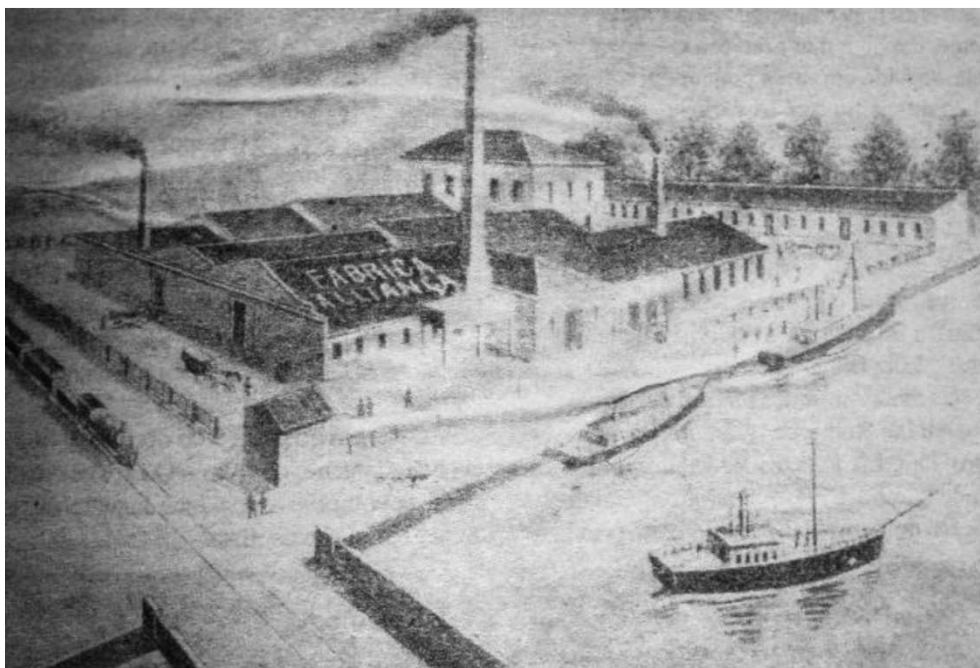


Figura 107: Publicidade da "Fábrika Aliança". Pelotas. RS.
Fonte: CARVALHO, 2011.

Em um primeiro momento, a nova associação investiu na diversificação dos produtos, com a inclusão da produção de conservas alimentícias. Após a remodelação e a ampliação, a fábrica Aliança passou a comercializar, além de elixires e tônicos, latas de legumes, peixes, carnes e feijoadas. Em 1911, possuía fábricas de vinhos, sabão, sabonetes e perfumarias, além de produtos farmacêuticos. (Fig. 108) A diversificação do empreendimento, bem como os investimentos dos sócios, ficaram evidentes na descrição das instalações da Fábrica Aliança fornecida por Alberto Coelho da Cunha:

Trabalha com um motor de força de 24 cavalos, uma caldeira com força de 70 cavalos e 80 máquinas diversas.[...]A funilaria possui maquinaria esplendida, parte inglesa e parte alemã, toda movida a vapor pronta para produzir 10 a 12.000 latas por dia, de diversos tamanhos e feitios. São em 22 as máquinas em serviço, algumas movidas a pé e a mão: três para cortar folha, uma para enrolar, uma cravadeira instantânea de costurar latas, três frizadeiras, sedo duas para borda e frisos das latas cilíndricas e uma das latas retangulares; quatro cravadeiras que firmam o fundo das latas redondas duas das retangulares dessas quatro, só uma é movida a mão [...] Há instalação elétrica que fornece força e luz para carpintaria e serraria onde se fazem caixões e caixotes para acomodar os produtos a exportar. Dentre suas máquinas se destacam duas serras, uma de aplainar, outra de aparelhar. [...]Na ferraria (secção) sobressaem entre milhares de ferramentas variadas, varias forjas e um torno automático. (CUNHA, 1911, s.p.)

Atualmente, não há reminiscências da antiga construção. Contudo, dada a importância econômica e as dimensões de sua instalação, foi possível determinar sua localização, por ser mencionada nos relatos. Dentre eles, a descrição de Alberto

Coelho da Cunha, segundo a qual a construção "*Ocupa pela rua Marechal Deodoro os prédios números 1 e 2 [...]*".

As anotações de Lopes Neto (1911), que, ao analisar o bairro Estaleiro, utiliza a localização do Grupo Aliança como ponto de referência para situar um estaleiro: "*no extremo sul da rua Mal. Deodoro, no lugar onde se acha a fábrica de conservas alimentícias 'Aliança', próximo a antiga Caieira Carpena*".



Figura 108: Publicidade do estabelecimento Leite, Nunes & Irmão, "Fábrica Aliança".
Fonte: LOPES NETO, 1911.

Em 1911, em tempo de safra trabalhavam mais de 200 operários, entre homens e mulheres. Produziam marmeladas variadas, cuja produção, em 1913, ano "*miserável de fruta*", foi de 400.000 latas – pêssegos, figos, bananadas, fruta caldas, compotas, geleias, conservas de carnes, peixes e legumes. (CUNHA, 1911) (Fig. 109)

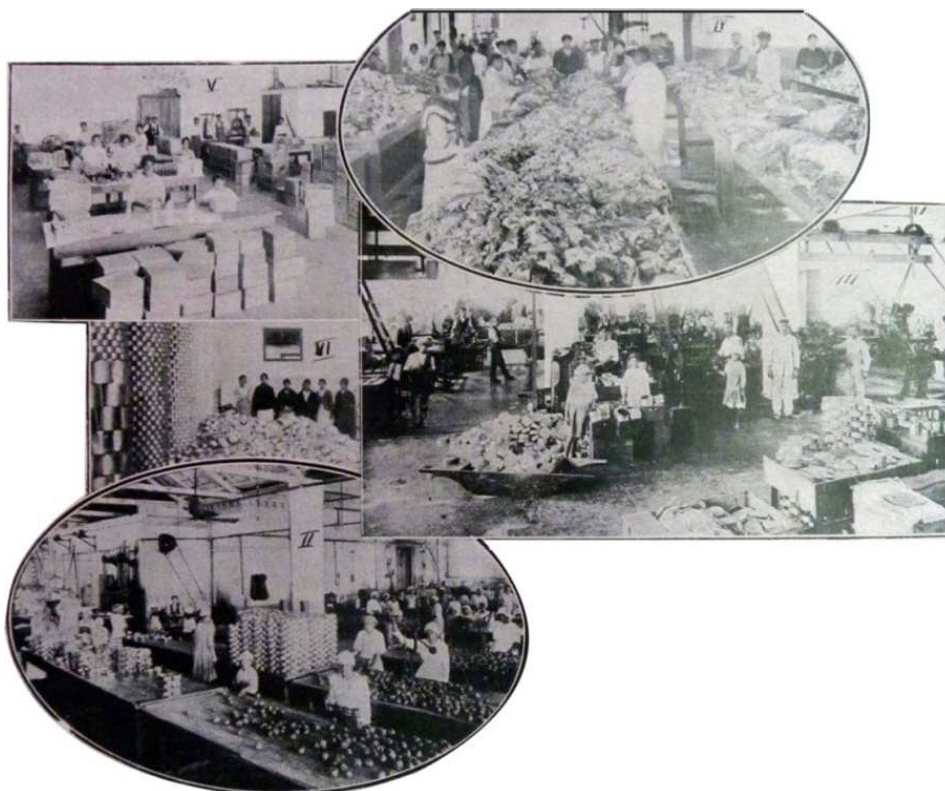


Figura 109: (II) Seção de preparo de doces; (III) Seção de funilaria; (IV) Seção de conservas de carne; (V) Seção de perfumaria e sabonetes; (VI) Depósito de produtos enlatados da "Fábrica Aliança". Pelotas. RS. **Fonte:** COSTA, 1922.

Fábrica Amazônia - Leal Santos

Alberto Coelho da Cunha (1911) foi o único autor que mencionou esta fábrica, localizada em prédio térreo com 14 aberturas de frente pela Rua Paysandu, sob os números 1, 2 e 4. A Fábrica Amazônia, fundada pelo Dr. Balbino Mascarenhas, funcionou nos dois primeiros anos, sob a razão social da firma Mascarenhas & Irmãos.

Montada para explorar conservas através de um sistema especial desenvolvido por seu inventor, a fábrica deveria conservar carne e produzir laticínios, inclusive leite, conservado fresco, por processo não conhecido. Porém, a empresa encontrou dificuldades e, aparentemente, o novo sistema de conserva não apresentou o resultado esperado. Ficou limitada à produção de compotas de frutas e marmeladas, do tipo vulgarmente usado. Em agosto de 1911 a fábrica foi vendida, com terreno, edificações e mecanismos, para a Leal Santos & Companhia. – proprietários de fábricas de biscoitos e de conservas, estabelecidos também na cidade de Rio Grande.

A Leal Santos era um estabelecimento com matriz em Portugal, que instalou filial na cidade de Rio Grande em 1889. Segundo Bueno (2009), o proprietário Francisco Leal Pancada, na época da instalação das fábricas na região, justificou que *"o local não poderia ser mais apropriado, pois possuía frutas, legumes e peixes em abundância"*.

Em 1906, a Leal Santos do Brasil se desvinculou da matriz. Em 1911, adquiriu a Fábrica Amazônia em Pelotas, cidade onde já tinha estabelecido uma fazenda para produção de frutas e legumes para as conservas que industrializava. (BUENO, 2009).

Segundo Monte Domec' (1916) a fábrica de Rio Grande era responsável pela fabricação de biscoitos; a filial de Pelotas processava as frutas, legumes e produzia os enlatados de carnes e peixes. (Fig. 110 e 111).

O estabelecimento fabril estava localizado junto ao Arroio Santa Bárbara. Conforme Figura 135, que a registrou sobre a ponte do Ramal Ferroviário, com, ao lado direito, as edificações da Fábrica Aliança e à esquerda, a fábrica Leal Santos. Notável na mesma fotografia é a significativa quantidade de barcos e o tamanho considerável dos mesmos junto às duas fábricas de conservas. (Fig. 112)

Com a construção da ponte da via férrea, os barcos veleiros de maior porte penetravam via arroio até este ponto, para cruzar as pontes somente com embarcações "chatas".

Esta fábrica, assim como a Aliança, em razão de sua elevada produção, tinha por objetivo produzir conservas para abastecer o mercado nacional, sendo importante estar em local com disponibilidade de mão de obra, facilidade para adquirir a matéria-prima e para enviar a produção para os diferentes destinos do litoral brasileiro.



Figura 110: "Rotulo da fábrica de biscoitos e conservas" e "Anúncio industrial. Fábrica de Biscoitos e Conservas Leal Santos & Companhia".
Fonte: PESAVENTO, 1985.



Figura 111: "Sabor e requinte" anúncios da Fábrica de Biscoitos e Conservas Leal Santos.
Fonte: BUENO, 2009.

Em 1916, juntando as unidades de Rio Grande, a fábrica e a fazenda em Pelotas e a fábrica de chocolates e o escritório comercial no Rio de Janeiro, estava constituída de um capital de 2.000 contos de réis e possuía 600 operários. (MONTE DOMEÇ, 1916) A fábrica em Pelotas ocupava 150 operários para a produção de conservas de carnes e de frutas. (CARRICONDE, 1922)

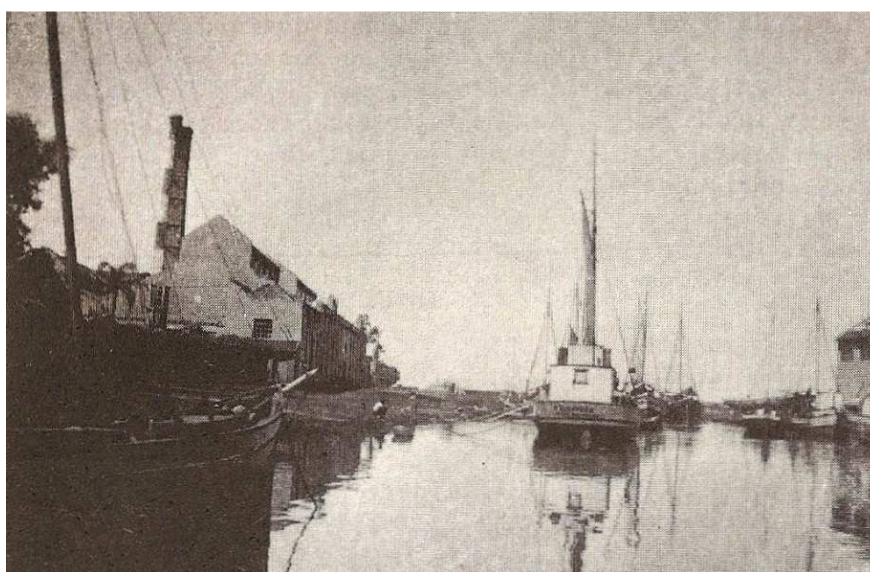


Figura 112: "Ponte do Ramal, Fábrica Leal Santos". Pelotas. RS.
Fonte: MAGALHÃES N, 1989c.

Fábricas de Moagem de Trigo

Esta subclasse de fábrica recebia e transformava o trigo, através de diversos processos de moagem, em farinha de trigo. Também tinha como subprodutos diversos farelos utilizados como ração animal. (Tab. 26 e 27)

Tabela 26: Identificação dos estabelecimentos de **Moagem, Fabricação de Produtos Amiláceos - Moagem de Trigo e Fabricação de Derivados (CNAE - 15.5)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	Moinho Pelotense	Marechal Deodoro, 301	52	Sim	Dem.

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 27: Caracterização dos estabelecimentos de **Moagem, Fabricação de Produtos Amiláceos - Moagem de Trigo e Fabricação de Derivados (CNAE - 15.5)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	Moinho Pelotense	2	30			

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Moinho Pelotense

Alberto Coelho da Cunha (1911) começou a descrição do Moinho Pelotense analisando a paisagem e a posição privilegiada do empreendimento, que, segundo o autor, facilitaria o escoamento da produção, bem como o transporte da matéria-prima:

Sobre a margem direita do arroio Santa Barbara, sobre o qual trará facilidade do seu transito, foi montada uma ponte de madeira, ergue-se este moinho. A sua construção teve o alinhamento de acordo com o futuro prolongamento da rua independência através do bairro da graça. (CUNHA, 1911, s.p.)

Segundo Cunha (1911), o Moinho Pelotense foi fundado por Delphino Gonçalves Borges em 1886, na margem direita do Arroio Santa Bárbara, atual cruzamento das ruas Mal. Deodoro e Gomes Carneiro. (Fig. 113)

O moinho de farinha se situava à Rua Mal. Deodoro, 301 (OSORIO, 1998). A localização exata desta construção foi possível pelas indicações de Alberto Coelho da Cunha, cruzadas com a localização indicada por Fernando Osório, além de fonte iconográfica, que confirma a proximidade com o Arroio Santa Bárbara da edificação, com três andares e seu próprio trapiche de desembarque do trigo.

Segundo Alberto Coelho da Cunha (1911), a empresa foi vendida, em dezembro de 1887, para Paulino Teixeira da Costa Leite, que “[...] lhe imprimiu grande desenvolvimento, com introdução de notáveis aperfeiçoamentos e montagem de importante fabrica de massas”. (Fig. 114)

Cunha (1911) relatou, ainda, que as dependências da empresa, em 1911, ocupavam grande edifício de sobrado com três andares. O patrimônio era constituído, de vasto maquinário, que compreendia nove centrífugas para apartar os produtos; três máquinas para limpar sêmola; quatro para limpar trigo quebrado; três peneiras; quatorze condutores; cinco ventiladores; uma máquina para limpar farelo; seis outras para limpeza de trigo; sete cilindros duplos e duas máquinas para ensacar farinha. O maquinismo era movido por impulso simultâneo de um motor de força de noventa cavalos, alimentado a lenha e carvão. A iluminação de todo o moinho era a luz elétrica fornecida por dois dínamos assentes no mesmo compartimento do motor e distribuída por oitenta lâmpadas, com força variável de 16 a 50 velas.

O processo de produção da empresa, descrito por Cunha (1911) constitui um importante indício da proximidade e da influência dos empreendimentos estrangeiros na economia pelotense da época, visto que a matéria-prima utilizada nesta fábrica era praticamente 100% importada.

O trigo recebido é de proveniência argentina, vindo do rio grande em chatas rebocadas por lanchas a gasolina, que vem lhe atracar as portas. Ao descarregar é despejado dos sacos em uma grade, em seguida apanhado por elevadores que o vão deixar nos depósitos em numero de quatro, com capacidade para 25000kilos, Dai atravessa por oito maquinas diferentes que o expurgam de todas as impurezas, e, reunindo-se nos depósitos de trigo limpo, é triturado seis vezes pelos cilindros raiado, passando os produtos obtidos por quatro cilindros duplos lisos, onde vão as centrifugas para separá-los, e uma vez classificados, são ensacados por um interessante sistema, ajustando os sacos a extremidade de longos tubos que os vão sacudindo, a proporção que nele se despejam o gênero. (CUNHA, 1911, s.p.)

No referente ao sistema de trabalho do estabelecimento, Cunha (1911) registrou que, quando sob a direção de Paulino Leite a produção era ininterrupta, das seis horas da manhã de segunda-feira até as seis da manhã de domingo,

ordinariamente, durante oito meses do ano. Nos quatro meses restantes, o trabalho à noite era suprimido.



Figura 113: Cartão Postal “Moinho Pelotense”. Pelotas. RS.

Fonte: PINTO, Guilherme. (acervo pessoal)

Com relação à infraestrutura de apoio para funcionamento da fábrica, além do moinho propriamente dito e da ponte de madeira, há registro da existência de uma serraria, três vastos depósitos para trigo e quatro para farinha, além de uma fábrica de massas, localizada em compartimento térreo, junto ao moinho. Segundo relato, a serraria teria função de ajustar a madeira trazida dos matos da serra para ser convenientemente adaptada às máquinas em funcionamento. (Fig. 115)



Figura 114: Residência de Paulino Leite, situada à Rua Mal. Deodoro, mesma rua do Moinho Pelotense. Pelotas. RS.

Fonte: MAGALHÃES N, 1989b.



Figura 115: “Ponte do moinho – Rua Gomes Carneiro com Mal. Deodoro”. Pelotas. RS.

Fonte: MAGALHÃES N, 1989b.

A fábrica de massas, por sua vez, teria sido montada com o intuito diversificar o negócio. Como bem se percebe na descrição de Cunha (1911):

Em compartimento térreo junto ao moinho está localizada a fabrica de massas montada de forma a poder empregar diariamente 40 sacos de farinha

de 45 kilos, possui para esse trabalho seis prensas e três cilindros amassadores, tocados a vapor confeccionava sessenta tipos diversos de massas de diferentes formatos, que iam abrindo prospera carreira, merecendo a mais franca aceitação nos seus mercados de consumo, em que muito apreciado estava sendo o esmero do seu preparo [...] (CUNHA, 1911, s.p.)

Com a morte de Paulino Leite, em 1902, a empresa passou para a mão de herdeiros, que, optaram pela venda. Desta forma, o Moinho Pelotense foi comprado pela concorrência, de acordo com o relato de Cunha: “[...] pelo preço de 90 contos de réis, Albino Cunha fez a aquisição do importante estabelecimento, cujos produtos em alta cotação de preço, obtinham marcada preferência” (CUNHA, 1911, s.p.). A empresa então foi reduzida a simples sucursal da sua fábrica rio-grandina. A transcrição abaixo constitui o relato de Alberto Coelho da Cunha sobre a venda da empresa e sua situação em 1911:

Passado em 1903 ao novo proprietário, conservou por alguns anos a portas fechadas. Servindo de simples depósito dos produtos do Moinho Rio Grandense. Nestes últimos anos, por períodos intermitente ele entra em atividade, como um auxiliar do trabalho daquele estabelecimento cometido. Em 1911 trabalhou com trigo argentino e algum nacional, produziu cinco milhões e quatrocentos mil kilos de farinha. Esta sob a direção de um gerente que comanda um empregado de escritório, um capataz, um moleiro, um maquinista, um foguista e 25 operários e duas operárias. (CUNHA, 1911, s.p.)

Durante este período (1902-1922), os dois moinhos, Moinho Pelotense e Moinho Rio Grandense, formaram a maior empresa de moenda de trigo do estado do Rio Grande do Sul.

Fábricas de beneficiamento de arroz

Esta classe de fábrica tinha por objetivo o beneficiamento do arroz, em etapas sucessivas, descascar, secar, polir e embalar o arroz produzido na região, para a comercialização. (Tab. 28 e 29)

A produção do arroz irrigado teve um grande desenvolvimento depois de 1907, quando começaram a ser criadas várias lavouras de arroz, principalmente da firma Pedro Osório, que associada a outros empresários da cidade desenvolveria a orizicultura irrigada.

Tabela 28: Identificação dos estabelecimentos de **Moagem, Fabricação de Produtos Amiláceos - Beneficiamento de Arroz (CNAE - 15.5)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	Engenho Santa Ignácia	Sete de Abril, 707	115	Sim	Sim

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 29: Caracterização dos estabelecimentos de **Moagem, Fabricação de Produtos Amiláceos - Beneficiamento de Arroz (CNAE - 15.5)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	Engenho Santa Ignácia	2	8	60.000\$	400.000\$	40.000

Obs.: Produção indicada em sacos de arroz por ano.

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Engenho Santa Ignácia

Segundo Cunha (1911), existia na área urbana de Pelotas um estabelecimento desta subclasse, o Engenho Santa Ignácia. O estabelecimento funcionava no mesmo conjunto de edificações que a Manufatura de Fumos Gentilini, um de seus proprietários também era o proprietário do estabelecimento de beneficiamento de arroz, Menotti Gentilini. (Fig. 116)

Menotti Gentilini, também tinha sociedade com uma manufatura de espelhos, uma barraca de frutos e um escritório de representações.

O engenho estava situado junto à antiga ponte sobre o Arroio Santa Bárbara, à Rua Dom Pedro II, bem próximo à estação da via férrea. Este estabelecimento foi descrito:

Foi fundado em 1º de dezembro de 1910 destinado ao beneficiamento do arroz colhido das lavouras do município, por Menotti Gentilini. Ocupa prédio próprio, de construção térrea com seis aberturas de frente pela rua sete de abril sob o nº707.

Foi montado com o capital de 60 contos de reis, possuindo uma máquina descascadora, dois ventiladores automáticos, duas peneiras, um afiador, um lustrador e um clarificador, todas acionadas pelo mesmo motor colocado no estabelecimento contíguo, ocupado pela fábrica de fumos.

O arroz que beneficia, montam 40 mil sacos no valor de 400 contos de reis, de que pequena parte é exportada para outros estados da república, além

do gerente, dá serviço a um maquinista e oito operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

O engenho de arroz aumentou significativamente seu capital, de 60 contos em 1911 para 275 contos de réis, da mesma forma que o faturamento da empresa passou de 400 para 3.000 contos de réis, apenas cinco anos após a fundação.

Segundo Monte Domecq' & Cia.(1916), o engenho possuía máquinas norte-americanas e alemãs para a produção de 400 sacos por dia. Utilizava matéria-prima proveniente de uma lavoura do proprietário, de 120 hectares de arroz e também comprava arroz principalmente de Camaquã e beneficiava para outros produtores. (Fig. 117)



Figura 116: Publicidade do “Engenho de Arroz Santa Ignácia de Menotti Gentilini”. Pelotas. RS. **Fonte:** CARRICONDE, 1922.

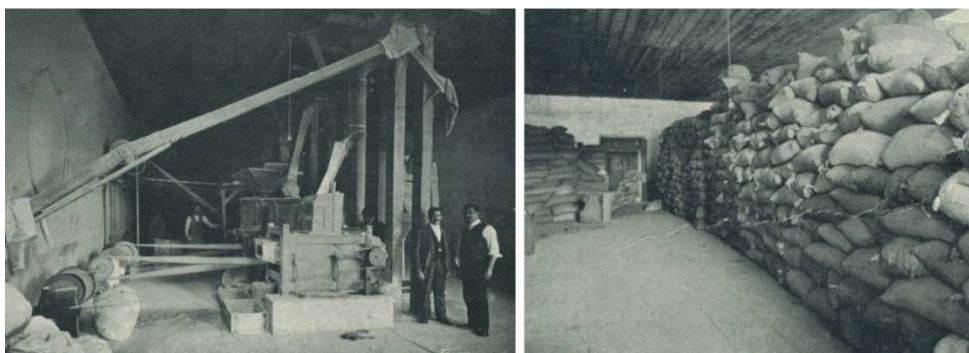


Figura 117: “Seção interna do engenho” e “Depósito de arroz em bruto para descascar do engenho Santa Ignácia”. Pelotas. RS. **Fonte:** COSTA, 1922.

Engenho São Gonçalo

Segundo Alfredo Costa (1922), eram dois os estabelecimentos de beneficiamento de arroz do Cel. Pedro Osório, o Engenho do Cascalho e o Engenho São Gonçalo, o primeiro situado junto à margem direita do Arroio Pelotas e o segundo, e também mais moderno e importante, no Passo dos Negros, no Canal São Gonçalo.



Figura 118: Publicidade do Engenho São Gonçalo. Pelotas. RS. **Fonte:** CARRICONDE, 1922.



Figura 119: "Coronel Pedro Luiz da Rocha Osório". **Fonte:** CARRICONDE, 1922.

O Engenho São Gonçalo foi instalado com máquinas vindas dos Estados Unidos da firma Barnard & Lea, e tinha capacidade para beneficiar 1.200 sacos de arroz com casca em 10 horas.

O engenho é movido por dois motores elétricos, de 250 cavalos de força, e que são alimentados por três dinamos, de 75 kws. cada um, de corrente trifásica e 220 volts, acionados a seu turno, por três motores horizontais, tipo corliss.

As caldeiras são em número de três, tipo Babcock & Wilcox, com 80 metros quadrados de superfície de aquecimento, produzindo o vapor necessário ao consumo dos motores. (COSTA, 1922, p.95)

Fábricas de moagem de café

O café era obtido de outras regiões do país para ser manufaturado e comercializado na própria cidade de Pelotas e também nas cidades vizinhas. Com relação à localização dos estabelecimentos, podemos verificar que se trata de manufaturas distribuídas de maneira uniforme por toda a área central da cidade.

Estes estabelecimentos adquiriam café em grão e processavam através da torragem e moagem, um processo manufatureiro em que transformavam o café em produto preparado para consumo.

Entre as manufaturas de alimentos, a subclasse de processamento do café foi a menos expressiva, pois dos seis estabelecimentos existentes na cidade apenas um estava localizado na área de estudo, a Moagem e Café Carpena. (Tab. 30 e 31)

Tabela 30: Identificação dos estabelecimentos de **Torrefação e Moagem de Café (CNAE - 15.7)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	A Popular	General Osório, 552	46	Não	-
2	Moagem do Armazém Central	Andrade Neves, 672	47	Não	-
3	Moagem de Café Marques	13 de Maio, 258	48	Não	-
4	Café do Comércio	Gonçalves Chaves, 852	49	Não	-
5	Moagem de Café Carpena	Barão de Mauá	50	Sim	Não
6	Fábrica Santa Rosa	General Victorino, 371	51	Não	-

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 31: Identificação da importância dos estabelecimentos de **Moagem de Café (CNAE - 15.7)**, na área de estudo.

Estabelecimentos de Moagem de Café na Área de Estudo						
Localização	Trabalhadores		Capital		Faturamento	
	Número	%	Valor	%	Valor	%
Área de estudo	2	8%	1.500\$	3%	10.000\$*	8%
Demais áreas	23	92%	58.000\$	97%	121.800\$*	93%

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Ao analisar os dados relativos ao número de trabalhadores, capital e faturamento, podemos verificar que a moagem de café Popular foi o estabelecimento mais significativo com relação a estas de manufaturas. (Tab. 32)

Tabela 32: Caracterização dos estabelecimentos de **Torrefação e Moagem de Café (CNAE - 15.7)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	A Popular	1	10	30.000\$	72.000\$	
2	Moagem do Armazém Central		1	3.000\$	9.000\$	
3	Moagem de Café Marques	1	1	1.000\$	9.000\$	5.600
4	Café do Comércio	1	3	4.000\$	5.400\$	3.400
5	Moagem de Café Carpena	1	1	1.500\$	10.000\$	
6	Fábrica Santa Rosa	1	4	20.000\$	26.400\$*	

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Moagem de Café Carpena

Segundo Alberto Coelho da Cunha, a Moagem de Café Carpena, de propriedade de Rômulo Carpena, foi instalada em prédio próprio em 1º de fevereiro de 1909.

tem montado uma fábrica para beneficiamento de café que na praça adquire em grão. [...] O seu capital é de 1.500\$000. Tem um motor Grossei de força de um cavalo que movimenta um torrador e um moinho. Produção anual do valor de 10 contos de reis, consumida no município. Acha-se a cargo de um mestre e um operário. (CUNHA, 1911, s.p.)

Com relação à edificação que abrigava a moagem de café, sabe-se que estava localizada à Rua Barão de Mauá, provavelmente próximo à caieira de seu irmão, José Francisco Carpena, em posição frontal às fábricas Leal Santos e Aliança.

2.2 HISTÓRIA DAS DEMAIS AGROINDÚSTRIAS NO BAIRRO DO PORTO

Este sub-capítulo é dedicado às empresas de beneficiamento de produtos agropecuários da categoria dois, ou seja, empresas de fabricação de produtos têxteis; sabões e velas; curtumes e artefatos em couro; fábricas de fumo, fábricas de produtos de madeira (serrarias, vassouras etc.); e fábricas de adesivos.

Fabricação de produtos têxteis

A seguir serão apresentados os estabelecimentos da área têxtil que funcionaram dentro da área de estudo.

Poucos estabelecimentos deste tipo localizaram-se no bairro do Porto – do total de oito fábricas, duas estavam no bairro em estudo. (Tab. 33)

Os dados apresentados na Tabela 34 sugerem fábricas pequenas: do total de oito, cinco não têm mais que dez operários; com pouco capital investido. Igualmente, como os estabelecimentos apresentados anteriormente, quando de pequeno porte e vinculado a necessidade de comercialização na própria fábrica, estas se localizavam no centro comercial, indicando que o objetivo era o abastecimento da própria cidade.

Tabela 33: Identificação dos estabelecimentos de **Fabricação de Produtos Têxteis (CNAE - 17)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	Fiação e Tecidos Pelotense	Moreira Cesar, 52	4	Sim	Sim
2	Lilecla	General Victorino, 458	11	Não	-
3	Fábrica de Chapéus Maia	XV de Novembro, 665	77	Não	-
4	Fábrica de Chapéus Pelotense	Praça da Constituição, 184	78	Sim	Sim
5	Casa Lhullier Sobrinho	XV de Novembro, 661	98	Não	-
6	Fábrica de Guarda Sois	Mal. Floriano, 120	99	Não	-
7	Primeira Indústria (cordas)	Gonçalves Chaves, 458	102	Não	-
8	Camisaria Nacional	Andrade Neves, 656	116	Não	-

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 34: Caracterização dos estabelecimentos de **Fabricação de Produtos Têxteis (CNAE -17)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	Companhia Fiação e Tecidos Pelotense	14	346	1.600.000\$	1.000.000\$	2.500
2	Lilecla	2	8	20.000\$	47.000\$*	36.000
3	Fábrica de Chapéus Maia	1	7	150.000\$	50.000\$	6.000
4	Fábrica de Chapéus Pelotense		152	500.000\$	1.500.000\$	240.000
5	Casa Lhullier Sobrinho		3	30.000\$	12.000\$	
6	Fábrica de Guarda Sois	1	2	2.000\$	2.000\$	
7	Primeira Indústria (cordas)	1	9	4.000\$	54.000\$	54.000k
8	Camisaria Nacional		40	30.000\$	100.000\$	21.600
Obs.: Produção indicada em mil metros lineares de tecido produzido anualmente e unidades peças.						

Fonte: CUNHA, 1911 s.p.

As empresas localizadas no bairro do Porto, ao contrário das demais, vendiam para o mercado nacional (CUNHA 1911). A Companhia Fiação e Tecidos Pelotense, responsável por aproximadamente 61% dos empregos, e a Fábrica de Chapéus Pelotense, por perto de 26 %. (Tab. 35)

Entre as duas fábricas de produtos têxteis na área de estudo, a Companhia Fiação e Tecidos Pelotense tinha o maior capital e número de trabalhadores, a Fábrica de Chapéus Pelotense apresentava faturamento 50% maior.

Tabela 35: Identificação da importância dos estabelecimentos de **Fabricação Produtos Têxteis (CNAE - 17)**, na área de estudo.

Estabelecimentos de Produção de Têxteis na Área de Estudo						
Localização	Trabalhadores		Capital		Faturamento	
	Número	%	Valor	%	Valor	%
Área de estudo	512	87%	2.100.000\$	90%	2.500.000\$	90%
Demais áreas	74	13%	236.000\$	10%	265.000\$*	10%

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Companhia Fiação e Tecidos Pelotense

A Companhia Fiação e Tecidos Pelotense foi oficialmente inaugurada em 14 de novembro de 1910. A fábrica pertencia a uma sociedade anônima, da qual faziam parte Alberto Roberto Rosa e Plotino Amaro Duarte, ambos diretores do Banco Pelotense. O estabelecimento foi levantado em terreno adquirido nas proximidades do Porto, no prolongamento da Rua Moreira Cesar nº 52 – o que hoje corresponde à Rua Tamandaré. (Fig. 120) (CUNHA, 1911)



Figura 120: Companhia Fiação e Tecidos Pelotense. Pelotas. RS.
Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.

A Companhia Fiação e Tecidos Pelotense nasceu de um fato econômico: os navios que levavam charque para o nordeste retornavam vazios, o que aumentava muito os custos do produto, dado que as embarcações voltavam com os porões não ocupados. Assim, a instalação de uma firma de fiação e tecelagem de algodão em Pelotas solucionaria o problema, uma vez que os navios voltariam carregados de algodão. (MAGALHÃES N., 1992c)

Com relação ao maquinário, Cunha (1911) registrou que a fábrica possuía um possante motor da força de 500HP da casa Lates & Thon Ltd., duas caldeiras e 332 máquinas para fiação, tecelagem, tinturaria, acabamentos, em geral fornecidas por Brooks and Loxey Ltd., de Manchester. Com relação aos empregados, quando da inauguração trabalhavam quatro mestres, 10 contramestres, 108 operários e 238 operárias. A produção mensal foi de 20 mil metros de brim, 50 mil de riscados, 80 mil de algodão, e 50 mil de morins. (Fig. 121)



Figura 121: Fiação e Tecidos Pelotense com máquinas e operários trabalhando. Pelotas. RS.
Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.

As imagens (Fig. 122 e 123) abaixo constituem anúncios publicitários dos primeiros anos da firma:



Figura 122: Publicidade da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense.
Fonte: LOPES NETO, 1911.

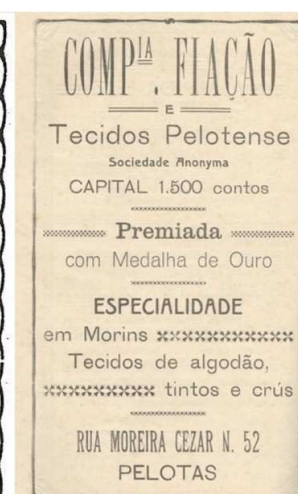


Figura 123: Publicidade
Fonte: FERREIRA & CIA, 1913.

Entre 1911 e 1914 a firma continuou a crescer, vindo a complementar algumas edificações, com o objetivo de abrigar novas máquinas, construiu alguns anexos. Nestas datas a fábrica tinha representantes em várias capitais da República, além de comercializar com a Europa.

Fábrica de Chapéus Pelotense

A Fábrica de Chapéus Pelotense foi fundada em primeiro de janeiro de 1880, por Antonio Cordeiro Jr e Guilherme Vbiener. Desde o início estava localizada em um prédio térreo de 10 aberturas na Praça da Constituição, 184, atualmente, a Praça 20 de Setembro, nº 590. (CUNHA, 1911)

A edificação que, inicialmente, fora propriedade de Francisco Alves Ribas, foi adquirida, juntamente com a empresa, por Carlos Guilherme Rheingantz, em 1892.

Em 31 de abril de 1907, com a entrada do filho de Carlos Guilherme, Francisco Rheingantz, e a retirada do gerente Guilherme Vbiener e do chefe de escritório Hermann Bonjuga, a firma foi alterada para F. Rheingantz & Companhia. (Fig. 124)

Com relação ao patrimônio da empresa, as anotações de Alberto Coelho da Cunha apontavam “58 máquinas impulsionadas por um motor de força de 50 cavalos de fabricante Mannig & Companhia alimentado a lenha ou a carvão [...]”. Quanto à mão de obra e à produção “Há anos trabalhava com 160 operários, as quais 30 eram do sexo feminino, sendo então a medida da produção diária de 50 a 60 dúzias de chapéus”.

Com relação à matéria-prima, registrou que, “para os chapéus de feltro, o pelo, em parte tirada, das peles de ratões de banhado, em parte importada da Europa, de lebre, coelho, castor” enquanto que, para os chapéus de lã, era usada “a lã fina e mestiça rio grandense, sendo a lã preferida de borregos” e fabricava, por ano, seis mil quilos de lã nacional. Por fim, acrescentou

A fábrica tem anexa, as seções de serralheria, com sensível desenvolvimento, podendo concluir máquinas de pequeno porte, como já ha sucedido, marcenaria, cartonagem, com grandes depósitos com as matérias primas e dos preparados para a tinturaria. A sua produção anual era de 360 mil chapéus por ano.

Possui um gerente, um guarda livros, treze ajudantes e um viajante. Empregava 118 operários, sendo 48 do sexo feminino e mais 24 menores, de idade superior a 13 anos. (CUNHA, 1911, s.p.)



Figura 124: Publicidade da Fábrica de Chapéus Pelotense.

Fonte: FERREIRA & CIA, 1913.

Fabricação de sabões e velas

Alberto Coelho da Cunha identificou, em 1911, dez fábricas de sabões e velas, estabelecimentos cujo gênero vinha diminuindo consideravelmente desde 1901. (Tab. 36)

Em 1898 existiam em Pelotas 16 fábricas de velas, sabão e sabonetes. Em 1901 esse número tinha se levado a 21, sendo 20 no primeiro distrito e uma no segundo, das quais quatro movidas a vapor a outras a pulso. Em 1905 estavam reduzidas a 14, sendo 13 no 1º distrito e ainda uma no segundo distrito. (CUNHA, 1911, s.p.)

Podemos interpretar, que se trata do mesmo processo de redução que sofreram as charqueadas, pois, a partir do momento em que diminuiu o número de gado abatido, também diminuiu a oferta de graxa para a produção de sabão e vela.

Por um lado, algumas fábricas encerravam suas atividades; por outro a Lang, aumentava produção, faturamento e capital. (Tab. 37)

Tabela 36: Identificação dos estabelecimentos de **Fabricação de Sabões e Velas (CNAE - 24.7)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	A Rainha das Flores		74	-	-
2	Fábrica Lang	Gonçalves Chaves, 1158	135	Não	-
3	Fábrica Barbosa	Santa Cruz, 860	138	Não	-
4	Fábrica de Velas e Sabão e Serraria à Vapor	Barroso, 602	139	Não	-
5	Fábrica Neumann	General Victorino, 261	140	Não	-
6	Fábrica Figueiredo	XV de Novembro, 955	141	Não	-
7	Fábrica de Velas e Sabão	Gonçalves Chaves, 205	142	Sim	Não
8	Fábrica Gasômetro	Barroso, 56	143	Sim	Não
9	Fábrica Cortez	Marques de Caxias, 503	144	Não	-
10	Saboaria e Velaria Pinheiro	General Osório, 216	147	Sim	Não

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

A localização das manufaturas estava distribuída nas diversas áreas suburbanas porque necessitava escoar seu esgoto para algum curso d'água e

produzia mau cheiro. Os negócios atingiam as demais regiões do estado e da República. (Tab. 38)

O total de trabalhadores, de capital e de faturamento era bastante significativo. A maior foi a fábrica Lang e a menor a Saboaria e Velaria Pinheiro. A última tinha três trabalhadores, capital de 4,5 contos de réis e faturamento de 38 contos. Os dados desta empresa foram expressivos se comparados com as indústrias da categoria 3. (Tab. 37)

Tabela 37: Caracterização dos estabelecimentos de **Fabricação de Sabões e Velas (CNAE - 24.7)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	A Rainha das Flores	1	20	100.000\$	70.000\$	
2	Fábrica Lang	4	83	600.000\$	800.000\$	1.671.000
3	Fábrica Barbosa		20	175.000\$	300.000\$	575.000
4	Fábrica de Velas e Sabão e Serraria à Vapor	2	15	50.000\$	720.000\$	
5	Fábrica Neumann	2	7	60.000\$	126.000\$*	310.000
6	Fábrica Figueiredo		8	30.000\$	112.000\$*	62.000
7	Fábrica de Velas e Sabão	1	3	20.000\$	48.000\$	
8	Fábrica Gasômetro	1	6	30.000\$	200.000\$	
9	Fábrica Cortez	1	4	30.000\$	120.000\$	
10	Saboaria e Velaria Pinheiro	1	2	4.500\$	38.000\$	111.000
Obs.: produção em quilos por ano						

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 38: Identificação da importância dos estabelecimentos de **Fabricação de Sabões e Velas (CNAE - 24.7)**, na área de estudo.

Estabelecimentos de Produção de Sabões e Velas na Área de Estudo						
Localização	Trabalhadores		Capital		Faturamento	
	Número	%	Valor	%	Valor	%
Área de estudo	14	8%	54.500\$	5%	286.000\$*	11%
Demais áreas	167	92%	1.045.000\$	95%	2.248.000\$*	89%

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Três empreendimentos ficavam no bairro do Porto, a fábrica de Velas de Sabão, a Gasômetro e a Saboaria e Velaria Pinheiro.

Fábrica de Velas e Sabão

Jeronymo Pereira de Carvalho fundou a fábrica em 1898. Ficava à Rua Gonçalves Chaves nº 205, entre as ruas Benjamin Constant e Conde de Porto Alegre, em casa térrea contendo três aberturas de frente para o logradouro.

Emprega as matérias primas usadas em todas as fábricas congêneres deste estado. Dispõe de duas máquinas para fabricação de velas, provenientes das oficinas alemãs de Reinhold Wünnchmann e trabalha sob direção de um mestre com três operários. (Cunha, 1911, s.p.)

Fábrica Gasômetro

A fábrica foi constituída por Domingos Dias da Costa Reis, que se associou ao sobrinho José da Costa Reis, para se estabelecer em prédio próprio. Domingos já tinha se desligado de outra sociedade, denominada Costa, Reis & Figueiredo.

Possui cinco máquinas para velas do fabricante alemão Reinhold Wünnchmann, e outras miúdas de menos importância. Sebo, soda e breu, fio de algodão constituem a matéria prima utilizada nas suas oficinas, para produtos do valor de 200 contos anuais, que encontram a sua colocação dentro do estado. Trabalha com um mestre e seis operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

A fábrica estava situada à Rua Almirante Barroso nº 56, em prédio com seis aberturas de frente para a referida rua. Estava localizada frontalmente a parte das instalações do Gasômetro, no cruzamento entre as ruas João Manuel e Almirante barroso.

Saboaria e Velaria Pinheiro

Este estabelecimento foi fundado por Manuel da Fonseca Pinheiro em 1908. O prédio, alugado de Antônio Teixeira da Costa Leite, ficava na Rua General Osório nº 216. O prédio continha quatro aberturas voltadas para a via pública.

Entre as máquinas que emprega, figuram 3 para o fabrico de velas, uma para cortar sabão e outras miúdas. Utiliza as matérias primas usadas pelas suas congêneres, provenientes das mesmas procedências [graxa proveniente das charqueadas]. A sua produção anual de 96 mil kilos de sabão e 15.000 de velas, no valor de 38 contos de reis, é toda consumida dentro do estado. Conta um mestre e dois operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

Os estabelecimentos de fabricação de velas e sabões localizados na área de estudo eram pequenos, provavelmente não tiveram longa vida.

Curtumes e outras preparações de couro

Estas manufaturas transformavam o couro seco ou salgado provenientes das charqueadas e matadouros locais, preparando-os com vários processos de curtimento, para transformar o couro bruto em couro com diversos tipos de acabamento e servir de matéria-prima para manufaturas de calçados e de artigos de montaria.

Existiam 16 estabelecimentos de tratamento de couro (curtumes), dos quais 11 se localizavam na área do presente estudo.

Ao verificar, na Tabela 39, os dados levantados, podemos afirmar que este tipo de estabelecimento fabril se caracterizava por estar localizado preferencialmente nas imediações do Arroio Santa Bárbara, mais especificamente na Rua Manduca Rodrigues, entre a estação da viação férrea e a Fábrica Aliança.

Com relação às manufaturas fora da área de estudo, é possível verificar sua localização em áreas periféricas ao centro urbano, o que se justifica por serem processos que geravam grande quantidade de poluentes. Os curtumes foram instalados próximos aos leitos d'água. (Tab. 40)

Ao comparar os dados referentes aos trabalhadores, ao capital e ao faturamento, verifica-se que os estabelecimentos localizados na área de estudo eram mais significativos que os das demais áreas da cidade. (Tab. 41)

Ainda com relação à localização podemos dizer que eles estavam setorizados em dois locais principais, na Luz (próximo ao arroio Pepino) e perto à estação férrea (junto ao Arroio Santa Bárbara), este último dentro da área de estudo.

A Rua Manduca Rodrigues, reunia condições ideais, pois se situava junto ao Arroio Santa Bárbara e a estação estrada de ferro.

Os curtumes, dependendo do porte, abasteciam estabelecimentos comerciais da própria cidade, manufaturas de outras cidades da região e também enviavam seus produtos para outros estados da República. (CUNHA, 1911)

Tabela 39: Identificação dos estabelecimentos de **Curtimento e Outras Preparações de Couro (CNAE - 19.1)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	Fabrica de Vernizes e Curtume	Manduca Rodrigues, 783	17	Sim	Não
2	Curtume Moraes	Manduca Rodrigues, 675	18	Sim	Não
3	Curtume Frances	Benjamin Constant, 355	19	Sim	Não
4	Curtume Coelho	Praça da Constituição, 136	20	Sim	Não
5	Curtume Abílio	Bella, 304	21	Não	-
6	Curtume	Av. 20 de Setembro, 113	22	Sim	Não
7	Curtume à Vapor Lieburger	Manduca Rodrigues, 681	23	Sim	Não
8	Curtume Pinheiro	Manduca Rodrigues, 802	24	Sim	Não
9	Curtume à Vapor	General Victorino (arrebalde da Luz)	25	Não	-
10	Curtume S. Joaquim	Manduca Rodrigues, 152 (452)	26	Sim	Não
11	Curtume Nogueira	Praça da Constituição, 76, 78	27	Sim	Não
12	Curtume Hadler	Manduca Rodrigues, 669	28	Sim	Não
13	Curtume à Vapor Reis	Gonçalves Chaves, 51	29	Não	-
14	Curtume Gaspar	Marquez de Caxias, 664	30	Não	-
15	Curtume Santiago	Praça da Constituição, 20	31	Sim	Não
16	Curtume à Vapor Barreto	Manduca Rodrigues, 754	32	Sim	Sim

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 40: Identificação da importância dos estabelecimentos de **Curtimento de Couro (CNAE - 19.1)**, na área de estudo.

Estabelecimentos de Curtimento de Couro na Área de Estudo						
Localização	Trabalhadores		Capital		Faturamento	
	Número	%	Valor	%	Valor	%
Área de estudo	140	71%	838.800\$	85%	1.198.400\$*	71%
Demais áreas	58	29%	153.000\$	15%	500.000\$	29%

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 41: Caracterização dos estabelecimentos de **Curtimento e Outras Preparações de Couro (CNAE - 19.1)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	Fabrica de Vernizes e Curtume	1	7	10.000\$	50.000\$	
2	Curtume Moraes	1	3	4.500\$	40.000\$	2.700
3	Curtume Frances	2	15	50.000\$	100.000\$	
4	Curtume Coelho	1	4	4.500\$	36.000\$	
5	Curtume Abílio	1	5	20.000\$	40.000\$	2.400
6	Curtume	1	6	20.000\$	100.000\$	2.400
7	Curtume à Vapor Lieburger	2	9	12.000\$	60.000\$	3.600
8	Curtume Pinheiro	1	10	20.000\$	34.000\$	2.000
9	Curtume à Vapor		40	110.000\$	360.000\$	
10	Curtume S. Joaquim	1	17	100.000\$	154.400\$*	15.000
11	Curtume Nogueira	2	12	108.000\$	134.000\$	8.000
12	Curtume Hadler		35	500.000\$	400.000\$	10.000
13	Curtume à Vapor Reis	1	5	15.000\$	40.000\$	2.500
14	Curtume Gaspar	1	5	8.000\$	60.000\$	
15	Curtume Santiago	1	3	4.800\$	30.000\$	2.400
16	Curtume à Vapor Barreto	1	5	5.000\$	60.000\$	
Obs.: Produção indicada em unidades de couro vacum produzidas anualmente.						

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Fábrica de Vernizes e Curtume

A fábrica de couros Vernizes foi Fundada em 1º de junho de 1904 por Manuel Lopes Rodrigues:

Não emprega máquinas. Utiliza couros nacionais, casca de goiabeira, cal e vernizes. A sua produção é do valor anual de 50 contos de reis, e por mercado de consumo tem diversos estados da republica. Da serviço a um guarda livro, um mestre e sete operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

Ficava em prédio térreo de uma abertura de frente para o logradouro público, de propriedade de Domingos Pinheiro, à Rua Manduca Rodrigues nº 783 (CUNHA, 1911).

Mais tarde, o estabelecimento passou a funcionar à Rua da Luz nº 10, produzindo diversos tipos de couro, entre eles o envernizado, também denominado vernizes. (CARRICONDE, 1922) (Fig. 125)



Figura 125: Publicidade da Fábrica de Vernizes e Curtume de Manoel Lopes Rodrigues. Pelotas. RS. **Fonte:** CARRICONDE, 1922.

Curtume Moraes

O Curtume Moraes foi fundado por José Moraes da Silva em 1º de setembro de 1910. O prédio estava localizado à Rua Manduca Rodrigues nº 675, pertencente a José Alves Pereira. Esta edificação era térrea, com quatro aberturas de frente para o logradouro público.

Emprega couros nacionais, casca de goiabeira e cal. Curte anualmente 2700 couros, pouco mais ou menos, no valor de 40 contos de reis. E servida por um guarda livros, um mestre e três operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

Segundo Carriconde (1922), o estabelecimento incorporou a edificação vizinha na mesma rua e o nº 673. De acordo com o material publicitário, produzia diversos tipos de couro, entre os quais os envernizados, de várias qualidades. Neste curtume foi possível verificar um relativo desenvolvimento, pela incorporação da máquina a vapor. (Fig. 126)

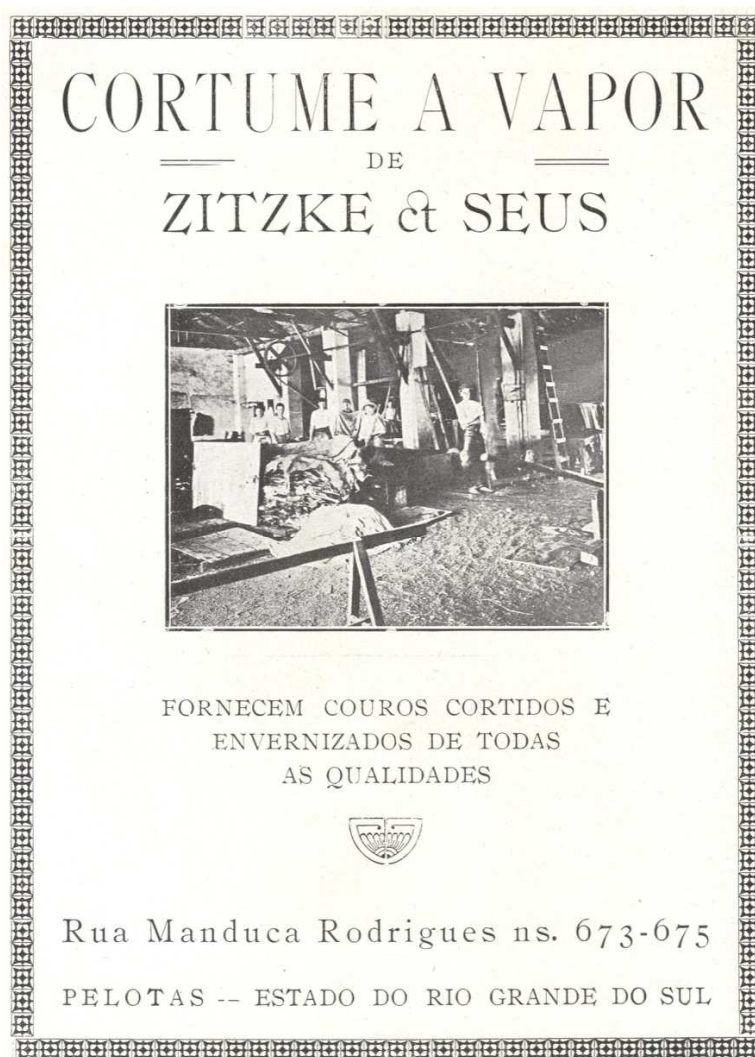


Figura 126: Publicidade do Curtume Zitzke & Seus. Pelotas. RS.
Fonte: CARRICONDE, 1922.

Curtume Francês

Fundado em 1º de abril de 1893 por Prospero Atribat, o Curtume Francês estava instalado em prédio térreo de seis aberturas, pertencente à herança de Henrique Martins Chaves, localizado à Rua Benjamim Constant nº 355.

Trabalha a vapor, possuindo um motor Gorlesse, de força de sete cavalos, e mais máquinas de sovar e surrar, de moer casca, bomba a vapor, e outras miúdas. Estabelecida com um capital de um conto de reis, trabalha atualmente com o de 50 contos.

Emprega couros, cromo e cascas. Prepara no valor de 100 contos por ano, os seus produtos encontram saída para diversos estados da republica. Dá emprego a um capataz, um mestre e quinze operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

Curtume Coelho

O estabelecimento estava instalado em prédio térreo de cinco aberturas, de propriedade de herdeiros de José Teixeira de Castro, na Praça Constituição nº136. Foi fundado em 1º de dezembro de 1910, por Joaquim Coelho.

Não emprega máquinas. A sua produção anual e do valor de 36 contos de reis, e tem esta cidade por seu mercado de consumo. O seu pessoal compõe-se de um mestre e quatro operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

O Curtume Coelho se localizava na Praça das Carretas, (hoje, praça Vinte de Setembro), local importante para a comercialização, indica que provavelmente esta manufatura estava associada a um estabelecimento comercial.

Curtume Fonseca

Esta manufatura foi fundada em 13 de maio de 1901 por Augusto Fonseca.

Emprega um motor do fabricante Crossley Brothers, de Manchester, com força de 18 cavalos e diversas máquinas para trabalhar os couros, com o auxilio da cal, da casca de goiabeira etc.

A sua produção é vendida nesta cidade preparando anualmente 2400 couros em solas, vaguetas, e couros envernizados, em valor de mais ou menos 100 contos de reis. Trabalha com um mestre e seis operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

A edificação em que estava instalada era construção térrea com cinco aberturas de frente pela Avenida 20 de Setembro nº 113, no local denominado estrada Piratini, atual Avenida Duque de Caxias. Ficava no prolongamento da Praça das Carretas, passagem para quem vinha da região da Campanha.

Curtume à Vapor Lieburger

Este curtume foi fundado no local denominado Arrabalde da Luz, Rua Senhora da Luz, por J. H. Guilherme Lieburger, em 1º de julho de 1897. Posteriormente foi transferido para prédio próprio, de seis aberturas de frente, pela Rua Manduca Rodrigues nº 681.

[...] para movimentar diversas máquinas, possui um motor Wolff, de força de 12 cavalos. Emprega couros secos e salgados, com auxilio em seu preparo,

de casca de goiabeira, cal, cromo, para a produção de solas, vaquetas, e couros envernizados.

São preparados anualmente 3600 couros, representando o valor de 60 contos. O seu pessoal conta de um guarda livros, de um capataz e nove operários, a sua produção encontra consumo em diversos estados da união. (CUNHA, 1911, s.p.)

Curtume Pinheiro

A manufatura foi fundada em 1897 por Domingos Martins Pinheiro. O curtume estava localizado no prédio de seis aberturas de frente para a Rua Manduca Rodrigues nº 802, de propriedade de Antonio Henrique Nogueira.

[...] preparando por ano 2000 couros no valor de 34 contos de reis. Os seus produtos tem aceitação em todos os mercados da republica. Não emprega máquinas. O seu pessoal consta de um mestre e dez operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

Curtume São Joaquim

O Curtume São Joaquim foi fundado em 1º de janeiro de 1908, por Duarte, Leite & Companhia, firma constituída por José Maria Duarte, Boaventura Teixeira Leite e J. Duarte Ribeiro. Ocupava prédio próprio de construção térrea e quatro aberturas de frente pela Rua Manduca Rodrigues nº 452. (CUNHA, 1911, s.p.)

[...] Com diversas máquinas, emprega um motor locomóvel fixo do fabricante Lantz, com força de 55 cavalos.

Para preparar os couros, utilizam cal e casca, de preferência as de aroeira e goiabeira. Produz anualmente 15 mil peças. É dirigido por um gerente, servido por 17 operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

Ao comparar o Curtume São Joaquim com o Curtume Pinheiro, podemos verificar a influência da mecanização no processo produtivo dos curtumes. O Pinheiro, com 65% da mão de obra, sem o auxílio da máquina a vapor, tem uma produtividade de apenas 13%, em comparação com o curtume a vapor São Joaquim.

Curtume Nogueira

O estabelecimento foi fundado em 1898 por Amaral & Companhia, firma de que faziam parte Anselmo Antonio do Amaral e Antonio Henrique Nogueira. Estava junto à barraca de couros que possuíam na Praça da Constituição, também chamada de Praça das Carretas, na atualidade Vinte de Setembro.

Segundo Cunha (1911), por separação de sociedade, em 31 de agosto de 1911, retirou-se o sócio Amaral, sendo alterada a firma para Nogueira & Companhia,

composta de Antonio H. Nogueira, seu filho de mesmo nome e o guarda-livros da firma extinta, Adriano Recondo.

[...] Trabalha com um motor a querosene da força de 18 cavalos, um cilindro, uma bomba, um fulão, nove piletas de manivela, um rebollo de esmeril, um moinho, e um rebollo de pedra para afiar facas, máquinas todas da fábrica Crossley Brother Ltd., de Manchester. Trabalha com couros secos ou salgados, empregando para sua curtimenta, natrio sulfúrico, e casca, de preferência, a de aroeira.

Prepara anualmente 8000 couros no valor de 134 contos de reis. Tem um gerente, um guarda livros, dois auxiliares de escritório e 10 operários. Os seus produtos tem mercados de consumo habitualmente o estado e no Estado do Rio de Janeiro. (CUNHA, 1911, s.p.)

O curtume, conjuntamente com a barraca, ocupava, na Praça da Constituição, o prédio térreo de 10 aberturas de nº 76 e 78. Esta praça era uma área urbana que congregava estabelecimentos manufatureiros com comerciais, como o Curtume Nogueira.

Curtume Hadler

A fábrica teve origem a partir da sociedade de Julio Hadler com o padeiro Guilherme Sassem, sob a firma Hadler & Sassen. Com a retirada de Sassem para São Lourenço, passou a ser uma firma individual, de Julio Hadler, único proprietário e gerente.

Segundo Lloyd, Eulalio e Wright (1913):

Os couros, que trazem a marca Coroa, manufaturados no curtume do sr. Julio Hadler, em Pelotas, são, há muitos anos, largamente conhecidos nos mercados do Brasil. [...] está montado com o mais moderno e aperfeiçoado maquinismo de fabricação alemã e norte-americana, acionado por motores a vapor da mesma procedência. (LLOYD; EULALIO; WRIGHT, 1913, p.840)

O curtume foi fundado em 1º de janeiro de 1895, estabelecido em prédio próprio e situado à Rua Manduca Rodrigues nº 669. Segundo Carriconde (1922), o estabelecimento ganhou o primeiro prêmio na Exposição Pastoril de Pelotas de 1900, medalha de ouro na Exposição Estadual de 1901 e o grande prêmio na Exposição Nacional de 1908. (Fig. 127)

[...] Possui um locomóvel de Abolff, de força de 40 cavalos, acionando diversas máquinas, sendo uma para dividir couro, uma para esticar, duas para surrar, uma para sovar, uma para branquear, uma para acetinar e estampar, duas para lustrar, diversos moinhos outras miúdas.

Para os seus trabalhos emprega couros nacionais, cal, casca de goiabeira e aroeira, e drogas estrangeiras. Os seus produtos, em que sobressaem os marroquins e couros envernizados, de esmerado preparo, encontram mercados de consumo em todos os pontos da republica.

(CUNHA, 1911, s.p.)



Figura 127: "Vista geral da fábrica de couros do Sr. Julio Hadler". Pelotas. RS.
Fonte: CARRICONDE, 1922.

Curtume Santiago

Este curtume estava localizado à Praça da Constituição nº 20. Foi constituído em 1º de maio de 1906, por José de Andrade Santiago, em prédio próprio, com três aberturas voltadas para o logradouro. Provavelmente esta manufatura estava associada a um comércio, também denominado de barraca de couros.

[...] Não possui máquinas. Emprega para curtir, couros vacuns, cavalares e outros, em numero de 2400 por ano, no valor de 30 contos, pouco mais ou menos. Trabalha com um mestre e três operários. Toda sua produção é vendida na praça. (CUNHA, 1911, s.p.)

Curtume à Vapor Barreto

O curtume foi fundado em 1º de agosto de 1903, por Adelino de Moraes Barreto. Mais tarde, associou-se a Antonio dos Santos Moreira Cunha. Em 1º de janeiro de 1911, a firma Cunha & Barreto, pertencente a Manuel de Moraes Barreto.

A manufatura estava localizada à Rua Manduca Rodrigues nº 754, com um portão junto ao alinhamento predial, instalado em prédio de propriedade de Antonio dos Santos Moreira Cunha.

Emprega um motor a querosene de força de 3½ cavalos com diversas máquinas. Trabalha couros nacionais, em cuja preparação utiliza cal, cascas e drogas.

Tem mercados de consumo neste e outros estados da republica. A sua produção anual é do valor 60 contos de reis. É servido por um mestre e cinco operários. (CUNHA, 1911, s.p.)

Fabricação de produtos de fumo

O grupo identificado como "fabricantes de produtos de fumo" é composto pelos estabelecimentos que processavam as folhas ou corda de fumo e que transformavam fumo bruto em fumo preparado para consumo (secar, cortar e desfiar), sendo que alguns estabelecimentos também produziam cigarros.

Ao analisar os dados econômicos, relativos a capital, faturamento e número de funcionários, percebe-se alguma diferença entre esses estabelecimentos. Desta forma, enquanto a Manufatura Gentilini apresentava maior faturamento em relação as demais, a Fábrica de Fumos Santa Bárbara possuía maior capital, e a Fábrica de Fumos S. Raphael operava com o maior número de operários. (Tab. 42 e 43)

Tabela 42: Identificação dos estabelecimentos de **Fabricação de Produtos do Fumo (CNAE - 16)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	Fábrica de Charutos e Cigarros	Paysandú, 501	13	Não	-
2	Fábrica Rio Grandense	General Osório, 1111	120	Não	-
3	Fábrica S. Gonçalo	Manduca Rodrigues, 552	121	Sim	
4	Fábrica S ^{to} . Antonio	Marechal Deodoro, 419	122	Não	-
5	Fábrica de Fumos Touro	Andrade Neves/Sete Abril	123	Não	-
6	Fábrica de Fumos Santa Barbara	Praça Constituição, 82	124	Sim	Não
7	Fábrica Santa Cruz	Mal. Deodoro, 654 e 656	125	Não	-
8	Manufatura de Fumos Gentilini	Sete de Abril, 705	126	Sim	Sim
9	Fábrica União	Sete de Abril, 724 e 726	127	Sim	Não
10	Fábrica de Fumos S. Raphael	Praça da Constituição, 53	134	Sim	Dem.

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 43: Caracterização dos estabelecimentos de **Fabricação de Produtos do Fumo (CNAE - 16)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	Fábrica de Charutos e Cigarros		3	500\$	2.400\$	
2	Fábrica Rio Grandense	2	5	17.000\$	50.000\$	
3	Fábrica S. Gonçalo	1	2	10.500\$*	4.000\$	2.500
4	Fábrica S ^{to} . Antonio	1	3	4.000\$	50.800\$*	12.000
5	Fábrica de Fumos Touro	1	5	4.000\$	76.200\$*	26.000
6	Fábrica de Fumos Santa Barbara	1	8	80.000\$	100.000\$	
7	Fábrica Santa Cruz	1	9	40.000\$	180.000\$	100.000
8	Manufatura de Fumos Gentilini		12	50.000\$	350.000\$	
9	Fábrica União	1	5	20.000\$	108.000\$	60.000
10	Fábrica de Fumos S. Raphael	2	20	60.000\$	120.000\$	58.000
Obs.: produção em quilos de fumo por ano.						

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Ao comparar os dados referentes a trabalhadores, capital e faturamento, verifica-se que os estabelecimentos localizados na área de estudo foram mais significativos. (Tab. 44)

Tabela 44: Identificação da importância dos estabelecimentos de **Fabricação Prod. do Fumo (CNAE - 16)**, na área de estudo.

Estabelecimentos de Produção de Fumo na Área de Estudo						
Localização	Trabalhadores		Capital		Faturamento	
	Número	%	Valor	%	Valor	%
Área de estudo	52	63%	220.500\$*	77%	682.000\$	65%
Demais áreas	30	37%	65.500\$	23%	359.400\$*	35%

Fonte: CUNHA, 1911.

Os dados apresentados na tabela 42 permitem afirmar que, havia uma concentração maior de fábricas de beneficiamento de fumo e produção de cigarros

nas imediações da antiga Praça das Carretas e da estação da viação férrea. A localização desses estabelecimentos constitui um indício de que a comercialização do produto não fosse voltada estritamente ao mercado pelotense, mas também para exportação, uma vez que a produção poderia ser transportada pela estrada de ferro, tanto para outros municípios gaúchos, como para o Uruguai.

Fábrica S. Gonçalo

As informações referentes a este estabelecimento foram obtidas através da descrição de Cunha (1911):

[...] foi fundado em 1º de Julho de 1907, por Antonio Rodrigues Gomes, sob cuja firma tem girado [...] Possui uma máquina para cortar, outra para desfiar fumo, proveniente este de localidades do estado, e consumido neste e em municípios limítrofes. Regula produzir 2500 kilos do artigo por ano. Tem como mestre o proprietário, que se faz auxiliar por dois operários. (CUNHA, 1911, s. p)

Pela descrição supracitada, conclui-se que consistia em uma manufatura, com produção bastante artesanal.

Com relação à edificação que abrigava a dita fábrica, sabe-se que estava localizada à Rua Manduca Rodrigues, antigo número 552, em prédio térreo de três aberturas voltadas para o logradouro público, alugado de José Casaretto.

Fábrica de Fumos Santa Bárbara

Citada como sendo a mais antiga fábrica de fumo da cidade, a manufatura estava localizada à Praça da Constituição nº 82, em prédio próprio, de três aberturas de frente. Jacob Klaes foi o pioneiro nesta classe fabril:

Sob a sua firma individual, em 1879, sofrendo posteriormente alterações pela entrada e saída de sócios. Assim foi ela sucessivamente de Jacob Klaes & Comp^{ia}. Jacob Klaes Sucessores, Olivé & Irmão, Olivé & Romeu, Geraldo Olivé & Romeu, Costa Leite & Romeu, Olivé Rodrigues & Leite ate o ano de 1909, em que ficou sob a firma de Plotino Rodrigues da Silva. Esteve primitivamente instalada no pavimento térreo do sobrado a Rua Marechal Deodoro (antiga rua Santa Barbara) em que residia Jacob Klaes. (CUNHA, 1911, s.p.)

Segundo Lopes Neto (1911), tratava-se, este primeiro estabelecimento, do endereço à Rua Mal. Deodoro Nº 616, ou antiga Rua Santa Bárbara Nº 46. Quando mudou de localização, a fábrica conservou a denominação.

Alberto Coelho da Cunha destaca o processo manufatureiro:

O fumo que entra para a fábrica para ser preparado e oferecido ao consumo, por idênticos processos aos observados em estabelecimentos semelhantes, o é em mais largas proporções e procede do Rio de Janeiro,

Minas Gerais, de Porto Alegre, e também em grande quantidade do Cerrito de Canguçu. [...] seu acondicionamento é elegante e caprichoso – em latas e pacotes de diversos tamanhos, exportando também, fumo em corda, acomodado em bem confeccionados caixotes, onde é apertado por uma prensa. O seu principal mercado de consumo é a república do Uruguai, não obstante espalha também seus artigos por todas as localidades deste estado. (CUNHA, 1911, s.p.)



Figura 128: Publicidade Fábrica de Fumos Santa Bárbara. **Fonte:** LOPES NETO, 1911, p.8.

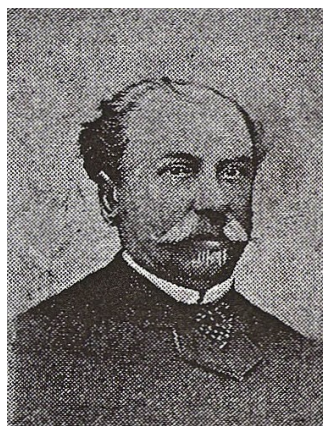


Figura 129: Jacob Klaes. **Fonte:** LOPES NETO, 1911, p.9.



Figura 130: Plotino Rodrigues da Silva. **Fonte:** LOPES NETO, 1911. p.10.



Figura 131: Publicidade da Fábrica de Fumos Santa Bárbara. **Fonte:** FERREIRA & CIA, 1915.

Cunha descreve o funcionamento da manufatura:

[...] emprega um motor Lanz, de força de 11 cavalos, que serve para fornecer impulso a sua maquinaria, em que se conta uma de desfiar de sol a sol mil kilos, outra de picar, um vaporizador para extração de nicotina, uma prensa para socar em latas grandes o fumo desfiado, outra para aperta-lo em corda, nos caixotes, uma máquina para corta-lo em dimensões correspondentes aos caixotes e outra para aparar papel.

A exportação que já foi de 12 mil kilos por mês, alem das vendas para dentro do país, foi consideravelmente decrescendo, e trazendo consequente diminuição do pessoal de serviço, que de 25 a 28 operários, baixou em dez anos para 15, acha-se atualmente reduzido a oito, sob a direção de um mestre de manufatura. Conta um guarda livros e um caixeiro viajante. A sua produção anual esta avaliada em 100 contos de reis. (CUNHA, 1911, s.p.)

Segundo Lloyd, Eulalio e Wright, no livro **Impressões do Brazil no Século Vinte**, de 1913, a firma de Plotino Rodrigues tinha duplicado seu faturamento com relação ao ano de 1911, confirmando as demais informações coletadas por Cunha.

A fábrica manufatura fumos nacionais, sendo bem conhecidas as suas marcas: Sumatra, Lyra, Exposição e outras. A firma exporta para o estrangeiro, negociando também para o interior do Rio Grande [...] é montada com maquinismo alemão e inglês, acionado por um motor a vapor de 11 hp. Produz diariamente 1.000 quilos de fumos e é iluminada à luz elétrica. O prédio em que está instalada é próprio e esta avaliado em R\$ 30:000\$000.

O Sr. Plotino Rodrigues nasceu em Livramento em 1872 e foi educado em Pelotas, onde praticou o comércio. Empregado de uma das firmas anteriores à sua, passou sucessivamente a interessado e a sócio, até 1909, ano em que ficou sendo o único proprietário do estabelecimento. (LLOYD; EULALIO; WRIGHT, 1913, p. 840)

Manufatura de Fumos Gentilini

A fábrica de fumos dos irmãos Gentilini funcionava ao lado do engenho de arroz Santa Ignácia, de propriedade dos sócios Menotti Gentilini e Garibaldi Gentilini, conforme descrito anteriormente. (Fig. 132) Segundo Cunha (1911), a manufatura de fumos tivera a seguinte origem:

Foi fundada em 1º de janeiro de 1881 por Vicente Gentiline, pai dos seus proprietários atuais, tendo depois de sua morte, pertencido a seu filho Ernesto de cujo poder passou em 1º de janeiro de 1891 a unir irmãos Menotti e Garibaldi Gentiline. Antes da sua transferência para a rua Sete de Abril, a fábrica ocupou por muitos anos o armazém da praça Constituição, fazendo esquina com a avenida Saldanha Marinho. (CUNHA, 1911, s.p.)

O prédio da fábrica de fumos de Vicente Gentilini, na Praça da Constituição com Saldanha Marinho, não foi identificado na **Notícia Descritiva** como edifício de utilização fabril. A partir de 1915 a edificação estava sendo utilizado pela fábrica de fumos São Manoel, de propriedade de Manoel Fagundes & Companhia. (Fig. 133 e 134)



Figura 132: Garibaldi e Menotti Gentilini, Proprietários da Manufatura de Fumos Gentilini.

Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.

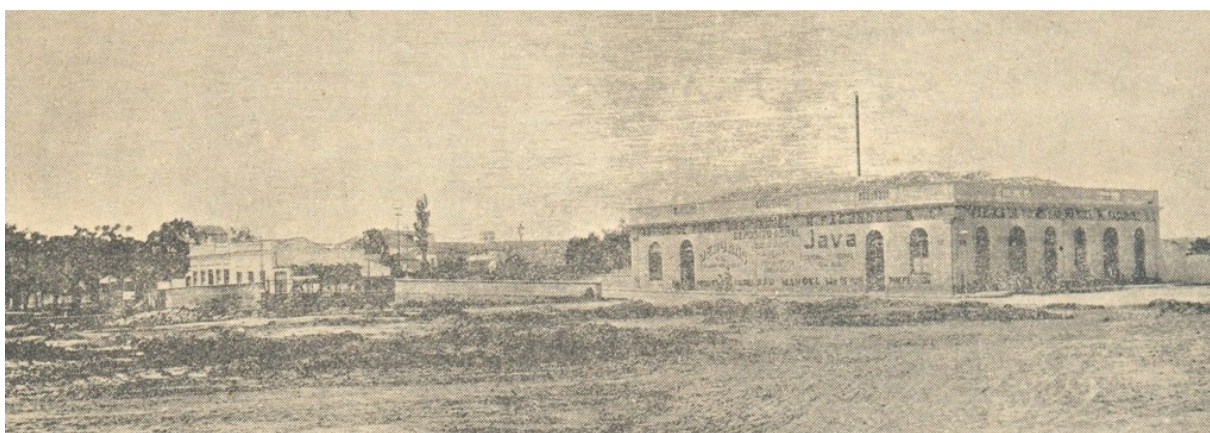


Figura 133: Fábrica de Fumos São Manoel, Pça. Constituição Nº 1, antiga Manufatura de Fumos Gentilini. Pelotas. RS. **Fonte:** FERREIRA & CIA, 1916.



Figura 134: Publicidade da Fábrica de Fumos São Manoel.

Fonte: FERREIRA & C, 1915.

Segundo Cunha (1911):

A matéria prima com que trabalha o fumo em corda ou em folhas é recebida não só do Cerrito de Canguçu, como de Porto Alegre, e depois convenientemente manipulado, acondicionado em caixotes de madeira, em latas e pacotes. É vendido no Estado e fora dele, exportado em grossas partidas para a república do Uruguai.

A fábrica trabalha com um motor Wolff, e de força de 34 cavalos, três máquinas de cortar fumo, uma de desfiar, duas prensas e outras miúdas. Tem um capital de 50 contos e produção no valor de 350 contos por ano. No seu serviço emprega 12 operários, além de pessoal de escritório, do caixeiro viajante e de seu adjunto. (CUNHA, 1911, s.p.)

A Manufatura de Fumos Gentilini foi transferida da Praça da Constituição para a Rua Sete de Abril Nº 709, atual rua Dom Pedro II. Neste último prédio, a fábrica teve um significativo desenvolvimento, comparando os dados de faturamento, que em 1911 correspondia ao maior entre as fábricas de fumo, isto é, 350.000\$, e em 1916, foi de 800.000\$. (MONTE DOMEQ' & CIA, 1916) (Fig.135 e 136)



Figura 135: Publicidade da Manufatura de Fumos Gentilini.
Fonte: CARRICONDE, 1922.

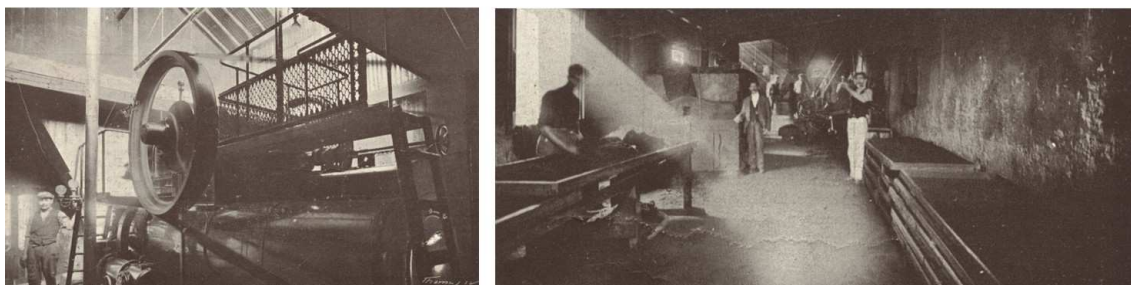


Figura 136: Seção de máquinas e manufatura de fumos da Fábrica Gentilini. Pelotas. RS.

Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.

A fábrica, segundo a publicidade no **Álbum de Pelotas** (CARRICONDE, 1922), passou, nesse período, à domínio da firma individual de Garibaldi Gentilini, enquanto a propriedade do conjunto fabril era do antigo sócio e irmão Menotti Gentilini.

Fábrica União

A manufatura de fumos foi instalada em prédio de três aberturas de frente pela Rua Sete de Abril 724 e 726, de propriedade de Joaquim Teixeira da Costa Leite, em 1º de novembro de 1910, pelos irmãos Atilano Costa e João Costa Tamborindeguy. A razão social do estabelecimento era Tamborindeguy & Costa. Estes também eram proprietários de charqueada na margem direita do Arroio Pelotas e ainda na cidade de Bagé.

O prédio não foi localizado, mas, pela numeração, se trata de edificação localizada bem próxima à estação da via férrea.

[...] Funciona com um administrador e cinco operários. A sua maquinaria em serviço conta um motor Lanz, de força de seis cavalos, um afiador, um secador e um torrador.

A produção, em quantidade de 60 mil quilos anualmente, em valor de 108 contos de reis, é quase toda absorvida no consumo deste Estado, as sobras encontram saída para a República do Uruguai. (CUNHA, 1911, s.p.)

Fábrica de Fumos S. Raphael.

A Fábrica de Fumos São Raphael foi fundada por Oliveira & Companhia em prédio situado inicialmente junto ao Arroio Santa Bárbara, depois passando a localizar-se na Praça da Constituição, sob o número 53.

Foi fundada em 1894 em prédio situado a margem do Santa Barbara, em prédio que se acha hoje estabelecida à barraca de couros Almeida Peres.

Em 1896 esta fábrica passou a pertencer à Nova & Comp^{ia}. em seguida passava a Manuel da Nova Monteiro, e gira desde 14 de janeiro de 1904 sob razão social de Romeu & Comp^{ia}., composta dos sócios Juan Romeu e Antônio Cyrillo de Sousa.

[...] instalada em um prédio de construção térrea, com cinco aberturas para a praça Constituição, pertencente a Domingos José de Oliveira. É movida a vapor, dispondo de um motor de força de 11 cavalos, do fabricante R Hbolff que aciona dois picadores, um secador, rebollo automático e movimenta a serra que corta a lenha que alimenta a caldeira.

Recebe em geral o fumo do Cerrito, de Canguçu, de Porto Alegre, e em menor escala do Rio de Janeiro e de Minas, em rolos, e alguma pequena quantidade em folha para os cortes do caporal.

Produziu em 1910 cinquenta e oito mil kilos de peso liquido de fumo manipulado no valor de 120 contos cujos mercados de consumo encontraram-se neste estado e na republica do Uruguai. Emprega 14 operários e mais seis mulheres, um dos sócios toma conta do escritório, outro dirige as manipulações. (CUNHA, 1911, s.p.)

Foi encontrada publicidade na **Revista do Centenário de Pelotas** e também no **Almanach de Pelotas** entre os anos de 1913 e 1922. Através do anúncio podemos perceber que além da fábrica, o estabelecimento se caracterizava por ser misto fabril e comercial. No anúncio, Figura 137 e 138, divulgando a fabricação de seu "privilegiado fumo chileno" e também a simples comercialização do antiparasitário "Tabacina".



Figura 137: Publicidade da Fábrica de Fumos São Raphael
Fonte: LOPES NETO, 1912.



Figura 138: S. Raphael
Fonte: FERREIRA & CIA, 1916.

Fabricação de produtos de madeira

Com relação à fabricação de produtos de madeira, foram encontrados sete estabelecimentos, sendo que três eram fábricas de escovas e vassouras, dois eram serrarias e carpintarias, um era fábrica de fósforos e o último era uma fábrica de instrumentos de corda.

As edificações que abrigavam estas manufaturas não foram identificadas, as ruas em que ficavam localizados os referidos estabelecimentos mudaram de numeração e, por não se tratar de monumentais ou grandes edificações, estas não foram identificadas. (Tab. 45)

Podemos verificar que se tratava de diferentes manufaturas que estão agrupadas em uma mesma classe. Ao examinar a Tabela 45, podemos avaliar que elas não estão agrupadas em uma zona específica da cidade, mas distribuídas aleatoriamente pela área urbana.

Tabela 45: Identificação dos estabelecimentos de **Fabricação de Produtos de Madeira (CNAE - 20)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	Fábrica de Escovas	Andrade Neves, 1051	5	Não	-
2	Serraria à Vapor	Manduca Rodrigues, 646	12	Sim	Não
3	Carpintaria e Serralheria à Vapor	Três de Maio, 31	44	Não	-
4	Fábrica de Instrumento de Corda	General Neto, 302	101	Não	-
5	S. Geraldo	Sete de Abril, 801 e 803	110	Sim	Não
6	Fábrica de Vassouras Pelotense	Sete de Setembro, 256	112	Não	-
7	Fábrica Pancinha	Constituição, 165	113	Sim	Não

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Dos estabelecimentos localizados na área de estudo, uma das manufaturas era uma serraria, e a segunda, a fábrica de fósforos e a fábrica de vassouras Pancinha. Foram levantados os dados relativos a número de operários, capital e faturamento desta classe de fábrica, podendo ser verificado na tabelas 46 e 47, os valores que indicam que estes estabelecimentos estavam localizados preferencialmente na área de estudo.

Os dados devem ser, neste caso, relativizados, pois um dos estabelecimentos, a Fábrica São Geraldo, apesar de ter como produção principal os palitos de fósforo, tinha uma significativa produção de café moído e também de massas alimentícias.

Tabela 46: Caracterização dos estabelecimentos de **Fabricação de Produtos de Madeira (CNAE - 20)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	Fábrica de Escovas	1	32	20.000\$	36.000\$	60.000
2	Serraria à Vapor	1	12	50.000\$	60.000\$	
3	Carpintaria e Serralheria à Vapor		40	72.000\$*	146.000\$*	
4	Fábrica de Instrumento de Corda	1	5	3.000\$	22.000\$*	360
5	S. Geraldo	3	53	120.000\$	270.000\$	
6	Fábrica de Vassouras Pelotense	1	3	4.000\$	18.000\$	
7	Fábrica Pancinha	1	1	600\$	10.000\$	

Obs.: Produção indicada em unidades por ano.

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 47: Identificação da importância dos estabelecimentos de **Produtos de Madeira (CNAE - 20)**, na área de estudo.

Estabelecimentos de Produtos de Madeira na Área de Estudo						
Localização	Trabalhadores		Capital		Faturamento	
	Número	%	Valor	%	Valor	%
Área de estudo	71	46%	170.600\$	63%	340.000\$	60%
Demais áreas	83	54%	99.000\$*	37%	222.000\$*	40%

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Serraria à Vapor

Esta manufatura foi fundada em 1º de janeiro de 1898, em prédio próprio, por Noé Falamini e Christovam Colombo Falamini.

[...] possui um motor Leckers & Boese, de força de 12 cavalos, duas máquinas para aplainar madeira, duas serras verticais, duas circulares e uma para fitas e um moinho. Prepara diversas madeiras para utilização local [...] (CUNHA, 1911, s.p.)

A serraria estava instalada em construção térrea, localizada à Rua Manduca Rodrigues, nº 646. Por mudança na numeração da rua, a edificação da antiga serraria não foi localizada.

Fábrica São Geraldo

A fábrica abarcava três diferentes atividades manufactureiras: fabricação de massas alimentícias, moagem de café e a atividade principal, a fabricação de palitos de fósforo. A fábrica foi fundada em 31 de outubro de 1910, sob a razão social de Olivé Leite, constituída dos sócios Miguel e Carlos Olivé, Manuel Valente Costa Leite e Geraldo Oliveira Leite.

Com relação à edificação em que se instalou a fábrica, era própria da empresa, com oito aberturas voltadas para a Rua Sete de Abril nº 806 e 808, atual Rua Dom Pedro II. Apesar de não ter sido identificada a edificação, sabe-se através da numeração que estava nas proximidades da estação da estrada de ferro. Com relação às instalações da fábrica, Cunha descreveu:

[...] Possui um motor do fabricante Lanz & Companhia, de força de 25 cavalos, e quinze máquinas diversas, vindas da fábrica Badische Maschinen fabrik de Derlach, empregada em diferentes confecções do estabelecimento. Essas seções são: de serrar e desdobrar tabuas, com quatro operários; de matraco com dois; de pintura com seis; de estufa em dois; de parafinar e por cabeças em fósforo em três; do motor, foguista e mecânico dois; da funilaria em dois; de caixinha e gaveta com cinco, de selagem em cinco; de encaixotar em 16, de empacotar com seis, além de um gerente, de um mestre e de um contra mestre. (CUNHA, 1911, s.p.)

Sobre a aquisição de matéria-prima, a produção da fábrica e a mão de obra operária, Alberto Coelho da Cunha relatou:

Para o fabrico de fósforo, da Europa é importado à matéria fosforescente, e de cima da serra vem a madeira de pinho para os palitos; para o fabrico de massas recebe farinha, ovos, açafrão adquiridos no mercado. Começou a trabalhar com algumas dificuldades, por não estarem na ocasião completas as instalações em 1º de março de 1911. A sua produção nesse ano despachada, [...] de 3.600 latas de fósforo, de 576 mil quilos de massa para a sopa e 108 mil quilos de café torrado e moído. Deu nesse ano serviço a 57 operários, sendo adultos do sexo masculino 25, do feminino 20, e 12 crianças de idade entre 12 e 14 anos. (CUNHA, 1911, s.p.)

A Olivé Leite ilustra uma situação comum entre diversos estabelecimentos fabris, que é a produção de diferentes naturezas de produtos na mesma fábrica, o que acontece tanto em pequenos estabelecimentos como naqueles de maior porte, como é o caso desta. Essa diversificação da produção sugere duas possibilidades de interpretação. A primeira diz respeito à possibilidade de expansão pela

acumulação de capital, sem que exista mercado consumidor para absorver a produção, ocasionando a expansão da fábrica com o acréscimo de uma nova atividade produtiva. A segunda interpretação está ligada ao aproveitamento da tecnologia, pois a manufatura, tendo a máquina a vapor, poderia colocar para movimentar diferentes máquinas e, de forma a não ter tecnologia ociosa, utilizava a fábrica sempre com uma relativa diversificação da produção, sem o prejuízo de eventuais períodos de safra ou outras oscilações.

Fábrica Pancinha

Este estabelecimento manufatureiro foi fundado por José Bernardo Pancinha em 1º de julho de 1908, localizado na Praça da Constituição nº 165, em prédio próprio com três aberturas de frente para a referida praça.

[...] trabalhando em moderada escala. Emprega em suas obras de vassouras, palha de sorcho, piaçava e madeira. Está em pelotas o seu mercado de consumo de uma produção anual do valor de 10 contos de reis. Ocupa com um mestre e um operário [...] (CUNHA, 1911, s.p.)

De forma semelhante aos demais estabelecimentos manufatureiros que se instalavam junto à Praça da Constituição, estas manufaturas provavelmente estavam vinculadas à existência de um comércio.

Fabricação de Adesivos

Este tipo de estabelecimento se originou a partir da oportunidade de industrializar os subprodutos das charqueadas. A Fábrica de Cola foi fundada em 1900, em local bem próximo a Fábrica Lang, localização que facilitava a obtenção da matéria-prima, pois o estabelecimento estava limitado aos fundos pela estrada de acesso às charqueadas, a Estrada Domingos de Almeida.

Cunha (1911), ao referir-se à Fábrica de Cola fundada por Jose Antonio Caleiro e Carlos Chaves Lopes, narrou:

[...] possui um motor patente inglesa, de força de 12 cavalos, caldeira, máquina para cortar sola, máquina para esmagar umbigo, cavador de garras, serpentina, exumador, e outras miúdas. Para a produção da cola emprega umbigos, garras e aparas de couro e ossos. Tem mercado de consumo em toda a república. (CUNHA, 1911, s.p.)

Tabela 48: Identificação dos estabelecimentos de **Fabricação de Adesivos (CNAE - 24.9)**, Pelotas, 1911.

Identificação das Fábricas na Área de Estudo e das Edificações					
Nº	Fábricas	Endereço	Anexo	Área de estudo	Ident. Prédio
1	Fábrica Muller	20 de Setembro, 12	103	Sim	Não
2	Fábrica de Cola	Gonçalves Chaves, 1252	104	Não	-

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

Tabela 49: Caracterização dos estabelecimentos de **Fabricação de Adesivos (CNAE - 24.9)**, Pelotas, 1911.

Os Trabalhadores, o Capital, o Faturamento e a Produção das Fábricas						
Nº	Fábricas	Trabalhadores		Capital	Faturamento	Produção
		Mestre	Oper.			
1	Fábrica Muller	1	2	5.000\$	30.000\$	30.000
2	Fábrica de Cola	1	9	25.000\$	80.000\$	80.000

Fonte: CUNHA, 1911, s.p.

As fábricas de cola eram estabelecimentos de pequeno porte, em função do capital investido, do razoável faturamento anual e por empregar alguma mecanização no seu processo produtivo, razão pela qual possuíam uma pequena quantidade de trabalhadores.

Das fábricas de cola, uma está localizada junto à Praça da Constituição, outra no Arrabalde da luz. Apesar do número reduzido de estabelecimentos, podemos dizer que, da mesma forma que os curtumes, estas fábricas de processamento de subprodutos da charqueada estavam setorizadas parte no Arrabalde da Luz e outra na área entre a Praça da Constituição e estação da estrada de ferro.

2.3 ARQUITETURAS DAS FÁBRICAS

Sobre as arquiteturas dos prédios fabris que tiveram registro fotográfico entre 1911 e 1922, é possível falar das estruturas, das funções e das fachadas. (Fig. 140)

Charqueada São Gonçalo

A manufatura era constituída de um único prédio térreo, de planta retangular; paredes lisas, compostas por um único plano vertical; esquadrias retangulares, de verga reta, alternadas aleatoriamente, provavelmente posicionadas em função do fluxo fabril e em função dos ambientes internos, ou seja, sem nenhuma preocupação compositiva aparente. Além das aberturas não há nenhum elemento vertical.

A cobertura era formada por dois telhados, justapostos, com uma calha entre eles. A estrutura destes telhados se apoiava sobre paredes portantes e pilares de madeira. Não havia nenhum adorno ou acabamento mais elaborado no beiral, marcado pela ausência de cimalha, eira ou qualquer elemento diferente da própria estrutura. (Fig. 139)



Figura 139: Charqueada São Gonçalo. Pelotas. RS.
Fonte: Foto do autor, 2012.

A edificação da charqueada São Gonçalo representa uma significativa inovação em relação aos demais estabelecimentos charqueadores. Apesar de tratar-se de sistema construtivo semelhante, suas dimensões em planta baixa são significativamente superiores. Internamente existe um espaço formado de um único ambiente, de grande vão central e pilares laterais de madeira, sem forro, com estrutura visível. (Fig. 141) A aparência externa da fábrica, aproximava-se da estética Luso-Brasileira.

Figura 140: Localização das fábricas identificadas dentro da área de estudo. Pelotas RS. **Fonte:** Mapa elaborado pelo autor, com base no aerofotogramétrico e **Notícia Descritiva** (1911), 2012.

Apesar de aparentemente constituir uma estrutura muito simples, o fato de o espaço interior da edificação não ter sido compartimentado, mantendo uma grande área livre, sugere significativa inovação, visto que, nas construções tradicionais, não foi encontrado espaço de salga com as proporções da Charqueada São Gonçalo.



Figura 141: Charqueada São Gonçalo em 1915, "praia de matança". Pelotas. RS.
Fonte: LEITE, 2011.

A edificação que abrigou a charqueada foi construída com materiais de construção tradicionais e locais, como tijolos cerâmicos revestidos com argamassas, coberturas com telhas cerâmicas apoiadas em tesouras de madeira, argamassa e pintura de cal.

Companhia Frigorífica Rio Grande

Os prédios que constituíam as dependências da Companhia Frigorífica Rio Grande foram adquiridos pela multinacional Anglo e sofreram alterações drásticas ao longo do tempo, de modo que a arquitetura original não é reconhecível. Assim, as observações apresentadas a seguir são baseadas na revisão bibliográfica e na análise de fotografias da época.

O complexo fabril da Companhia Frigorífica Rio Grande foi erguido pelos construtores Scott e Hume, que, segundo Paradedda (1921), eram especialistas na construção de frigoríficos e já haviam construídos alguns prédios deste tipo na Argentina.

A análise das fotografias do conjunto permite descrevê-lo como um imenso complexo fabril, formado por vários prédios de dois pavimentos, alguns galpões abertos (sem paredes laterais) e poucos prédios menores, térreos. (Fig. 142)

A edificação maior, localizada no lado oeste do terreno, voltada para o Canal São Gonçalo, não apresenta nenhuma abertura nas fachadas norte e sul, além de

óculos. A falta de aberturas sugere que este prédio tenha abrigado as câmaras frigoríficas, necessárias para conservação da carne. (Fig. 143)

Outro aspecto que se destaca nessa edificação, além do porte e da ausência de janelas, é a rígida modulação, pautada por pilastras e pelo movimento das empenas. A modulação dos telhados e empenas promove a sensação de edificações geminadas, uma vez que a cobertura é formada de quatro telhados de duas águas cada, justapostos, dois a dois. (Fig. 144)

O outro grande edifício do conjunto, localizado na extremidade leste do terreno, apresenta volume semelhante ao primeiro, com dois pavimentos altos, porém sem parede nas laterais a leste e a oeste, com a estrutura do telhado apoiada em pilares. (Fig. 143)

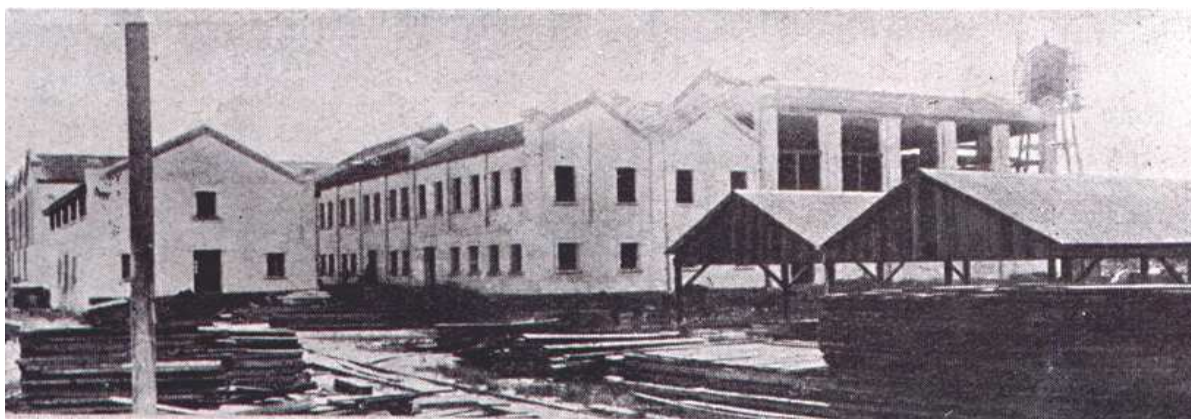


Figura 142: "Frigorífico de Pelotas", ainda em obras. Pelotas. RS.

Fonte: COSTA, 1922.

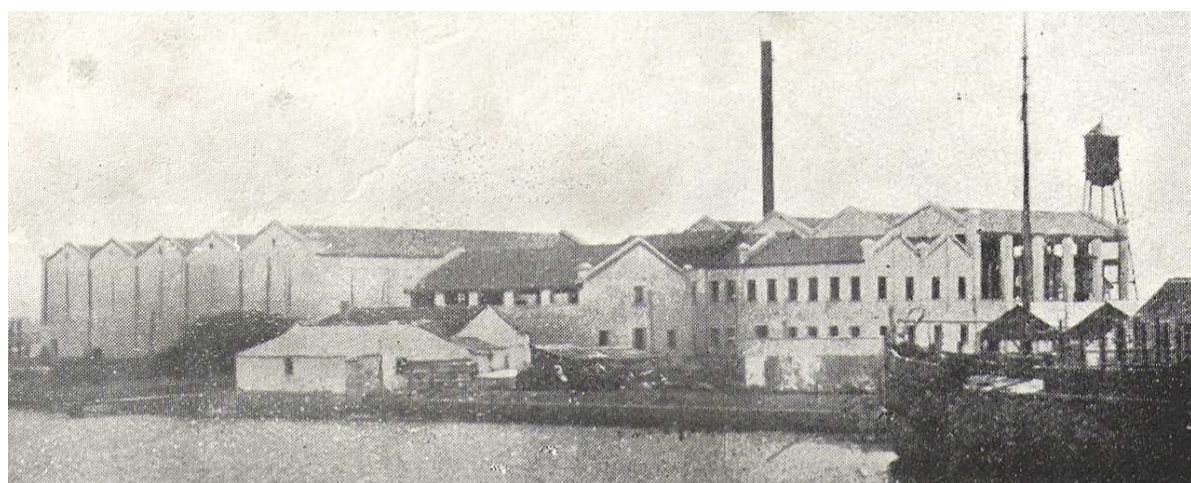


Figura 143: "Vista geral do Frigorífico Pelotense, apanhada do Rio São Gonçalo". Pelotas. RS.

Fonte: CARRICONDE, 1922.

Dentre as outras edificações constituintes do conjunto estão grandes galpões de madeira e construções menores em alvenaria, as quais merecem atenção, visto que apresentam maior requinte de detalhes formais. (Fig. 169)

Assim como nas grandes edificações, a empena das edificações menores era o elemento construtivo mais significativo das fachadas, seguido das pilastras. Porém, as fachadas destas edificações menores apresentavam moldura e frisos de argamassa nas aberturas, demonstrando preocupação formal mais apurada.

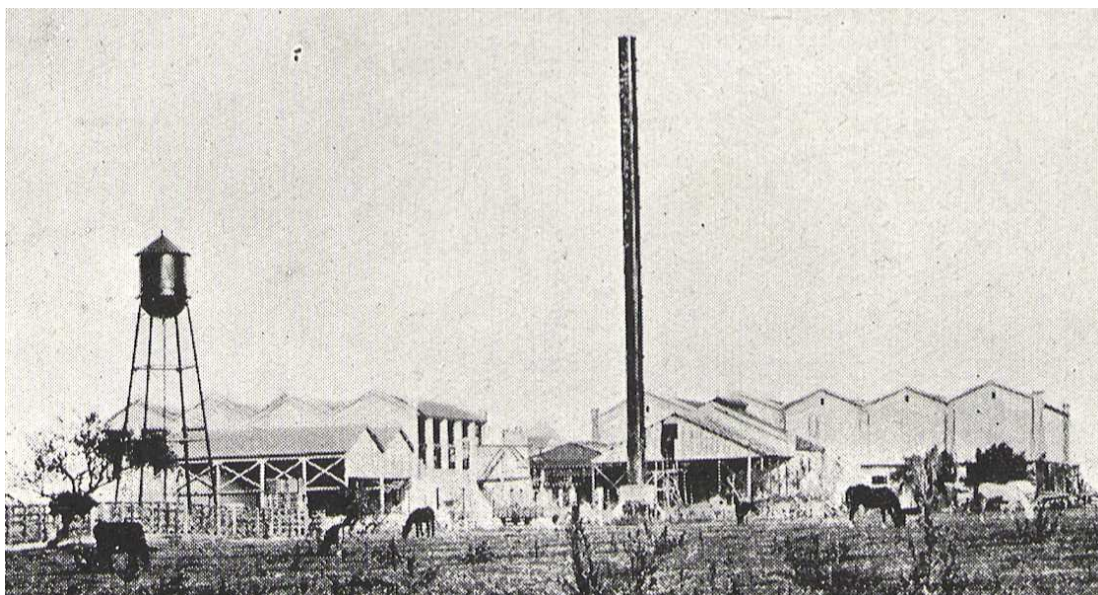


Figura 144: "Vista do Frigorífico Pelotense". Pelotas. RS.
Fonte: CARRICONDE, 1922.

Assim, de uma maneira geral, pode-se afirmar que o conjunto era composto por várias edificações, que apresentavam características funcionais bem evidentes, além de alguma preocupação formal. A composição das fachadas é marcada pela simetria e modulação, com utilização de alguns elementos como pilastras e cimbalha sobre as empenas.

Com relação ao sistema construtivo, é importante destacar que se trata de uma edificação mista, isto é, apresenta sistemas de paredes tradicionais em alvenaria de tijolos cerâmicos e revestimentos argamassados, ao mesmo tempo em que apresenta sistema estrutural em concreto armado (vigas e lajes).

Cervejaria Ritter

A indústria estava instalada em um lote de esquina delimitado pelas atuais ruas Santos Dumont e Mal. Floriano e lateralmente pelo Arroio Santa Bárbara. As

edificações ocupavam integralmente o lote, estavam sobre o alinhamento predial e a relação com o entorno era relativamente harmônica.

A cervejaria Ritter estava estabelecida em um conjunto de edificações, sendo que, ao analisar a arquitetura destas, podemos classificá-los em dois conjuntos distintos de edifícios.

O primeiro conjunto arquitetônico se trata de prédio voltado para a Rua Marechal Floriano, de arquitetura facilmente identificável como sendo pertencente à linguagem arquitetônica eclética.

A fachada de composição tripartida é constituída de base, corpo e coroamento; e tem como elementos pilastras com ornamentação, verga das portas e janelas em arco pleno com frontão triangular. O coroamento apresenta platibanda vazada e ornamentada com balaústres e frontão recortado. (Fig. 145 e 146)

Também parte deste primeiro conjunto de edificações, caracterizado pela linguagem arquitetônica do ecletismo, localizado junto ao arroio e com frente para a mesma rua, foi construída, entre 1911 e 1922, uma edificação com dois pavimentos. Supõe-se que esse primeiro conjunto, tanto a edificação térrea como a de dois pavimentos, era utilizado para as atividades administrativas e comerciais. (Fig. 147)

O segundo conjunto de prédios trata das atividades de fabricação e armazenagem da cervejaria. Estas edificações estavam localizadas aos fundos do primeiro conjunto e também com fachada para a rua lateral, Marquês de Caxias, atual Santos Dumont.

Conforme podemos verificar na figura 146, as edificações do espaço de produção também estavam sobre o alinhamento predial. Neste período, a fábrica ocupava praticamente todo o quarteirão, sendo notável a diferença de altura entre os diferentes blocos da fábrica. A edificação eclética estava compatível com as demais construções térreas implantadas no entorno.

A edificação fabril se apresentava, por constituir-se de três blocos de planta retangular, com elevada altura, composta de três pavimentos mais subsolo. Estes tinham coberturas em duas águas e beiral com acabamento em lambrequim. Presente no telhado há um lanternim, conforme pode ser verificado nas figuras 145 e 146.

Seus volumes se caracterizavam pela ausência de ornamentação nos vãos e nas frontarias, que estavam voltadas para o interior do lote.

As esquadrias estavam alinhadas verticalmente e distribuídas simetricamente pelas fachadas. Também eram bastante significativas as chaminés, em número de três, uma das quais com uma forma bastante diferente. (Fig. 145)

Com relação à fachada do bloco fabril construído sobre o alinhamento da atual Rua Santos Dumont, se trata de uma fachada monumental, ao se comparar com o entorno. (Fig. 146) Esta fachada se diferenciava por suas dimensões: era mais alta, com vãos de esquadrias menores e maior espessura da parede, também constituída de pilastras e cimalha, com eixos de simetria. Entretanto, em razão das dimensões não tradicionais, resultou em uma fachada de composição formal bastante sólida e austera. (Fig. 146)



Figura 145: “Ponte de Pedra e Cervejaria Ritter”. Pelotas. RS.
Fonte: ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE.



Figura 146: Cervejaria Ritter “Edifício da fábrica, instalado a Rua Mal. Floriano e Marques de Caxias, a margem do Santa Barbara” Pelotas. RS. **Fonte:** COSTA, 1922.

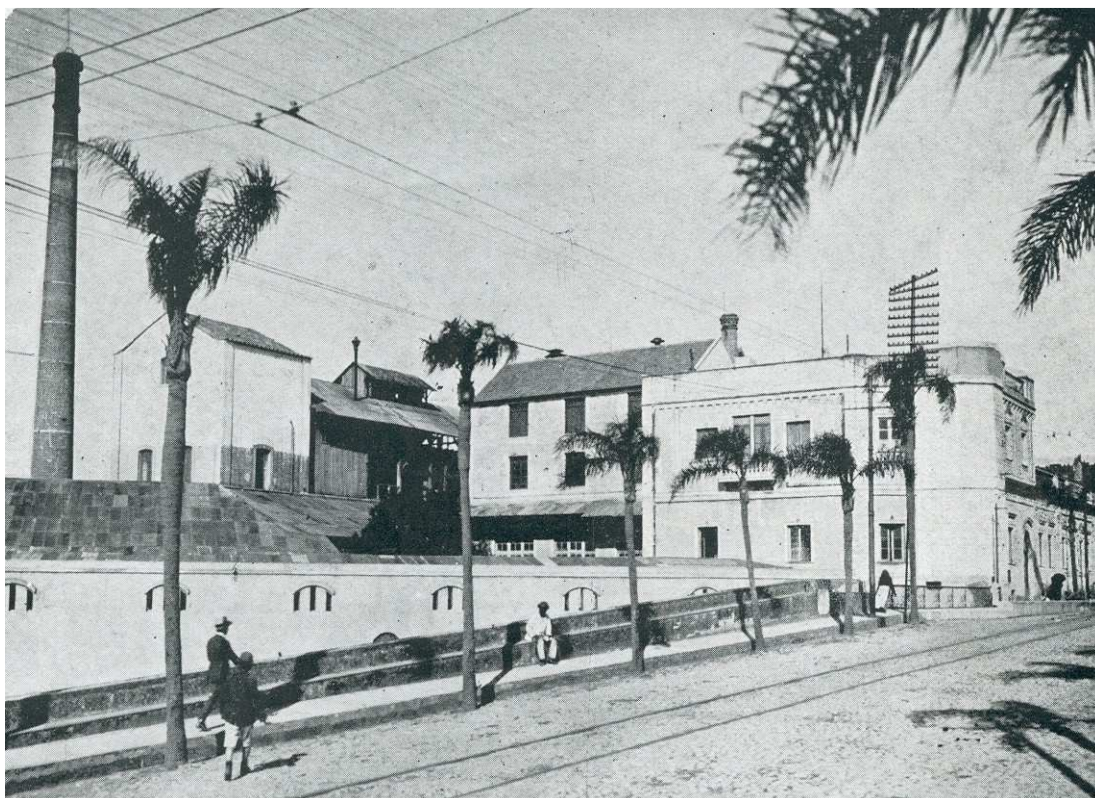


Figura 147: “Vista do grande edifício da Companhia Cervejaria Ritter”. Pelotas. RS.

Fonte: CARRICONDE, 1922.

O sistema construtivo da suposta área administrativa, assim como o do espaço de produção, é de cobertura em estrutura de tesouras apoiadas sobre alvenarias portantes. Os materiais de construção são telhas e tijolos cerâmicos, revestimentos e ornatos argamassados, esquadrias de madeira.

Cervejaria Sul Rio-Grandense

Este conjunto ocupava o quarteirão inteiro. As edificações foram construídas em diferentes épocas a partir de 1890. O “pequeno prédio tomado de aluguel”, com frente à Rua Conde de Porto Alegre, foi substituído. O “antigo” Nº 44 foi demolido, para que fosse construído o “moderno” Nº 56.

A arquitetura deste estabelecimento pode ser subdividida em dois grandes conjuntos. O primeiro era constituído de residência do proprietário e escritório da fábrica, integrados por um pátio voltado para a Rua Benjamim Constant. O segundo abrigava o sistema produtivo, com fachadas voltadas para as atuais ruas José do Patrocínio e Conde de Porto Alegre. (Fig. 148)

Estas duas construções (residência e escritório) possuíam apenas um pavimento, mas foram construídas sobre um porão de um metro de altura. Apesar

de estas edificações estarem separadas por um pátio interno e terem sido construídas em períodos diferentes, elas têm os mesmos elementos de composição e sistema construtivo, ambas são caracterizadas pela riqueza na ornamentação, tinham diversos elementos de composição característicos do ecletismo, assim como fachada tripartida e composta de base, corpo e coroamento. (Fig. 148 e 149)

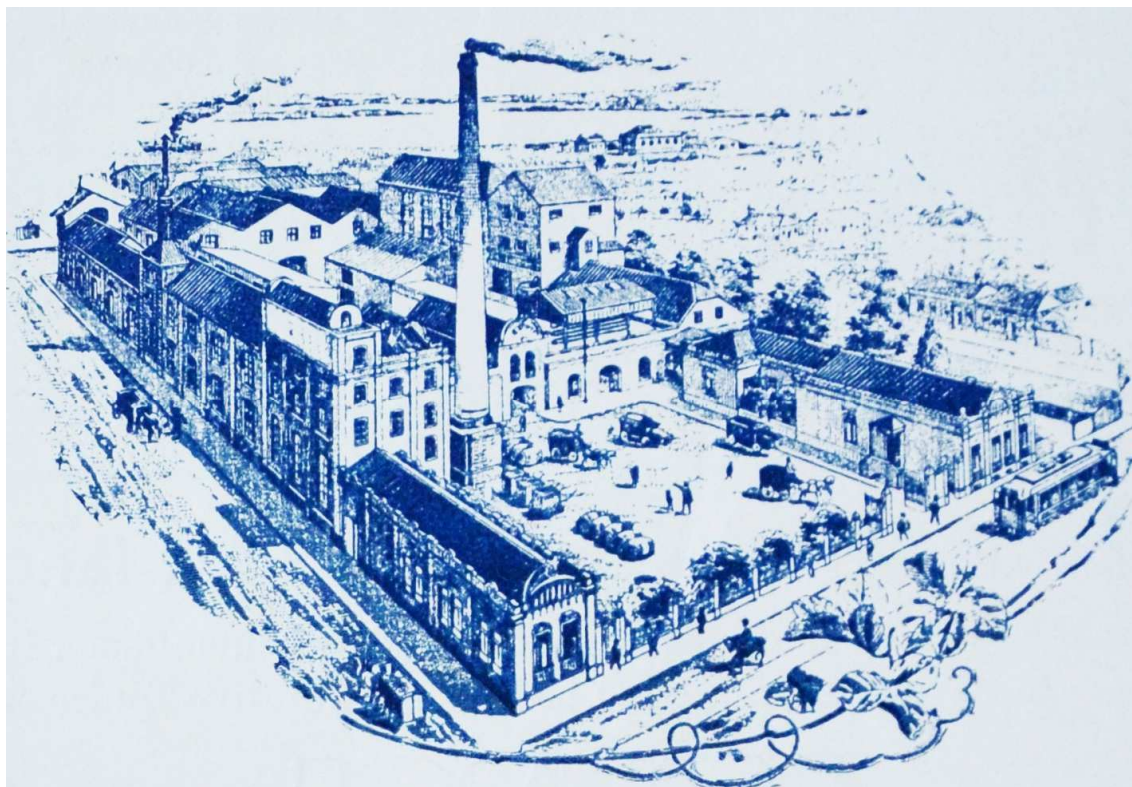


Figura 148: Litografia da Cervejaria Sul Rio-Grandense, elaborada em 1919. Pelotas. RS.

Fonte: PINTO, Guilherme (acervo pessoal)

A residência se caracteriza por ter base com marcação das pilastras e gateiras, corpo com pilastras, balcões em ferro fundido, esquadrias de madeira em vãos emoldurados, soleira em mármore, verga com frontão recortado sobre as esquadrias, coroamento com platibanda vazada delimitada por cimbalhas, pilastras, frontão triangular em arco e outros ornatos.

Os escritórios que foram construídos entre 1914 e 1915, onde as características de composição e elementos arquitetônicos são os mesmos da residência, exceto a fachada não ser tripartida e as platibandas e frontão um pouco diferentes. Estes prédios estavam em plena consonância com o entorno construído, por suas dimensões, proporções, por ser térreo e também por seus elementos construtivos. Os acessos se davam por alpendre com acabamento de telhado em lambrequim.

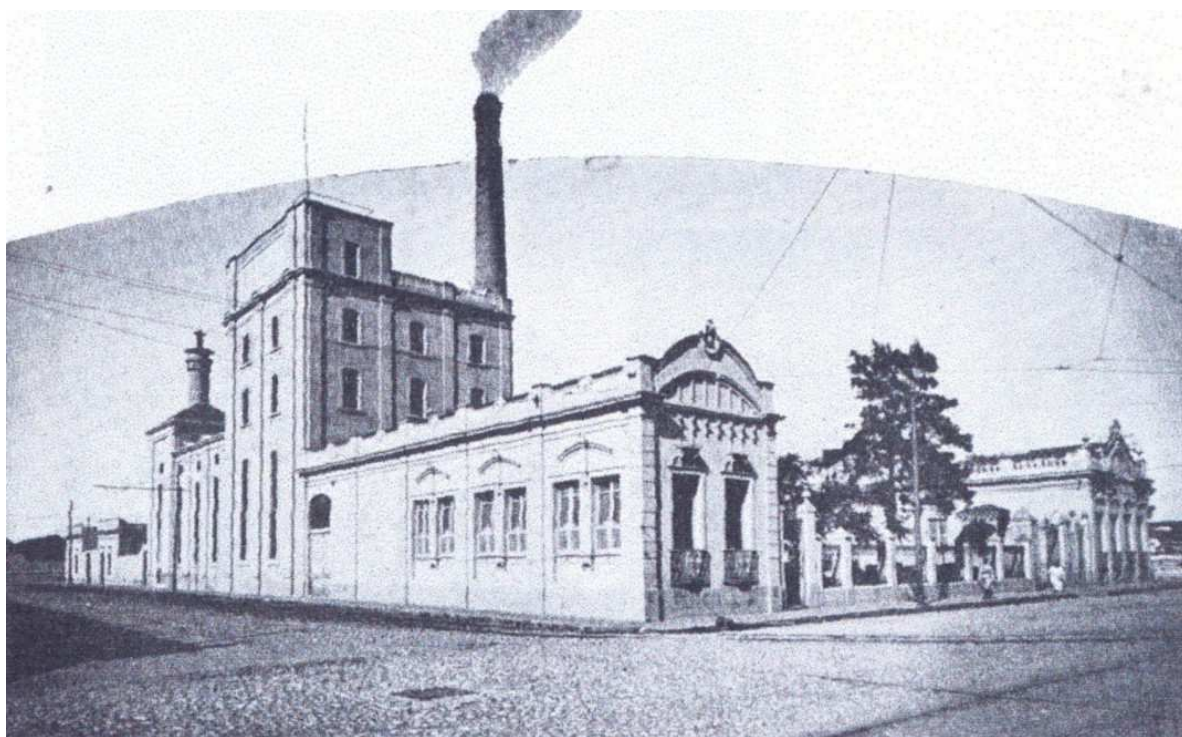


Figura 149: "O alteroso e confortável edifício da Cervejaria Sul Rio Grandense do Sr. Leopoldo Haertel". Pelotas. RS. **Fonte:** CARRICONDE, 1922.

Com relação ao sistema construtivo, se tratava de cobertura estruturada em tesouras apoiadas sobre alvenarias portantes. O piso assoalhado estava apoiado sobre barrotes que distribuíam o peso para as paredes e estas para o solo.

Os materiais de construção são telhas e tijolos cerâmicos, revestimentos em argamassa, esquadrias de madeira, estrutura do telhado, forro e piso em madeira.

As construções que abrigavam as instalações de produção propriamente ditas formavam diversos blocos, tinham uma linguagem arquitetônica bastante diferenciada do primeiro conjunto, possuíam dois ou mais pavimentos.

As edificações da fábrica, com fachadas voltadas para Rua Conde de Porto Alegre, assim como os blocos voltados para a Rua José Bonifácio, apesar de terem sido construídas em diferentes períodos, apresentam a mesma linguagem e elementos de construção. As fachadas são significativas por suas dimensões monumentais, se destacam o aspecto de solidez, suas proporções e sua grande imponência na paisagem urbana. (Fig. 148)

A fachada voltada para a Rua Conde de Porto Alegre estava constituída de base, corpo e coroamento, também tem composição tripartida delimitada por pilastras. As janelas deste conjunto são duplas, isto é, uma moldura com duas esquadrias iluminando ao mesmo tempo os dois pavimentos. O coroamento se dava

por um frontão triangular e, no seu interior, uma grande esquadria, que poderia ser denominada como uma empena pois também tinha a função de "fechar" o telhado de duas águas. (Fig. 150)

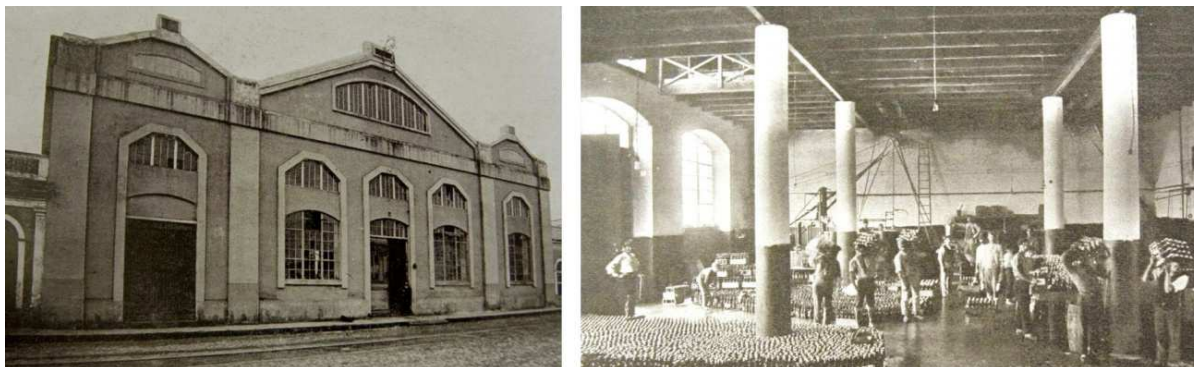


Figura 150: Cervejaria Sul Rio-Grandense, acesso pela Rua Conde de Porto Alegre. Pelotas. RS.
Fonte: DOMECCQ' & CIA, 1916.

Portanto, podemos afirmar que a área de produção da fábrica, apesar de ter uma volumetria bastante diversificada, isto é, constituída de blocos de diferentes tamanhos, se trata de um conjunto marcado por uma homogeneidade na linguagem arquitetônica.

Apesar da monumentalidade da fábrica, a relação com o entorno é harmônica. O prédio tem marcada a base, o corpo e o coroamento, tratamento de fachada comum às demais edificações do bairro. Também os elementos de arquitetura, assim como pilastras, molduras e cimbalhas, são similares aos do entorno construído.

A forma dos telhados era em duas águas, procedendo em empenas que têm um significativo resultado formal na volumetria e nas fachadas. Também é significativa a diversidade de blocos existente, indicando um conjunto de significativo valor pela sua volumetria. (Fig. 148 e 151)

Com relação ao sistema construtivo desses pavimentos, podemos verificar que tratava-se de pavimentos estruturados através de pilares em alvenaria, que davam sustentação a vigas e assoalho em madeira (Fig. 150). Também foi constatada, através da Figura 152, a existência do sistema de lajes mistas (ferro e tijolos), isto é, de abobadilhas: trata-se da estruturação da laje com perfis metálicos em formato "I", com preenchimento de tijolos armados em forma de abobada.



Figura 151: Cervejaria Sul Rio-Grandense, pátio interno. Pelotas. RS.
Fonte: DOMEQ' & CIA, 1916.

Posteriormente ao período de estudo, foram feitas alterações no sistema construtivo: lajes em madeira foram substituídas por lajes de concreto armado, e também construídos dois grandes depósitos junto à Rua João Pessoa, com coberturas metálicas.

Também significativa foi a sala de máquinas, como pode ser visto na Figura 152. Trata-se de um espaço fabril altamente qualificado, com pisos em ladrilhos hidráulicos, revestimentos de parede em escaiolas.

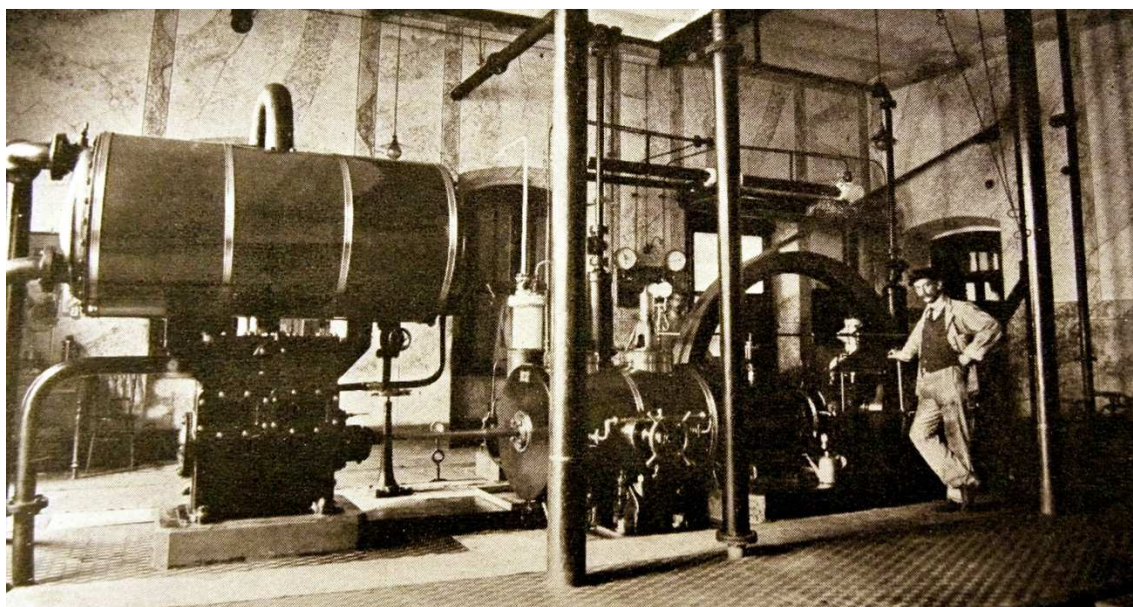


Figura 152: Cervejaria Sul Rio-Grandense, casa de máquinas com paredes revestidas com escaiola. Pelotas. RS. **Fonte:** DOMEQ' & CIA, 1916.

Padaria Xavier Duarte

Este estabelecimento é composto de uma série de edificações, conforme as imagens produzidas em 1916. Esta arquitetura fabril, exceto pela forte presença da chaminé, pode ser comparada com outros estabelecimentos, principalmente comerciais, existentes no mesmo período.

A tipologia desta edificação, não está diretamente relacionada com a atividade fabril, mas vinculada à atividade comercial também desenvolvida pelo estabelecimento Xavier Duarte. A edificação foi construída sobre o alinhamento predial, ocupando toda a testada não só do lote, mas, no caso da Rua Paysandu, toda a face do quarteirão. (Fig. 153)

O prédio estava perfeitamente integrado a seu entorno, conforme pode ser comprovado pela Figura 153. As alturas e demais elementos de composição da fachada são consonantes com as edificações vizinhas.

Com relação à função, não é possível afirmar com certeza, mas devido à localização da chaminé, podemos supor que as atividades comerciais estavam localizadas na esquina, enquanto as manufatureiras se desenvolviam ao longo do quarteirão.



Figura 153: Padaria Xavier Duarte "Vista exterior do estabelecimento fabril, situado à rua Sete de Abril, esquina Paysandu". Pelotas. RS. **Fonte:** DOMEQ' & CIA, 1916.

As diferentes edificações que compõem o conjunto foram construídas com sistema construtivo em que as paredes suportam todo o peso da cobertura, transferido através de fundações diretas para o solo. Esta afirmação pode ser

constatada pela grande espessura da parede (Fig. 154) e também pela ausência de qualquer sistema de pilares no interior da edificação.

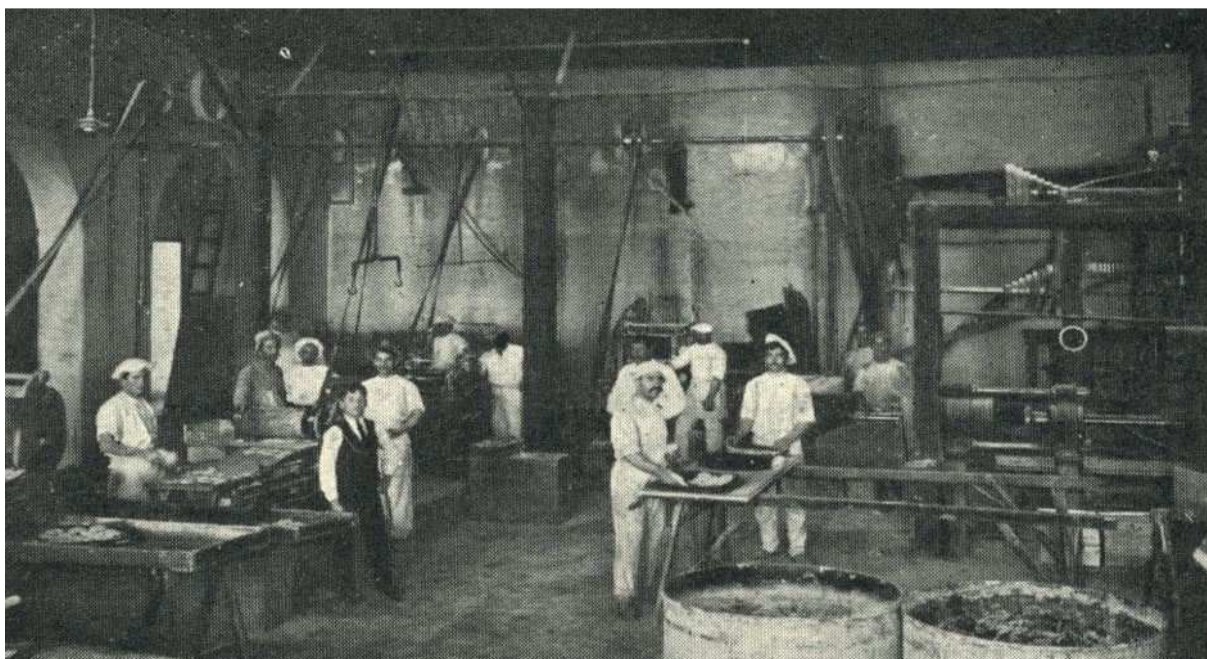


Figura 154: "A secção de padaria da casa". Pelotas. RS.

Fonte: DOMEQ' & CIA, 1916.

Entre as várias edificações que fazem parte do conjunto, apenas uma, localizada no centro do quarteirão, tem dois pavimentos, todo o restante é térreo.

As diferentes edificações foram construídas em sistema construtivo tradicional, com alvenaria de tijolos cerâmicos e revestimento e ornamentação em argamassa.

A linguagem arquitetônica é o ecletismo, pelos seus elementos característicos, dos quais podemos identificar: pilastras, platibanda ornamentada com balaústres, esquadrias em madeira com verga em arco pleno também molduras e cimalkas.

O prédio da antiga Padaria Xavier Duarte foi demolido há muitos anos, não restando nenhuma evidência física do antigo empreendimento.

Fábrica Aliança

As edificações que compunham a fábrica Aliança não existem mais. Deste modo, semelhante ao processo adotado para descrição da arquitetura da

Companhia Frigorífica Rio Grande, este relato está baseado em análise de fotografias antigas.

O conjunto era composto por vários prédios, todos térreos e de planta retangular, com cobertura em duas águas e empenas nas extremidades. (Fig. 155)

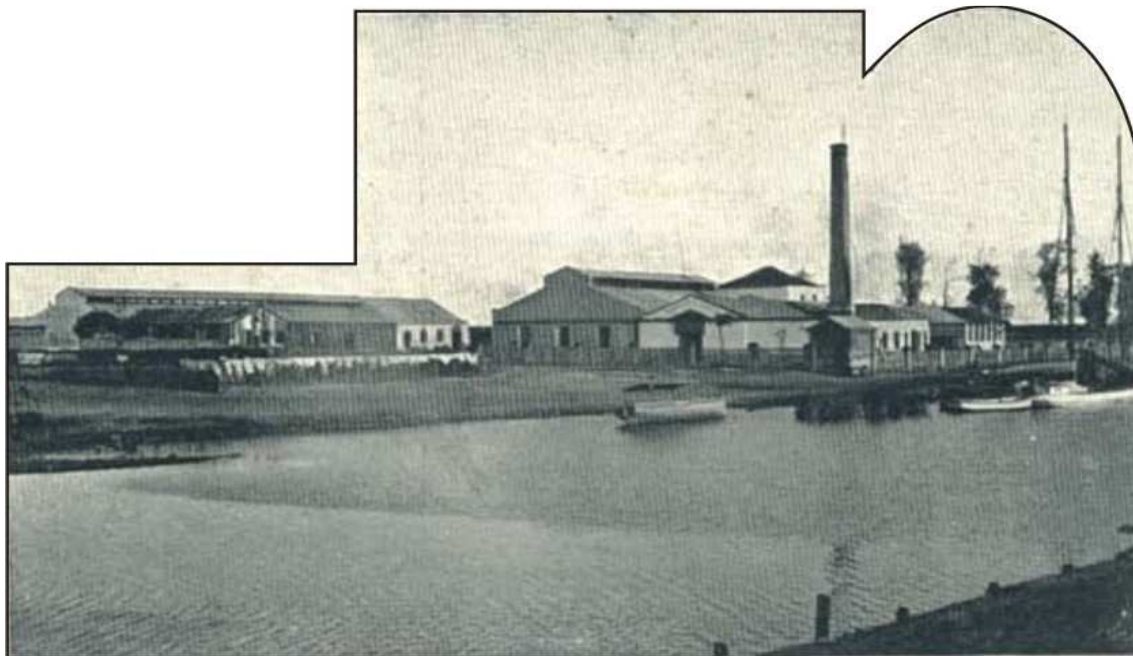


Figura 155: Arroio Santa Barbara e ao fundo fachada sul (principal) da "Fábrica Aliança". Pelotas. RS. **Fonte:** MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.

A arquitetura deste estabelecimento fabril era constituída de diversos pavilhões, construídos com materiais de construção tradicionais, isto é, alvenarias de tijolos e telhas cerâmicas, revestimentos argamassados. A estrutura de telhado de alguns prédios era constituída em tesouras de madeira bruta e aparelhada (Fig. 157), mas havia, também casos em que foi utilizada estrutura metálica (Fig. 156b).

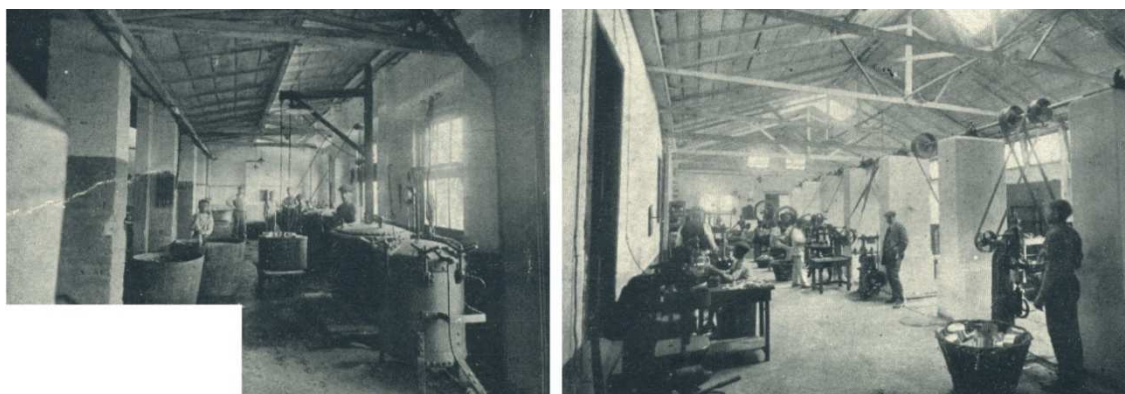


Figura 156: (a) Autoclaves da seção de frutas em calda. (b) Seção de Funilaria da "Fábrica Aliança". Pelotas. RS. **Fonte:** MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.

Com relação ao ambiente interno, nota-se a presença de sequências de pilares robustos de alvenaria, que sustentavam as tesouras e dividiam o ambiente, criando um espaço central e dois espaços adjacentes nas laterais, como nas naves das igrejas cristãs. (Fig. 157)



Figura 157: Seção de sabão comum e seção de sabonetes da "Fábrica Aliança". Pelotas. RS.
Fonte: MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.

O que melhor caracteriza a volumetria da arquitetura desta fábrica eram os lanternins que compunham a cobertura. O lanternim é uma estrutura de cobertura que favorecia melhores condições de salubridade para este ambiente fabril, propiciando maior iluminação e ventilação. Este elemento característico das igrejas românicas, renascentistas e barrocas, foi muito utilizado nos ambientes da fábrica Aliança, é registrado na grande parte das fotografias, quer seja pela iluminação característica das fotos internas, quer pela silhueta da edificação. (Fig. 158)



Figura 158: Fachada norte da "Fábrica Aliança". Pelotas. RS.
Fonte: COSTA, 1922.

Fábrica Amazônia - Leal Santos

Segundo os registros de Cunha (1911), ao ser vendida ao grupo Leal Santos, a edificação que abrigava a fábrica de conservas Amazônia possuía 14 aberturas na fachada principal, voltadas para o que seria o prolongamento da Rua Paysandu, atual Barão de Santa Tecla. O registro iconográfico mais antigo encontrado data de 1922, quando o prédio, que abrigava a fábrica de conservas Leal Santos, conforme a fotografia (Fig. 159), apresentava somente cinco aberturas nesta fachada. Especula-se que seja apenas uma parte do conjunto edificado citado por Cunha (1911).

Trata-se de uma edificação térrea, de planta retangular, cobertura em duas águas e estrutura semelhante a um lanternim, cuja parte central do telhado é sobreposta e propicia ventilação e iluminação ao espaço interior, este elemento arquitetônico muito significativo na estética da fábrica, assim como nas igrejas cristãs, nos Halles de Paris ou como no Mercado Público Pelotense. (Fig. 160)

A fachada caracterizava-se pela simetria e pela presença de dois frontões recortados, localizados na platibanda, ornados com frisos e com o desenho de uma estrela em estuque, aplicado no centro de cada um dos frontões. As aberturas apresentam verga de arco abatido. O tratamento formal da fachada, dividida em “base, corpo e coroamento” é bastante evidente.



Figura 159: Fachada principal da "Fábrica Leal Santos" Pelotas. RS.
Fonte: CARRICONDE, 1922.

A fachada desta edificação apresenta diversos elementos ornamentais, como cimalha, cornija, platibanda, frisos, frontões, óculos etc., podemos afirmar que é uma edificação com linguagem arquitetônica com elementos característicos do ecletismo. Porém, surge a hipótese da desfiguração do prédio original, principalmente por termos vergas com arcos abatidos, que são elementos arquitetônicos da linguagem luso-brasileira.

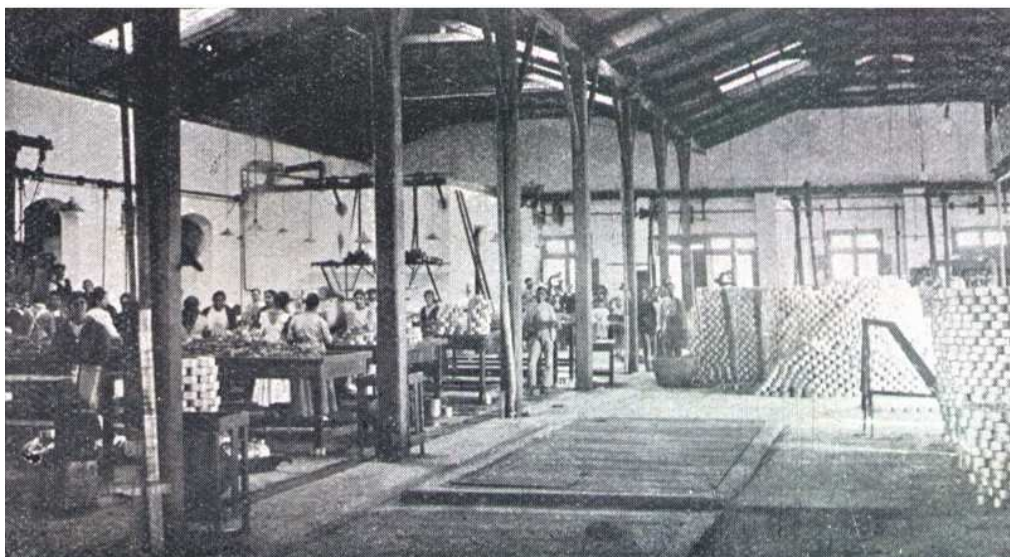


Figura 160: Vista interna da "Fábrica Leal Santos" Pelotas. RS.

Fonte: CARRICONDE, 1922.

O sistema construtivo se tratava de cobertura sobre tesouras de madeira apoiadas sobre pilares de madeira e sobre as alvenarias portantes. Os materiais de construção eram tradicionais: tijolos cerâmicos revestidos de argamassa, cobertura em estrutura de madeira e telhas cerâmicas.

Moinho Pelotense

O moinho foi instalado em uma área não urbanizada, em 1886. No período de estudo, o quarteirão em que estava instalado o moinho ainda não tinha sido efetivamente delimitado por todas as ruas, a construção tinha como referência o prolongamento das atuais ruas Mal. Deodoro e Gomes Carneiro.

A construção foi feita afastada dos limites do terreno, exceto a fachada principal (voltada para leste), que foi alinhada pelo Arroio Santa Bárbara, e afastada deste por um recuo frontal não superior a vinte metros. (Fig. 161)

A forma do conjunto era uma simples sequência de quatro pavilhões retangulares em planta baixa, sendo um dos blocos de um pavimento, um de dois

pavimentos e dois blocos com três pavimentos, estes interconectados e com três acessos através da fachada frontal.

A arquitetura destas edificações está vinculada diretamente à função produtiva desenvolvida no seu interior, o que pode ser comprovado pela forma e o funcionamento das esquadrias. Apesar de serem compostas de forma simétrica, elas apresentam diferentes sistemas de funcionamento, proporções e tamanhos, pois era necessário acessar o estabelecimento com carroças ou através de trilhos para retirar a farinha ou a massa vendida ao comércio local, elevar o trigo até o pavimento superior ou descer o farelo, para o que existia a porta de suspender. A forma das esquadrias segue uma orientação com relação à função de acesso ou transporte da produção na edificação.

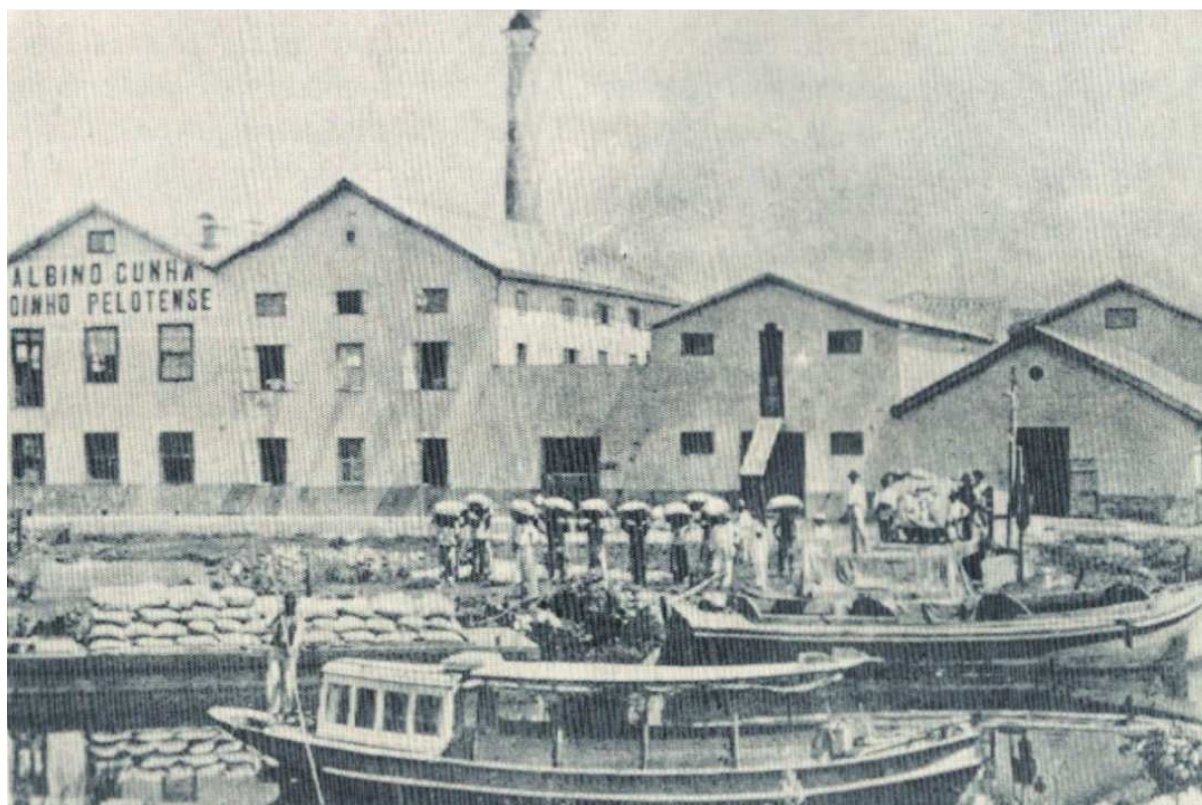


Figura 161: “Moinho Pelotense, 1922”. Pelotas. RS.
Fonte: PESAVENTO, 1985.

Essencialmente, é uma linguagem arquitetônica de caráter funcional, em que os elementos mais significativos são a simetria, a regularidade e a repetição, sendo também notável o padrão de empenas, sempre repetindo um óculo ou uma esquadria no eixo da empena.

Os vários pavilhões do moinho eram construídos com sistema construtivo tradicional, isto é, alvenarias de tijolos cerâmicos revestidos de argamassa, telhado em formato de duas águas, provavelmente estruturados em tesouras de madeira. Esta cobertura avançava sobre as paredes formando um beiral, sem utilizar qualquer sistema de condução das águas do telhado.

Nota-se na base da edificação uma faixa, provavelmente uma pintura a óleo para proteger as paredes da umidade do respingo da água da chuva, enquanto o restante das paredes seriam caiadas.

Engenho de arroz Santa Ignácia

A fachada da edificação que abrigou o Engenho Santa Ignácia ainda existe. As observações apresentadas a seguir são feitas a partir das fotografias publicadas na obra de Alfredo Costa, em 1922, e observações no local.

A edificação está implantada junto ao alinhamento predial. Por apresentar as mesmas alturas e elementos de composição das edificações vizinhas, este engenho se relaciona de forma integrada e harmônica com o entorno construído.

As edificações constituíam um conjunto de armazéns geminados, térreos e de plantas retangulares. Cada armazém continha na fachada duas janelas e uma porta, todas voltadas para o passeio público.

A fachada da manufatura era subdividida em base, corpo e coroamento. O corpo é constituído de sequência de esquadrias com umbrais em granito aparelhado e verga em arco pleno. O coroamento é delimitado por cornijas, platibanda vazada com balaústres em faiança.

A composição das fachadas acompanhou o ecletismo, compondo fachadas simétricas que se desenvolveu nas residências pelotenses, sem porão alto. (Fig. 162)

O sistema construtivo consiste em coberturas sobre tesouras de madeira apoiadas sobre alvenarias portantes. Os materiais de construção são as telhas cerâmicas, os tijolos cerâmicos, os revestimentos em argamassa, a pintura a cal, forro “saia e camisa”.

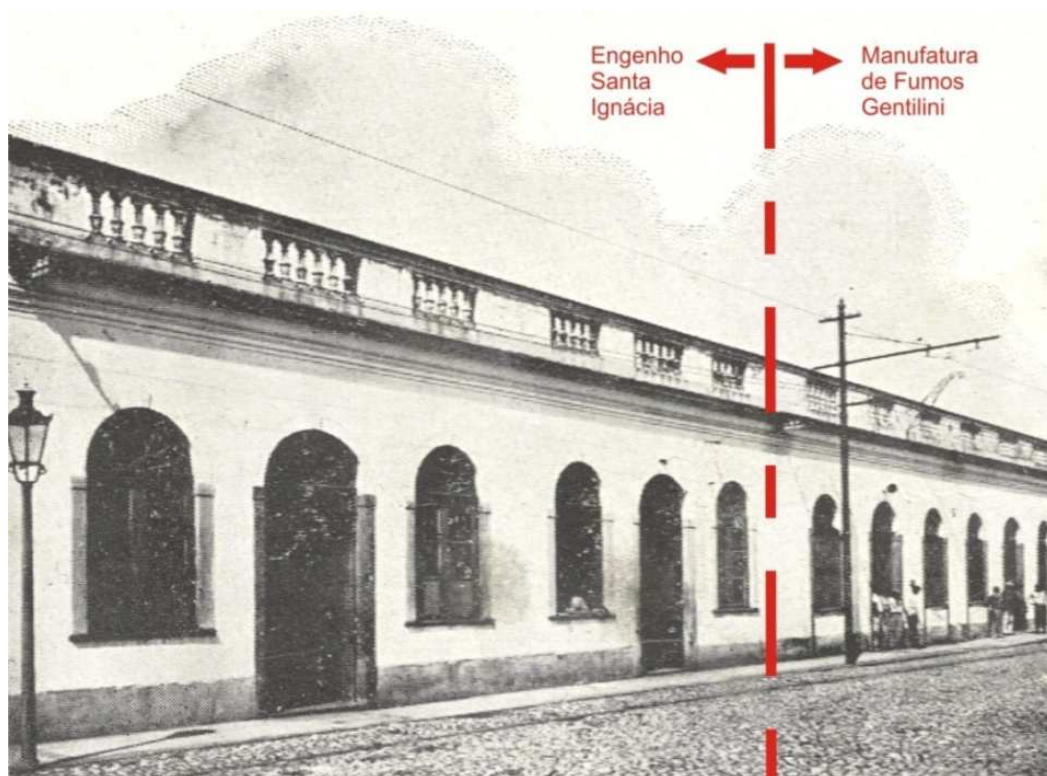


Figura 162: “Engenho de arroz Santa Ignácia de Menotti Gentilini”. Pelotas. RS.
Fonte: CARRICONDE, 1922.

Companhia Fiação e Tecidos Pelotense

A firma foi instalada em uma edificação erguida para este fim, cuja construção começou em 15 de setembro de 1908 e terminou em setembro de 1910. A descrição de Alberto Coelho da Cunha registrou: “Consta-se de um edifício vasto e sólido, construído de tijolo cal e cimento, vigamento de ferro e coberto de telhas inglesas.” O autor relatou a existência de prédios anexos: “[a indústria] é subdividida em três secções; fiação, tecelagem, tinturaria e acabamento, cada qual com suas dependências precisas”. (Cunha, 1911, s.p.)

O edifício principal foi construído ocupando três faces do quarteirão, com fachadas sobre o alinhamento predial, térrea e aspectos compositivos peculiares ao ecletismo, em harmonia com a arquitetura do entorno.

Com relação aos aspectos do ambiente interno da fábrica, as imagens a seguir (Fig. 163) registram a existência de um sistema de iluminação e ventilação pelo telhado (*sheds*), que permitem, ao mesmo tempo a criação de grandes vãos livres, iluminação natural e consequente ambiente salubre. Importante destacar que

o sistema construtivo foi inovador. A estrutura, assim como a cobertura, é toda metálica, inclusive as telhas, em folhas de flandres.

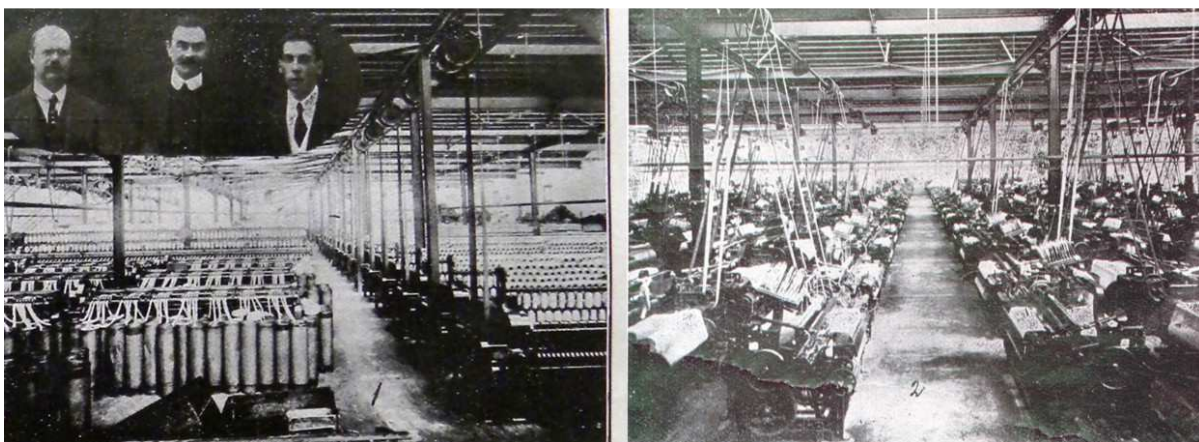


Figura 163: Os diretores: Ambrosio Perret, Antônio Planella e Alvaro Rosa, Seção Fiação e Seção Teares da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense. Pelotas. RS. **Fonte:** COSTA, 1922.

A volumetria resulta de grandes dimensões em planta baixa. O corpo principal da fábrica é constituído de uma sequência de telhados de uma água (*shed*). O bloco voltado para o acesso principal à Rua Alm. Tamandaré é composto de cobertura em telhado de quatro águas com a presença de lanternim. (Fig. 164)

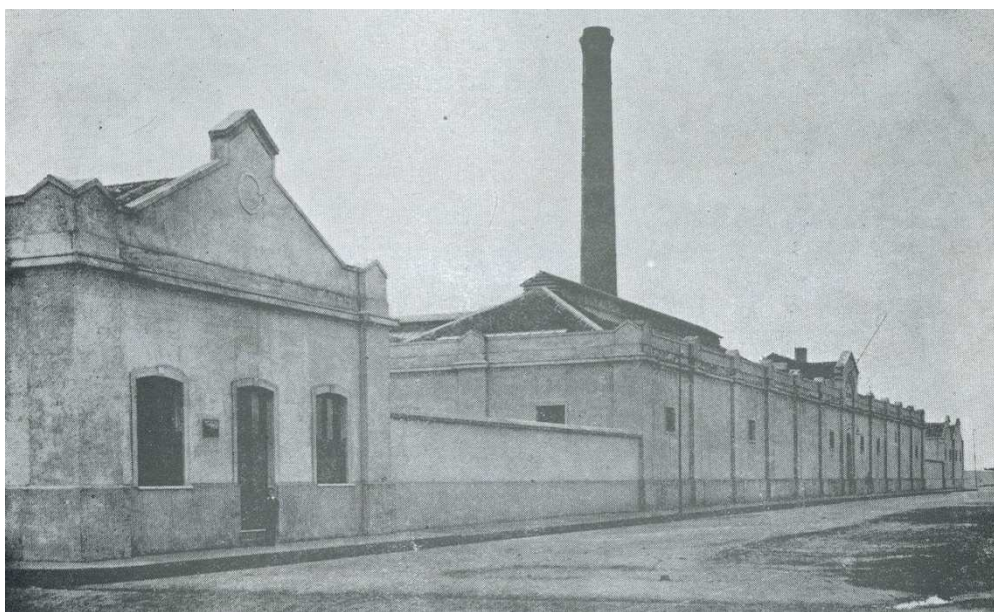


Figura 164: Fachada Principal da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense. Pelotas. RS. **Fonte:** CARRICONDE, 1922.

As fachadas têm composição de base, corpo e coroamento. O edifício foi construído com fachadas seccionadas por pilastras, molduras nos vãos de esquadrias, cornijas, embasamento e coroamento com motivos que remetem às

formas de composição simétricas do classicismo (ecletismo) e também empenas (dos *sheds* e lanternin) que ligam o prédio a uma atividade industrial.

Fábrica de Chapéus Pelotense

Este estabelecimento fabril estava implantado junto ao alinhamento predial, era uma edificação térrea de 4.136 metros quadrados, constituída por área administrativa e comercial com dez aberturas voltadas para o logradouro público. (Fig. 165)

A edificação que abrigava a fábrica estava implantada de forma harmônica em relação ao entorno construído. Apesar de ser uma edificação fabril, o aspecto formal do prédio não era diferente de outras edificações comerciais e residenciais que existiam na Praça da Constituição.

O prédio foi constituído a partir da repetição de planta retangular de grande dimensão de testada. Estava o primeiro pavilhão instalado sobre o alinhamento predial. A iluminação dava-se pelas esquadrias da fachada. Os demais blocos imediatamente acrescentados eram iluminados por sequência de *sheds*.

A fachada da edificação é constituída por base saliente. O corpo com pilastras e esquadrias em arco pleno e emolduradas. O coroamento era composto com platibanda cega e delimitado por cornijas. (Fig. 165)



Figura 165: Fachada Principal da Fábrica de Chapéus Pelotense. Pelotas. RS.
Fonte: ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE.

O sistema construtivo era de meias tesouras apoiadas sobre alvenarias e pilares em alvenaria de tijolos. Com relação aos materiais, eram tradicionais: tijolos cerâmicos revestidos com argamassa e pintura a base de cal.

Durante a década de 20 do século XX a construção antiga foi parcialmente demolida e, em seu lugar, erguido um edifício de dois pavimentos. (MAGALHÃES, N., 1991) (Fig. 166) A fachada da edificação com elementos simplificados do ecletismo e do incipiente proto-modernismo.

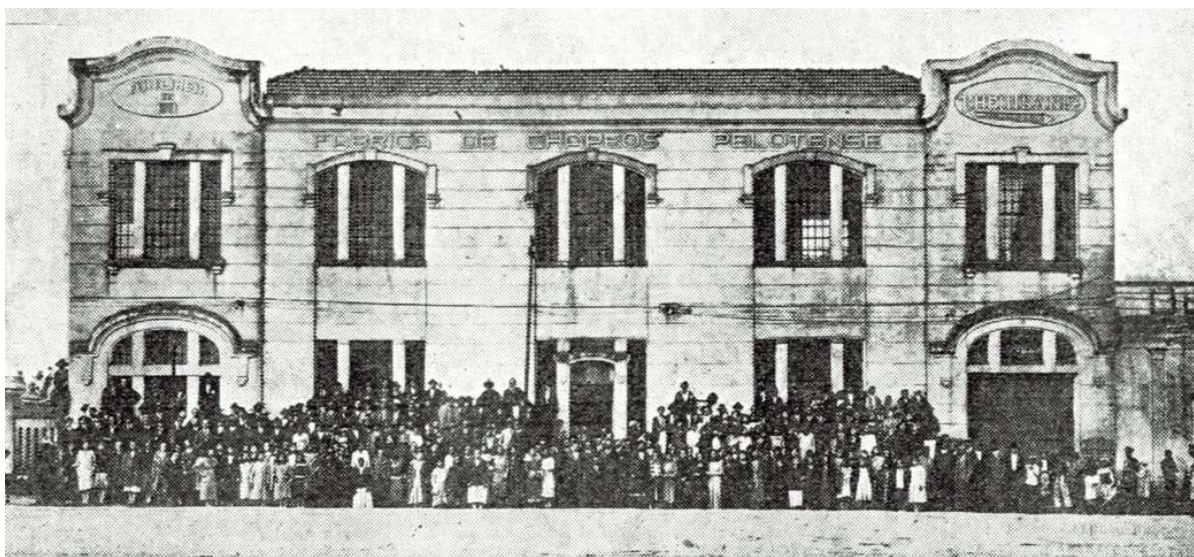


Figura 166: Edifício da Fábrica de Chapéus Pelotense. Pelotas. RS.
Fonte: MAGALHÃES N., 1996.

Fábrica de Vernizes e Curtume

Esta manufatura foi implantada em um terreno de esquina, construída sobre o alinhamento predial, fazendo parte de um conjunto e em harmonia com o entorno construído.

A construção tem forma retangular coberta com telhado de quatro águas. O acesso se dá pelas duas ruas e também pela esquina, que é chanfrada. (Fig. 167)

A fachada é constituída de base, corpo e coroamento. O corpo é composto de portas e janelas com molduras nos umbrais e peitoris e vergas em arco pleno. O coroamento é delimitado por cornija, possui platibanda vazada e ornamentada com elementos decorativos em argamassa armada. (Fig. 167)

Com relação às técnicas construtivas, se trata de uma edificação com alvenaria portante de tijolos cerâmicos revestidos em argamassa e telhados de quatro águas cobertos com telhas cerâmicas.

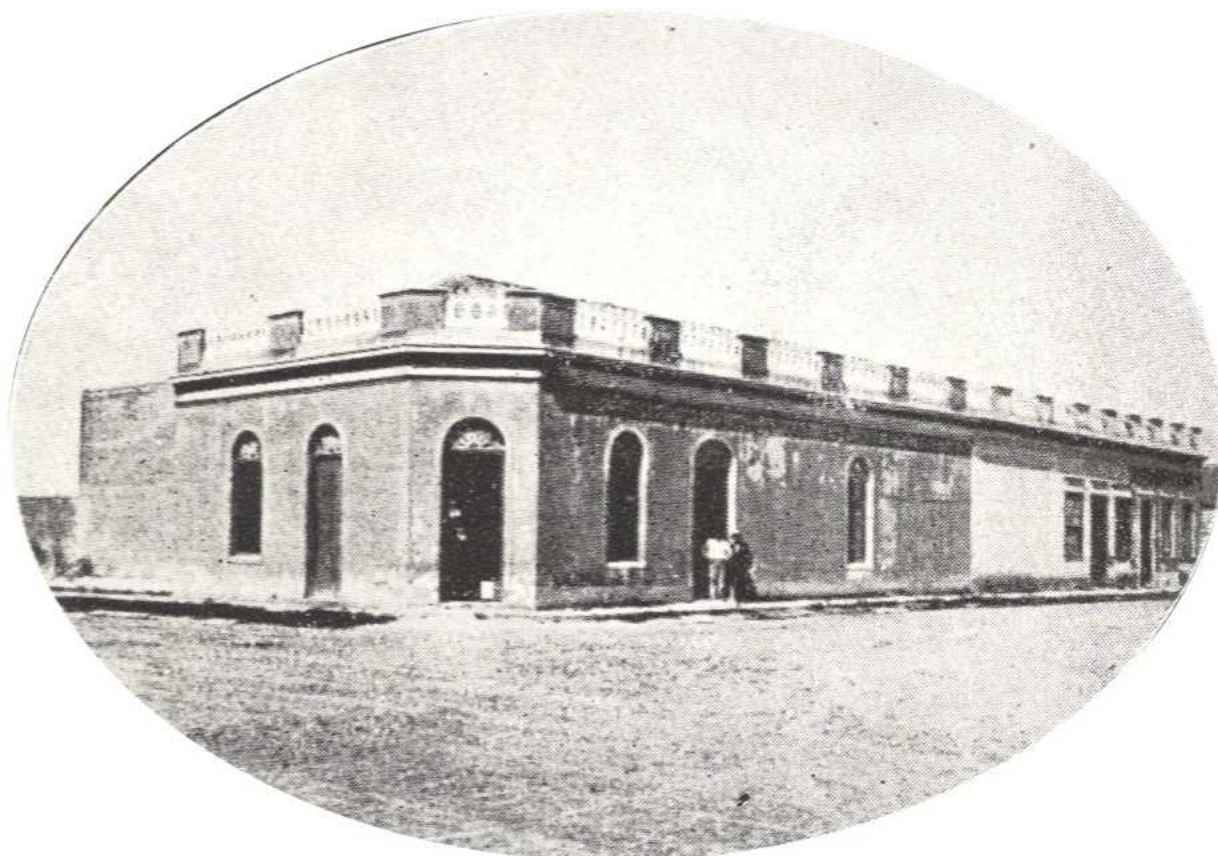


Figura 167: Fachada Fábrica de Vernizes e Curtume de Manoel Lopes Rodrigues. Pelotas. RS. **Fonte:** CARRICONDE, 1922.

Curtume Moraes

A Figura 168 mostra o espaço de produção da respectiva manufatura de couros. Com relação às técnicas construtivas, trata-se de uma edificação com paredes de tijolos cerâmicos revestidas em argamassa. Também é observável na Figura 193 a presença de telhado cerâmico apoiado sobre tesouras de madeira.

Apesar da ausência de pavimentação e da simplicidade do sistema construtivo da edificação é verificável uma integração entre a construção e as máquinas da fábrica. O sistema estrutural da edificação (colunas e tesouras) serve para estruturar as polias e correias que movimentam as máquinas do estabelecimento. (Fig. 168)

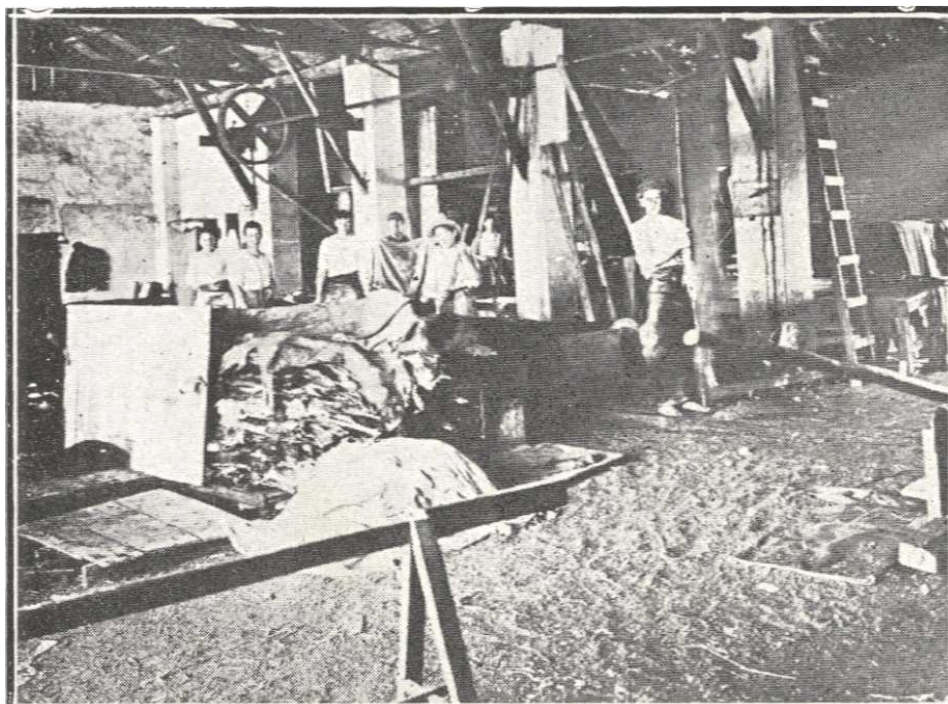


Figura 168: Edificação do antigo Curtume Moraes, Curtume Zitzke & Seus. Pelotas. RS.
Fonte: CARRICONDE, 1922.

Curtume Hadler

Este estabelecimento, conforme pode ser verificado na Figura 169, apresenta quatro diferentes fachadas dos setores que abrigavam as instalações do Curtume Julio Hadler, sendo que três são térreas e uma com dois pavimentos.

Com relação à estética, estas edificações podem ser classificadas como de linguagem arquitetônica eclética geometrizada ou simplificada, por suas formas de composição. Todas usam as proporções e eixos de simetria, da mesma forma que os diversos elementos de arquitetura característicos.

O prédio em primeiro plano na Figura 169 apresenta, entre as demais edificações uma maior complexidade em termos de linguagem e de sistema construtivo, em comparação com as demais construções do conjunto fabril. O pavimento térreo com composição simétrica, fachada tripartida e delimitada com pilastras, cornijas, platibanda cega com frontão em arco abatido, molduras com ornatos nos umbrais e vergas das esquadrias e todos os ornatos geometrizados.

O segundo pavimento apresenta recuo em relação ao alinhamento predial e com composição inspirada na arquitetura vernácula alemã (enxaimel) e cobertura em duas águas com beiral e empena.

A cobertura do pavimento térreo apresenta uma relativa diferenciação com cobertura com grande inclinação e telhas francesas em forma de quatro águas

O segundo prédio é térreo, tem uma estética mais simplificada em comparação ao primeiro: corpo composto de cinco vãos emoldurados, cornija e platibanda cega.

A terceira fachada é subdividida em: base destacada do corpo e com duas gateiras; corpo com quatro janelas emolduradas e ornamentadas nas vergas; coroamento em platibanda vazada com balaústres em faiança, sendo o coroamento delimitado por cornijas.

A fachada ao fundo também é composta de base, corpo e coroamento. O corpo é constituído de sequência de portas e janelas com molduras e vergas em arco pleno. A platibanda é delimitada por cornijas e ornamentada com balaústres.

O conjunto arquitetônico em que estava instalado o Curtume Hadler foi implantado de forma harmônica em relação ao entorno. Trata-se de um conjunto de linguagem eclética geometrizado, implantado no alinhamento predial, com composição simétrica, cimalhas, molduras de esquadrias e platibandas. O sistema construtivo no interior do prédio provavelmente fosse em alvenarias portantes; cobertura estruturada através de tesouras apoiadas em paredes portantes. As fachadas e seus elementos compositivos eram revestidos com argamassa.



Figura 169: Fachada do Curtume e Fábrica de Couros Envernizados Julio Hadler. Pelotas. RS.
Fonte: CARRICONDE, 1922.

Manufatura de Fumos Gentilini

A manufatura foi construída em harmonia com o entorno. Manteve as alturas, as características de vãos e de elementos de arquitetura (cimalhas, vergas, umbrais, platibanda com balaustres e molduras), estes similares às demais edificações da vizinhança.

A edificação é constituída por dois grandes pavilhões retangulares, com cobertura formada por quatro águas. A implantação é de forma idêntica à do Engenho Santa Inácia. A menor dimensão foi colocada sobre o alinhamento predial, com duas janelas e uma porta no eixo da edificação. Apesar de ser constituída de quatro blocos iguais alinhados (Santa Ignácia e Manufatura de Fumos Gentilini) a fachada de cada pavilhão do conjunto constitui-se como uma unidade.

A partir das imagens publicadas na obra de Monte Domecq' & Cia, em 1916, é possível caracterizar o espaço construído do interior da fábrica.

As edificações são pavilhões estruturados com paredes portantes, com tijolos de barro revestidos com argamassa; com telhado em estrutura de madeira serrada e coberto com telhas de barro. A única diferenciação que existe entre os compartimentos trata-se do revestimento de forro em saia e camisa nos espaços destinados a escritório e empacotamento dos produtos. (Fig. 170)

A frontaria, especificamente a voltada para o logradouro público, tem um refinamento com relação à estética, pois se trata de uma fachada subdividida em base, corpo e coroamento. O corpo é constituído de esquadrias envidraçadas e de arco pleno, soleiras e umbrais em granito aparelhado. O coroamento tem platibanda ornamentada com balaústres de faiança e delimitado por cimalhas. Todos estes elementos arquitetônicos são característicos da linguagem arquitetônica denominada de ecletismo. (Fig. 171)



Figura 170: Seção de empacotamento e um dos depósitos da Fábrica Gentilini. Pelotas. RS. **Fonte:** MONTE DOMEQ' & CIA, 1916.



Figura 171: Gravura do conjunto da “Manufatura de Fumos a Vapor” de Garibaldi Gentilini. Pelotas. RS. **Fonte:** PARADEDA, 1919.

Fábrica de Fumos São Raphael

Com relação ao prédio que abrigava esta fábrica, foi encontrada uma fotografia publicada no **Almanach de Pelotas** em 1923 (Fig. 172). Podemos verificar na imagem que se trata de uma construção em que as fachadas foram construídas dentro da linguagem arquitetônica do ecletismo.

Não se sabe quando foi edificado, mas há a descrição de "construção térrea de cinco aberturas voltadas para a Praça Constituição" (CUNHA, 1911, s.p.), portanto, a fábrica São Raphael já funcionava nesta edificação em 1911.

O prédio desta manufatura de fumos foi implantado junto ao alinhamento predial. A construção foi feita deixando recuos laterais para ambos os lados, de forma semelhante aos demais imóveis do entorno, portanto, em relação de harmonia com o ambiente construído do entorno.

Com relação à função do prédio, se trata, na parte frontal do estabelecimento, de área comercial, enquanto a parte posterior da edificação abriga as atividades manufatureiras.

A estrutura da edificação é a de telhado cerâmico em quatro águas, sobre estrutura de madeira e apoiadas sobre alvenarias portantes. Os revestimentos e ornamentos de fachada são em argamassa.

A fachada principal é tripartida, delimitada por pilastras, constituída por base, corpo e coroamento. O coroamento feito com platibanda cega e ornamentada e com frontão em arco abatido sobre o acesso. As esquadrias eram em madeira, com duas folhas de abrir mais a bandeira.

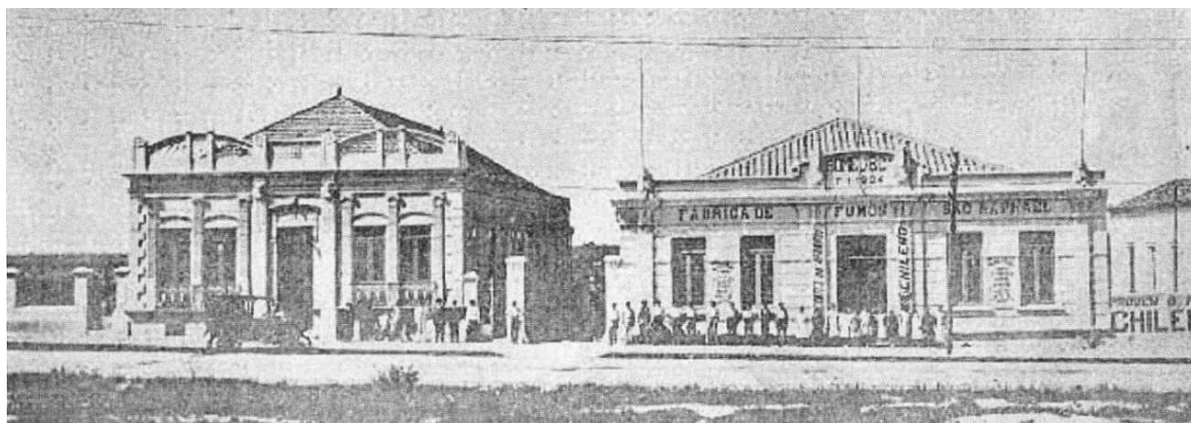


Figura 172: Frontaria da Fábrica de Fumos São Raphael. Pelotas. RS.

Fonte: PARADEDA, 1922.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preservação do patrimônio industrial é recente, surgiu a partir da ampliação daquilo que se considera bem cultural. O referencial teórico denominado de arqueologia industrial conta com um objetivo ou campo de aplicação que lhe é próprio e autônomo, busca o estudo da cultura material proveniente do processo de industrialização de forma integrada. Desta forma, a pesquisa visa não somente reconstruir a história das edificações, mas vinculá-la à história das técnicas, máquinas e procedimentos produtivos.

Ao percorrer a área estudada podemos perceber uma grande quantidade de edificações fabris que outrora tiveram grande importância econômica e social subutilizadas ou abandonadas. A situação em que se encontram os remanescentes justifica o estudo da história das fábricas e de suas arquiteturas.

A história da produção fabril na cidade de Pelotas esteve ligada à origem da ocupação lusitana na fronteira atual do Brasil.

A introdução do gado pelos jesuítas, a militarização do território, a concessão de sesmarias e a criação dos animais nas estâncias forneceram as condições para que ao final do século XVIII fosse implantado o núcleo charqueador pelotense.

A escolha do local, no encontro das margens do Arroio Pelotas com o Canal São Gonçalo, ligação natural entre a Lagoa Mirim e a Laguna dos Patos e próximo ao porto marítimo de Rio Grande, foi adequada à comercialização da carne salgada e de seus subprodutos.

Com o rápido crescimento populacional junto a estes estabelecimentos charqueadores, passou a existir a necessidade da instalação de um núcleo urbano que pudesse agregar a população, que se encontrava dispersa.

Em 1812, a freguesia de São Francisco de Paula se fixou sobre o platô que se forma no centro do espaço delimitado entre as várzeas do Canal São Gonçalo e

do Arroio Santa Bárbara e o Arroio Pepino. Em 1832, foi elevada à categoria de vila. Nesta data, o porto localizado nas margens do Canal São Gonçalo recebeu melhoramentos e uma área destinada a logradouro público.

Com a qualificação das instalações portuárias, foram surgindo no entorno alguns estabelecimentos comerciais e manufatureiros.

Esse processo de ocupação das várzeas do canal e do arroio por instalações fabris foi um processo de evolução lento e gradual. Inicialmente foram ocupadas por estabelecimentos charqueadores, depois, de maneira independente, vieram as fábricas de sabão, de óleo de mocotó, de línguas e outros subprodutos dos animais. Paulatinamente, surgiram novos estabelecimentos fabris. Algumas charqueadas permaneceram em pleno funcionamento durante metade do século XX, outros estabelecimentos saladeiris deixaram de funcionar ainda no século XIX ou na primeira década do século XX.

Na virada do século XIX para XX, as manufaturas situadas junto ao Arroio Pelotas estavam em declínio, enquanto as fábricas localizadas junto ao São Gonçalo cresciam. Novas agroindústrias foram abertas.

Ao final do século XIX, com a implantação do transporte via estrada de ferro, a produção fabril começou a se alterar. A partir daquele momento, tornou-se possível receber matéria-prima do interior do estado em maior escala, além de distribuir com maior velocidade e economia a produção manufatureira.

As fábricas de Pelotas se localizavam principalmente no recorte físico espacial desta investigação, ou seja, no encontro do Arroio Santa Bárbara, junto à estação ferroviária, com o Canal São Gonçalo, até alcançar o porto e o antigo Passo dos Negros, onde foi erguido o engenho Pedro Osório.

A consolidação das imediações do Porto de Pelotas como área fabril contou com a qualificação da ligação viária ao centro urbano e a construção das diversas pontes sobre o Arroio Santa Bárbara, o que permitiu que manufaturas se instalassem na outra margem.

A energia elétrica foi um dos importantes melhoramentos. Até 1915, não existia o fornecimento de energia elétrica enquanto serviço público. Cada um dos estabelecimentos fabris a partir da máquina a vapor ou locomóvel produzia a energia mecânica para movimentar suas máquinas. Os mais importantes tinham dínamos para produção de energia elétrica.

A partir da construção da usina de produção de energia elétrica em 1915, localizada na Praça da Constituição, passou a existir a distribuição de energia elétrica principalmente para a iluminação pública. Ainda com relação à energia elétrica, também é importante destacar que juntamente à instalação da usina, foi implantado o serviço de bondes elétricos. Este transporte público fazia a ligação Praça Constituição, estação férrea e Praça do Porto.

Em 1915 a energia elétrica chegou às fábricas. Junto com a máquina a vapor, representou melhoramentos que transformaram simples manufaturas em estabelecimentos fabris de significativa produtividade.

Ao estudar os instrumentos e identificar como era produzida a energia mecânica para movimentar suas máquinas, é possível conhecer o nível de desenvolvimento de cada um dos estabelecimentos, compará-los e, assim, contribuir para o conhecimento dos meios de produção.

Pelotas, no início do século XX, além de continuar a ser um centro produtor de charque, que exportava para toda a República, também se tornou pólo regional, pois abastecia a região meridional do Rio Grande do Sul com seus diversos produtos manufaturados.

Em 1906, foi instalado o ramal ferroviário do Porto, a partir deste momento, de forma mais acelerada, surgiram diversas manufaturas e indústrias, implantadas bem próximas ao ramal da estrada de ferro, ao Canal São Gonçalo e ao Arroio Santa Bárbara. Ficou evidente a relação direta entre crescimento das atividades industriais, não só na área de estudo, e os meios de transporte.

A estrada de ferro foi propulsora da instalação das charqueadas, sobretudo em Bagé, o que ajudou no enfraquecimento das charqueadas de Pelotas, já que tornou-se mais difícil adquirir matéria-prima para a produção.

Baseado nas fontes primárias, principalmente na **Notícia Descritiva** de Alberto Coelho da Cunha (1911), foi possível distinguir os estabelecimentos do início do século, comparar as diferentes categorias de fábricas e verificar a representatividade de cada uma das atividades fabris.

A indústria em Pelotas era essencialmente agropecuária. O estudo mostrou que, em relação aos parâmetros estudados – capital, faturamento e número de operários – existiu grande diferença entre a indústria que utilizava a matéria-prima proveniente da agropecuária e que usava outras matérias-primas, como minerais, cerâmicas, metais etc., sendo estas últimas quase inexpressivas na cidade.

Ao comparar os dados das fábricas de alimentos com os das demais agroindústrias, podemos verificar que estas possuíam um faturamento maior, enquanto que as outras agroindústrias tinham maior capital investido e número de operários. Portanto, parecia existir certa equivalência entre elas, sendo ambas de muita importância.

Ao localizar e agrupar por categorias e classes os estabelecimentos, foi possível identificar um zoneamento fabril.

As charqueadas, o frigorífico, as fábricas de conservas e de bebidas, os engenhos de arroz e o moinho de trigo estavam localizadas principalmente no bairro do Porto.

As fábricas que transformavam os demais produtos agropecuários estavam de forma equivalente divididas entre o bairro do Porto e os demais bairros periféricos, e poucas se localizavam no centro da cidade. As têxteis estavam situadas principalmente no bairro do Porto. Os curtumes estavam localizados de forma mais significativa junto aos arroios Santa Bárbara e Pepino, no bairro da Luz. As fábricas de sabões e velas estavam nas áreas suburbanas do perímetro da cidade. As de fumos ficavam distribuídas pelo centro urbano, nas proximidades da estação férrea e da Praça da Constituição (Praça das Carretas).

As diversas e pequenas fábricas de transformação de outras classes de produção que não a agroindustrial ficavam em partes da cidade que não o bairro do Porto.

Com exceção da Companhia Fiação de Tecidos, os estabelecimentos mais significativos eram os que produziam alimentos. Os maiores empreendimentos na zona do Porto foram: Frigorífico Rio Grande; Engenho São Gonçalo, cervejarias Ritter e Sul Rio-Grandense e Fábrica Aliança. Esta importância econômica estava representada na qualidade de seus prédios, isto é, utilizavam materiais e técnicas mais “modernas”, assim como uma forma arquitetônica mais adequada às atividades fabris.

Além destas, estabelecimentos mais artesanais, porém com importância no conjunto, tinham grande quantidade de trabalhadores e faturamento expressivo. Entre essas, as fábricas de sabões e velas, de fumos, de produtos de padarias, de calçados e malas, de produtos de madeira; as serrarias; os curtumes e as charqueadas.

Com relação à arquitetura, podemos separar as edificações fabris em três grupos: o primeiro, das manufaturas, caracterizadas por uma arquitetura meramente funcional; o segundo, de edificações integradas ao entorno e com uma linguagem arquitetônica característica do ecletismo; o terceiro, das edificações de maior porte e que integravam frontarias de composição eclética com estrutura em concreto armado ou metálica. Também neste último grupo podemos agrupar as cervejarias, pela grande escala de suas arquiteturas.

Entre as manufaturas do primeiro grupo, destaca-se a arquitetura da charqueada São Gonçalo e do Moinho Pelotense, com relação ao aspecto formal. Ambas as edificações não possuem elementos que possam ser caracterizados como pertencentes a alguma das linguagens arquitetônicas, são simplesmente edificações em que a preocupação principal é a utilização e não a aparência. Estas foram construídas com materiais do próprio local, telhas cerâmicas e tesouras em madeira apoiadas sobre alvenarias de tijolos ou pilares de madeira.

As manufaturas de fumos São Raphael e Gentilini, os curtumes Hadler e Morais, a Fábrica de Chapéus Pelotense, a Padaria Xavier Duarte, e o engenho de arroz Santa Ignácia foram construídos com técnicas e materiais tradicionais como tijolos e telhas cerâmicas, alvenarias portantes, revestimentos argamassados, estruturas de telhado em madeira. Estes estabelecimentos se caracterizavam por apresentar, em suas fachadas, elementos compositivos do ecletismo, assim como base e coroamento delimitados por cimalhas, platibandas ornamentadas, molduras nos vãos etc.

Tomaram forma semelhante das demais construções urbanas. Pela linguagem e volumetria não é possível identificar se uma edificação é uma manufatura ou um comércio ou até mesmo uma residência.

Algumas fábricas influenciadas pelo ecletismo historicista, porém, com elementos compositivos mais simples e geometrizados que, ao mesmo tempo, acordavam com as funções dos prédios e com a incipiente arquitetura proto-modernista que começava a se disseminar na cidade.

A arquitetura das cervejarias e do Frigorífico Rio Grande são exemplos de monumentalidade, devido às dimensões, às proporções e também à aparência de solidez dos prédios industriais. Igualmente, estas fábricas se utilizavam de elementos arquitetônicos ou de composição do ecletismo, como cornijas, cimalhas e molduras, e empregavam soluções de origem industrial, como as empenas, que dão

acabamento aos *shed* e lanternim. Estes elementos de arquitetura têm um resultado estético que informa sobre a natureza do prédio.

Os materiais de construção utilizados e as técnicas de construção são as alvenarias de tijolos cerâmicos e sistemas construtivos inovadores, como estruturas de lajes e vigas em concreto armado.

Foram usadas estruturas metálicas como vigas pilares e estrutura de cobertura, bastante integrados às máquinas das próprias fábricas. Na Fiação de Tecidos Pelotense, estes sistemas metálicos foram amplamente utilizados, de forma integrada com as alvenarias de tijolos, o interior do prédio é com pilares metálicos que servem de apoio para as vigas da cobertura.

Os estabelecimentos agroindustriais do bairro do Porto de Pelotas tiveram importância histórica, entre 1911 e 1922, pela sua importância econômica, contribuindo para que Pelotas persistisse como pólo econômico do estado. O conjunto de fábricas localizado no Porto compõe uma zona fabril, vinculada diretamente à facilidade dos transportes portuários, ferroviários e também urbanos. A arquitetura das fábricas constitui-se como significativa por suas características formais. O bairro do Porto apresenta grande importância memorial, sendo portador de valores culturais que devem ser reconhecidos e socializados.

Indicações para estudos futuros

Com relação à proteção, para que não sejam demolidos antes mesmo que se conheça a história destes estabelecimentos, os estudos históricos sobre esta área fabril precisam ser aprofundados e os inventários realizados.

Ao elaborar a dissertação, foi identificado que alguns temas importantes merecem ser atendidos, entre os quais estão a criação de instrumentos de preservação específicos para o patrimônio industrial do bairro do Porto de Pelotas e futuros planos de conservação e de gestão integrados ao planejamento urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Nilton Clóvis Machado de. Origens e evolução espacial da indústria de alimentos do Rio Grande do Sul. in: **I encontro de economia gaúcha**, 2002, Porto Alegre. Anais do I encontro de economia gaúcha, 2002.

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas – gênese e desenvolvimento urbano**. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

AVE-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul 1858**. Belo Horizonte: Itatiaia; EDUSP, 1980.

BUENO, Eduardo. **Indústria de ponta: uma história da industrialização no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Buenas Ideias, 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Os métodos da história**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CARRICONDE, Clodomiro. **Álbum de Pelotas**. Centenário da Independência do Brasil. Pelotas: s. ed., 1922.

CLIVELLARO, Elisane Valente. **A energia elétrica em Pelotas (1898 - 1938)** Pelotas, Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura em História, 1997.

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**, completo estudo sobre o estado, Porto Alegre: Editora do globo, 1922, Vol. 2.

D'EU, Luis Felipe Maria Fernando Gastao D'orleans, Conde. **Viagem militar ao Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

DEBRET, Jean Baptiste. **A viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. 4. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1990.

FRANCO, Sérgio da costa. **Porto Alegre e seu comércio**. 1ªed. Porto Alegre: Ed. Associação Comercial de Porto Alegre, 1983.

GONZÁLEZ-VARAS, Ignacio. **Conservación de bienes culturales**. 6. ed. Madrid: Cátedra, 2008.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Sítio Charqueador Pelotense**. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2010.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Barro e sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888). Pelotas: Ed. UFPel, 2004.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Ed. UFPel, 1993.

GUTIERREZ, Ester J. B. et. al. **Inclusão da Ociosidade**. 2007.

ISABELLE, Arsène. **Viajem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

JANKE, Neusa Regina. **Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário?** – O Frigorífico Anglo em Pelotas -1940-1970. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS. Dissertação de Mestrado em História, 1999.

JOKILEHTO, Jukka. **A History of Architectural Conservation**. Woburn: Butterworth-Heinemann, 1999.

KÜHL, Beatriz Mugayar. O legado da expansão ferroviária no interior de São Paulo. In: **Seminário de patrimônio agroindustrial**, 2º, 2010, São Carlos. **Anais do...** São Carlos: EESC USP, 2010, p.1. 1 CD-ROM.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização**: Problemas Teóricos de Restauro. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

LEITE, José Antônio Mazza. **Xarqueadas de Danúbio Gonçalves**: um resgate para a história. Porto Alegre: S. C. P., 2011.

LLOYD, Reginald; FELDWICK, W.; DELANEY, L. T.; EULALIO, Joaquim; WRIGHT, Arnauld. **Impressões do Brasil no século vinte**: sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company, 1913.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe**: Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Ed. UFPel, 2001.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Pelotas: toda a prosa (1809-1871)**. Pelotas: Armazém Literário, 2000a, Vol. 1.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Pelotas: toda a prosa (1874-1925)**. Pelotas: Armazém Literário, 2000b, Vol. 2.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. **Episódios do ciclo do charque**. Porto Alegre: Edigal, 1987.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. **Evolução das charqueadas Rio-Grandenses**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.

MATTOS, Mário Barbosa de. **Pelotas... essência de um mundo em pequeno universo**. Pelotas: Ed. UFPel, 2000.

MONQUELAT A. F. **Desfazendo Mitos**: notas à história do Continente de São Pedro. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2012.

MONTE DOMEQ & CIA. **O Rio Grande do Sul**. Paris/Barcelona: Estabelecimento Gráfico Thomas, 1916.

OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Armazém Literário, 1997, Vol. 1.

OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Armazém Literário, 1998, Vol. 2.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da Indústria Sul-Rio-Grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **República velha gaúcha**: charqueadas, frigoríficos, criadores. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980a.

PESAVENTO, Sandra Jathay, **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980b.

PESSOA, Ana; BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro. **Palliére e o Brasil**: obra completa. Rio Janeiro: Capivara, 2011.

PETER, Glenda Dimuro. **Santa Barbara**: O braço morto do arroio que vive na memória. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Monografia de Conclusão de Curso de Especialização em Conservação de Patrimônio em Centros Urbanos, 2004.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais da Cultura do Arroz no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Cita, 1949.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais de Pelotas**. Porto Alegre: Typographia Gundlach, 1940.

POETSCH, Marta Costa. **Zona do Porto de Pelotas e sua Identidade**. Brasil. Tese (Doutorado em Integração Regional), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2002.

RECEITA FEDERAL, **Classificação Nacional de Atividades Econômicas**. 1994. Disponível em: < <http://www.receita.fazenda.gov.br> >, Acesso em: 17 de jan. 2012.

REICHEL, Heloísa Jochima. Fronteiras e espaço platino. In BOEIRA, Nelson; Golim, Tau (Coord.). **História Geral do Rio Grande do Sul**. Colônia. Passo Fundo: Méritos, 2006.

ROSA, Mário. **Geografia de Pelotas**. Pelotas: Ed. UFPel, 1985.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul: 1820-1821**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SECULT - SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, **Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas**: Relação dos imóveis. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br>>, Acesso em: 14 de jan. 2012.

SILVA, Leonardo Melo e. **Patrimônio Industrial: Passado e presente**. Revista do IPHAN. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/artigo056>>, Acesso em: 22 de jan. 2010.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

TICCIH. **Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial**. Revista do IPHAN. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>, Acesso em: 02 de dez. 2003.

VIVA o charque. Disponível em: <www.vivaocharque.com.br> Acesso em: 12 jan. 2012.

Material Cartográfico

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PELOTAS. **Linhas de bondes à tração animal em 1893**. Pelotas: s.d.

Material iconográfico

NÚCLEO DE ESTUDOS EM ARQUITETURA BRASILEIRA. **Movimentação de cargas no porto de Pelotas**. Pelotas: s.d.

BIBLIOTECA NACIONAL "Navios no porto de Pelotas, Pelotas, RS, 18--". Pelotas: s.d.

Documentos

CUNHA, Alberto Coelho da. **Noticia Descritiva das Fábricas de Pelotas**. Pelotas: 1911. (Documento Manuscrito)

LOPES NETO, João Simões. **Revista do 1º Centenário de Pelotas**. Pelotas: BPP, Nº 3, 30 Dez. 1911c.

LOPES NETO, João Simões. **Revista do 1º Centenário de Pelotas**. Pelotas: BPP, Nº 5, 29 Fev. 1912b.

FERREIRA & CIA. **Almanach de Pelotas**. Pelotas: Graphica Diário Popular, 1913.

FERREIRA & CIA. **Almanach de Pelotas**. Pelotas: Graphica Diário Popular, 1914.

FERREIRA & CIA. **Almanach de Pelotas**. Pelotas: Graphica Diário Popular, 1915.

FERREIRA & CIA. **Almanach de Pelotas**. Pelotas: Graphica Diário Popular, 1916.

FERREIRA & CIA. **Almanach de Pelotas**. Pelotas: Graphica Diário Popular, 1917.

FERREIRA & CIA. **Almanach de Pelotas**. Pelotas: Graphica Diário Popular, 1918.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas**. Pelotas: Graphica Diário Popular, 1919.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas**. Pelotas: Graphica Diário Popular, 1921.

PARADEDA, Florentino. **Almanach de Pelotas**. Pelotas: Graphica Diário Popular, 1922.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas Memória**. Pelotas: Ed. Litoarte. [Fascículo 1] 1989a.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas Memória**. Pelotas: Ed. Litoarte. [Fascículo 3] 1989c.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas Memória**. Pelotas: Ed. Litoarte. [Fascículo 8] 1991.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas Memória: edição especial** [Parque Pelotense]. Pelotas: Ed. Litoarte, 1992.

Periódicos

Diário Popular. Pelotas, 13 jan. 1911, p.4.

Diário Popular. Pelotas, 11 jan. 1911, p.2.

APÊNDICE

Quadro resumo das fábricas de Pelotas

Quadro baseado na obra de Alberto Coelho da Cunha, especificamente no levantamento elaborado em 1911 e manuscrito em 1912, com o título de Notícia Descritiva de Fábricas de Pelotas de 1911.

Com o objetivo de facilitar a busca dos dados mais significativos das fábricas de Pelotas no período de 1911, foi compilado o nome das fábricas na mesma ordem que aparece no texto original, em qual volume, o ano de fundação dos estabelecimentos e também datas em que estes estabelecimentos mudaram de endereço, mudaram de proprietário e de razão social. A tabela abaixo também indica o endereço e o proprietário do estabelecimento; informações todas indicadas por Alberto Coelho da Cunha.

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
1	1	Ferraria Mecânica	1906	Sete de Abril, 802	J. Verhoctract e Eugênio Thomaz Cupertino
			1908		Eugênio Thomaz Cupertino
2	1	Fábrica de Cartonagem	1875	Andrade Neves, 656	José Antonio Salgado Guimarães
			1908		Antonio Salgado Guimarães [filho]
3	1	Fábrica de Cartonagem	1908	Senador Mendonça, 105	Alberto Hamme
4	1	Companhia Fiação e Tecidos Pelotense	1910	Plolongamento da rua Moreira Cesar, 52	Incorp. Alberto Roberto Rosa e Plotino Amaro Duarte
5	1	Fábrica de Escovas	1903	Andrade Neves, 1051	Frederico Wirth
6	1	Estabelecimento Gráfico Chapon	1880	Sete de Setembro, 27	Eduardo Chapon
		(Viúva Chapon & Filho)	1903		
		(Chapon & Comp ^{ia})	1910	Gonçalves Chaves, 821	Maria D. Chapon, João e Luiz Chapon
7	1	Caieira Carpena	1856	Barão de Mauá	José Maria Rodrigues Barcellos
			1878		Pedro Carpena
			1893		José Francisco Carpena
8	1	Manufatura de Espelhos	1908	General Victorino, 756	Carlos Petrich
		(Alberto Miranda & Comp ^{ia})	1911		Alberto Miranda e Menotti Gentilini
9	1	Fábrica Aguiar	1881	General Osório, 652 e 654	Antonio Pereira de Araujo Aguiar
			1897	(Curtume av. 20 de Setembro)	Antonio Aguiar, Francisco Marques de Araujo e José Luiz Antunes
10	1	Fábrica Brasil (Rohrig & Pacheco)	1909	General Osório, 679	Oscar Rohrig, Abilio S. Pacheco
		(Rohrig, Pacheco & Comp ^{ia})	1910		Oscar Rohrig, Abilio S. Pacheco e Lourenço Russomano

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
11	1	Lilecla	1911	General Victonino, 458	Benjamin Gastal
12	1	Serraria à Vapor	1898	Manduca Rodrigues, 646	Noé Falamini E Christovam Colombo Falamini
13	1	Fábrica de Charutos e Cigarros	1889	Paysandú, 501	Porcio Corolino de Moraes
14	1	Fábrica Oliveira	1903	Voluntários, 307	João Crespo de Oliveira
15	1	Fábrica de Fogos de Artifício	1894	Tiradentes, 201	Luiz de Assumpção Dias
16	1	Fábrica de Fogos de Artifício	1878	XV de Novembro, 986	Rita Prietto
17	1	Fábrica de Vernizes e Curtume	1904	Manduca Rodrigues, 783	Manuel Lopes Rodrigues
18	1	Curtume Moraes	1910	Manduca Rodrigues, 675	José Moraes da Silva
19	1	Curtume Francês	1893	Benjamin Constant, 355	Prospero Atribat
20	1	Curtume Coelho	1910	Praça da Constituição, 136	Joaquim de [ilegível] de Coelho
21	1	Curtume Abílio	1891	Bella, 304	Joaquim Ferreira Lousada Sabi
			1896		Abílio Moraes da Silva
22	1	Curtume	1901	20 de Setembro, 113	Augusto Fonseca
23	1	Curtume à Vapor Lieburger	1897	Senhora da Luz	J. H. Guilherme Lieburger
				Manduca Rodrigues, 681	
24	1	Curtume Pinheiro	1897	Manduca Rodrigues, 802	Domingos Martins Pinheiro
25	1	Curtume à Vapor	1860		Manuel Gomes da Silva, Dr. Antonio Luiz Gomes e Carlos Mess
		(Silva, Gomes & Irmão)	1890		
		(Gomes, Silva & Comp ^{ia})	1907		
26	1	Curtume S. Joaquim (Duarte, Leite & Comp ^{ia})	1908	Manduca Rodrigues, 152 (452)	José Maria Duarte, Boaventura Teixeira Leite e J. Duarte Ribeiro

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
27	1	Curtume Nogueira (Amaral & Comp ^{ia})	1898	Praça da Constituição, 76 e 78	Anselmo Antonio do Amaral e Antonio Henrique Nogueira
		(Nogueira & Comp ^{ia})	1911		Antonio Henrique Nogueira
28	1	Curtume Hadler	1895	Manduca Rodrigues, 669	Julio Hadler
29	1	Curtume à Vapor Reis	1894	Gonçalves Chaves, 51	Antonio Alves dos Reis
30	1	Curtume Gaspar (Duarte & Gaspar)	1885	Marques de Caxias, 664	José Pereira Duarte e José de Almeida Gaspar
			1907		José de Almeida Gaspar
31	1	Curtume Santiago	1906	Praça da Constituição, 20	Jose de Andrade Santiago
32	1	Curtume à Vapor Barreto (Cunha & Barreto)	1903	Manduca Rodrigues, 754	Adelino D. Moraes Barreto e Antonio dos Santos Moreira Cunha
			1911		Manuel Moraes Barreto
33	1	Charqueada Villas-Boas	1905	Margem direita do arroio Pelotas	Leopoldo Villas
34	1	Charqueada S ^{to} . Onofre		Margem [ilegível] do Canal S. Gonçalo	Viscondessa da Graça e o filho Justiniano Simões Lopes
35	1	Charqueada Brutus (Brutus & Irmãos)	1909	Margem esquerda do Canal S. Gonçalo	Alfredo Augusto Braga Junius Brutus de Almeida e Cassio Brutus de Almeida
36	1	Charqueada do Passo dos Negros	1905		Marciano Gonçalves Terra
37	1	Charqueada S. Gonçalo (Pedro Osório & Comp ^{ia})	1888		Pedro Luiz Rocha Osório, Alberto Roberto Rosa
38	1	Charqueada S. Francisco (Nunes & Irmão)	1898	Margem direita do arroio Pelotas	Adolpho Cyriaco Nunes de Souza e Emilio Nunes
39	1	Charqueada Santo Antonio	1908	Margem direita do arroio Moreira (passo do Fragata)	Antonio Rodrigues Ribas
40	1	Charqueadinha (João Afonso & Comp ^{ia})		Margem esquerda do Canal S. Gonçalo	João Afonso de Oliveira, Marciano Gonç. Terra

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
41	1	Charqueada S. João	1900	Margem direita do arroio Pelotas	João Tamborindeguy e Atilano Costa
42	1	Matadouro - Rocha, Nobre e Comp ^{ia} .	1910	Matadouro Público	Antonio Conceição Nobre, João Afonso de Oliveira e João Benjamim Recart
43	1	Fábrica de Louça de Barro	1880	General Victorino esquina Moreira Cesar	Elias Boularel
			1905	General Osório, 931	Alberto Daniel Jarryr
44	1	Carpintaria e Serralheria à Vapor (Rodrigues & Comp ^{ia})	1879	Pça. da Republica c/ General Victorino	Paulino Rodrigues
			1891	Três de Maio, 31	João e Pedro Rodrigues
			1906		
45	1	Estaleiro Lima	1861	Arroio Pelotas	João Francisco de Lima
			1866	S. Gonçalo com prolongamento da rua Liberdade	José Francisco de Lima
46	2	A Popular	1895 1896	General Osório, 552 (café) Esquina Tiradentes (fumo)	José Rodrigues Sant'ana
47	2	Moagem do Armazém Central	1871	Andrade Neves, 672	José Antonio de Oliveira
			1907		José Maria Machado de Abreu João Larré
48	2	Moagem de Café Marques (Marques & Comp ^{ia})	1897	13 de Maio, 258	José Marques
49	2	Café do Comércio	1900	Gonçalves Chaves, 852	Luiz Maria de Barros Coelho
50	2	Moagem Café Carpena	1909	Barão de Mauá	Rômulo Carpena
51	2	Fábrica Santa Rosa (Rodrigues & Nascimento)	1911	General Victorino, 371	Carlos Rodrigues, Antônio Nascimento Ribeiro
52	2	Moinho Pelotense	1886	Prolongamento Rua Independência, margem direita do arroio Santa Barbará	Delphino Gonçalves Borges
			1887		Paulino Teixeira da Costa Leite
			1903		Albino José da Cunha

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
53	2	Fábrica de Biscoito Pelotense	1891	Voluntários	Inácio Passos
54	2	Padaria 96	1887	Praça da Republica, 96	Joaquim Francisco da Silva
			1889		Joaquim Francisco da Silva e João de Mendonça Moreira
		(Joaquim Francisco da Silva & Comp ^{ia})	1894		Joaquim Francisco da Silva, Porfírio Balduino de Aguiar e Alberto Gonçalves Cardoso
		(Alberto Cardoso & Comp ^{ia})	1897		Alberto Cardoso, Porfírio de Aguiar e José Francisco Vieira
			1900		Alberto Cardoso, João Fernandes Passos e Joaquim Correia Pires
55	2	Padaria Xavier Duarte (Branco & Planella), (Branco & Comp ^{ia}), (João Leão Satlamini & Comp ^{ia}), (Brochado & Comp ^{ia})	1857	Gonçalves Chaves 155	Custodio da Silva Branco
			1903	Sete de Abril Esquina Paysandú Sete de Abril, 701 (Esquina Gonçalves Chaves)	José Diogo Brochado Heliodoro Setembrino Xavier e Manuel Duarte da Silva
56	2	Estrela do Sul (Suscedeu a Padaria Nacional)	1909	Tiradentes, 607	José Nunes da Silva Tavares
57	2	Padaria Victoria (Peres & Pereira)	1910	Sete de Abril, 255	Garibaldi Peres e Jose Joaquim Pereira
58	2	Padaria Brasileira	1907		Mateus Paredes Villar
59	2	Padaria Americana (Leite & Costa)	1878	Marechal Floriano, 155 e 157	Manuel Valente da Costa Leite, Lino da Silva Ferreira Costa
		(Leite & Comp ^{ia})	1911		Manuel Valente da Costa Leite
60	2	Padaria e Moagem de Café Louzada	1886	General Osório, 901	Joaquim Ferreira Louzada Sobrinho
61	2	Nova Padaria Pereira	1910	Andrade Neves, 857	Joaquim Pereira
62	2	Fábrica de Massas e Padaria Varallo	1875	Andrade Neves, 561	

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
63	2	Padaria Margarida	1881	Andrade Neves	Maria Margarida
			1900	Sete de Setembro, 404 e 406	José Arthur Adures
64	2	Padaria Central	1897	Praça Mercado, 59	Manuel Oliveira Thomas
65	2	Padaria Monteiro	1889	XV de Novembro, 520	José Monteiro Valente
66	2	Padaria Cardoso	1876	XV de Novembro, 726	Corrêa & Comp ^{ia} .
			1906		
67	2	Padaria Luso Brasileira	1911	Manduca Rodrigues, 768	Alexandre Solano
68	2	A Industrial (Ribeiro, Amaral & Cia)	1908	Paysandu, 502	José Antônio do Amaral, Agostinho Tavares Ribeiro e Manuel Tavares Ribeiro Sobrinho
		(Ribeiro & Filho)	1910		Agostinho Tavares Ribeiro e Manuel Tavares Ribeiro Sob.
69	2	Padaria Fluminense	1911	General Osório, 940	Henrique Rupprecht
70	2	Padaria do Comércio (Fonseca & Comp ^{ia})	1900	General Osório, 927	Joaquim e João Pires da Fonseca
71	2	Padaria Portuguesa	1904	Senador Mendonça, 202	Joaquim Maria da Fonseca
			1909		Henrique Pinto da Fonseca
72	2	Fábrica de Massas	1891	General Victorino, 757	Luiz de Mayo
73	2	Fábrica Italo-Romanhola	1901	General Osório, 883	Mario Torri
74	2	A Rainha das Flores (Meireles & Comp ^{ia})	1885		Joaquim Francisco de Meireles Leite e Domingos José de Oliveira
			1892		Domingos José de Oliveira
75	3	Atelier de Mármore	1901	Gonçalves Chaves, 673	Alfredo Barsanti
		(Alfredo Barsanti & Comp ^{ia})	1910		Alfredo Barsanti e Albertino N. Santiago
76	3	Marmoraria Guisti	1906	Andrade Neves, 654	Angelo M. Guisti

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
77	3	Fábrica de Chapéus Maia	1863	XV de Novembro, 665	Joaquim Bammann
		(Bammann & Maia)	1877		Joaquim Bammann e Francisco Ferreira da Silva Maia
		(F. F. da Silva Maia)	1900		Francisco Ferreira da Silva Maia
78	3	Fábrica de Chapéus Pelotense	1880	Praça da Constituição, 184 (Antigo 104)	Antonio Rodrigues Cordeiro e Guilherme Wiener
			1892		Carlos Guilherme Rheingantz
		(F. Rheingantz & C.)	1907		
79	3	Salameria Pelotense	1901		João Fucks
		(Fucks, Irmão & Comp ^{ia}) (Fucks & Ferreira)	1911		Lucas Ferreira
80	3	Salameria Fucks	1896	XV de Novembro, 1029	João Fucks
81	3	Fábrica de Móveis de Vime	1910	Gen. Osório, 878	Artur J. Boekel
82	3	Fábrica Schmidt	1904	XV de Novembro, 707	Albino Schmidt Pedro Schmidt
83	3	Fábrica de Carros e Garage Etchegaray	1845	Tiradentes, 310	Carlos Ruelle
			1875		Fortuné Bardou
			1894		Fernando Jantzem
			1911		Manuel Etchegaray
84	3	Fábrica de Carros Schröder	1886	Tiradentes, 351	Luiz Schröder
85	3	Oficina de Carros e de Carroças	1909	Mal. Deodoro, 506	Julio Stone
86	3	Fábrica de Carruagens	1906	Tiradentes, 302	Severino Ferreira
87	3	Fábrica de Carroças	1874	Praça da Constituição	Arnaldo Etchalus
			1895	Sete de Abril, 761	
88	3	Fábrica de Malas	1905	Mal. Floriano, 161	Trajano Ignácio de Medeiros
89	3	A Mala de Confiança	1904	Andrade Neves, 468	Luiz da Silva Oliveira

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
90	3	Fábrica de Malas	1878	Tiradentes, 707	Pedro Duque
91	3	Fábrica de Calçados Pelotense (Silva, Gomes & Comp ^{ia})	1895	Sete de Setembro	Manuel Gomes da Silva Dr. Antonio Luiz Gomes
92	3	Fábrica Russomano	1890	Gen. Osório, 771 e 773	Frederico Russomano
93	3	Funilaria	1882	XV de Novembro, 716	Augusto Schramm
94	3	Casa Balão	1890	Gen. Victorino, 205	Alfredo Peiruque
95	3	Funilaria Schramm	1871	Gen. Osório, 715	Guilherme Schramm
96	3	Olaria Almeida	1866	Estrada Domingos de Almeida	
			1881		Raphael Mercadal
97	3	Olaria S. Geraldo	1909	Av. 20 de Setembro, 247	João Pereira Couto
98	3	Casa Lhullier Sobrinho	1885	XV de Novembro, 661	Manuel Teixeira de Carvalho Bastos
			1900		João Baptista Lhullier Sobrinho
99	3	Fábrica de Guarda Sois	1910	Mal. Floriano, 120	Maximo Ribeiro Magalhães
100	3	Refinação de Açúcar	1892	Mal. Floriano, 125	Eduardo Fontinha do Nascimento
101	3	Fábrica de Instrumento de Corda	1902	Andrade Neves, 52 General Neto, 302	Estevam Duarte
102	3	Primeira Indústria	1910	Santa Cruz, 708	Marcelino Domingos Pinto
			1911	Gonçalves Chaves, 458	Marcelino Domingos Pinto e Manuel Joaquim Ferreira
103	3	Fábrica Muller	1897	20 de Setembro, 12	Frederico Muller
104	3	Fábrica de Cola	1900	Gonçalves Chaves, 1252	Dr. Jose Antonio Caleiro Carlos Chaves Lopes
		(Gomes & Comp ^{ia})	1911		Luiz Carlos Otero, Rodolpho Gomes da Costa e Silva, Frederico Carlos Gomes e Eduardo Gonçalves Ribeiro

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
105	3	Fábrica de Caramelos e Compotas Marca “Águia” (E. Perau & Irmão)	1904	Mal. Floriano, 61	Edmundo Frederico Brauner e Alberto Carlos Brauner
106	3	Fábrica de Conservas	1906	Gen. Victorino, 309	Domingos e José Sacco
107	3	Fábrica Schramm	1695	Gen. Osório, 715	Guilherme Schramm Filho
108	3	Fábrica Aliança	1904	Mal. Deodoro, 1 e 2	Antônio Leivas Leite
		(Leite, Nunes & Irmão)	1906		Antônio Leivas Leite, Adolpho Cyriaco Nunes de Souza, Emilio Nunes
109	3	Fábrica Amazônia (Mascarenhas & Irmãos)	1908	Paysandu, 1,2 e 4	Dr. Balbino Mascarenhas
		(Leal Santos & Comp ^{ia})	1911		Leonel Martins Leal Pancada, Hipolito Santos, José Antônio J. Santos e José A. de Carvalho
110	3	S. Geraldo	1910	Sete de Abril, 801 e 803	Miguel e Carlos Olivé, Manuel Valente da Costa Leite, Geraldo Olivé Leite
111	3	Fábrica de Conservação se Línguas	1899	Costa Arroio Pelotas	Mc. Call e Comp ^{ia} .
112	3	Fábrica de Vassouras Pelotense	1911	Sete de Setembro, 256	Joaquim Pinto de Sá
113	3	Fábrica Pancinha	1908	Pça. Constituição, 165	José Bernardo Pancinha
114	3	Fábrica S. Mathias	1874	Passo dos Negros	Julio Hermenegildo de Farias
115	3	Engenho Santa Ignácia	1910	Sete de Abril, 707	Menotti Gentilini
116	3	Camisaria Nacional	1893	Andrade Neves, 656	José Antonio Salgado Guimarães
			1908		Arnaldo Salgado Guimarães [filho]
117	3	Fábrica de Óleo de Mocotó (Fracob & Comp ^{ia})	1881	Costa do Pelotas	H. Fracob, H. Heisner e C. Aygaard
118	3	Fábrica de Objetos de Barro (Lopes Duarte & Irmão)	1189	Paysandu, 313	Manuel L. de Sousa
			1892		João e Antônio Lopes Ferreira Duarte

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
119	3	Nova Fábrica de Louça de Barro (Correa & Padilha)	1911	General Victorino, 215	Manuel José Correa e Pedro Padilha
120	4	Fábrica Rio Grandense	1906	Marques de Caxias, 155	Guilherme Adam
		(Brauner & Adam)	1911	General Osório, 1111	Guilherme Adam e Augusto Alexandre Brauner
121	4	Fábrica S. Gonçalo	1907	Manduca Rodrigues, 552	Antonio Rodrigues Gomes
122	4	Fábrica S ^{to} . Antonio	1905	Marechal Deodoro, 419	José Gomes da Silva Carvalho
			1908		Antonio Joaquim dos Santos
123	4	Fábrica de Fumos Touro (Gonçalves & Carvalho)	1890	Andrade Neves (Entre Riachuelo e Floriano)	José Gomes da Silva Carvalho e Bernardino de Souza Gonçalves
		(Conceição & Santos)	1903	Andrade Neves esq. Sete de Abril	Amadeu Duarte da Conceição e Antonio Joaquim dos Santos
			1908		Amadeu Duarte da Conceição
124	4	Fábrica de Fumos Santa Barbara (Jacob Klaes & Comp ^{ia}), (Jacob Klaes Sucessore), (Olivé & Irmão), (Olivé & Romeu), (Costa Leite & Romeu), (Olivé Rodrigues & Leite)	1879	Santa Barbara	Jacob Klaes
			1909	Praça Constituição, 82	Plotino Rodrigues da Silva
125	4	Fábrica Santa Cruz	1892	Mal. Deodoro, 654 e 656	Jose Rodrigues Gomes
126	4	Manufatura de Fumos Gentilini	1881	Praça da Constituição esq. Saldanha Marinho	Vicente Gentilini
			1891	Sete de Abril, 705	Ernesto Gentilini, Menotti Gentilini e Garibaldi Gentilini
127	4	Fábrica União	1910	Sete de Abril, 724 e 726	João Tamborindeguy, Atilano Costa

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
128	4	Fábrica de Móveis "A Sem Rival"	1874	Riachuelo, 10 Andrade Neves (entre Riachuelo e Floriano)	Joaquim Gonçalves Mariano
			1903		Irmãos Alfredo e Joaquim Gonçalves Mariano e D. Luiza Marino Mariano
				Mal. Floriano	
129	4	Cervejaria Ritter	1870	24 de Outubro (Tiradentes) Praça Floriano Peixoto, 102 e 104	Carlos Ritter
		(Carlos Ritter & Irmão)	1984		Carlos Ritter e Frederico Jacob Ritter
130	4	Cervejaria Sul Riograndense	1890	Conde de Porto Alegre, 44	Leopoldo Haertel
				Benjamim Constant, 51	
131	4	Fábrica Sousa, Dias e Comp ^{ia} . Bebidas Artificiais e Tintas de Escrever	1911	XV de Novembro, 461	Aurélio Dias, José Dias da Costa Reis, João Tolentino de Souza
132	4	Destilação Cristiá (Cristiá & Comp ^{ia})	1889	Gonçalves Chaves	Francisco Auguet y Cristiá
			1891	Marques de Caxias, 320	Francisco Carrera, Carlos J. Cristiá e H. Rui Auguet
133	4	Fábrica Mario Sacco	1895		Laurent Steinner
			1901	Marques de Caxias, 561	Mario Sacco
134	5	Fábrica de Fumos S. Raphael	1894	Praça da Constituição	Oliveira & Comp ^{ia} .
		Nova & Comp ^{ia} .	1896	Praça da Constituição, 53	Manuel da Nova Monteiro
		Romeu & Comp ^{ia} .	1904		Juan Romeu, Antonio Cyrillo de Souza
135	5	Fábrica Lang	1864	Costa do Pelotas	Frederico Carlos Lang Frederico Lang, José Ernesto Lang, Augusto Lang
			1870	Gonçalves Chaves, 1158	
			1898		

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
136	5	Fábrica de Mosaicos Alfino	1894	Voluntários, 302	José Alfino e Antônio Alfino
137	5	Fábrica de Mosaicos Stanisci	1891	Gen. Osório, 451	Domingos Stanisci
138	5	Fábrica Barbosa	1871 1887	Santa Cruz, 860 (esq. Três de Fevereiro)	Domingos da Cunha Pinto Barbosa Luiz Beltrão Barbosa
139	5	Fábrica de Velas e Sabão e Serraria à Vapor (Reis & Silva)	1887 1911	Barroso, 602	Joaquim Francisco de Meireles Leite Pedro Leão de Almeida e João Luiz de Souza Lima Francisco Boaventura Borraz Alfredo Ribas e Francisco Rodrigues da Silva Francisco Rodrigues da Silva, José de Lima Reis
140	5	Fábrica Neumann	1887 1894	S. Domingos, 37 (Benjamin) General Victorino, 261	Roberto Neumann
141	5	Fábrica Figueiredo (Costa & Reis) (Costa, Reis & Figueiredo)	1870 1886 1903	XV de Novembro, 955	Manuel Antonio da Costa e Domingos Dias da Costa Reis Augusto Lopes de Figueiredo
142	5	Fábrica de Velas e Sabão	1898	Gonçalves Chaves, 205	Jeronymo Pereira de Carvalho
143	5	Fábrica Gasômetro	1896	Barroso, 56	Domingos Dias da Costa Reis, José da Costa Reis
144	5	Fábrica Cortez	1876 1887	Marques de Caxias, 503	Joaquim Fontinha do Nascimento Antonio Maria Cortez

Nº	V.	Nome da Fábrica	Ano	Endereço	Proprietário
145	5	Marcenaria Modelo (Souza & Quintas)	1894	Felix da Cunha, 672 e 674	Artur Quintas
			1911		Artur Quintas e João Tolentino de Souza
146	5	Marcenaria Patzer	1905	General Neto, 46	Alexandre Patzer
			1906	Andrade Neves, 662 e 664	
147	5	Saboaria e Velaria Pinheiro	1908	General Osório, 216	Manuel da Fonseca Pinheiro